

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CAMPUS DE FRANCA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

***NATÁLIA FRAZÃO JOSÉ***

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO IMPERADOR AUGUSTO NAS  
OBRAS DE VELÉIO PATÉRCULO, PLUTARCO E SUETÔNIO**

**FRANCA  
2011**



**NATÁLIA FRAZÃO JOSÉ**

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO IMPERADOR AUGUSTO NAS  
OBRAS DE VELEIO PATÉRCULO, PLUTARCO E SUETÔNIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: **História e Cultura.**

Orientadora: Professora Doutora Margarida Maria de Carvalho.

**FRANCA  
2011**

**NATÁLIA FRAZÃO JOSÉ**

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO IMPERADOR AUGUSTO NAS  
OBRAS DE VELÉIO PATÉRCULO, PLUTARCO E SUETÔNIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Faculdade Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.

Área de Concentração: História e Cultura

Agência Financiadora: FAPESP

Orientadora: Profa.Dra.Margarida Maria de Carvalho

**BANCA EXAMINADORA**

Presidente: \_\_\_\_\_  
Profa.Dra. Margarida Maria de Carvalho / Unesp – Franca

1º Examinador: \_\_\_\_\_

2º Examinador: \_\_\_\_\_

Franca, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012

*Dedico a todos que, de alguma maneira,  
sempre estiveram ao meu lado durante  
esta caminhada.*

*“Há pessoas que transformam o sol  
numa simples mancha amarela, mas há  
também aquelas que fazem de uma  
simples mancha amarela o próprio sol.”  
Pablo Picasso*



## **AGRADECIMENTOS**

Muitas são as pessoas que estiveram ao meu lado durante essa jornada de conhecimento empreendida durante a busca pelo título de Mestre. Algumas permaneceram por todo o percurso; outras deram sua contribuição e partiram. Ainda existem aquelas que, no finalzinho, surgiram para deixar, ao menos, uma pequena marca. Durante esses anos, inúmeras foram as ideias, sugestões, críticas, discussões e correções para que este trabalho fosse realizado.

Inicialmente, agradeço a minha orientadora, amiga e confidente Profa. Margarida Maria de Carvalho. Sou-lhe grata por, além de todo apoio durante o desenvolvimento da pesquisa, ter-me aberto um mundo de infinitas possibilidades, enriquecendo-me com seus conselhos e sabedoria. Agradeço por não ter sido apenas minha guia no mundo acadêmico, mas por também ter sido também minha amiga. Sem seu auxílio, generosidade, determinação e confiança, nada disso teria sido possível. A isso, serei eternamente grata, esperando retribuir-lhe algum dia.

Em seguida, agradeço ao Programa da Pós Graduação em História, Linha História e Cultura Política, por todo o auxílio e as oportunidades que me possibilitaram no decorrer destes anos.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo que, através de seu precioso amparo financeiro desde minha Iniciação Científica, possibilitou a minha dedicação a esta pesquisa, assim como a divulgação desta em Simpósios, Congressos e demais eventos acadêmicos.

Por conseguinte, agradeço às valiosas considerações das professoras Ana Teresa Marques Gonçalves e Andréia Lúcia Dorini Carvalho de Oliveira Rossi durante o Exame de Qualificação, considerações estas que muito nos auxiliaram no desenvolvimento do trabalho de pesquisa. Nesse mesmo âmbito, agradeço ao Prof. Fábio Faversani, cujas colaborações acerca de nossa pesquisa realizadas durante congressos e eventos acadêmicos nos foram de grande preciosidade e de muita importância para a composição do presente estudo.

Ao Prof. Jean-Michel Carrié, fica aqui minha gratidão. Gratidão esta por este ter me acolhido durante um estágio de pesquisa (entre 18 de março e 18 de abril de 2011) na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, possibilitando a realização de pesquisas na biblioteca Gernet-Glotz, assim como permitindo que

frequentasse suas disciplinas e demais encontros acadêmicos. Para além disso, agradeço também as riquíssimas sugestões realizadas sobre nossa pesquisa e também sobre nossas intenções para o doutoramento.

Agradeço ao assessor da FAPESP que, mesmo anonimamente, muito nos incentivou, direcionando nossa pesquisa e contribuindo com ricas considerações.

Aos funcionários da FCHS, principalmente aos do Departamento de Pós-Graduação, que sempre mostraram-se solícitos e prontos para o nosso auxílio.

A Sérgio Drummond Madureira Carvalho que, mesmo correndo contra o tempo, aceitou dedicar-se à árdua correção dessas numerosas páginas. Sem isso, este trabalho não seria o mesmo.

Aos amigos Daniel de Figueiredo, Fabrício Trevisan, Profa. Dra. Nathalia Monseff Junqueira, Profa. Ms. Érica C.M. da Silva e Prof. Ms. André Luiz C. Tavares, muito obrigado. De formas diferentes, em inúmeros momentos, vocês estiveram ao meu lado. Seu incentivo, apoio e carinho foram de grande importância durante todo esse trajeto.

A Profa. Ms. Helena Amália Papa, que desde a minha graduação esteve presente, sempre pronta a ajudar, a aconselhar e a ensinar. Com você, muito aprendi. Agradeço também pelo “ângulo morto”, sem ele, com certeza, não estaria aqui!!!!

A Bruna Campos Gonçalves, amiga e companheira de jornada desde a Iniciação Científica. Agradeço a paciência e carinho que me proporcionou durante todo esse tempo, sempre estando disponível para acalmar minhas crises de ansiedade e de nervos, mesmo quando estas eram infundáveis. Obrigada por sua paciência e compreensão, pelas boas risadas e pelas aventuras em terras além-mar. Sem você, não teria sido a mesma coisa.

A Dominique Monge de Souza Rodrigues, grande amiga e companheira de Principado. Muito obrigada pelas horas de conversas, pelas risadas e pelo apoio. Você se tornou uma amiga muito especial em minha vida.

A minha família francana, Tia Cida e Marina, pessoas sem quais não sei o que teria feito. Vocês foram essenciais durante todos esses anos, me proporcionando não só um lugar onde ficar, mas amor, carinho e compreensão ilimitados. Vocês fizeram de sua casa, um segundo lar para mim, se transformaram em parte de minha família, e a isso, muito obrigada. Amo vocês!

E por último, agradeço a minha família, sem tais pessoas, não teria chegado aonde me encontro. Vocês foram minha base, meu porto seguro.

Aos meus pais Luís Carlos Pioli José e Maria de Fátima Fontoura Frazão José. Agradeço por acreditarem em minha capacidade e por toda a ajuda e compreensão durante essa fase de minha vida. Obrigada pelas palavras de apoio, pelo amor e pelo orgulho que sempre demonstraram sentir.

Aos meus avós, Euclides José e Ivone Pioli José, pessoas que sempre me incentivaram nos estudos, no trabalho e no meu desenvolvimento pessoal. Obrigada por estarem ao meu lado em todos os momentos, mesmo quando não entendiam o que estava acontecendo.

Ao meu noivo, amigo e confidente Ronaldo Bernardi, companheiro de todos os momentos. A sua calma e paciência, além da confiança em minha capacidade, foram fundamentais para que eu chegasse aonde cheguei. Obrigada por estar sempre ao meu lado, por suportar minhas ausências e por apoiar meus sonhos. Tudo se tornou mais fácil com você ao meu lado.

Aos meus padrinhos, Tio Antônio e Tia Ude, obrigada por acreditarem em minha capacidade e por investirem em meu potencial intelectual e pessoal. Vocês acreditaram em mim quando eu mesma não acreditava. Agradeço especialmente a minha madrinha, quem desde o início apoiou minha escolha de seguir os caminhos da História.

A todos vocês, muito obrigada! Vocês foram minha base, meu alicerce, minha zona de conforto. De maneiras diversas, se fizeram presentes em minha vida, me deram exemplos, me tornaram quem eu sou. Souberam quando me apoiar, mas também quando me repreender. Se cheguei aonde estou hoje, devo grande parte a vocês.

Obrigada

JOSÉ, Natália Frazão. **A Construção da Imagem do Imperador Augusto nas obras de Veléio Patérculo, Plutarco e Suetônio**. 2011. 257f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011.

## RESUMO

A construção da imagem de Augusto é algo muito estudado pela historiografia atual. Obras como a *Eneida de Virgílio* e muitos escritos de Horácio, de escritores contemporâneos a Otávio Augusto, são usadas como referências desta propaganda política, militar, social e ideológica do Principado Romano. Notam-se, a partir de obras como estas, as construções em torno da imagem de Augusto e o uso desta, para legitimar o novo sistema político que surgia em Roma. Ainda, durante este processo de legitimação e propaganda, foi-nos possível perceber como se dá a utilização de imagens de grandes personagens públicos romanos, tais como Júlio César e Marco Antônio, e como é construída a representação de Augusto, como *Princeps*, em torno de semelhanças e diferenças destes personagens.

Sendo assim, nosso objetivo nesta presente pesquisa é analisar como se criaram representações em torno da imagem de Augusto, a partir da oposição das figuras de Júlio César e Marco Antônio. Para tanto, selecionamos obras de períodos e gêneros narrativos distintos, a fim de, com isso, conseguirmos um entendimento mais amplo acerca do período analisado. Trata-se das obras de Veléio Patérculo, *História Romana*, duas biografias de Plutarco, *César e Antônio*, presentes na obra *Vidas Paralelas*, e duas biografias – *O Divino Júlio César* e *O Divino Augusto* – de Suetônio, presentes em sua obra *A Vida dos Doze Césares*.

**Palavras-chave:** Principado Romano – Augusto – *Princeps* – Veléio Patérculo – Plutarco – Suetônio.

JOSÉ, Natália Frazão. **The Formation of the Emperor Augustus' image in the works of Velleius Paterculus, Plutarcus and Suetonius**. 2011. 257f. Dissertation (Master in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011.

### **ABSTRACT**

The formation of Augustus' image is something much studied by the historiography nowadays. Works like the *Aeneid* by Virgil and many Horace's writings, from contemporary writers in time of Octavius Augustus are used as references from these political, military, social and ideological of the Roman Principality. It is noticed, from works like these, formations around the image of Augustus and the usage of it to legitimate the new political as starting in Rome. Yet, during this process of legitimacy and spreading, it was possible to realize how the usage of images of great Roman political people works, such as Julius Caesar and Mark Antony, how the representation of Augustus is formed like *Princeps*, around the resemblance and difference of these characters.

Thus, our aim in this present research is to analyze how representations around the image of Augustus were formed from the opposition of images of Julius Caesar and Mark Antony. Because of that, we selected works from periods and distinct narrative genres so we could understand better about the analyzed period. It is about Velleius Paterculus' works. Roman History, two Plutarcus biographies, Caesar and Antony, present in the work *Parallel Lives* and two biographies – *The Divine Julius Caesar* and *The Divine Augustus* – by Suetonius, presented in his work *The Twelve Caesars*.

**Keywords:** Roman Principality – Augustus – *Princeps* – Velleius Paterculus – Plutarcus – Suetonius.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. GÊNEROS LITERÁRIOS: A CARACTERIZAÇÃO DAS OBRAS DE VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO</b> .....	27
<b>1.1 Considerações preliminares</b> .....	28
<b>1.2 A produção velleiana: <i>História Romana</i></b> .....	28
1.2.1 <i>Os vários estilos de Veléio</i> .....	31
1.2.1.1 <i>O Breviarismo, o Panegírico e a Síntese Universal: a construção de um novo gênero</i> .....	31
1.2.2 <i>A historiografia antiga como fonte: a documentação utilizada por Veléio e seu gênero</i> .....	38
1.2.3. <i>As edições posteriores e a recepção da obra Velleiana em tempos recentes</i> .....	39
<b>1.3 O gênero biográfico na Antiguidade: Plutarco e Suetônio</b> .....	42
1.3.1 <i>A Biografia e a Segunda Sofística: o exemplo de Plutarco</i> .....	48
1.3. 2. <i>A produção plutarquiana: as biografias comparadas</i> .....	53
1.3.3 <i>Plutarco através do tempo: as publicações e suas recepções</i> .....	56
<b>1.4 As obras suetonianas: criação, publicação e repercussão</b> .....	59
1.4.1 <i>Os escritos de Suetônio: as diversas obras de um biógrafo, erudito e enciclopedista</i> .....	60
1.4.2 <i>As biografias imperiais: “As Vidas dos Doze Césares”</i> .....	62
1.4.3 <i>A documentação utilizada por Suetônio</i> .....	64
1.4.4. <i>Os Doze Césares: publicação e repercussão</i> .....	66
<b>2. ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS: AS VIDAS DE VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA</b> .....	68
<b>2.1 Considerações preliminares</b> .....	69
<b>2.2 Veléio Patérculo: a história romana através do olhar de um militar..</b> 70	
2.2.1 <i>O contexto político de Patérculo: o governo de Tibério e o papel de Sejano</i> .....	75
<b>2.3 Plutarco: a vida de um biógrafo greco-romano</b> .....	81
<b>2.4 Roma de Plutarco e Suetônio</b> .....	86
<b>2.5 Caio Suetônio Tranquilo e seus Doze Césares</b> .....	93

<b>3. OS CÉSARES DE VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO .....</b>	<b>102</b>
<b>3.1 Considerações preliminares .....</b>	<b>103</b>
<b>3.2. Os relatos dos autores sobre Júlio César .....</b>	<b>103</b>
<i>3.2.1. Forma de incorporação ao relato e referências genealógicas de Júlio César .....</i>	<i>104</i>
<i>3.2.2. Aspectos físicos de César .....</i>	<i>107</i>
<i>3.2.3. Qualidades morais e intelectuais de Júlio César .....</i>	<i>108</i>
<b>4. OS ANTÔNIO DE VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO .....</b>	<b>148</b>
<b>4.1. Considerações preliminares .....</b>	<b>149</b>
<b>4.2. Os relatos dos autores sobre Marco Antônio .....</b>	<b>149</b>
<i>4.2.1. Forma de incorporação no relato e referências genealógicas sobre Marco Antônio .....</i>	<i>150</i>
<i>4.2.2. Aspectos físicos de Marco Antônio .....</i>	<i>151</i>
<i>4.2.3. Qualidades morais e intelectuais de Marco Antônio .....</i>	<i>152</i>
<b>5. VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO E AS CONSTRUÇÕES DA IMAGEM DE AGUSTO ATRAVÉS DE JÚLIO CÉSAR E MARCO ANTÔNIO .....</b>	<b>181</b>
<b>5.1 Considerações preliminares .....</b>	<b>182</b>
<b>5.2 Os relatos dos autores sobre Augusto .....</b>	<b>182</b>
<i>5.2.1 Forma de incorporação ao relato e referências genealógicas sobre Augusto .....</i>	<i>183</i>
<i>5.2.2 Aspectos físicos de Augusto .....</i>	<i>189</i>
<i>5.2.3 Qualidades Morais e Intelectuais de Augusto .....</i>	<i>191</i>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>215</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>220</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>242</b>



## INTRODUÇÃO

*“A História é a mistura do absoluto e do singular, essencialmente confusa, misturada e inexata, desejando a objetividade do passado sem sucesso, tornando as coisas contemporâneas ao mesmo tempo em que tenta reconstituir na distância a profundidade do passado.”*

*Paul Ricouer*



## INTRODUÇÃO

A construção da imagem de Augusto<sup>1</sup> é algo muito estudado por pesquisadores como Pierre Grimal<sup>2</sup>, Susan Walker, Andrew Burnett<sup>3</sup>, Paul Zanker<sup>4</sup> e Diane Favre<sup>5</sup>, entre outros. Obras de diferentes autores inseridos no arco cronológico do Principado Romano, tais como a *Eneida* de Vírgilio, ou mesmo as obras de Horácio, como as suas *Epodes* ou as *Elegias* de Propércio, entre muitas outras, servem de objeto para as pesquisas de tais estudiosos que pretendem enxergá-las como construções capazes de propagar determinadas concepções, elaboradas dentro de sociedades específicas e possuidoras de objetivos próprios.

Desta forma, a diversidade de escritos sobre esse homem romano torna possível a existência de inúmeros Augustos, representações elaboradas em diversos períodos, frutos de criadores distintos. Durante nossa Iniciação Científica<sup>6</sup>, conseguimos perceber que certos autores, que pertencem ao período do Principado Romano, fazem uso das imagens de Júlio César e Marco Antônio para construir representações em torno de Augusto, construções estas que são frutos de suas épocas e que possuem objetivos próprios.

Quando Júlio César faleceu nos Idos de Março do ano de 44 a.C., o seu sobrinho neto, Caio Otávio, contava com pouco mais de dezoito anos. A princípio, como ressalta o pesquisador Zanker (1989, p. 31), não parecia ter grandes chances de vir a desempenhar um papel relevante no complexo jogo político romano. Sua jovem imagem aparecia, de certa forma, apagada. Até então, não se constituía em uma figura imponente, não possuía nenhuma reputação pública ou, ao menos, algum prestígio militar. Com efeito, como nos mostra Karl Galinsky (1996, p. 21), no campo da vida pública, Otávio não possuía nenhuma experiência, estatuto ou influência: era, de resto, muito jovem para tal. Para além disso, mesmo a sua

<sup>1</sup> Trataremos este personagem por três nomes distintos: Otávio, quando se tratar de sua juventude decorrida no período republicano; Otaviano após a adoção deste por César; Augusto, após 27 a.C., quando este título lhe é incorporado.

<sup>2</sup> Trata-se da obra *Vírgilio e o Segundo Nascimento de Roma*, cuja primeira publicação é datada de 1985.

<sup>3</sup> Susan Walker e Andrew Burnett são os autores de uma obra, publicada em 1981, intitulada *The Image of Augustus*.

<sup>4</sup> Em sua obra *The Power of Images in the Age of Augustus*, datada de 1988.

<sup>5</sup> Em seus estudos intitulados *The Urban Image of Augustan Rome*, de 1996.

<sup>6</sup> Acrescentamos que nosso estudo de Iniciação Científica intitulou-se *As relações político-amorosas de Cleópatra VII com os militares romanos Júlio César e Marco Antônio: o testemunho de Plutarco*, realizado com o financiamento da FAPESP (Bolsa de Iniciação Científica, processo nº07/5009-8), sob a orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho.

constituição física não lhe atribuía nenhuma atenção: era de estatura baixa, de corpo frágil e já então debilitado pelo assombro de algumas enfermidades. No campo militar, não havia desempenhado, até então, grandes funções. Segundo Erich Gruen (2005:34), o jovem filho de Átia e de Otávio teria acompanhado seu tio-avô Júlio César durante algumas campanhas na Hispânia, onde suas façanhas foram de pouca repercussão. Ainda, de acordo com o autor, Otávio, após participar de tais disputas, teria sido enviado a Apolônia, onde usufruiu de ensinamentos sobre as artes liberais e também sobre os artifícios da retórica, lá permanecendo até a morte de seu futuro pai adotivo.

Caio Júlio César é um importante personagem político do cenário republicano romano. Nasceu no seio de uma antiga família de patrícios, os *Iulii Caesarii*, por volta de 100 a.C.<sup>7</sup>. Era herdeiro de Mário, opositor a Sila. Segundo Luciano Canfora (2002, p. 34), Júlio César desempenhou inúmeras funções: iniciou carreira militar desde muito jovem, passando a desempenhar diversos cargos e magistraturas no seio da administração romana. Com isso, ascendeu politicamente, militarmente e socialmente. Como nos mostra Zvi Yavetz (1983, p. 44), César demonstrou-se um excelente estrategista político, característica essa que pode ser exemplificada pela formação do Primeiro Triunvirato Romano, onde passou a figurar como um dos principais homens em meio à sociedade romana. Por conseguinte, é após a desagregação deste pacto governamental, que as ações de César aparecem com maior destaque. Nesse momento, sendo o único, com exceção ao senado, frente ao governo de Roma, inicia as bases do sistema político que, a partir de seu herdeiro, viria a ser chamado de Principado Romano.

Neste cenário, também podemos encontrar a figuração de Marco Antônio. Este, como salientam Andrew Littot (1994, p. 13) e Sandra Marchetti (2004, p. 10), nascido por volta de 83 a.C., era filho de Marco Antônio Crépido, neto do orador Marco Antônio assassinado por Mário, em 86 a.C. Sua mãe, Júlia Antônia, era uma prima distante de Caio Júlio César. De acordo com Eleanor Huzar (1978, p. 23), a primeira função militar desempenhada por Antônio é sob o comando de Aulo Gabínio, em uma missão em terras sírias. A partir de então, tal personagem teria se destacado nos inúmeros campos de batalha, conquistando, por conseguinte, um lugar em meio às tropas de Caio Júlio César.

---

<sup>7</sup> Autores antigos, como Veléio (*História Romana* II, 41) e Plutarco (*César* 69,1), colocam seu nascimento no mês de julho, entre os dias 12 e 13. O nome deste mês seria em sua homenagem.

Suas habilidades e competência nos assuntos militares o elevam a um papel de destaque dentro do exército o que faz com que, segundo John Ramsey (2003, p. 551), Antônio e César criem uma certa relação de amizade. O militar romano transforma-se em uma espécie de braço direito de César, passando a assisti-lo em inúmeros assuntos, participando e comandando muitas operações militares do general. Ao fazer parte do círculo mais íntimo de César, coloca-se em evidência perante a sociedade de seu tempo e, sob a influência do general, começa a adquirir seus primeiros cargos políticos, tais como a nomeação como cônsul<sup>8</sup>, magistratura que desempenhava no momento do assassinato de César e que o colocava em destaque, nesse momento, em meio à administração romana. Seus traços físicos, assim como sua força e virilidade, são elementos que aparecem evidenciados tanto nas descrições antigas, de autores romanos (tais como o próprio Plutarco), quanto na historiografia atual. Isso porque, desde o período em que viveu, parece-nos haver um certo senso comum sobre suas atribuições físicas, as quais sempre o colocam como um homem de bela presença. Senso este que perdurou por séculos, sendo assimilado e representado de inúmeras formas, chegando aos dias atuais.

Em suma, no momento em que o jovem Otávio chega a Roma, este não apresentava nenhuma das características de Júlio César ou mesmo de Marco Antônio, homem em plena ascensão nos meios político e militar romano. Assim, Otávio terá que construir sua imagem pública e política de uma forma totalmente distinta. Se nada possuía no campo da intervenção na vida pública, do prestígio junto ao povo ou na aristocracia romana, do brilho militar ou nos desempenhos de atividades institucionais, fará uso de outros recursos da vida política: utilizará da legitimação através das heranças hereditárias e tradicionais romanas.

Para Paulo Alberto (2004:34), o fato de Júlio César tê-lo adotado, meses antes de morrer, em seu testamento, conferia a Otávio, além da herança de seus espólios e bens materiais, o status de herdeiro político. Este pode ter sido um dos principais elementos para a ascensão política, social, econômica e militar daquele que agora passará a ser chamado de Caio Júlio César Otaviano. Por conseguinte,

---

<sup>8</sup> Magistratura suprema estabelecida pelos *comícios curiatis*. Os cônsules, sempre eram eleitos dois, agiam depois de consultar o Senado, tendo o direito de convocá-lo e presidi-lo, assim como executar seus decretos e apresentar propostas de leis. Também podiam convocar comícios e presidi-los. Podiam concluir tratados com os inimigos em prévio acordo com o Senado; recebiam e apresentavam à instituição senatorial soberanos e embaixadores estrangeiros. No âmbito militar, podiam mobilizar legiões, fixar o contingente dos aliados, comandar o exército e dirigir as operações militares.

esta hereditariedade será explorada até as suas últimas consequências. Como salienta mais uma vez Zanker: “Quando Caio Otávio entrou na disputa por seu legado em 44 a.C., com a idade de dezoito anos, sua única vantagem era o nome de seu tio-avô e pai adotivo, César.” (1989, p. 33).

Desta maneira, logo a princípio, além de adotar o nome de César, o já Otaviano passa a assumir o papel de filho que vinga o pai e que possui a intenção de dar continuidade em seus projetos. Este estatuto de filho de César e, na prática, de seu continuador, era, pois, em nossa visão, uma das questões de maior importância para sua sobrevivência política, sendo um dos elementos que possibilitou a ascensão política do já denominado Otaviano.

Tal aspecto ainda é explicitado pela forma através da qual o jovem fez uso do nome que a adoção lhe conferiu: Caio Júlio César Otaviano. Após a sua instituição testamentária como filho de César, passa a omitir o cognome de Otaviano, passando a se autodenominar como Caio Júlio César, ou seja, o nome César que ascendia ao poder. Ao fazer uso de tal nome, dentro desses parâmetros, o herdeiro usufruía ainda mais da herança e da memória política e social que seu tio lhe deixara. Era um nome que transmitia todo seu poder e legitimação. Ainda, para a pesquisadora Anna J. Clark (2007, p. 206), após a deificação de César, em 42 a.C., o seu herdeiro passou a intitular-se como *Divi Iulii filius*, ou seja, filho do Divino Júlio, atribuindo-se, desta forma, elementos do âmbito mítico e religioso. Assim, a divinização de César constituiu-se em um dos fatores fundamentais para a ascensão política daquele que clamava ser seu herdeiro.

Ciente da importância da divinização de César, Otaviano nunca deixou de promover o culto ao Divino Júlio, erguendo em sua homenagem templos, realizando jogos e promovendo ritos, inclusive em territórios estrangeiros. Para Werner Eck (1998, p. 06), assim como para Jean-Pierre Néraudau (1996, p. 42), ao utilizar-se do caráter divino de César, Otaviano pretendia demonstrar a imagem de *pietas* para com o pai e, simultaneamente, para com o deus.

Ser legatário de César, além disso, trazia consigo uma implicação no plano cultural e simbólico. Colocava-o, para além de herdeiro de César, herdeiro dos Júlios, família que atestava possuir ligações ancestrais com Vênus e de Anquises<sup>9</sup>,

---

<sup>9</sup> Na mitologia greco-romana, *Anquises* foi um príncipe troiano, primo do rei *Príamo*. Era tido como o amante mortal de Vênus (Afrodite para os gregos), e, com ela, gerou Enéias, sobrevivente da guerra de Tróia e antepassado de Rômulo e Remo, fundadores de Roma.

uma deusa e um herói. Este aspecto, de grande importância para a sociedade romana, também foi de muita utilidade para o jovem que pretendia ascender ao poder, uma vez que se colocava perante seus cidadãos como pertencente a uma linhagem nobre, a qual descendia dos deuses. Assim, o futuro Augusto irá explorar de forma decisiva sua ascendência mítica, a memória sobre a sua família, sobre seus antepassados.

Toda essa construção cultural e ideológica<sup>10</sup> será transmitida pelo herdeiro de César por meio de vários artifícios. Dentre estes, podemos encontrar a construção de templos, de monumentos e de outros elementos arquitetônicos capazes de comunicar as ligações existentes entre o futuro governante e seu antepassado César, além de também divulgar a concepção do jovem César como descendente dos deuses e heróis. Por conseguinte, tais construções serão difundidas por outros meios, tais como as produções literárias, históricas e artísticas. Desta forma, constroem-se imagens acerca da figura de Otaviano, ao mesmo tempo que são criadas imagens em torno da figura de César e de Antônio.

Estas mesmas acepções ideológicas serão utilizadas para legitimar o governo do herdeiro de César em toda Roma. Entendemos legitimar em seu sentido mais amplo, o de tornar legítimo, fazer reconhecer como autêntico um poder, um título, uma dada situação. Logo, concordamos com a visão apresentada por Ana Teresa Marques Gonçalves (1991, p. 83), que todo poder busca ser legítimo, ou seja, busca a adesão daqueles que o obedecem.

O vocábulo *poder* assinala a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir ações e comportamentos. Desta forma, torna-se legítimo o poder que age com a adesão do corpo social ou, ao menos, com o apoio de determinados grupos sociais (GONÇALVES, 1991, p. 83).

Contudo, na análise do poder, deve-se levar em consideração, como destaca Georges Balandier (1982:08), o plano simbólico e o imaginário, pois estes são fundamentais para a legitimação do governante e de sua autoridade. Um poder nunca é unicamente coercitivo. Ele só se mantém e se legitima perante a sociedade

---

<sup>10</sup> Entendemos por *ideologia* um conjunto articulado de ideias, valores, opiniões, crenças, etc. que expressam e reforçam as relações que conferem unidade a um determinado grupo social (classe, partido político, seita religiosa, etc.), seja qual for o grau de consciência que disso tenham seus portadores; ou podemos definir, também, como o conjunto de ideias próprias de um grupo, de uma época, e que traduzem uma situação histórica. Tal conceito adequa-se aos nossos estudos, uma vez que nossos autores são pertencentes a grupos sociais favorecidos e, por este motivo, podem partilhar de concepções bem próximas.

mediante a produção de imagens, pela manipulação de símbolos, logo, explorando-se o imaginário. Tais operações são realizadas de maneiras diversas, por meio de vários instrumentos e em meio a inúmeras instâncias.

Portanto, torna-se possível notar que um poder não se coloca socialmente e politicamente através de uma força coercitiva. Para sua legitimação e, por conseguinte, aceitação por pelo menos parte da sociedade, também se faz necessário dispor de elementos ideológicos que justifiquem os atos e as opções de governo do detentor do poder (GONÇALVES, 1981, p. 84). Para isto, faz uso de um sistema de signos e emblemas, imagens e representações ideológicas que são transformados em fatores determinantes da concepção social. Ainda, este mesmo poder, em sua função legitimadora, reveste-se de várias roupagens, sendo compreendido, dessa maneira, a partir de inúmeros pontos de vista.

É com base nos usos destes elementos, que Otaviano passa a colocar-se perante a sociedade romana, legitimando-se como herdeiro de César, usufruindo também destas construções para combater seus oponentes e demais homens que visavam o poder em Roma. Logo, neste momento, é que podemos encontrar a figura de Marco Antônio, homem que se encontrava em uma posição de evidência frente ao cenário político e militar romano após a morte de César.

Nesse período, possuía a posição de cônsul, desempenhando um importante papel após o assassinato de César, quando, através de ações que pregavam a concórdia, impediu que novos conflitos civis irrompessem em Roma logo após a violenta cena ocorrida entre as paredes do Senado. Antônio possuía, nesta ocasião, certo destaque e, por esse motivo, esperava ocupar importantes cargos na administração romana. De acordo com Robert Gurval (1995, p. 23), com a chegada do herdeiro de César, os ânimos se exaltam. As disputas pelo poder acirram-se, assim como as contendas entre estes dois homens. Mesmo após a formação do Segundo Triunvirato, onde Otaviano, Antônio e Lépido passam a partilhar o governo de Roma e de suas províncias, as desavenças nunca ficaram de todo esquecidas. É nesse período, em meio aos conturbados elementos que passaram a compor a sociedade romana, que podemos encontrar a produção de construtos ideológicos que representavam de maneiras diversas as figuras de Júlio César, Marco Antônio e Otaviano.

Também nesse momento, em nossa concepção, em concordância com a historiografia que aqui analisamos, Otaviano passa a usufruir de certos meios

propagandísticos e ideológicos tanto para legitimar sua posição frente à sociedade romana quanto para denegrir a imagem daquele que considerava como um de seus principais oponentes, Marco Antônio. Tais construções são utilizadas, inclusive durante a instauração da guerra civil entre estes dois homens. O que foi expresso e a forma de sua expressão foram determinados pela luta pelo poder. A concorrência entre os protagonistas do palco político transformou-se em fator decisivo na elaboração de imagens específicas, as quais foram transmitidas por meios artísticos, propagandísticos e culturais.

É em meio a isto que podemos encontrar determinadas construções acerca das imagens de Júlio César, Marco Antônio e Augusto. Construções estas que intentam transmitir certos constructos ideológicos, onde, de acordo com Littot (1994, p. 15), César aparece como exemplo de bom governante, modelo a ser seguido e perpetuado por seu herdeiro, enquanto Antônio concentra em si os piores vícios e desvirtuamentos morais, características estas que devem ser afastadas de Roma.

Logo, notamos nessas construções novos níveis de sentido, que surgem conforme nos aprofundamos na análise das obras de escritores deste período da História Romana. Tais escritos assimilaram e representaram esta vertente dos acontecimentos de inúmeras formas, com diversos objetivos. Contudo, faz-se necessário salientar que as representações acerca de tais personagens são bastante volumosas e, de certo modo, únicas. Existem inúmeros Júlios Césares, Marcos Antônio e Augustos. Cada representação, assim como nos mostra Roger Chartier (1990, p. 24), é fruto das concepções próprias de seus autores, de seus contextos históricos, de seus objetos e objetivos. Concordamos com a visão do autor supracitado, quando este interpreta as representações como construções que os grupos fazem sobre suas práticas. Sendo que essas práticas não são possíveis de serem percebidas em sua integridade plena, elas somente existem enquanto representações (1990, p. 32).

Ao observar as inúmeras representações existentes sobre os personagens romanos, nas quais aqui nos concentramos em análises prévias, chamou-nos a atenção não apenas as diferenças, como também as similaridades existentes nas descrições de autores de períodos diversos do arco cronológico do Principado Romano.

Partindo de tais considerações, a Dissertação aqui apresentada tem por finalidade analisar a construção da imagem de Augusto em obras de diferentes

autores, localizados em períodos distintos do Principado Romano. Em outras palavras, investigar como estas representações sobre este personagem foram construídas por esses autores, como se assemelham ou se distanciam. Contudo, fizemos a opção de analisar a construção da imagem de Augusto através das criações desses autores em torno de outros personagens da Roma Republicana, Júlio César e Marco Antônio. Ou seja, como estes são descritos de modo que suas características, virtudes e vícios aproximem-se ou se distanciem daquelas que, posteriormente, compõem a figura de Augusto.

Assim, selecionamos as obras de três autores que se inserem no arco cronológico desse sistema político. São estes: Veléio Patérculo, Plutarco de Queroneia e Caio Suetônio Tranquilo. Os documentos utilizados nesta pesquisa consistem na obra de Veléio, *História Romana* – datada dos finais do século I a.C. e primeira metade do século I d.C. –; na obra de Plutarco *Vidas Paralelas* – que contém as biografias de César e Antônio –, datadas dos séculos I e II d.C.; e nos trabalhos de Suetônio – *O Divino César* e *O Divino Augusto* – biografias inseridas em seus escritos do II século d.C., as quais receberam o título de *Vida dos Doze Césares*.

Como já dito, a escolha de tais obras deu-se tanto pelas diferenças quanto pelas semelhanças, uma vez que, ao utilizarmos as obras de um militar do início do Principado e de dois biógrafos (sendo que um possui descendência beociana) de momentos posteriores, podemos contrapor um autor de cada momento desse sistema de governo, conseguindo uma visão mais ampla do período como um todo. Além disso, abre-se a possibilidade de constatarmos como se dão as similaridades e as disparidades de opiniões acerca dos personagens descritos. Ainda, poderemos perceber como tais características são formadas e concebidas a partir do meio social em que cada autor estava inserido, através da peculiaridade de seus olhares e de suas formas de análise dos fatos.

Adotar o conceito de discurso ao nos referir às documentações estudadas torna-se imprescindível para definir a própria maneira como as tratamos. Sobre esse conceito, adotamos a aceção elaborada por Helena Naganime Brandão (1995), que se refere aos discursos como operadores de conexões entre o nível extralinguístico e o linguístico. Para a autora, o discurso é o resultado do percurso que o indivíduo faz desde a elaboração mental daquilo que intenta expressar até a enunciação



desse conteúdo, o qual, por sua vez, é socialmente orientado (BRANDÃO, 1995, p. 10-12).

Assim, fica evidente que em uma análise do documento que adote esta perspectiva, apenas o estudo linguístico interno não é capaz de abordar todas as características do discurso. É necessário que façamos uma articulação entre o processo linguístico com o social, com as intenções da escrita do texto.

De acordo com Eni Pucinelli Orlandi (1999, p. 233), o conceito de discurso é um conceito teórico-metodológico usado para definir a maneira de se analisar um texto, a unidade de análise. Na análise do discurso, é necessário se levar em conta as condições de sua produção, interpretando as características discursivas que situam o texto em sua formação discursiva. Portanto, a autora supracitada mostra que a análise do discurso não pode prescindir jamais da análise do contexto histórico, político, social e cultural, pois as informações retiradas da documentação não têm sentido próprio se não forem referidos ao seu tempo, espaço e lugar de onde fala o autor. É em concordância com tais perspectivas que nos propomos a analisar os discursos de Veléio, Plutarco e Suetônio, compreendendo a exterioridade do que é anunciado.

Em meio aos escritos desses três autores, pretendemos encontrar as semelhanças e diferenças nas descrições de Augusto. Tais discursos, orais ou escritos, são representativos de uma ideologia, de um imaginário social e político; são atores de difusão, de propagação. Transmitem a herança memorial, a reconstrução ou representação do passado a fim de produzir laços de confluência cultural, de acordo com os objetivos do próprio autor dentro de seu contexto e dos valores defendidos por este.

São inseridos nestes discursos que, em nossa visão, podemos encontrar os resquícios de uma construção acerca da imagem de um governante, que por sua vez, responde às questões e necessidades próprias da época. Fazia-se necessário a legitimação do sistema político do Principado Romano que aparecia em solo romano, assim como a legitimação do homem que se colocava como seu detentor. Para nós, a construção da imagem de Augusto servirá também para a tentativa de legitimação de todo o sistema político do Principado Romano, não só de sua época, mas também em períodos posteriores, tais como aqueles em que se inserem nossos autores.

Logo, os relatos discursivos são fundamentais: criam, recriam e propagam; fundamentam ideais através de abordagens que prefiguram a imagem do Imperador, resgatam vínculos e estabelecem ligações entre o passado e o presente. Utilizam da tradição<sup>11</sup> como fonte legitimadora do novo contexto político e social. Tradição esta que, em Roma, era representada pelo *Mos Maiorum*, o qual, segundo Pierre Grimal (1993, p. 54), significava os costumes ancestrais e os valores tradicionais romanos que permeavam a sociedade.

É em detrimento de tais considerações que propomos a análise da imagem do Imperador Augusto passada pelas obras de Veléio, Plutarco e Suetônio, sempre as compreendendo como reflexos de uma criação imagética, representativa e ideológica própria de um dado momento da história da sociedade romana. Criação esta que não se restringe ao período do governo de Augusto, mas espalha-se pelos anos posteriores, sendo utilizada para explicar, exemplificar e justificar as transformações do sistema político do Principado Romano e a ascensão de novos *Princeps*. Trata-se ainda de percebermos como essa concepção e criação em torno de Augusto faz uso da tradição romana, do *Mos Maiorum*, de seus valores e crenças: é neste momento que se nota a figuração de César e Antônio, importantes personagens romanos, atores principais do período republicano.

Estamos cientes das dificuldades apresentadas pela documentação escolhida. Trataremos de obras que são datadas de períodos cronológicos diferentes e que apresentam uma forma de escrita distinta. Veléio, um militar romano, escreve um *Compendium* da História Romana onde deixa claro, desde o início de sua fala, que tem por objetivo narrar toda a trajetória enfrentada pelos romanos, desde a fundação da cidade até o governo de Tibério, proporcionando aos seus leitores um panorama geral sobre a história que envolve a cidade de Roma.

Por sua vez, Plutarco e Suetônio escrevem biografias. Porém, apesar de direcionarem seus escritos a um mesmo gênero, suas maneiras de relatar não se confundem. Plutarco, em suas *Vidas Paralelas*, ao narrar a vida de um homem grego ilustre, sempre narra a vida de um romano ilustre, tecendo, no final de suas biografias, breves comparações entre as vidas, os valores morais e os feitos de cada personagem. Suetônio se atém a descrever a vida de doze Imperadores Romanos,

---

<sup>11</sup> Entendemos tradição em seu significado mais amplo, ou seja, que significa trazer, entregar, transmitir, ensinar. Logo, tradição é a transmissão de fatos culturais de um povo, é a sua memória cultural. É um conjunto de ideias, símbolos, práticas e representações que permeiam uma dada sociedade, sendo passados entre as gerações de seus habitantes.

iniciando com Júlio César, preocupando-se em narrar informações diversas, de âmbitos público e privado. Porém, como já demonstramos, nosso interesse em analisar obras de caráter narrativos distintos está na percepção de que nelas podemos encontrar, em tempos e em concepções diferentes, inúmeras semelhanças e dissemelhanças, que são representantes de toda uma construção ideológica imperial que se encontrava enraizada em solo romano: a criação de uma figura específica de Augusto, a edificação de sua imagem como bom governante, herdeiro de César, oponente de Antônio, defensor de Roma, criação esta que serviu também para legitimar todo o sistema político do Principado Romano.

Além disso, trata-se de percebermos se os escritores citados, com origens diferentes e formas particulares de escrita, constroem ou não confluências culturais. Sendo que semelhanças e dissemelhanças são representantes de uma ideologia, de uma representação simbólica criada com o intuito de legitimar tanto o poder do governante quanto o novo sistema de governo que se colocava frente à sociedade romana. Acreditamos ainda que tais características das obras de Veléio, Plutarco e Suetônio podem exprimir uma memória.

A *memória*, no sentido primário da expressão, é a presença do passado, a faculdade de reter e recordar este passado. Assim, a *memória* é uma construção psíquica e intelectual, a qual acarreta uma representação do passado de acordo com a pessoa que relembra, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, político e cultural.

Na perspectiva de Maurice Halbwachs (2006, p. 35), toda memória é “coletiva”. A questão central na obra de Halbwachs consiste na afirmação de que as lembranças podem se organizar de duas maneiras: agrupando-se em torno de uma determinada pessoa que as enxerga de seu próprio ponto de vista, ou distribuindo-se dentro de uma sociedade, grande ou pequena, da qual são imagens parciais. A partir desta concepção, existiram memórias individuais e memórias coletivas. No entanto, as duas memórias mantêm um diálogo constante, interpenetrando-se com frequência. Logo, o indivíduo participaria dos dois tipos de memória.

Por conseguinte, a memória individual não está inteiramente isolada e fechada. No intuito de evocar o próprio passado, o indivíduo necessita recorrer às lembranças de outros indivíduos, transportando-se para pontos de referências determinados pela sociedade. Para este autor, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no

interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. Além de concepções sobre a memória, Halbwachs também assinala o papel da lembrança (2006, p. 43). Esta seria uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo. Portanto, podem-se criar representações do passado baseadas nas percepções de outra pessoa ou de uma sociedade. As lembranças podem ser simuladas quando entram em contato com as lembranças de outros. Por outro lado, afirma o autor, não há memória que seja somente “imaginação pura e simples” ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, ou seja, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito (HALBWACHS, 2006, p. 78). Mais uma vez, o escritor demonstra que a memória individual não está isolada, encontra-se em constante relação com a memória coletiva e, com o que ele denomina com certa cautela, de memória histórica.

Com essa perspectiva, concorda o historiador Peter Burke (2000, p. 69), o qual nos fala que a memória individual é condicionada pelo coletivo, por aquilo que denomina como memória coletiva e social. Em outras palavras, o meio político, social e cultural, direciona a forma de se recordar de algo e a maneira como esta recordação será utilizada. Partindo-se da premissa de que a memória social, como a individual, é seletiva, faz-se necessário identificar os princípios de seleção e observar como os mesmos variam de lugar para lugar, ou de um grupo para o outro, e como se transformam na passagem do tempo. “As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade” (BURKE, 2000, p. 73). Contudo, devemos ter em mente que a memória coletiva não é homogeneizante. Ela é uma somatória das memórias individuais existentes em uma sociedade e sobre determinados aspectos destas.

É trabalhando dentro dessa perspectiva que abordaremos as obras e as opiniões passadas pelos nossos três autores: Veléio, Plutarco e Suetônio. Para além de suas próprias convicções, certas ideias foram transmitidas através do tempo, propagadas em meio à sociedade romana, atingindo pessoas diferentes, de origens diversas e ordens sociais distintas. Obviamente, as diferenças são aparentes em meio às obras dos autores aqui analisados; entretanto, há, ao menos, alguns pontos que se assemelham, convergem-se. Dentre tais pontos, podemos encontrar a idealização da imagem de Augusto, a maneira como este Imperador é relatado, o modo como sua lembrança é retratada, como a memória deste personagem é

construída. Ao apresentarem aspectos semelhantes nas representações sobre Augusto, Júlio César e Marco Antônio, podemos notar que, além de nossos autores compartilharem de certos elementos memoriais sobre tais homens, também se apresentam como detentores daquilo que chamamos de hibridismo cultural. Nesse quesito, concordamos mais uma vez com Burke (2003, p. 28), o qual nos fala que culturas distintas não permanecem imóveis. O que ele chama de *práticas híbridas* (2003, p. 28) – a fusão ou assimilação de práticas culturais semelhantes em culturas consideradas distintas – podem ser identificadas na religião, na música, na linguagem, nas festividades, nas artes, na literatura e, até mesmo nas questões ideológicas e nas práticas sociais. Logo, mesmo homens de sociedades consideradas distintas podem partilhar concepções semelhantes acerca de determinados pontos, sobre determinadas questões, tais como encontramos em Veléio, Plutarco e Suetônio.

Apoiando-nos em todas as considerações acima arroladas, elaboramos nossa pesquisa. Para uma melhor sistematização do trabalho, dividimos esta Dissertação em cinco capítulos. Com o propósito de ajudar na compreensão da pesquisa, inserimos anexos, cuja visualização é guiada no decorrer dos capítulos. Em um número variado, os anexos englobam mapas, árvores genealógicas, fotos e imagens diversas, que auxiliam na observação e na compreensão de determinados dados.

No primeiro capítulo, discorreremos acerca das obras de nossos autores, concentrando-nos em suas características particulares e no gênero literário adotado em cada uma delas. Assim, para entendermos a particularidade de cada autor e de sua obra, abordaremos seus gêneros literários, seus principais elementos e expoentes, compreendendo, desta forma, a maneira como cada autor desenvolve suas narrativas.

As questões relacionadas às especificidades de cada autor também deram início ao segundo capítulo, onde tratamos do contexto histórico, político, social e cultural dos períodos do arco cronológico de cada um deles, identificando, por conseguinte, à suas posições e ocupações, dentro e fora do centro político romano, para que, deste modo, possamos perceber se suas posições sociais e cargos exercidos influenciaram na maneira de relatar os fatos. Logo, nesse capítulo, nos aprofundaremos nas biografias dos autores Veléio Patérculo, Plutarco e Suetônio. Procuraremos nos focar em suas vidas, ressaltando as sociedades em que estes se inserem. Ainda, trataremos de suas formações educacionais, as funções

desempenhadas dentro do Império, as famílias, as amizades e os laços sociais adquiridos no decorrer de suas vidas, com isso, tentamos distinguir como as concepções de suas épocas aparecem submersas em suas obras. Conforme Paul Veyne (1998), o autor é fruto de sua época, mesmo quando este tenta retratar personagens e períodos anteriores ao seu. O autor é subjetivo e essa subjetividade é expressa por toda sua obra, o que pode aparecer na maneira como relata determinados fatos ou certos aspectos da sociedade, ou na forma que passa uma ideologia presente na sociedade em que vive.

No terceiro e no quarto capítulos, trataremos das concepções de nossos autores sobre as figuras de Júlio César e Marco Antônio. Nesse momento, faz-se necessário salientar que ao compreendermos como nossos autores descrevem esses dois personagens, conseguimos alcançar nosso objetivo: perceber como Veléio, Plutarco e Suetônio constroem a imagem do Imperador Augusto e como, nestas construções, as figuras de Júlio César e Marco Antônio são utilizadas. Para tanto, nesses capítulos realizamos uma análise pormenorizada de nossa documentação, destacando as semelhanças e diferenças entre as narrações de nossos autores.

No quinto, e último capítulo, trataremos propriamente da construção da imagem de Augusto nas obras de nossos autores. Aqui, além de percebermos como são construídas as representações sobre este imperador, podemos perceber também, após as análises dos capítulos anteriores, como os autores fazem uso das figuras de Júlio César e Marco Antônio para criarem a de Augusto. Assim, mais uma vez, realizamos uma descrição pormenorizada, salientando os pontos em comum e os díspares nas obras velleiana, plutarqueana e suetoniana.

Por fim, faremos as considerações finais sobre a investigação proposta, pretendendo, desta maneira, colocar as conclusões a que chegamos no decorrer de nossa pesquisa histórica.



## CAPÍTULO 1

*“Em suma, com um trabalho de formiga, tempo, solidão, e um grão de loucura, mais um pouco de sorte, conseguimos fazer surgir da poeira dos velhos papéis um personagem até então destruído.(...)”*

J. Orioux

## 1. GÊNEROS LITERÁRIOS: A CARACTERIZAÇÃO DAS OBRAS DE VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO

### 1.1. Considerações preliminares

Como procuramos destacar em nossas considerações anteriores, cada autor é pertencente a períodos distintos dentro daquilo que entendemos como Principado Romano, transformando-se, desta maneira, em expoentes de um contexto cultural, político e social, além de transmitirem seus próprios valores e opiniões acerca dos assuntos que abordam.

O meio social e as funções desempenhadas pelos escritores também direcionam seus relatos, os quais possuem objetos e objetivos próprios, condizentes com aquilo que seu criador pretende passar.

Os moldes sobre os quais as obras serão criadas, seus estilos literários e gêneros, igualmente, são fatores representativos da concepção dos autores, assim como dos ideais presentes em suas épocas e sociedades. Ao escolher seu estilo de escrita, o autor opta pela forma através da qual pretende transmitir o seu relato, assim como também o direciona a um determinado público.

Logo, para que possamos compreender as descrições de Veléio Patérculo (séculos I a.C. a II d.C.), Plutarco de Queroneia (séculos I e II d.C) e Caio Suetônio Tranquilo (séculos I e II d.C), faz-se necessário que também entendamos os estilos literários que cada autor adota, suas principais características, modelos e objetivos. Com base nisso, propomos, neste capítulo, a análise do gênero biográfico com referência a Plutarco e Suetônio, além dos vários estilos que são atribuídos a Veléio. Por conseguinte, já tendo relacionado os gêneros de cada autor, nos ateremos às características principais de suas obras, suas repercussões e posteriores publicações.

### 1.2 A produção velleiana: *História Romana*

Não sabemos ao certo a data em que Veléio escreveu a única obra com a qual hoje temos contato. Para muitos pesquisadores, isso ocorreu no intervalo temporal sobre o qual não temos substanciais notícias em relação à carreira política do autor, ou seja, de 14 d.C. até o possível ano de sua morte, em 31 d.C.



Para G. V. Sumner (1970, p. 284) e Anthony John Woodman (1975, p. 275), ao dedicar a obra a Marco Vinício<sup>1</sup>, o próprio autor nos dá certa luz sobre a data em que produz seu relato. Vinício inicia seu consulado em janeiro do ano 30 d.C., sendo assim, Veléio teria começado a produzir no momento de sua nomeação, no verão de 29 d.C. Esta suposição pode ser corroborada pelos dados que o próprio autor relata, os quais terminam com a morte de Lívía, mãe de Tibério, ocorrida em 29 d.C.:

A amargura destes anos aumentou ao perder sua mãe, uma mulher excelente e mais parecida em tudo com os deuses do que com os homens, cujo poder ninguém sentiu, exceto quando aliviava um perigo e aumentava sua dignidade. (Veléio Patérculo, *História Romana II*, 130)

Além disso, Veléio sempre menciona a pressa da escrita: “Apesar do rápido avanço de nossa narrativa, não devemos deixar de mencionar este homem.” (Veléio Patérculo, *História Romana II*, 108). Tal fato, segundo alguns pesquisadores, condiz com a suposição de que sua obra teria sido elaborada em um curto espaço de tempo.

Já na concepção de Raymond Starr (1981, p. 171), tais argumentos não provam que a escrita da obra ocorreu entre 29 e 30 d.C.. De acordo com este pesquisador, o autor teria inserido a dedicatória após a obra já estar completa, ou seja, após a nomeação. Nesta perspectiva, a obra teria sido escrita anos antes de 29 d.C. e acrescida de informações pertencentes a este período após estar finalizada.

Em nossa análise da documentação, notamos que Veléio é muito elogioso ao tratar de Tibério. O futuro Imperador é tratado como um homem valoroso, predestinado ao governo de Roma. Em suas palavras: “Escuta-me agora, Marco Vinício, de um grande homem tanto na guerra quanto em tempos de paz (...)”. (*História Romana II*, 113). Ou ainda: “Que atitude irrelevante para se relatar, mas que expressão máxima de uma virtude forte e autêntica e vantajosa, experiência muito agradável e incomparável na humanidade”. (Veléio Patérculo, *História Romana II*, 114).

---

<sup>1</sup> Mesmo estando o prefácio original perdido, Veléio sempre nos recorda em meio a seus escritos que a obra é dedicada a Marco Vinício. Para a historiografia aqui analisada, tal dedicação tem seu quê de mistério, uma vez que as informações encontradas sobre a relação entre o autor e Vinício são restritas. Sabemos que este intercedeu pelo autor nas eleições de 14 d.C. para *Pretores*. Esta pode ser uma das razões da obra ter-lhe sido dedicada.

Os elogios a Tibério podem ser vistos no decorrer de grande parte de *História Romana II*. A vida do futuro governante, assim como a trajetória do próprio autor, é mesclada à história coletiva. O mesmo acontece com a vida de outros personagens que aparecem em sua narrativa, tais como Júlio César e Augusto. Em meio aos acontecimentos da sociedade romana, Veléio conta-nos sobre as suas instruções, carreiras militar e política. Relata também a escolha de Augusto pelo seu predecessor, assinalando que o Imperador não teve dúvidas ao optar por Tibério como seu sucessor, características que podemos notar no trecho abaixo:

Porém, o destino, que havia arrebatado as esperanças de um grande homem, havia então devolvido sua proteção ao estado<sup>2</sup>, porque antes da morte dos irmãos, o retorno de Tibério Nero de Rodes, durante o consulado de teu pai Plúbio Vinício<sup>3</sup>, havia enchido de felicidade sua pátria. Augusto César não hesitou mais, pois não teria que buscar a quem escolher, mas escolher o mais brilhante (...). (Veléio Patérculo, *História Romana II*, 103)

Nota-se que, em meio aos elogios a Tibério, também podemos entrever as opiniões do escritor a respeito de Augusto, o predecessor e pai adotivo do novo *Princeps*. As figuras de Augusto e de Tibério são exaltadas, assinalando um estilo semelhante aos dos escritores que propagandearam a imagem de Augusto em períodos anteriores. Portanto, podemos interpretar os elogios a Tibério como sendo uma prática adulatória<sup>4</sup> e, até mesmo, propagandista, o que nos leva a crer que Veléio escrevia, senão sob o consentimento desse Imperador, ao menos o fez durante o seu governo.

Também em meio aos seus escritos, podemos encontrar volumosas referências a Sejano<sup>5</sup> e à sua ascensão dentro da política imperial. É necessário explicitar que, em nossa visão, isto não quer dizer que Veléio estava em concordância com os atos de traição que tal personagem viria a praticar, anos mais tarde, contra o poder imperial tiberiano. Tal fato apenas assinala que, na época em

<sup>2</sup> Termos de cunhagem moderna como Estado, Pátria e Nação podem ser encontrados em meio às traduções de que fazemos uso. Sabemos que tais termos podem não ser aplicados, de forma integral, na análise das sociedades antigas, o que nos leva a crer que estes, pelos menos em parte, não foram utilizados pelo autor no ato da escrita, sendo frutos das inúmeras traduções e edições do documento velleiano.

<sup>3</sup> Públio Vinício até 1 de julho do ano 2 d.C.. Tibério retornou a Roma um pouco antes do falecimento de Lúcio César.

<sup>4</sup> Referências sobre práticas adulatórias são encontradas durante o governo de vários Imperadores, principalmente em meio à literatura.

<sup>5</sup> Falaremos deste no decorrer do Segundo Capítulo.

que Veléio redigia sua obra, Sejano mostrava ser um importante personagem dentro do jogo político romano.

Entretanto, todos os fatores aqui agregados não se fazem suficientes para que determinemos a data precisa da construção do relato de Veléio Patérculo. A única informação que sua descrição nos passa é o contexto histórico em que se insere sua narração, sem limitá-la em dias, meses ou anos.

### 1.2.1 Os vários estilos de Veléio

Relacionar a obra velleiana com a tradição escrita da História em Roma não pode ser denominada como uma simples empreitada. O relato conciso, centrado em uma seleção subjetiva de descrições que enfatizam o papel dos personagens em meio aos acontecimentos políticos, além da citação, em meio aos escritos, de documentações inseridas em diferentes gêneros, levam os pesquisadores a catalogarem *História Romana* de inúmeras formas.

Para Ernst Bickel (1960, p. 423) e Rafael da Costa Campos (2010, p. 93), o estilo velleiano reflete a receptividade do autor para com vários estilos literários, demonstrando um peculiar padrão biográfico, uma vez que Veléio se centrava, na maioria das vezes, nas ações de determinados homens romanos. Ainda, sua obra agregaria aspectos de outros estilos, tais como a retórica, o panegírico e o breviarismo, todos presentes em Roma do século I d.C. e, na maioria das vezes, diferentes em seus cernes. Desta forma, tratar-se-ia de uma obra híbrida, com vários padrões de escrita.

#### 1.2.1.1 O Breviarismo, o Panegírico e a Síntese Universal: a construção de um novo gênero

Como já salientamos no decorrer deste capítulo, existe certo nível de dificuldade em estabelecer diferenças entre gêneros na Antiguidade romana. É certo que cada gênero possui as suas especificidades. No entanto, o contato permanente entre estes e as múltiplas relações estabelecidas entre os homens dos saberes e, por sua vez, entre estes e seus públicos, permitiam trocas, apropriações, reapropriações e recriações literárias. Toda essa situação favorecia a criação de

obras com marcas predominantes, mas permeadas por um, dois ou, até mesmo, mais gêneros. Esse é o caso de Veléio Patérculo.

A multiplicidade de estilos presentes na obra velleiana atribui a ela caracteres particulares. Logo, para entender o autor e aquilo que ele descreve, faz-se necessário que compreendamos as diversas tradições literárias presentes em seu relato, para que, desta maneira, possamos compreendê-lo da melhor forma possível.

Uma das marcas predominantes na criação de Veléio é a sua aproximação com a escrita breviária. Os Breviários tornaram-se famosos, principalmente, entre os séculos III e IV d.C., em outras palavras, durante a Antiguidade Tardia. No entanto, é possível encontrar suas raízes em séculos anteriores, no início do Império, quando a anexação de terras ao território romano atingiu novas proporções e a aristocracia passou a inserir membros provincianos.

De acordo com Gian Bagio Conte (1994, p. 52), o estilo de escrita breviarista foi criado com a intenção de preencher as lacunas de conhecimento que muitos romanos e provincianos possuíam sobre a História de Roma. Ainda, sua escrita fácil e concisa possibilitaria a leitura por parte de diversos segmentos sociais, sendo estes embebidos na tradição cultural romana ou não. Tratava-se de uma forma mais rápida e fácil de apreender os trajetos históricos essenciais do Império Romano<sup>6</sup>. Ainda, como ressaltam Arnaldo Momigliano (1953, p. 53) e Gonçalves (2005, p. 01), os breviários também atendiam a certos interesses dos novos imperadores, os quais se preocupavam em conhecer, de maneira rápida, os feitos, glórias e insucessos de seus antecessores.

A escrita breviária seria a responsável por condensar, por assim dizer, anos de História em poucas páginas, ressaltando os principais eventos, destacando personagens e sintetizando grandes obras. Era fruto das necessidades de seu tempo, objeto de conhecimento para os novos habitantes do Império, assim como para aqueles que não tiveram a oportunidade de contato com as extensas obras. Por seu relato conciso, em poucas linhas, sobressaltando os eventos principais, Veléio se encaixaria dentro de certos parâmetros do Breviário. Entretanto, sua única obra expressa outras características, expoentes de outros gêneros. Dentre essas, podemos encontrar certas similaridades com a escrita panegírica.

---

<sup>6</sup> É importante ressaltar que é a utilização de diversos documentos na formulação da obra que diferencia um Breviário ou Compêndio de um Epítome ou Resumo, pois este último, como o próprio nome indica, é apenas um breve resumo de uma só obra mais extensa.

O nome panegírico é fruto da linguagem retórica grega, sendo designado, originalmente, como um discurso de caráter encomiástico ou laudatório, normalmente pronunciado em assembleias solenes ou em reuniões festivas<sup>7</sup>. Para Gilvan Ventura da Silva (2006, p. 385):

Na sua origem, os panegíricos eram discursos pronunciados, na Grécia, por ocasião de determinadas assembléias solenes, como as que tinham lugar durante as Panatenaicas e os Jogos Olímpicos. A partir de 380 a.C., com o discurso de Isócrates em louvor a Atenas, os panegíricos convertem-se em orações laudatórias destinadas a celebrar a glória das cidades ou a de indivíduos excepcionais.

Logo, tais discursos possuíam suas bases na oratória e na retórica, sendo, na maioria das vezes, pronunciados pelos principais expoentes de tais movimentos.

Transpassado para a cultura romana, esse gênero também passa a denominar um modelo discursivo elaborado para homenagear a vida de uma pessoa ilustre, ou, como mostra Margarida Maria de Carvalho (2010, p. 24), para criticá-la ou denegri-la. Com o tempo, devido à importância denotada à retórica e à oratória, oficializa-se como gênero literário, adquirindo contornos particulares, passando a ser empregado em uma educação mais avançada, voltada para a formação aristocrática. Como consequência, o Panegírico passa a ser utilizado por determinados grupos sociais, obtendo, neste meio, funções mais específicas, direcionadas a ações de cunho político.

Durante o período imperial, segundo a pesquisadora Susanna Braund (1998, p. 55), os panegíricos eram utilizados para fundamentar a política imperial, tendo, para isto, como principal característica o elogio aos imperadores através da *laudatio*. De tal forma, os escritos panegíricos transformaram-se em importantes instrumentos propagandísticos, sendo pronunciados, por exemplo, após campanhas militares vitoriosas ou na ocasião de ascensão ao poder imperial.

Armas políticas e ideológicas, os panegíricos espalharam-se pelo Império, revelando um exponencial aumento das produções. Muitos discursos podiam ser previamente encomendados aos melhores oradores<sup>8</sup>, que já possuíam certas metas a serem cumpridas por seu relato, tais como a consolidação da ideologia imperial:

<sup>7</sup> A palavra Panegírico descende do termo grego πανηγυρικός, o qual significaria “reunião”.

<sup>8</sup> Muitas vezes, o orador chegava a ser indicado pelo próprio Imperador, o que pode significar que a maioria dos discursos teria o seu conteúdo orientado por declarações políticas direcionadas pelo governante.

Os panegiristas buscavam fundamentar estes ideais através de abordagens que prefiguram a imagem do homenageado em questão, por meio do resgate de vínculos que estabelecem ligações entre o presente e o passado, utilizando-se do ideal da tradição enquanto fonte legitimadora deste novo contexto político. (FRANCHI, 2007:101)

Nos primórdios dos anos imperiais, o discurso panegírico alicerçava o novo contexto político que se colocava a frente da sociedade romana. Criava suas bases históricas, buscava a sua tradição e a hereditariedade. Em suas linhas, Imperadores encontravam seus grandes ancestrais, antepassados célebres, defensores de Roma; origens dos novos governantes, de seu poder, de sua autoridade e sabedoria.

As inúmeras obras panegíricas inseriam-se em todos os níveis de relações sociais, mesclando-se com outros gêneros literários, criando formas diferenciadas de escrita, de produção literária. O estilo laudatório adentrou a outros campos de saber, como se faz possível notar na obra velleiana.

Veléio Patérculo não pode ser denominado, propriamente, como um panegirista. No entanto, para alguns pesquisadores como Bickel (1960, p. 231), sua obra possui certas características panegíricas, principalmente quando trata das figuras de Augusto e Tibério. Ao tratar de tais personagens, o autor aparenta tons adulatórios, sempre mostrando o primeiro como um sábio governante e o segundo como seu herdeiro. Tais características também se aplicariam aos relatos velleianos sobre Sejano, importante personagem da época, homem que é valorizado no decorrer da obra.

Mostra-se, até então, que a criação de Veléio apresenta características de dois gêneros de escrita diferentes: o breviário e o panegírico. Entretanto, estas não são as últimas. O já citado estudioso Bickel (1960, p. 423), nota, ainda, um peculiar padrão biográfico em meio aos escritos velleianos. Estes estariam exemplificados a partir da importância dada pelo autor a certos personagens, relatando suas ações individuais em detrimento dos aspectos gerais dos acontecimentos. Desta forma, o caráter e a personalidade dos biografados compõem a essência dos relatos, celebrados pelos cargos, triunfos, obituários e vínculos ancestrais; pontos constitutivos de uma escrita biográfica<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Sobre este gênero, tratamos no início deste mesmo capítulo.

Assim, podemos notar em *História Romana*, de Patérculo, caracteres múltiplos, pertencentes a diferentes estilos de escrita vigentes na sociedade em que o autor se insere. Este hibridismo estilístico, por assim dizer, teria sido o responsável por atribuir à obra velleiana certo descrédito entre historiadores de séculos distintos que, ao compararem seus relatos com os de outros autores do mesmo período, tais como Tito Lívio e Salústio<sup>10</sup>, caracterizaram-no como algo anedótico e, por vezes, dissonante.

No entanto, é a partir de meados do século XX, com novos olhares, objetos e métodos de pesquisa trazidos ao campo histórico pela revolução na historiografia, que a criação velleiana passa a aderir a um novo sentido, uma nova significação. Woodman (1975, p. 285) e Ronald Syme (1978, p. 45), em meio a seus profusos estudos, passam a enxergar em Veléio peculiaridades que lhe atribuíam uma nova especificidade, uma característica que se destacava perante as outras. A sua escrita deixou de ser somente uma combinação de estilos. Passou a ser analisada como tendo contornos próprios, seletivos, marcados por interesses especiais e sobrecarregados de intenções.

Logo, a reabilitação de *História Romana* como obra histórica começou a basear-se na constatação da presença de características predominantes de uma tradição literária específica, comportando novos estudos e novos pesquisadores. De acordo com tais pesquisadores, o escritor latino propõe-se a escrever uma espécie de história universal.

As histórias universais em Roma pretendem, com base no relato mais abrangente, registrar toda a história desta sociedade. Têm o objetivo de registrar toda a história do mundo, ou pelo menos toda a história do mundo romano, que, para os romanos ou os que tomam seu partido, confunde-se com a história de Roma.

A particularidade de Veléio notada por seus novos estudiosos estaria em sua tentativa de criar uma história universal com ênfase total na brevidade, combinação que é única em sua obra. Em outras palavras, ele escreveu uma breve história universal, na qual incluiu outros povos, outras regiões além das romanas.

Nesta maneira peculiar de escrever, o autor teria sumarizado os eventos de Sociedades Antigas (Grécia e Roma) paralelamente dispostos em assuntos romanos

---

<sup>10</sup> Tito Lívio viveu entre 59 a.C. e 17 d.C. e Salústio, entre 86 a.C. e 35 d.C.

e não romanos, apresentando determinadas técnicas estilísticas presentes no desenvolvimento de seu texto. Isto é, argumentado por meio de quatro proposições fundamentais: a) um alinhamento sincronizado da história de gregos e romanos; b) a disposição cronológica das personagens em relação à localidade na medida em que aparecem na narrativa; c) o tratamento relativamente equilibrado de uma documentação romana e não romana, embora Roma predomine na segunda parte e; d) uma discussão de assuntos diversos, cujo alcance mostra-se bem mais amplo do que uma típica História Romana, ascendendo a um gênero de história “Universal.” (SYME, 1978, p. 167).

Desta maneira, a brevidade do relato de Veléio não é fruto da limitação temporal da escrita, ou pura assimilação de aspectos literários de outros movimentos, tais como o breviarismo. Seria muito mais, uma escolha do próprio autor, o qual é direcionado por sua sociedade, por seu período histórico e político. O relato escrito de maneira breve e concisa, prometido pelas palavras do autor latino: “Nós, recordando o que temos dito, presenteamos frente aos olhos e às mentes de nossos leitores, uma imagem geral do Principado.” (*História Romana II*, 89), não é algo a se estranhar neste período, podendo, como demonstra Michael Von Albrecht (1997, p. 1061), ser uma tendência da literatura tiberiana, sendo que esta se apresenta em outras obras, anteriores e posteriores a Veléio. Segundo Woodman:

(...) a brevidade parece ter sido igualmente popular no período em que o próprio Veléio escrevia. Nós já observamos seus contemporâneos Vitrúvio e Valério Máximo, ambos escritores de compêndios e de obras que se referem explicitamente à brevidade. (WOODMAN, 1975, p. 286)

Em concordância com tal aceção sobre a obra velleiana, ainda podemos encontrar Raymond Starr que, em suas palavras: “A conclusão deve ser que a história de Veléio tem um âmbito mais vasto que a típica história romana, a qual poderia ser mais exatamente denominada como uma história universal.” (1981, p. 165).

O autor chega a ir mais longe na classificação do gênero literário de Veléio Patérculo. Segundo ele, ao usar elementos breviários, panegíricos e biográficos, o romano cria um novo gênero de escrita, o qual pode ser chamado de modelo *transcursus* (1981, p. 166). Neste, a história é contada a partir da ressalva de seus



pontos principais, ou seja, apenas os acontecimentos de maior importância são narrados pelo autor. Como podemos notar em suas próprias palavras:

A forma em que se compõe nosso relato nos permite narrar a batalha de Farsália e aquele cruelíssimo dia para os romanos, a quantidade de sangue derramada pelos dois exércitos, a colisão entre os dois príncipes do Estado (...). (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 52.)

A obra de Veléio consistiria no primeiro trabalho latino inserido no modelo *transcursus* de que temos notícias. Seria originário de características próprias de seu tempo, de apropriações, assimilações e representações entre as diversas maneiras de escrita presentes na sociedade romana dos séculos I a.C. e I d.C. Assim, se constituiria em uma modalidade de escrita híbrida e, por isso mesmo, nova, singular. Esse hibridismo da obra velleiana, permite que encontremos em suas linhas inúmeras facetas, objetos e objetivos, tais como a construção da imagem de Augusto.

Ainda, a maneira escolhida por Patérculo de redigir sua história pode estar relacionada com o público que pretendia atingir. Starr (1981, p. 173) enumera três prováveis grupos de leitores. O primeiro, por motivos diversos, teria tido preferência pela brevidade de seus escritos, uma vez que eles descrevem de maneira sucinta a história universal permeada pelos principais acontecimentos. O segundo grupo seria constituído de leitores que possuíam pouca ou nenhuma educação formal, mas que gostariam de ter ao menos um conhecimento geral sobre História. A escrita em termos mais fáceis e curtos de Veléio seria a melhor forma deste conhecimento ser adquirido por estas pessoas. O terceiro e último grupo seria formado por jovens estudantes, os quais usariam, no início de sua educação, a obra velleiana para obter uma visão rápida e útil sobre a história universal e seus principais personagens, os quais poderiam ser usados como exemplos em suas aulas de Retórica.

Logo, podemos notar que os motivos para a forma específica de escrita de Veléio são muitos e abarcam vários aspectos da sociedade em que este vivia. Com sua peculiar obra, o autor poderia, além da tentativa de agraciar e agradar determinados personagens políticos, estar tentando responder às necessidades que seu próprio tempo colocava em sua frente, tais como a legitimação do sistema político do Principado Romano, a qual realiza através das figuras dos imperadores Augusto e Tibério, além de também fazer uso da de Caio Júlio César.

Exatamente por possuir tais características que a obra velleiana nos atraiu. Veléio Patérculo viveu em um período de transição da sociedade romana. Vivenciou parte da época de Augusto, passando pelo governo de Tibério, bem como por sua fase da adoção. Ao elogiar este último, evidencia as características que tinha em comum com seu predecessor, o primeiro *Princeps*, um bom *Princeps*. Tal caráter de sua obra é pouco evidenciado e muito pouco analisado pelos pesquisadores atuais. Em nossa opinião, isso se dá por dois motivos: primeiro, a maneira peculiar de sua escrita, de forma concisa, direta e rápida, a qual pode ser vista como algo incompleto, inacabado. Em segundo lugar, a obra velleiana foi elaborada durante o Império tiberiano e está repleta de elogios e menções a este governante. Sendo assim, pouco se analisa os elogios feitos a Augusto, a idealização de tal Imperador, em meio às descrições adulatórias de seu sucessor. Tal análise será um de nossos objetivos, o qual tentaremos atingir no decorrer de nossa Dissertação.

### *1.2.2 A historiografia antiga como fonte: a documentação utilizada por Veléio e seu gênero*

Em meio aos seus escritos, Veléio menciona, ocasionalmente, alguns documentos de que faz uso para basear os acontecimentos que relata. Muitos, atualmente, não nos são conhecidos ou até conhecemos, através de citações de outros autores, porém eles não sobreviveram até os dias de hoje, como são os casos dos *Anais* de Emílio Sura: “Emilio Sura expõe em seus Anais do povo romano o seguinte: os soberanos da Assíria dominaram todas as nações; depois os medos, mais tarde os persas, e, depois destes, os macedônios.” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana I*, 6.)

Ainda, podemos encontrar referências aos *Anais* de Quinto Hortênsio Hórtalo: “Alguns autores e, de maneira muito brilhante, Quinto Hortênsio em seus Anais deram a conhecer suas virtudes.” (*História Romana II*, 16). Entretanto, Patérculo também se refere a documentos comuns na historiografia antiga. Para compor seu relato sobre a fundação de Cápua, o autor utiliza a obra *Origenes*, de *Catão*:

Depois, alguns dizem que neste momento os etruscos fundaram Cápua e Nola, há quase oitocentos e trinta anos. Estaria de acordo com eles, mas quanto difere da visão de Marco Catão! Este chega a dizer que Cápua foi fundada pelos os etruscos e depois Nola; porém

Cápua existia há cerca de duzentos e sessenta anos quando os romanos a conquistaram. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana I*, 7).

O autor também aparenta fazer uso de alguns testemunhos de *Quinto Fábio Pictor* sobre os primeiros anos de Roma, os quais são notados por seus tradutores em meio a seus escritos, inclusive por Maria Asunción Sanchez Manzano (2001, p. 12).

Veléio teria baseado sua produção, igualmente, em documentos biográficos, panegíricos, arquivos pessoais de famílias romanas de destaque, documentos oficiais<sup>11</sup>, tais como a *Acta Senatus* e a *Acta Pública*, e na história oral, sendo este seu próprio testemunho ou de terceiros que vivenciaram os acontecimentos.

É possível notar certa semelhança em dados descritos por Veléio e aqueles relatados por *Apiano* e *Tito Lívio*, apesar de esses autores não serem citados no corpo da obra. A coincidência com Apiano teria explicação no fato de ambos os autores terem usufruído de uma mesma fonte: Asínio Polião<sup>12</sup>. O mesmo poderia ocorrer ao se tratar de Tito Lívio, em sua obra *Periochae*, que apresenta certas analogias com a obra velleiana.

Percebe-se que Patérculo cita documentações de gêneros variáveis, o que abre espaço para a discussão a respeito do gênero em que sua própria obra se encaixa, como já salientamos acima.

### 1.2.3. As edições posteriores e a recepção da obra Velleiana em tempos recentes

Concordamos com as análises de Starr (1981, p. 172) e de Manzano (2001, p. 20) quando estes apontam que é bem provável que a obra de Veléio tenha tido alguma repercussão durante seu próprio tempo. A historiografia contemporânea levanta, ainda, a hipótese que a dedicação a Marco Vinício teria sido a causa da morte de seu autor, o que nos mostra que *História Romana* fez parte da lista de leituras de pelo menos alguns de seus contemporâneos. Para David Potter, o alcance da obra velleiana teria sido um pouco mais amplo:

<sup>11</sup> O autor parece ter utilizado os *Commentarii* de Augusto juntamente com a *Res Gestae* na composição dos relatos sobre a vida deste Imperador e de seu Principado.

<sup>12</sup> Este autor romano também é muito referenciado na obra suetoniana. De acordo com Antônio da Silveira Mendonça (2007, p. 37), este homem era um militar que serviu sob o comando de César, participando, inclusive das campanhas nas Gálias e na Bretanha. De suas inúmeras obras, citadas tanto por Veléio quanto por Suetônio, nada nos chegou aos dias de hoje.

Veléio teve alguns poucos leitores durante a Antiguidade Tardia e foi o último autor clássico a ser redescoberto no Renascimento. Uma linha de parte de sua história (agora perdida) foi citada por Prisciano, ele foi citado duas vezes por um comentarista em Lucas, e alcançou, em certa medida, fama nas Crônicas de Sulpício Severo. Sulpício o admirou como um imitador de Salústio. O interesse deste é importante, pois demonstra que o texto de Veléio também tem repercussão nas Gálias. (POTTER, 1997, p. 01)

Originalmente escrito em latim, o manuscrito<sup>13</sup> da obra velleiana foi reencontrado por um monge beneditino em um monastério de Murbach em 1515, ou seja, início do século XVI. Segundo Eckhard Bernstein (2004, p. 1477), *Bilde Beat von Rheinau*, também conhecido por *Beatus Rhenanus*, foi um humanista de descendência alemã, discípulo de *Erasmus de Rotterdam*<sup>14</sup>. Neste momento, teria sido realizada uma cópia do texto.

A primeira edição da obra da qual temos relato teria sido realizada por *Rhenanus* entre 1520 e 1521. Esta levava o título de *História Romana* e continha uma carta aos eleitores, uma introdução que tratava da vida de Veléio, um prólogo sobre esta edição, além de comentários ao longo do texto de autoria de *Albert Burer*, secretário do humanista. A nomeação da obra é algo muito criticado pela historiografia atual. Segundo Sumner (1970, p. 280), *Beatus Rhenanus* foi o responsável por a obra de velleiana receber o título de *História Romana*. De acordo com esse autor, não é possível saber se a obra possuía algum título definido, pois este não foi encontrado no manuscrito original nem é citado em toda a extensão da obra. Como a primeira parte da obra trata da colonização helênica, este título não seria completamente apropriado.

Após a edição de *Rhenanus*, outros editores direcionaram sua atenção para a obra. Dentre estes, podemos encontrar Gelenius (Basiléia - 1546), Aldo Manucio (Veneza – 1571) e Jano Gruter (Frankfurt – 1607). Em finais do século XVII, há referências de uma edição da obra de Veléio com uma finalidade pedagógica. Ela

<sup>13</sup> O manuscrito original em latim é citado pela historiografia como (M), a primeira cópia realizada recebe a alcunha de (R) e a primeira edição, *editio princeps*, é nomeada por (P). O apógrafo de Amerbach é citado como (A). Estas titulações explicativas aparecem, normalmente, nas traduções da documentação velleiana.

<sup>14</sup> Desiderius Erasmus, também conhecido como Erasmus de Rotterdam, foi um humanista de origem holandesa, além de agostiniano e teólogo. Era um erudito, responsável por uma nova edição do Novo Testamento, além de ter escrito *O Elogio da Loucura*, obra muito apreciada. Viveu durante o período da Reforma, tendo criticado certas crenças cristãs de sua época. Sua defesa a favor do livre-arbítrio enfureceu tanto cristãos como protestantes, colocando-o, de certa forma, em atrito com Lutero.

teria sido editada pelo jesuíta Roberto Riguez e era utilizada na Inglaterra como texto escolar, tendo sido reimpressa, posteriormente, também em língua francesa.

Em 1835, J.C. Orelli, encontrou na biblioteca da Universidade de Basileia um apógrafo<sup>15</sup> do códice murbacense, o qual seria de autoria de Bonifacio Amerbach, datado de 1516 (WOODMAN, 1975, p. 272; MANZANO, 2001, p. 11). Esta cópia aparece nomeada como *Vellei Paterculi ad M. Vinicium libri* e é a única remanescente na atualidade. Ela apresenta falhas em sua correção, assim como defeitos em meio ao seu texto. Por estes motivos, a identificação desta com a edição de *Rhenanus* é vista como problemática, além disso, partes integrantes da obra encontram-se perdidas. Não possuímos mais o Prefácio escrito em 1520, o qual conteria algumas poucas informações a respeito do autor e do propósito da obra. Também estariam perdidas uma seção da narração que conteria o relato sobre o retorno à pátria dos heróis mais importantes da Guerra de Tróia e uma parte que abarcaria cerca de quinhentos e oitenta anos entre a fundação de Roma e a terceira Guerra Macedônica.

As edições derivadas desta cópia apresentam-se divididas em duas partes: Livro I e Livro II. Do primeiro livro, restam apenas fragmentos, os quais abordam, principalmente, uma parte da colonização grega. O livro II encontra-se relativamente bem conservado e trata dos assuntos concernentes à história romana<sup>16</sup>.

Somente em finais do século XIX, podemos encontrar edições que possuam prefácios e introduções baseadas em proeminentes pesquisas históricas, tais como a F. Rockwood (New York – 1893), na qual foram publicadas algumas partes da obra velleiana, precedidas por uma introdução e notas explicativas. A partir de então, são notadas diversas impressões e reimpressões ao longo do século XIX e início do século XX, sendo o último marcado pela edição da *Loeb Classical*, tendo a tradução e os comentários críticos de autoria de F.W. Shipley, em 1929 e, em 1982, a publicação por parte de *Les Belles Lettres*, com prefácio, tradução e notas explicativas de Joseph Hellegouarc'h.

Em meio a essas edições, encontramos uma proliferação de trabalhos acadêmicos sobre Veléio Patérculo e sua obra, o que também é ajudado pelo aumento de estudos sobre Tibério e da sociedade imperial de sua época. Pesquisas como as de Sumner (1970), Woodman (1975, 1983 e 1988) e Starr (1980 e 1981),

<sup>15</sup> Cópia executada a partir do original.

<sup>16</sup> Em nossas análises, utilizaremos, principalmente, esta parte da obra velleiana.

publicadas em períodos semelhantes, constituem-se como referências obrigatórias em estudos sobre o autor latino, sua obra e as principais características dela.

A última publicação da obra *História Romana*, com a qual temos contato, é a da Editorial Gredos, em 2001, que apresenta introdução, tradução e notas da pesquisadora Maria Asunción Sánchez Manzano.

Temos consciência, no decorrer de nossa pesquisa, que a narrativa de Veléio apresenta críticas e concepções diversas, frutos dos diferentes tradutores, editores e investigadores que a modificam desde o Renascimento. Na opinião do editor de uma das publicações realizadas em 1924, F. W. Shipley, a menos que fôssemos surpreendidos por algum manuscrito misterioso, a obra de Veléio seria um dos escritos sobreviventes mais corrompidos da Antiguidade (1924, p. XIX).

No entanto, restam-nos se não todas, algumas das palavras e ideias do autor. São estas que nos permitem identificar a documentação de que faz uso, além de suas influências. Podemos perceber ainda a maneira de o autor de escrever a História de sua sociedade.

A interpretação do passado por um escritor deve, invariavelmente, ter consequências para o presente, pois exprime uma visão única de uma sociedade, de um tempo. O estudo sobre a obra de Veléio faz-se importante, porque é construído em um período singular da História romana: o início do Principado, quando as instituições e ideais republicanos se mesclam e, até mesmo, confundem-se com o novo sistema político, social e cultural. Isto nos é passado pelo próprio autor, que enxerga no Principado não uma quebra com a República, mas uma continuidade, um desenvolvimento de sua política e sociedade, que agora eram encabeçadas pelo *Princeps*.

### 1.3 O gênero biográfico na Antiguidade: Plutarco e Suetônio

As discussões a respeito da origem biográfica são muitas e, em certos pontos, apresentam diferenciações. Nos estudos de Momigliano (2004, p. 33), os princípios da biografia são arcaicos, pertencendo à sociedade persa. Para este pesquisador, Dario, ao deixar um relato sobre si mesmo em uma rocha a 300 pés de altura, teria sido o autor da primeira autobiografia<sup>17</sup>. A tradição biográfica grega seria

---

<sup>17</sup> Estas inscrições ficaram conhecidas como Behistun e possuíam, acredita-se, a intenção de autoglorificação do governante.

tributária desta, ou seja, em outras palavras, descendia dos persas neste sentido<sup>18</sup>.

Em suas palavras:

Scylax escreveu uma biografia de Heráclides, o tirano de Milasa. Tanto o escritor quanto o seu objeto viveram na esfera persa. Em Heródoto as melhores histórias pessoais (por exemplo, a biografia de Democedes) provêm do Leste. A Grécia metropolitana forneceu a Heródoto muito pouco material biográfico. Até mesmo Tucídides dá atenção aos detalhes biográficos apenas quando seus heróis – Pausânias e Temístocles – estão nas fronteiras do Império persa. Suspeitamos que os gregos da Ásia Menor estivessem mais interessados em detalhes biográficos do que os gregos, por exemplo, de Esparta ou de Atenas (MOMIGLIANO, 2004, p.34).

Também na concepção de Marcel Benabou: “As origens desse gênero são antigas, relacionadas, sem dúvidas, ao desejo de tornar, através da escrita, memoriais às vidas de grandes personagens mortos.” (1975, p. 15).

Logo, para tais pesquisadores, o gênero biográfico helenístico, surgido no florescer do século V a.C., seria descendente de uma tradição um pouco mais antiga, oriunda de outros povos, outras sociedades. Ao atingir terras gregas, no entanto, em nossa concepção, a escrita biográfica adquire alguns contornos específicos.

A biografia grega orienta-se pela análise do personagem na sua sociedade, suas atitudes, seus valores, seus méritos e suas falhas. Enquanto a História era situada ao lado dos acontecimentos coletivos, a biografia era colocada à parte, como uma análise dos fatos e atitudes de um indivíduo. A palavra utilizada para denominar esse tipo particular de escrita era a *βιοι*<sup>19</sup> (*bios*), que tinha como principal meta o esboço de um caráter, de uma personalidade, sendo esta individual ou, até mesmo, coletiva, como a análise de um povo inteiro (Silva, 2008, p. 73). De acordo com Isidro Pereira (1998, p. 104), a *bios* relaciona-se com o aspecto mais existencial da vida, a vida enquanto existência, descrita com seus valores culturais. Exatamente por tal significação, a palavra *βιοι* é a utilizada ao mencionar o estilo biográfico.

O discurso da *bios* também se relacionava com a filosofia, uma vez que buscava um sentido no desenvolvimento do caráter do indivíduo biografado. Ela

<sup>18</sup> Mesmo que a historiografia grega tenha rompido com o tipo de história proposto pelos persas – que se voltava à atuação de grandes personagens –, e passado a se orientar pela ótica de grupos que se pautavam por uma sociedade que se orientava pelo caráter local, e não internacional, não se pode, contudo, descartar a existência dessa influência.

<sup>19</sup> A *bios* atribuiria a escrita biográfica um caráter mais genérico, sem definir esse tipo de escrita da maneira que a definidos hoje.

procurava apresentar a descrição desse caráter de forma neutra<sup>20</sup>, tornando-se assim instrumento de pesquisa da investigação filosófica mais ampla, tanto como para outras formas de investigação que fizessem uso da erudição em seus relatos. Tal ligação filosófica se opunha a outro tipo de discurso, o *enkomion*. Elaborado em meio a Retórica, esse tipo particular de escrita buscava o elogio e a valorização do personagem, utilizando-se de todas as técnicas, tomando a precaução de evitar a descrição de acontecimentos e características que pudessem denegrir a imagem do indivíduo selecionado. Para Mikhail Bahktin (1988, p. 250-251), essa forma de descrição baseava-se no discurso civil, fúnebre e laudatório. Para este mesmo pesquisador, suas primeiras manifestações encontram-se nos encômios de *Isócrates* e *Xenofontes* (*Euagoras*, do primeiro; e, *Agesilaus*, do segundo), uma novela filosófica (*Cyropaedia*), também de *Xenofontes*, todas escritas no V século a.C..

Contudo, a escrita biográfica grega sofre modificações após o século IV a.C. Segundo Bruno Gentili e Giovanni Cerri (1988, p. 13), o sentido atribuído a *bios* transforma-se junto com as novas constituições políticas e econômicas helênicas, principalmente nos séculos III e II a.C., quando há o fortalecimento das monarquias gregas em detrimento do surgimento das potências macedônicas. Assim, maior importância assumiam os indivíduos nos relatos históricos e biográficos, o que fez com que houvesse uma valorização do *enkomion*. Ainda, segundo Bahktin:

Ao falar sobre esse tipo clássico, é preciso antes de tudo notar o seguinte: essas formas clássicas de autobiografias e biografias não eram obras de caráter livresco, desligadas do acontecimento político social concreto, e de sua publicidade retumbante. Ao contrário, elas eram inteiramente definidas por esse acontecimento, eram atos verbais cívicos – políticos, de glorificação ou de autoglorificação públicas. É justamente nas condições desse cronotopo real que se revela (se publica) a sua vida ou a dos outros, que se especificam as facetas da figura do homem e da sua vida, que se dão esclarecimentos definidos a respeito delas (1988, p. 251)

Apesar de discordar da existência de uma autobiografia clássica<sup>21</sup>, Uiran Silva (2008, p. 68) também concorda com um ponto da análise de Bahktin: a biografia

<sup>20</sup> Atualmente, temos consciência de que nenhum relato se apresenta de forma neutra, pois a subjetividade de quem escreve sempre está presente em meio as suas palavras. Entretanto, tal concepção não se apresentava nas formulações helênicas desse período.

<sup>21</sup> Uiran Silva, assim como Momigliano, defende a inexistência da autobiografia como gênero literário no mundo greco-romano antigo.



helênica, mesmo não sendo considerada como parte integrante da Escrita da História, passa a desempenhar uma nova função, conseguindo um papel de maior destaque dentro da sociedade grega, assim como os que eram biografados. Tais personalidades não possuíam nada de privado, de íntimo, de sigiloso<sup>22</sup>. Não havia nada em sua vida que não estivesse exposto, sujeito à avaliação pública da sociedade.

A escrita biográfica ocupava-se com o individual, com a trajetória de um homem em sua sociedade, seus feitos, suas glórias, vitórias e derrotas. Tal modelo espalhou-se pelo mundo antigo, atingindo diversas sociedades, criando novas formas e novas abordagens.

Segundo Mary Del Priore (2009, p. 07), o modelo grego inspirou profundamente os modelos biográficos do mundo romano. Todavia, apesar de todas as trocas culturais existentes entre estas sociedades, suas biografias apresentam certas singularidades.

Para Nigel Hamilton (2007, p. 11), as raízes biográficas romanas encontram-se inseridas em sua autêntica tradição, as "*laudationes*" fúnebres e os "*tituli*", que, por um longo período, ritualizaram a liturgia do poder da aristocracia dominante. Na ocasião da morte de membro aristocrático, sendo este um magistrado ou parte da família de um, era costume, durante a realização do cerimonial, o proferimento de um discurso, onde as glórias do morto se uniam às de seus antepassados<sup>23</sup>. Antes do sepultamento, fazia-se reproduzir em cera uma espécie de máscara funerária, a que, posteriormente, seria mantida exposta no átrio da casa familiar, seguida de uma inscrição sobre o falecido, seus feitos e seus méritos. Logo, tais registros fúnebres, são considerados por muitos estudiosos, como cerne embrionário da biografia romana.

Com esta visão concorda Bahktin (1988, p. 256), o qual ressalta que as biografias romanas foram fundamentas no seio da família romana, iniciando-se com as memórias, passando pelos ritos fúnebres e culminando em algo mais público, ou seja, os escritos biográficos.

---

<sup>22</sup> Ao falarmos de exteriorização do homem grego, é através do ponto de vista de nossa sociedade. Os gregos não possuíam essa divisão entre interior e exterior presente nos dias de hoje. O interior humano encontrava-se no mesmo plano que o exterior, ou seja, era visível, impossível de ser ocultado.

<sup>23</sup> Faz-se necessária a compreensão de que, durante essas celebrações, era notável a ocorrência de deslizes promocionais de familiares do falecido.

No passar dos anos, o método biográfico em Roma adquire contornos mais definidos, fato que, segundo Mendonça (2007, p. 13), é auxiliado pelo contexto social e político da época. Em meados do século II a.C., as numerosas lutas políticas possibilitaram o surgimento de líderes políticos autocráticos capacitados por grande poder na política romana. Em meio a essa transformação, aparecem vastas obras biográficas que procuravam registrar, através dos relatos das vidas pessoais de tais homens, os acontecimentos do período. Além disso, a biografia, neste momento, era uma poderosa arma política, uma vez que podia exaltar o caráter de um determinado homem ávido pelo poder ao mesmo tempo em que podia denegrir seus inimigos políticos. Nota-se, claramente, que a biografia denotava, neste momento histórico específico, características mais politizadas, as quais apareceram em outras épocas da História romana. No entanto, uma de suas principais características ainda perpetua: a biografia romana é permeada pela presença dos *prodigia*, ou seja, aparecem em suas linhas toda espécie de presságios e suas interpretações. A presença de tais fatores relegados ao mundo religioso e mitológico ainda vem por diferenciar este gênero da escrita da História. São estes mesmos fatores que podemos encontrar nas obras de Plutarco e Suetônio, e até mesmo, na de Veléio, características estas que demonstraremos nos capítulos seguintes.

É a partir de Varrão (aproximadamente de 116 a 27 a.C.) e Cornélio Nepos (aproximadamente de 100 a 24 a.C.) que a biografia, em Roma, dá um novo passo:

Transpassada a Roma, ou seja, em uma cultura onde o passado e sua memória possuem um lugar de grande importância, o gênero biográfico se integrou perfeitamente a tradição literária: no século I a.C., o enciclopedista Varrão teria escrito as *Vidas dos Poetas* e nestas dizia que seu contemporâneo Cornélio Nepos é o autor de uma *Vida dos Homens Ilustres* ou das vidas de homens políticos (reis, generais) as quais são descritas lado a lado com as vidas de poetas ou de outros personagens importantes. (BENABOU, 1975:16).

Surgem às coletâneas e séries de biografados, às vezes separadas por épocas, outras divididas de acordo com a posição política que os personagens ocuparam. Varrão escreveu obras de cunho erudito, sendo presente, em muitos de seus escritos, um conteúdo ironizador, puxado à sátira. Por sua vez, Nepos foi o responsável por escrever suas biografias em pares. A primeira exibia o perfil de uma personalidade romana; a segunda, de um estrangeiro eminente. Este estilo modifica-

se com o tempo, porém, podemos encontrar certas reminiscências em outras obras, tais como a plutarquiana.

A historiografia sobre o período ainda assinala uma nova fase da trajetória biográfica em Roma: as biografias imperiais. Com o advento do Principado, o centro do poder político se deslocou do Senado para os novos homens no comando, os Imperadores. Com esse novo sistema político, a periodização foi alterada, passando a ter como marco a administração de cada Imperador. Da mesma forma, o foco das atenções romanas se modificou. Passou-se a prestar atenção nestes novos governantes, em suas ações e em seus percursos políticos. Tal fator influenciou toda a produção literária, analítica e histórica.

Assim, mais uma vez, o modelo biográfico modificou-se, adaptando-se ao novo contexto histórico, social e político da época. As linhas biográficas cruzavam-se, cada vez mais, com as históricas. Nas palavras de Levillain: "(...) a confusão que ocorreu em Roma a partir de Augusto entre a pessoa do Imperador e o Estado iria levar ao clímax a ambigüidade das relações entre História e Biografia." (LEVILLAN, 2003, p. 146). A escrita biográfica passou a aderir novas técnicas, apresentando novos discursos e, com isso, novas funções. Novos movimentos estilísticos e fenômenos culturais aparecem em meio às linhas biográficas, novos métodos e novas abordagens passam a constituir outra etapa da biografia em solo romano.

A nova forma de se escrever uma biografia não se limitava mais à análise exclusiva dos acontecimentos de uma vida: estendia-se às características psicológicas, morais e físicas. Descreviam-se as ações políticas, militares e sociais. A biografia tentava concentrar em suas linhas um inventário completo sobre o biografado, perpassando por pontos que antes não lhe eram de tanta importância. Para tanto, a escrita biográfica passou a aderir novos objetos e, com isso, vieram novos métodos de investigação e de análise. Novos documentos, antes relegados apenas à História, passaram a fazer parte das linhas biográficas, atribuindo à biografia outra figuração em meio à sociedade romana e grega. A escrita biográfica mantinha, ainda, estreita relação com a memória, uma vez que pretendia resgatar a memória sobre um personagem. Tal escrita trabalhava com o imaginário das sociedades.

Também nesse período, principalmente nos séculos I e II d.C., podemos notar o surgimento de biógrafos que se encontravam inseridos em outros movimentos estilísticos e culturais. Logo, seus escritos diferem-se de outros, apresentando novas

formas e concepções. É neste momento que podemos encontrar em meios a linhas biográficas características que nos remetem à Segunda Sofística.

### 1.3.1 A Biografia e a Segunda Sofística: o exemplo de Plutarco

Até finais da década de 60, muitos estudiosos consagraram seus estudos à análise da Sofística como um aspecto único da literatura grega, relegando pouca atenção ao papel deste mesmo movimento em meio a sociedade romana imperial. Isso se dava, pois, como demonstra Graham Anderson (2005, p. VI), estudar os sofistas e seus movimentos dentro das sociedades requer que o estudioso esteja atento a pluralidades de sentidos e formas que estes adquirem com o passar dos anos. Portanto, estabelecer um elo entre a sofística grega, suas reminiscências e derivações constitui-se em um árduo e cuidadoso trabalho.

A ideia de uma *Primeira Sofística*, segundo John Victor Luce (1994, p. 23), evoca a Idade de Ouro ateniense, em finais do século V a.C., quando a educação tradicional e os valores cívicos e religiosos foram desafiados por uma nova geração de intelectuais que reivindicavam ensinar as habilidades envolvidas na vida pública, incluindo a arte de discursar em público, em troca de pagamento. Os sofistas<sup>24</sup> eram então caracterizados como “professores” que viajavam de cidade em cidade oferecendo cursos de instrução em uma vasta gama de assuntos que tratassem de elementos úteis a *polis*.

Ainda, segundo Antônio Carlos do Amaral Azevedo (1999, p. 420), os sofistas desta época podem ser considerados como educadores dos futuros estadistas gregos e romanos, tendo como foco central de seus ensinamentos a formação intelectual política e pública de seus pupilos. Tais intelectuais ainda defendiam que a educação seria capaz de moldar o *ethos* de um indivíduo, construindo, desta forma, bons cidadãos, competentes na arte da política. Dentre os principais expoentes de tal movimento, podemos encontrar *Protágoras*, *Górgias* e *Isócrates*<sup>25</sup>, homens amplamente conhecidos por suas capacidades retóricas e ensinamentos políticos.

<sup>24</sup> Segundo Luce (1994:20), o termo sofista deriva, grosso modo, do termo *sophos*, o qual significa sábio, perito, experto. Tratar-se-ia, ainda, de homens dotados de especial capacidade retórica, tendo sua zona de ação inserida nos interesses práticos da sociedade, ou seja, agiriam sempre com vistas a um conhecimento útil ao homem público.

<sup>25</sup> De acordo com Anderson (2005:13), *Protágoras de Abdera* viveu entre 481 a 420 a.C.; *Górgias de Leontini* entre 483 a 376 a.C.; e, por sua vez, *Isócrates* entre 436 e 338 a.C..

Exatamente por desempenhar suas funções no domínio da esfera pública, os sofistas conseguiram se colocar em uma posição distinta no que se refere ao conjunto de ideias defendidas por eles. Logo,

Não há outro movimento que se possa comparar com a Sofística quanto à duração das suas conseqüências. Não que, de um golpe, tenha modificado a vida cultural grega; antes, já vimos que os círculos afetados por ela ao princípio eram de certa maneira restritos. Mas o mundo de idéias que ela fez desintegrar nunca mais voltou a formar uma verdadeira unidade, e as perguntas que formulava, as dúvidas que suscitava, não puderam ser silenciadas [...] (LESKY, 1995, p.317)

Em vista de tal asserção, se faz inegável a importância dos sofistas e de seu movimento em meio à sociedade grega do século V a.C.. Entretanto, no desenrolar dos anos seguintes, como demonstra o pesquisador Luiz Roberto Alves dos Santos (2005, p. 59), o termo sofista obtém uma descrição pejorativa, principalmente após as críticas formuladas por outros intelectuais, tais como Aristófanes<sup>26</sup>. Assim, o termo sofista passou a apresentar outra conotação, uma que lhe atribuía o sentido de algo ilusório, distorcido de sua verdade. Tal acepção perdurou por eras, atingindo novos movimentos e novas designações, perpassando por diversas sociedades.

Entretanto, apesar das críticas e do descrédito atribuído aos sofistas, o movimento se espalha, aderindo novos membros, em sociedades diferentes e com novos propósitos. É dentro desta propagação e destes resquícios dos ideais sofistas que podemos encontrar a Segunda Sofística.

O termo Segunda Sofística foi cunhado por Filóstrato<sup>27</sup>, no intuito de classificar um fenômeno cultural e intelectual que teve seu florescimento no decorrer do primeiro século de nossa Era, estendendo-se até o século IV e V d.C.. Em sua obra *Vida dos Sofistas*, escrita no decorrer do século III d.C., o autor trata daqueles “*virtuosos*” que viajavam de cidade em cidade, atraindo audiências com suas exibições e ganhando aplausos e honras, estátuas e privilégios. Dessa forma, a conceituação da Segunda Sofística surge em uma tentativa de denominar as atividades de um grande número de retóricos, filósofos e intelectuais. Em suas palavras:

<sup>26</sup> É comum se atribuir a Platão o início de uma corrente contrária às acepções sofistas do V século a.C.. No entanto, estudos recentes, tais como o de Souza, aqui já citado, defendem que Platão não tinha por intuito denegrir a imagem dos sofistas. Sua preocupação fundamental era no âmbito de discordâncias puramente intelectuais e não pessoais.

<sup>27</sup> *Flavius Philostrates* também era conhecido pela alcunha de Filóstrato, o Ateniense. Viveu entre 170 e 250 d.C. e foi o responsável pela escrita das obras *Apolônio de Tiana* e *As Vidas dos Sofistas*.

A antiga sofística mesmo quando apresentava questões filosóficas, expunha-as prolixamente e por extenso; argumentava sobre o valor, sobre a justiça, sobre os heróis e deuses e como se configurou a forma do universo. A que sucedeu, que teria que se chamar não de nova, pois é antiga, e sim de segunda sofística, expunha discursos nos quais o orador personificava os tipos do pobre e do rico, do nobre e do tirano, e questões onde encarnava personagens concretos, para o qual a história é a guia adequada. (*Vida de los Sofistas*, Livro I, 481)

*Filóstrato* separa os dois movimentos a partir de seus eixos centrais e discursos. A Primeira Sofística tinha se caracterizado por argumentar sobre o valor, sobre a justiça, sobre os heróis e deuses e como se configurou a forma do universo. Por sua vez, a que lhe sucedeu, que teria que se chamar não de nova, pois é antiga, e sim de Segunda Sofística, expunha discursos nos quais o orador personificava os tipos ideais através de binômios opostos: do pobre e do rico, do nobre e do tirano, do bom governante *versus* o mal. As questões aderiam a personagens concretos, e, para tanto, passavam a fazer uso de objetos e documentos diversificados. Como demonstra Glen Bowersock (1969, p. 08): “A segunda forma de arte sofística justa ou injustamente atribuída desde *Aeschines*, caracteriza-se por temas histórico ou por quaisquer tipos de pessoas que figuravam na história (princeps, dinastias, o rico, o pobre)”.

Nota-se, a partir da citação acima, que pesquisadores mais recentes ressaltam que essa outra forma de discurso sofista teria suas origens um pouco mais antigas do que aquelas salientadas por *Filóstrato*, podendo ser notadas desde os finais dos primeiros séculos a.C., quando Cícero, Estrabo e, possivelmente, Sêneca, faziam alusão às atividades dos sofistas. No entanto, seria no II século d.C. que a Segunda Sofística atingiria seu auge, destacando-se, principalmente, em território romano.

Para estudiosos como Catherine Salles (1994, p. 44), a Segunda Sofística tratou-se, essencialmente, de um fenômeno grego, ou, de *falantes* gregos. No entanto, em nossa concepção, concordamos com autores tais como M. L. Clarke (1966, p. 133), que enxergam a Segunda sofística como um movimento híbrido que continha em seu cerne expoentes greco-romanos e que não se colocava como um movimento de resistência, e sim de integração. Para tanto, o autor salienta que uma característica importante da época é que os principais sofistas, mesmo sendo de

descendência grega<sup>28</sup>, viviam em terras romanas, e, possuidores da cidadania romana, eram inseridos em meio à sociedade imperial, desempenhando funções políticas e administrativas. Além disso, a posição social em que se encontravam, colocava-os, em grande parte das vezes, em contato direto com os governantes. Nas palavras de Bowersock: “Para muitos sofistas, cujo conselho foi procurado e cuja companhia foi agradável, Imperadores encontraram cargos oficiais na corte de Roma e nas comitivas das Províncias” (BOWERSOCK, 1969, p. 50).

De tal maneira, os sofistas<sup>29</sup> passam a agregar novas funções, tendo também o seu trabalho como educador se colocado a serviço de fatores políticos e sociais que determinavam o tom de seus discursos. Tornaram-se educadores dos estadistas, dos homens políticos, da elite romana. Dispersaram a cultura helênica em meio à sociedade romana; transformaram seus ensinamentos de maneira que se encaixassem naqueles da tradição romana, criando, no Império, a sobrevivência da tradição da Hélade e de seus habitantes.

Os sofistas passaram a desempenhar um papel de destaque em Roma, integrando-se a sua sociedade, adquirindo prestígio, pupilos e discípulos que espalhavam nas terras imperiais a fama de seus mestres.

A influência social e política dos sofistas do final da república e do início do Império pode ser discernida claramente por qualquer que se importar em olhar; no segundo século, isto simplesmente não pode ser ignorado, tão visíveis se fazem os intelectuais e (em muitos casos) os descendentes diretos daqueles homens de cultura. (BOWERSOCK, 1969, p. 43)

Não se tratava apenas de um movimento de afirmação, mas também de integração. A Segunda Sofística não deve ser considerada como um fenômeno único, mas, sim, como um complexo de fenômenos que, em sua multiplicidade, aderiram a novas características, concepções e moldes. Por conseguinte, trata-se ainda de perceber que o compromisso dos sofistas pertencentes à Segunda Sofística baseava-se, essencialmente, no compromisso entre a cultura grega e o

---

<sup>28</sup> Salientamos que muitos sofistas pertenciam a províncias romanas e não ao centro político de poder, Roma. No entanto, muitos se estabeleciam em Roma, desenvolvendo funções educativas, literárias ou administrativas.

<sup>29</sup> O trabalho literário em geral, assim como a Escrita da História, também passou por essas modificações, transformando-se de acordo com as necessidades da sociedade política em que se encontravam.

poder romano, o que muitas vezes não eram fatores excludentes, mas sim, complementares (ANDERSON, 1993, p. 21).

Como já dito, o discurso sofista espalhou-se por todo o território imperial. A concepção sobre a importância da educação na formação do cidadão, os conceitos que cercam a criação do homem ideal, assim como outros pontos-chaves de seu discurso podem ser encontrados em obras de diferentes autores, em diferentes épocas, com distintas intenções. Pode-se encontrar o pensamento sofista em meio a escritos literários, históricos e até mesmo biográficos. Esse é o caso de Plutarco de Queroneia, um beociano, possuidor tanto da cidadania beociana, quanto da ateniense e da romana, escritor de tratados e de biografias no decorrer dos primeiros séculos imperiais.

A discussão a respeito da inserção de Plutarco na Segunda Sofística é acirrada e já perdura por muitos anos. Pesquisadores do movimento, tais como Bowersock (1969, p. 111) e Laurent Pernot (2000, p. 45) defendem que o beociano, mesmo tendo vivido na época do movimento, não pode ser analisado como um de seus expoentes. Já para alguns plutarquistas, tais como José Ribeiro Ferreira (2008, p. 99), Plutarco deve ser analisado através desta ótica, uma vez que suas obras contêm explicitamente valores sofistas.

Em nossa concepção, faz-se errado analisarmos Plutarco como propriamente um sofista. No entanto, o autor exprime em sua obra algumas ideias e valores que permeavam esse movimento, características estas que estavam presentes em meio às sociedades nas quais o beociano encontrava-se inserido. Assim, o autor é fruto de uma confluência cultural. Suas obras exprimem todo esse hibridismo que lhe era intrínseco, assimilam caracteres tanto da Segunda Sofística, quanto dos ideais platônicos<sup>30</sup>.

Além disso, seus tratados e biografias, ao contrário de serem analisados como obras de oposição a Roma, da forma que sugere a ótica de Silva (2006, p. 259), podem ser vistos como conciliatórios. Plutarco escrevia sobre Roma a partir da ótica de um habitante do Império e cidadão romano, como muito salienta a pesquisadora Vanessa Ziegler (2009, p. 59), e é exatamente esse um dos pontos principais que o aproximam dos princípios sofistas.

---

<sup>30</sup> Abordaremos a seguir tópico sobre esse assunto.



Por conseguinte, Plutarco traça, ao escrever suas diversas obras, uma proposta baseada na virtude política, criando, desta forma, narrativas que poderiam ser construtivas para seus leitores. Logo, a virtude encontra-se diretamente relacionada com a educação, que, por sua vez, é a responsável pela formação e pela boa conduta do cidadão e do homem político. Quanto maior a educação de um governante, melhor será o seu governo. Tais características têm origens em duas correntes de pensamentos: os platônicos e os defendidos pela Segunda Sofística, e ambos encontram-se refletidos nas obras plutarquianas.

Assim, Plutarco demonstra ser um homem de seu tempo. Apesar de não podermos nomeá-lo como um sofista, seus escritos refletem os ideais deste movimento, tanto em seus tratados políticos e educacionais, quanto em suas biografias, onde se preocupava em analisar as vidas e feitos de homens gregos e romanos, homens estes em destaque perante as suas sociedades e que podiam servir de exemplo na formação de bons cidadãos e governantes.

A partir do exemplo plutarquiano, podemos notar como a Segunda Sofística perpetuou-se na sociedade greco-romana, alastrando-se por diferentes campos do saber, infiltrando-se em diferentes gêneros de escrita, dentre estes, a biografia.

### *1.3. 2. A produção plutarquiana: as biografias comparadas*

As obras plutarquianas foram de grande repercussão, tanto em sua época, quanto em épocas posteriores, transformando-se em modelos para escritores e estilos literários. A sua produção literária atinge a considerável soma de duzentos e cinquenta obras, tendo, entre estas, escritos de cunho filosófico moral, político e biográfico.

Não sabemos ao certo as datas em que o autor greco-romano escreveu, pois ele não datava seus escritos. Através dos documentos que cita, dos relatos dos quais faz uso e dos personagens que biografava, podemos, de certa forma, determinar um período, uma época em que estaria inserida sua produção. Além disso, a dedicatória de algumas de suas biografias a *Q. Sosío Senecião*<sup>31</sup> é um indicador

---

<sup>31</sup> Este foi um romano de destaque, influente dentro da sociedade romana do século II d.C.. Ocupou cargos políticos e administrativos importantes durante o Principado, chegando ao cargo de conselheiro de Trajano. Segundo a historiografia sobre o período, tais como Perrin (1967) e Bucley (1999), Plutarco fez parte do círculo de amigos de Senecião.

importante sobre a data de escrita, ou pelo menos de publicação, das *Vidas Paralelas*.

Segundo Bernadotte Perrin (1967, p. IX), os escritos sobre diversos assuntos, que nos tempos modernos encontram-se reunidos em uma só obra, foram elaborados ao longo de sua vida. Provavelmente, Plutarco iniciou sua carreira de escritor ainda em sua juventude, quando estudava na Grécia.

Estes estudos abarcavam desde assuntos filosóficos, sobre a moral, as virtudes e a educação, até discussões sobre o casamento, política e religião. Eles expressam, basicamente, as visões plutarquianas sobre este assunto, além de ensinamentos de conduta e de expressões passadas pelo autor através de exemplos, como podemos observar no fragmento a seguir: “Pois bem, atentemos ao que há a dizer sobre a educação das crianças de condição livre e a quem se poderá recorrer para torná-las virtuosas” (PLUTARCO, *Da Educação das Crianças*, I).”

Para Simon Swain (1999, p. 102), o período em que Plutarco mais produziu condizia com seu sacerdócio, ou seja, a partir dos seus cinquenta anos. Foi também nesta época, em que seus escritos adquiriram maior fama dentro das sociedades grega e romana. Em ocasião de sua morte, a fama de Plutarco como escritor já estava bem propagada nas sociedades por onde passou.

Ainda, de acordo com o pesquisador supracitado, esses escritos plutarquianos poderiam chegar ao redor de trezentos textos, criados separadamente, porém apresentando, na maioria das vezes, caráter moralizante e educador.

As *Vidas Paralelas* aparentam ser uma composição mais tardia de Plutarco, o qual, provavelmente dedicou-se à escrita destas biografias nos seus anos finais. (JONES, 1967, p. 205). A referida obra é composta de cinquenta biografias comparadas de militares, legisladores e governantes gregos e romanos, todos personagens que se destacaram na sua própria sociedade.

As biografias são estruturadas da seguinte forma: inicialmente, a biografia de um grego seguida pela de um romano e, finalmente, uma breve comparação entre ambos. Dentro desta comparação, o escritor grego preocupava-se em confrontar e, até mesmo, em equiparar os feitos e valores dos homens romanos e gregos, emitindo suas próprias concepções. Como cita Carmem Soares:

Obras de confesso valor pedagógico e moral, as *Vidas* de Plutarco oferecem, quase em exclusivo, retratos de grandes nomes da história grega e da romana. Estas figuras, recheadas de virtudes, mas não isentas de defeitos, são heróis que cumprem uma missão educativa plena (SOARES, 1998, p. 51)

Toda a produção plutarqueana é permeada pelas concepções filosóficas de origens platônicas. Como demonstra Nicholas Geoffrey Hammond (1993, p. 50), o nome de Platão é citado quase setecentas vezes em meio às palavras de Plutarco. Em tais passagens, é possível notar que o beócio revela suas impressões sobre a filosofia de Platão em detrimentos da vida do filósofo. Logo, tal fato revela que a vida privada de suas fontes somente interessa ao escritor beócio quando um acontecimento em particular modifica as ações do personagem, alterando inclusive sua atuação em meio ao espaço público.

Observa-se, desta maneira, uma concepção que, representativa de características dos ideais da Segunda Sofística e dos pensamentos platônicos, origina-se na *Paidéia* de Plutarco. O conceito de *Paidéia*, originalmente, caracteriza o processo de educação em sua verdadeira forma, forma esta natural e genuinamente humana. Para Carvalho (2010, p. 25), desde os tempos de Platão, alguns homens têm estado conscientes do papel da educação, ou seja, da *Paideia*, na preparação de homens para desempenhar suas funções públicas e privadas. Esta concepção reflete-se nos escritos de diversos autores, de épocas e sociedades distintas.

Plutarco possui seu próprio conceito de *Paideia*, o qual demonstra, principalmente, no decorrer das biografias que escreve. Para ele, a educação na formação de homens virtuosos é a melhor maneira de se instituir uma relação balanceada entre governados e governantes.

Nos pares que analisa, o beócio observa a discrepância entre o pensamento e as atitudes de seus biografados, suas qualidades e defeitos. Como mostra José Ribeiro Ferreira:

Este conjunto de qualidades — ora de índole militar, ora de índole mais intelectual — pode ser agrupado em quatro virtudes principais, tanto para as *Vidas* como para os *Moralia*: coragem (*andreia*), inteligência (*phronesis*), justiça (*dikaiosyne*) e autodomínio (*sophrosyne*). (FERREIRA, 1998: 98).

Essas virtudes comporiam os homens e seu balanceamento, classificando-os como homens virtuosos ou não. Os personagens biografados são utilizados como meio educativos, como exemplos a serem seguidos ou não.

Ao comparar gregos e romanos, Plutarco demonstra todo o hibridismo cultural que lhe é intrínseco. Apesar de viver sob uma supremacia política romana presente não só em sua cidade, Queronéia, como também em outras regiões geográficas, o beócio não se esquece de sua descendência com a *Hélade*. Assim, em meio a *Vidas*, tenta demonstrar que para cada romano virtuoso, há um grego com os mesmos valores. Sua escrita não demonstra um mundo grego, nem um mundo romano, mas um hibridismo entre ambos. Uma junção política, cultural, econômica, social e religiosa, onde gregos aprenderam com romanos e, por sua vez, romanos foram educados por gregos.

Por essa característica, a obra plutarquiana é muito estudada atualmente. Ela demonstra que nem sempre a colonização é excludente, podendo também ser vista como integradora. Os ideais gregos e romanos fundiram-se, passando a atuar tanto do lado do governante quanto do governado. Logo, não podemos enxergar os escritos plutarquianos apenas sobre a ótica de exaltação dos valores gregos em detrimento dos romanos. O autor expressa a utilidade da tradição cultural grega para o fortalecimento político do Império romano. Com esta intenção, ele dialoga constantemente com a história do povo grego e romano, seus heróis e seus feitos, não só para exaltá-los, mas também para demonstrar seus erros, criticar suas ações, apontar as falhas de suas empresas e governos.

### 1.3.3 Plutarco através do tempo: as publicações e suas recepções

Assim como acontece com grande parte das obras antigas, as palavras de Plutarco não nos chegaram completas. Em nossas pesquisas, com apoio da historiografia consultada, encontramos citações de vinte e uma obras plutarquianas completas, além de inúmeros fragmentos.

A primeira ordenação das obras plutarquianas, após as suas concepções, é de autoria de *Lâmprias*, o qual as organizou em um catálogo, classificação esta que utilizamos atualmente. Não sabemos ao certo o parentesco de *Lâmprias* com Plutarco. Para certos historiadores, tais como Jones (1967, p. 207), este teria sido filho de Plutarco. Para Moses Hadas (1950, p. 132), *Lâmprias* seria o neto de

Plutarco, suposição que se faz mais provável, em nossa concepção, devido à data de ordenação das obras.

Em finais do século XIII, o manuscrito do catálogo de Lâmprias foi reencontrado pelo teólogo e gramático Máximo Planudes<sup>32</sup>. As obras completas foram divididas em alguns volumes, dos quais os mais conhecidos estão intitulados: *Vidas Paralelas, Obras Morais e de Costumes* (também conhecido pelo título de *Moralia*), *Da Educação das Crianças* e *Ísis e Osíris*. A cunhagem do título *Obras Morais e de Costumes* é de responsabilidade do monge bizantino Máximo Planudes, o qual dividiu os escritos filosóficos, morais, religiosos e de costumes das biografias<sup>33</sup>.

A primeira tradução das biografias escritas por Plutarco para a língua moderna foi realizada por Juan Fernández de Heredia entre os anos de 1379 e 1384, em aragonês. Várias traduções parciais foram realizadas no intervalo de tempo entre esta tradução completa e a segunda, realizada por Jacques Amyot, na língua francesa, no ano de 1559. Foi esta tradução que impulsionou a difusão da obra de Plutarco, uma vez que Amyot evidenciou a forma biográfica plutarquiana.

A tradução para o inglês só foi realizada no ano de 1579 por Sir Thomas North. De acordo com John Roe (2004, p. 173), foi esta tradução que chegou ao conhecimento de William Shakespeare que a usando, escreveu várias peças teatrais, dentre estas Antônio e Cleópatra<sup>34</sup>. A difusão das obras shakesperianas, de acordo com Charles e Michelle Martindale (2005, p. 22), fez com que os relatos de Plutarco fossem ainda mais divulgados, atingindo novos territórios e novos leitores.

Verificamos que um grande número de estudos a respeito das obras de Plutarco aparecem em uma época específica da História, o Renascimento ou Renascença, período na história do mundo ocidental com um movimento cultural marcante na Europa, considerado como um marco de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna. Começou no século XIV, na Itália, e difundiu-se pela Europa no decorrer dos séculos XV e XVI.

---

<sup>32</sup> Máximo Planudes nasceu por volta de 1260, falecendo por volta de 1330. Ele nasceu em Nicomédia, na Bitínia, mas a maior parte de sua vida foi passada em Constantinopla, onde, como um monge, dedicou-se ao estudo e ao ensino. Ao entrar para o monastério, mudou seu nome original de Manuel para Máximo Planudes. Escreveu numerosas obras, ficando também conhecido pelas traduções e edições de clássicos gregos, tais como os escritos plutarqueanos.

<sup>33</sup> Utilizamos aqui a mesma ordenação empregada por Bernadotte Perrin (1967) em sua obra, a qual segue a primeira ordenação realizada por Lâmprias e enumera, inclusive, as obras perdidas e os fragmentos. Sobre esta ordenação, ver Anexo I.

<sup>34</sup> A referida obra foi produzida no ano de 1607.

O pensamento renascentista associou-se ao Humanismo, ocasionando um interesse cada vez maior dos eruditos europeus pelos escritos clássicos em latim ou grego, notando-se, por conseguinte neste mesmo momento, um estudo mais profundo dos escritos plutarquianos. Tal característica é retomada, tempos mais tarde, pela tendência neoclassicista do século XVII e início do século XVIII, onde Plutarco aparece como um dos representantes da literatura greco-romana. Segundo Rita Marnoto (2008, p. 11), a obra do *Educador da Europa*, como Plutarco ficou conhecido, teve uma vasta divulgação na Itália a partir do século XIV, perpassando por vários séculos, sendo assimilada por inúmeras sociedades, como salienta José Ribeiro Ferreira:

Alude-se sucintamente ao fascínio que a Grécia e Roma exerceram sobre a maioria dos revolucionários franceses e, em seguida, analisa-se a importância que atribuíam ao que chamavam a virtude republicana. Os traços essenciais dessa virtude encontraram-se predominantemente na atuação dos grandes homens da Grécia e de Roma biografados por Plutarco, um autor que deve ter exercido papel importante na formação do espírito dos homens da Revolução. (FERREIRA, 2008, p. 57)

Sendo assim, é interessante destacarmos que suas obras percorriam inúmeros domínios e incorporavam diversas facetas, de acordo com as necessidades das sucessivas épocas culturais da história, principalmente as das sociedades europeias. Encontramos seus resquícios nos pensamentos expressados por Erasmo de Roterdam, Montaigne, Rousseau, Napoleão Bonaparte e até mesmo em Oliveira Martins (FERREIRA; MARNOTO; PINHEIRO, 2008, Prefácio). Tornaram-se modelos políticos, sociais, morais, educacionais e literários, influenciando épocas, pessoas e sociedades distintas.

Atualmente, Plutarco é extensivamente pesquisado. Suas obras são analisadas a partir de perspectivas diferentes, com objetos e objetivos distintos. Novas concepções sobre este autor e sua extensa produção são formadas. No âmbito destas, pretendemos inserir nossa pesquisa. Sobre esse autor e algumas de suas biografias, pretendemos identificar quão profunda era sua ligação com os ideais imperiais de sua época. Para nós, a obra de Plutarco pode ser vista como uma tentativa de legitimar o sistema político do Principado romano, sistema esse sobre qual o autor vivia e exercia suas funções.

#### 1.4 As obras suetonianas: criação, publicação e repercussão

Suetônio escreveu uma vasta gama de obras sobre assuntos diversificados, dentre eles a linguística, as representações teatrais, os jogos gregos e romanos, os problemas de vestuário, o calendário romano, e as vidas de homens romanos, políticos e escritores ilustres. De alguns de seus escritos, apenas fragmentos nos chegaram. De outros, possuímos as obras completas, ricas em detalhes, alusões e anedotas explicativas.

Ao abordar tantos assuntos, de contextos e perspectivas diferentes, notamos que se trata de um estudioso de grande escala, que realizou pesquisas e buscou por informações em meio a documentos diversificados, até mesmo secretos. Para isso, usufruiu de sua posição dentro da sociedade imperial. Ao trabalhar como administrador de bibliotecas e como *ab epistulis*<sup>35</sup>, teve contato direto com obras, relatos e correspondências imperiais, oficiais ou não, que proporcionavam a base de seus escritos e que não estavam à disposição de todos os interessados. Por conseguinte, a carreira administrativa imperial de Suetônio significou uma forma de familiarização com uma das faces do Império, o que é espelhado em suas obras.

Exatamente por tais características presentes na vida do autor, as obras suetonianas, principalmente as biografias, estão repletas de pequenos detalhes e certas informações que não encontramos em outros autores de seu tempo. Este autor difere, de certo modo, de outros escritores de sua época, inclusive daqueles que aqui analisamos. Suas biografias imperiais são repletas de detalhes das vidas particulares dos personagens, detalhes estes que podem ter sido adquiridos através da documentação com a qual Suetônio tem contato no decorrer de sua vida, tais como as cartas pessoais dos imperadores e de seus familiares.

Ao trabalharmos com as biografias imperiais, analisaremos as do *Divino Júlio* e do *Divino Augusto*. Por não existir uma específica de Marco Antônio, os testemunhos sobre tal personagem serão retirados de forma indireta, a partir das referências existentes nos outros dois escritos. Assim, comporemos parte de nossos objetivos: a análise da construção imagética de Augusto na obra suetoniana em torno das diferenças e semelhanças como Júlio César e Marco Antônio.

---

<sup>35</sup> Sobre isso, trataremos no capítulo seguinte.

### 1.4.1 Os escritos de Suetônio: as diversas obras de um biógrafo, erudito e enciclopedista

Suetônio não escreveu apenas biografias de doze imperadores. Possuímos informações sobre algumas outras obras, além das biografias, de autoria de Suetônio, tendo sido escritas em períodos distintos de sua vida. Muitas estão em fragmentos, de outras possuímos apenas o catálogo de títulos, como é o caso de sua publicação nomeada por *Pratum*, obra suetoniana que está perdida. Como mostra Antônio Mendonça:

Lamenta-se que entre o que se perdeu da obra de Suetônio esteja *Pratum* (ou Prata), vasto repertório de erudição enciclopédica, que na trilha de Varrão e de Plínio, o Velho, procurava fazer o inventário de várias províncias do saber, bem a gosto da época. (MENDONÇA, 2007: 12)

Nesta obra, denominada por muitos estudiosos como detentora de um caráter enciclopedista, estariam contidos estudos que abordariam diversos assuntos. De acordo com Benabou (1975, p. 13), dentre estes, estariam:

- 1) Um tratado sobre os reis de regiões orientais;
- 2) Um tratado sobre magistraturas e cargos imperiais<sup>36</sup>;
- 3) Alguns tratados consagrados a diferentes pontos da história natural;
- 4) Um estudo sobre os sinais de abreviação;
- 5) Uma defesa Da República de Cícero;
- 6) Um estudo consagrado aos costumes dos Romanos;
- 7) Um estudo sobre as expressões de insultos;
- 8) Alguns outros estudos sobre os as vestimentas e os hábitos romanos;
- 9) Alguns escritos sobre as cortesãs romanas mais célebres;
- 10) Um estudo sobre o corpo e algumas de suas anomalias;
- 11) Vários escritos sobre os problemas gramaticais da escrita latina;
- 12) Um tratado sobre os jogos;
- 13) Um tratado sobre as representações teatrais;

<sup>36</sup> Para este autor, este tratado deveria ter sido escrito em razão das reformas institucionais introduzidas pelo Imperador Adriano na administração imperial. Isso, em nossa visão, coloca a datação desta obra entre 117 e 122 d.C., período do governo de Adriano em que ainda podemos encontrar referências das funções desempenhadas por Suetônio no meio imperial.



14) Um tratado sobre o calendário e as questões do tempo romano;

Em nossa visão, tais escritos demonstram a grande erudição suetoniana, que discorre acerca de vários assuntos e temas próprios de sua sociedade. Os resquícios dessa erudição também podemos encontrar em suas biografias onde, em meio a análise das vidas dos imperadores, Suetônio deixa a entrever os temas que abordou em meio a seus tratados, tais como os jogos, o calendário romano e os defeitos físicos. Nas *Vidas dos Césares*, há uma profusão de informações sobre espetáculos correlacionados com a administração. No decorrer de suas biografias, inúmeras são as descrições acerca dos jogos e espetáculos proporcionados pelos imperadores. Sua grandiosidade, sua suntuosidade e o número de dias que estes duraram também são profundamente ressaltados. Para nós, também através dos jogos e espetáculos e do proporcionamento destes, Suetônio tenta mostrar o caráter dos biografados. Estes eventos permitem ao autor avaliar se o imperador é liberal ou mesquinho, se é excessivo ou disciplinado com as finanças de Roma. Além disso, permite perceber se o imperador manifesta o respeito pela tradição romana ou se se deixa levar por questões imorais, tais como a presença de nobres na arena<sup>37</sup>.

Sobre estas questões, também encontramos inúmeras alusões, em o *Divino Júlio*, na reforma que este realizou no calendário romano e nas mudanças ocorridas, tanto no período de Júlio César, quanto no governo de Augusto, nos nomes dos meses do ano. Essa se constitui em mais uma evidência de que o autor romano fez uso de seus escritos diversos, reunidos na obra *Patrum*, para elaborar suas biografias sobre os Césares.

Outra obra de valoroso caráter histórico, escrita, provavelmente, na transição do primeiro para o segundo século de nossa era<sup>38</sup>, é a *De Viris Illustribus*. Esta trata da vida de poetas, historiadores, oradores, filósofos e professores de gramática e retórica, todos personagens romanos de destaque. Inicialmente, teria sido lançada por fascículos, os quais estariam divididos em: *De Gramaticis Et Rhetoribus* (DGR), *De Poetis*, *De Historicis*, *De Oratoribus*, *De Philosophis*. Segundo Ettore Paratore (1987, p. 110), estes estudos publicados, em um período posterior, ainda durante a vida de Suetônio, teriam sido reunidos em um único volume nomeado *De Viris Illustribus*.

<sup>37</sup> Suetônio cita este aspecto, por exemplo, nas vidas de Calígula e Nero.

<sup>38</sup> Esta teria sido a primeira obra publicada por Suetônio, durante o governo de Trajano.

Desta obra, pouco chegou aos dias de hoje. Estipula-se que esta seria composta de cerca de cem biografias variadas, das quais nos restam algumas descrições das vidas de gramáticos e retóricos, e parte das narrações que, anteriormente, comporiam *De Poetis*. De acordo com James Zetzel: “O texto está mal preservado, e também é incompleto: de dezesseis professores de retórica uma vez incluídos, as vidas de apenas cinco nos restam (...) eles preservam anedotas envolvendo figuras políticas e literárias dos primeiros séculos a.C. e d.C.” (ZETZEL, 1997, p. 475).

Estes resquícios foram descobertos no século XV, em meio ao códice de Hersfeld, o qual também possuía em seu cerne obras menores de autoria de Tácito. Sua sobrevivência dependeu das cópias posteriores, as quais perduraram por épocas. Como nas obras de Veléio e de Plutarco, as novas compilações e publicações apresentam modificações, inserções e críticas realizadas pelos inúmeros estudiosos e editores. No entanto, apesar das partes ausentes e de suas alterações, a importância destes textos está nas descrições das origens da retórica romana e das vidas de seus principais expoentes, educadores romanos. Porém, o interesse do autor não seria a história interna de seus personagens, mas sim a externa, a qual abarcaria os diversos contextos sociais e políticos, ampliando o panorama sobre a educação em Roma.

Apesar do destaque que essas obras suetonianas adquirem através dos séculos, nada se compara à atenção voltada para a produção tardia de Suetônio: as biografias imperiais.

#### 1.4.2 As biografias imperiais: “As Vidas dos Doze Césares”

*As Vidas dos Doze Césares* é caracterizada de diversas maneiras. Ora é vista como literatura, ora como história. Muitas vezes é descrita como fictícia, alusória e anedótica. Em outras, é considerada como uma biografia histórica, repleta de dados e informações sobre o período em que foi escrita.

Tal aspecto de sua obra se dá, conforme já ressaltamos no início deste capítulo, modificando-se de acordo com o período em que se insere. Durante o Principado Romano, o centro do poder político muda, passando a centrar-se no *Princeps*, o que faz com que a análise biográfica, mude, de certa forma, também seu foco, passando a relatar de forma mais extensa o governante, o indivíduo, sua vida,

seus atos e ações. Logo, através das vidas dos governantes, a biografia passou a narrar a trajetória política, militar e social de uma sociedade. Como já salientamos no decorrer deste capítulo, o gênero biográfico, tanto em Roma quanto em outras sociedades, apresenta características próprias. Constatamos que, ao longo da história da biografia, existem modelos diferentes. O gênero foi-se apropriando às necessidades dos tempos e aos objetivos dos diversos autores. Ao se tratar especificamente de Roma, este gênero de escrita possui certa tradição, contudo, ao mesmo tempo, oferece uma variedade de modelos e métodos que variam de acordo com o período e com a visão e os objetivos propostos pelo biógrafo. Este seria o caso de Suetônio.

Para Benabou (1975, p. 14), o gênero e o tema escolhido por Suetônio ao escrever suas biografias sobre imperadores são frutos diretos das condições políticas e literárias de sua época, ou seja, do governo de Trajano e Adriano. Em suas palavras: “O momento é bastante favorável para se fazer uma análise retrospectiva, serena e documentada, dos predecessores da dinastia antonina.” (1975, p. 15). Suetônio, funcionário próximo ao Imperador e detentor de um caráter erudito, ter-se-ia lançado a este trabalhando, construindo, dessa forma, suas biografias imperiais. Contudo, estes escritos biográficos denotariam certas particularidades, caracteres estes que, de acordo com Paratore (1987, p. 45), foram fundamentais para sua elaboração e futura consagração.

*De Vita Caesarum*, também conhecida como *As Vidas dos Doze Césares*, originalmente, é constituída por oito livros, como mostra o fragmento abaixo:

As Vidas dos Césares foram publicadas em oito volumes. Cada um dos seis primeiros contém a vida de cada um dos governantes desde Júlio César até Nero, o sétimo volume contém três imperadores de 69 d.C., e o oitavo cobre os três imperadores flavianos. (MELLOR, 2002, p. 148)

A obra suetoniana inicia-se com Júlio César, passando por Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, adentrando o ano dos Quatro Imperadores (Galba, Otho, Vitélio e Vespasiano), culminando nas descrições de Tito, e Domiciano. Nesta coletânea biográfica, por assim dizer, não é possível perceber uma biografia isolada, mas sim inúmeras biografias que se interligam através da sucessão imperial e de acontecimentos que conectam os imperadores. Em nossa visão, não se trata de

biografias que legitimam apenas a figura de um imperador, mas sim de todo o sistema político do Principado Romano.

Para José Luiz Lopes Brandão (2009, p. 20), Suetônio incorporaria em suas biografias tanto as tradições biográficas gregas e romanas, quanto a influência de outros movimentos presentes em seu período, tais como os presentes na biografia peripatética e no estoicismo. Com essa visão, concorda a pesquisadora Andrea Rossi (1996, p. 29), a qual nos diz que o estoicismo está muito presente nas criações biográficas suetonianas, principalmente nas questões sobre as características que comporiam um bom governante, tais como suas virtudes. Ainda de acordo com essa pesquisadora, se faz nítida, em meio às biografias suetonianas, a preocupação com o caráter do biografado. Por este motivo, suas ações políticas, sociais, públicas e privadas são descritas de forma pormenorizada, sempre procurando ressaltar seu caráter, sua moral, suas virtudes e suas falhas (1996, p. 30). Benabou, por sua vez, também concorda com estes apontamentos quando destaca que Suetônio, seguindo caracteres da tradição peripatética<sup>39</sup>, preocupava-se em abordar os imperadores como homens possuidores de virtudes, mas também de vícios, apontando, por conseguinte, suas virtudes e suas falhas, seus acertos e seus erros.

Contudo, a inovação suetoniana, para além de estar centrada apenas nas influências em sua escrita, também estaria alocada no conteúdo descrito pelo autor e nos documentos de que este faz uso para compor seus relatos. Em seus escritos, podemos encontrar inúmeras referências sobre suas fontes.

#### 1.4.3 A documentação utilizada por Suetônio

Em meio aos seus escritos, Suetônio menciona, ocasionalmente, alguns documentos de que faz uso para basear os acontecimentos que relata. Muitos, atualmente, não nos são conhecidos ou até conhecemos, por meio de citações de outros autores, porém eles não duraram até os dias de hoje, como é o caso dos escritos de Asínio Polião. De acordo com Mendonça (2007, p. 88), Polião foi uma pessoa de multifária atividade, sendo militar, político, literato, promotor cultural com a criação de bibliotecas e da instituição das *recitationes*. Segundo obras de

---

<sup>39</sup> Segundo Régis Martin (1996, p. 43), a biografia peripatética estava voltada para a análise do caráter e da personalidade do biografado, ressaltando seus pontos negativos e positivos.

historiadores antigos, esse homem teria lutado ao lado de César durante a Guerra nas Gálias, sendo, assim, testemunha ocular de muitos acontecimentos que narra posteriormente. Segundo Horácio (*Odes* II, 1), as Histórias de Asínio Polião, compostas por volta de 27 – 25 a.C., partiam do consulado de Quinto Cecílio Metelo Céler (60 a.C.), ano também conhecido por ser o do Primeiro Triunvirato. Atualmente, de sua autoria, só possuímos três cartas enviadas a Cícero (*Familiares* X, 31-33), sendo que suas Histórias encontram-se perdidas. Contudo, tanto em Suetônio quanto também em Plutarco, encontramos inúmeras referências sobre estes escritos, o que nos mostra que, no período em que estes escritores criaram suas obras, ainda se faziam presentes em meio à sociedade romana, como podemos notar no trecho a seguir: “Asínio Polião é de parecer que os apontamentos foram redigidos com pouco rigor e pouco respeito à verdade total(...)” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LVI, 4).

Suetônio, em meio a seus escritos, também menciona outros documentos que teria utilizado na composição de seus relatos, dentre estes as Atas do Senado (*O Divino Augusto* XCIII, 3) e Cremúcio (*O Divino Tibério* LX, 3), escritor do final do século I a.C. e início do I d.C., possível criador de Anais, que igualmente não nos chegaram aos dias de hoje.

Durante toda a biografia suetoniana de César podemos encontrar também inúmeras citações às obras de autoria de Cícero (*O Divino Júlio* LVI, 2), além das de autoria do próprio César (*O Divino Júlio* LVI, 1; LX,2).

Inscrições e obras arquitetônicas também aparecem ressaltadas nos escritos suetonianos, principalmente quando este recorre a estas para destacar algum ponto da vida do biografado. Quanto a este aspecto, podemos notar tanto quando o autor relata o local de nascimento de Augusto (*O Divino Augusto* XCIII,1) quando ele descreve a arquitetura da coluna erguida em homenagem a César (*O Divino Júlio* LXXXIV, 3).

No entanto, em nossa opinião, a inovação suetoniana está na incorporação de documentos com os quais outros autores do mesmo período não tiveram contato: as inúmeras epístolas pessoais imperiais. A partir do desempenho de suas funções como *ab epistulis*, Suetônio teve contato com cartas de imperadores, além daquelas de pessoas de seu círculo familiar, pessoal e administrativo. Tais documentos aparecem em todo momento no decorrer de suas biografias, o que lhe denotam um caráter particular e distintivo, uma vez que se trata de informações privadas e, por

muitas vezes, inacessíveis para outros autores. A descrição de tais informações atribui ao autor e às suas obras um caráter peculiar, uma vez que:

Do palácio, o Princeps administra o Império, e Suetônio nos fornece detalhes preciosos do funcionamento desta administração, a qual ele descreve como um profundo conhecedor (...). É certo que encontraremos nele uma abundância de anedotas impiedosas relativas à vida íntima de seus personagens, principalmente dos imperadores, mesmo daqueles que Suetônio sempre respeitou. (BENABOU, 1975, p. 20)

Para nós, além dessa característica suetoniana interligar-se diretamente com as funções que o autor desempenhou no meio imperial, ela está diretamente relacionada com as concepções do próprio autor, as quais estão imbuídas do pensamento estóico e peripatético. Assim, ao tratar de aspectos privados das vidas dos biografados, Suetônio, tentaria compor as suas virtudes e os seus vícios, tanto no âmbito público quanto naquele considerado privado.

#### 1.4.4. *Os Doze Césares: publicação e repercussão*

Não sabemos ao certo a data em que as biografias dos imperadores foram redigidas. Pesquisadores de diversos períodos como Meyer Reinhold (1933, p. 173), Syme (1981, p. 117) e Hugh Lindsey (1994, p. 464) atribuem essa criação ao período em que Suetônio desempenhava a função de *ab epistulis*, ou seja, em meio ao Principado de Adriano. Uma confirmação para tais alegações estaria na dedicação de algumas das biografias a Septicio Claro, Prefeito da Guarda Pretoriana. Ora, Septicio ficou a cargo desta posição no período de 119 a 122 d.C., o que insere neste mesmo arco cronológico a escrita da obra suetoniana, produzida, é curioso notar, em um curto período de tempo. Para pesquisadores como Wallace-Hadrill (1995, p. 07), Suetônio deveria contar com cerca de cinquenta anos, tendo já se estabelecido como uma figura pública e como um autor reconhecido, já com a alcunha de biógrafo, uma vez que a obra *De Viris Illustribus* já fora lançada.

Das obras relegadas à humanidade por Suetônio, esta é a que se encontra mais preservada. O texto que hoje possuímos provém, basicamente, de um manuscrito custodiado na biblioteca da abadia de Fulda<sup>40</sup>, na Alemanha. Segundo G. Conte (1994, p. 37), a primeira menção desde *Códice* foi feita em meados do

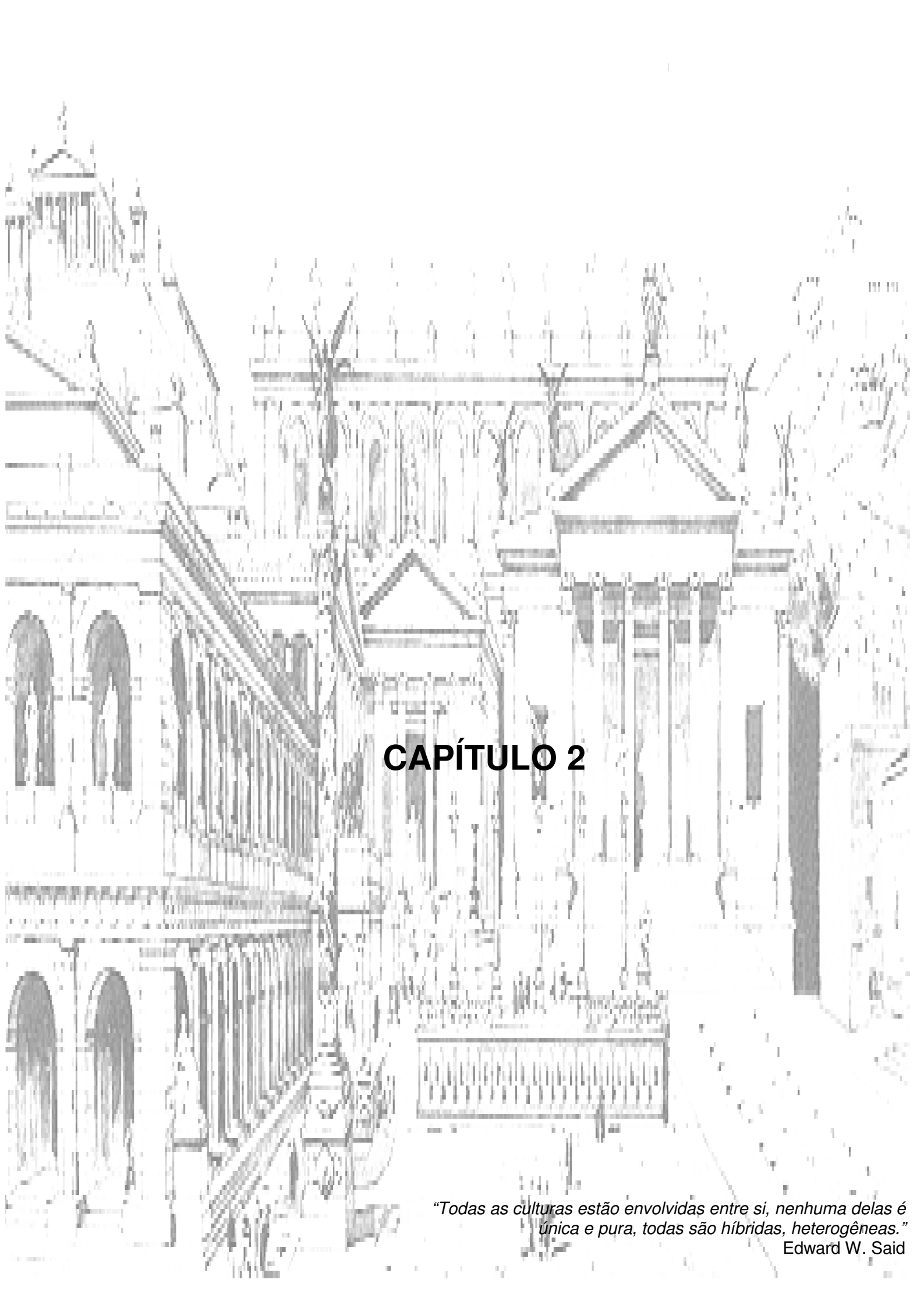
<sup>40</sup> Fulda é um distrito da Alemanha, na região administrativa de Kassel, estado de Hessen.

século IX, quando *Servatus Lupus* solicitou, através de uma carta, o envio da obra em questão. *Lupus* viveu durante a época Carolíngia, ocupando, neste período, a abadia de Ferrière. O beneditino ficou amplamente conhecido por suas obras de cunho teológico e pelo ávido interesse pelos clássicos antigos, tais como aqueles de autoria de Cícero e Suetônio. As cópias dos manuscritos com que teve contato foram vastamente divulgadas, tornando-o, desta forma, um dos principais responsáveis pela difusão do *De Vita Caesarum* no decorrer dos séculos seguintes.

É com uma destas que contamos atualmente, a qual foi encontrada por Henri Mesmes no século XVI em meios aos arquivos do Monastério de San Martins de Tours. Nomeado em homenagem ao seu descobridor, o Códice *Memmianus* apresenta-se dividido em oito livros, com a ausência da dedicatória a Septicio Claro e das páginas iniciais da vida de Júlio César. Assim como aconteceu com as obras de Veléio e Plutarco, no passar dos anos, com as progressivas compilações, a obra suetoniana passou por reduções, ampliações e correções de inúmeros editores e pesquisadores, características notadas no decorrer dos diversos exemplares existentes na sociedade atual.

A partir de meados do século XX, pode-se notar certa proliferação dos estudos acerca de *A Vida dos Doze Césares*. Pesquisadores de todas as partes do globo terrestre passaram a analisar as características da obra, o estilo da escrita suetoniana, os aspectos históricos contidos nas linhas biográficas, além das concepções do autor e de sua época presentes como pano de fundo na narração das vidas dos Imperadores. As biografias passaram a ser vistas a partir de novos olhares, novas tramas. Os historiadores passaram a buscar por novos objetos de estudos, partindo, em vários momentos, de inúmeras perspectivas. Para além de biografias, os escritos suetonianos receberam o título de históricos, deixando assim, suas pegadas nas areias transitórias da História.

Diante do exposto, reforçamos o intuito de analisar a construção da imagem do Imperador Augusto nas obras de Veléio, Plutarco e Suetônio. Analisando suas construções como reflexos de seus próprios tempos, no capítulo seguinte, discorreremos acerca dos contextos políticos, sociais e culturais de cada autor, inserindo-os em suas sociedades, destacando as posições que estes ocuparam e como estas direcionaram seus relatos.



## **CAPÍTULO 2**

*“Todas as culturas estão envolvidas entre si, nenhuma delas é  
única e pura, todas são híbridas, heterogêneas.”*  
Edward W. Said



## **2. ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS: AS VIDAS DE VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA**

### **2.1 Considerações preliminares**

Não existe um texto sem contexto, nem um pensamento sem um autor. Sempre há uma linha de pensamento por trás de tudo que se é dito, escrito ou meramente sonhado. Trata-se do que conhecemos como contexto cultural e político, que vem a ser o conjunto de ideias, valores, costumes e práticas que dão significado a algo que nele está inserido. De um lado, encontramos uma produção intelectual, onde estão alocadas as ideologias, as atitudes, as manifestações. Essa produção intelectual, de acordo com José Ferrater Mora (2000, p. 567), desemboca em ações concretas, práticas realizadas pela sociedade. Essas práticas manifestam-se em obras, públicas ou não, na religião, no comportamento, na educação, na política e na economia. Ou seja, no meio social como um todo.

O mesmo acontece com as obras dos escritores antigos. Elas não estão dissociadas de tudo o mais. Foram pensadas, elaboradas e escritas dentro de uma sociedade específica, com ideais e práticas, dentro de um contexto cultural e político próprios. Sendo assim, os escritos expressam para além das concepções de seus autores, as ideias e ideologias de seu tempo, da época e do meio social em que foram produzidos. Sempre há uma razão que impulsiona a escrita do texto antigo. O autor pode ter se sentido motivado, contratado ou até mesmo obrigado a produzir um texto com características particulares, que ressaltassem certas partes da História em detrimento de outras.

As obras de Veléio, Plutarco e Suetônio não são diferentes nesse quesito. Expressam, em seu pano de fundo, as concepções presentes em suas épocas, nas sociedades de seus criadores. Logo, pode-se dizer que a escrita da História é realizada a partir de reconstruções feitas pelos historiadores e/ou escritores, os quais tomam de início as suas próprias interpretações dos fatos que relatam.

Portanto, para compreendermos as obras de Veléio, Plutarco e Suetônio, faz-se necessário que entendamos suas sociedades, suas características e as principais ideias presentes nelas. Também, é importante que compreendamos quem foi cada

autor, suas respectivas vidas, suas histórias. É com o auxílio do contexto que conseguimos entender com plenitude o significado presente na documentação.

## 2.2 Veléio Patérculo: a história romana através do olhar de um militar

O que sabemos da vida deste personagem romano é pouco. Os seus dados biográficos são escassos e dificilmente permitem que façamos uma ampla análise de sua vida e de seus feitos. No entanto, a dificuldade presente nesta parte da pesquisa histórica não é suficiente para nos reduzir ao mortífero silêncio. Como o próprio Grimal (1992, p. 01) nos mostra, se não é possível adquirir dados sobre o autor através de testemunhos e documentos de sua época, resta-nos seus próprios testemunhos. Testemunhos que estão contidos dentro de sua obra, a qual representa e exprime a história própria de um pensamento e de um período, sendo este interior e exterior ao escritor. No entanto, tais testemunhos devem ser cuidadosamente analisados e contrastados, uma vez que sempre devemos ter o cuidado de levar em consideração, como nos relembra Jenkins (2001, p. 23), a subjetividade do autor presente em seu discurso.

É desta maneira que realizamos nossa coleta de informações a respeito de Veléio<sup>1</sup>. O que não conseguimos encontrar na historiografia sobre sua vida e sobre o período, procuramos diretamente na documentação, nos escritos do autor, sempre trabalhando com a crítica ao documento. Ainda, pelo desempenho deste romano em sua sociedade, analisaremos com maior profundidade os aspectos políticos de sua época para, desta forma, compreendermos as características peculiares inseridas em seu relato.

Logo de início, não sabemos ao certo qual seria o nome do autor de *História Romana*. Como mostra Manzano (2001, p. 07), a edição desta obra realizada em 1520, trazia em sua frente o nome *P. Vellei* e, no corpo do texto, surgia a inicial *C*. Esta nomenclatura pode ter-se derivado de uma citação de Tácito em sua obra *Anais* (*An.III. 39,1*) e, atualmente, é adotada por alguns editores, tais como F. W Shipley, K. Halm e C. Stegman Von Pritzwald e alguns pesquisadores como A. J.

---

<sup>1</sup> Em meio às nossas pesquisas, conseguimos notar que Veléio Patérculo não é um objeto de pesquisa muito utilizado por estudiosos brasileiros. Os estudos sobre este romano na historiografia brasileira são, em sua maioria, trabalhos recentes e compõem uma pequena parte das pesquisas em História Antiga. Sendo assim, em nossa Dissertação, faremos uso, em grande parte, de historiografia estrangeira.

Woodman<sup>2</sup>. No entanto, muitos estudiosos de Patérculo preferem adotar o nome utilizado por Prisciano<sup>3</sup> (GLK II 248,4), *Marcus Velleius Paterculus*.

Como dito anteriormente, da trajetória de Veléio pouco sabemos. Os dados são escassos e, em sua maioria, referem-se aos anos de serviço militar do autor. Sobre a sua vida, o próprio romano, no decorrer de sua obra, mescla a trajetória de sua família com a História romana, contando seus próprios caminhos através dos acontecimentos romanos. Nota-se que o autor romano demonstra orgulho de sua descendência e, de acordo com Sumner (1970, p. 258), aproveita todas as oportunidades disponíveis para ressaltá-la. Tal característica de sua obra, em nossa visão, pode estar relacionada com as aspirações de Veléio à ascensão social através de sua hereditariedade.

Segundo as informações passadas pelo próprio romano, além dos dados descritos por Manzano (2001, p. 07) e Emma Dench (2005, p. 120), Patérculo provinha de ilustres famílias, tanto de vínculos paternos quanto maternos.

Do lado materno, Veléio era herdeiro de Décio Magio, homem ilustre que lutou na Guerra contra Aníbal. Décio chegou a ser capturado por Aníbal, porém escapou, procurando refúgio sobre o comando de Ptolomeu, que o protegeu (SUMMER, 1970, p. 257).

Ainda segundo o autor supracitado, Décio nunca saiu do Egito, ficando lá até sua morte. Seu neto, Minato Magio de Eclano, lutou na Guerra Púnica ao lado dos romanos, sendo presenteado com a cidadania e com a pretura<sup>4</sup> de seus dois filhos<sup>5</sup>, sendo um deles o avô materno de nosso autor. Na época de Minato, sua família

<sup>2</sup> Em sua obra **Velleius Paterculus. The Caesarian and Augustan Narrative** (1983), Woodman faz uso da nomenclatura *C. Velleius Paterculus* ao se referir ao romano.

<sup>3</sup> Segundo M. Baratin, B. Colombat, L. Holtz (2009, p. 12), *Priscianus Caesariensis* foi um importante gramático latino que viveu entre o final do século V ao início do século VI d.C. Nascido em *Caesaria*, na região da Mauritânia, foi o autor de *Institutiones Grammaticae*. Esta obra contém dezoito volumes, sendo que os dezesseis primeiros tratam da fonética e da morfologia latinas e os dois últimos dedicam-se à sintaxe. No decorrer destes escritos, Prisciano faz referências a diversos autores latinos, dentre eles *Marcus Velleius Paterculus*.

<sup>4</sup> De acordo com Canfora (2002, p. 490), a partir de 367 a.C., segundo as *Leges Licinae Sextiae*, o pretor era um magistrado encarregado de exercer em Roma a jurisdição civil, podendo ser escolhido entre os patrícios e entre os plebeus. As eleições para a pretura ocorriam ordinariamente em finais do mês de julho, após os jogos apolinários, festa que favorecia o comparecimento dos eleitores.

<sup>5</sup> Cícero (*Brut.*, 179) menciona um Públio Magio, Tribuno da Plebe em 87 a.C. Este pode ter sido um dos filhos de Minato. Além disso, podem-se encontrar referências de um Marco Magio Suro em uma inscrição localizada em Aeclanum, região da Campânia.

estava estabelecida na *Campânia*<sup>6</sup>, onde ele e seus herdeiros possuíam influência na política (MANZANO, 2001, p. 08).

Podemos, ainda, encontrar referências de um Numerio Magio de Cremona, o qual serviu, no ano de 49 a.C., como *Praefectus Fabrum*<sup>7</sup> sob o comando de Cneu Pompeu Magno, participando do início da Guerra Civil de César.

De seu lado paterno, seu avô Caio Veléio, fazia parte da ordem equestre, tendo sido escolhido por Pompeu Magno, no ano de 52 a.C., para ocupar um dos trezentos e sessenta cargos de juizes especiais no combate à corrupção e à turbulência política que ocorria na sociedade. Nessa época, assim como Numerio Magio, ele ocupava o cargo de *Praefectus Fabrum*, função que ainda exerceu sob o comando de Marco Bruto, provavelmente em sua legião assentada na Macedônia.

Veléio Patérculo relata que, no ano de 41 a.C., após a derrota de Marco Antônio, Caio Veléio<sup>8</sup> ainda ocupava seu cargo, só que, naquele momento, sob o comando de Tibério Cláudio Nero, ex-pretor e pai do futuro imperador Tibério. Nessa mesma época, Caio teria participado da chamada Guerra da Perúsia contra Otávio. No ano seguinte, após sua derrota, ele teria cometido suicídio. Como o próprio autor nos informa: “(...) cujo grupo havia sido simpático com uma amizade singular por ele, como não podia acompanhá-los porque se encontrava envelhecido e fisicamente desajeitado, suicidou-se, transpassando-se com uma espada.” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 76).

Caio deixou dois filhos, que emergiram em meio à política romana. Um deles, Capito, tornou-se partidário de Otaviano, alcançando a Ordem Senatorial. Seu irmão, Veléio, pai do autor aqui estudado, permaneceu na Ordem Equestre, ascendendo ao cargo de *Praefectus Equitum*<sup>9</sup> no exército do Reno e, em 4 d.C., foi substituído pelo filho nessa função.

O nome que levava o irmão do autor romano era Magio Celer Veleiano. Dele, pouco sabemos. Alguns estudiosos afirmam que ele teria sido adotado por M. Magio

<sup>6</sup> Região ao sul da Itália. Tem limites a oeste e sudoeste com o Mar Tirreno, a noroeste com o Lácio, ao norte com Molise, a nordeste com Puglia e a leste com Basilicata. Ver Anexo II.

<sup>7</sup> O *Praefectus Fabrum* trata-se de um cargo ocupado por um funcionário escolhido, pelo Pretor ou pelo Pró-Consul. Ele ficava responsável por determinadas funções, sendo que, em sua maioria, estas eram sigilosas. Posteriormente, no governo de Augusto, o cargo passou por modificações, assumindo o caráter de posto honorífico.

<sup>8</sup> É curioso notar que, por ter ocupado cargos proeminentes dentro da sociedade romana, não encontramos, na historiografia contemporânea, dados e informações complementares a respeito da vida deste personagem, fato que não nos impede de retirarmos, após uma análise crítica, sua história particular das palavras de seu herdeiro.

<sup>9</sup> Prefeito da Cavalaria. Era aquele que gerenciava a cavalaria durante a batalha.

Máximo, prefeito do Egito junto com Augusto; outros sugerem que foi adotado por Numerio Magio. De seu irmão, Veléio apenas nos informa que este teria lutado com Tibério contra os Dálmatas em 9 d.C. e que obteve a Pretura em 14 d.C..

Para alguns pesquisadores, o pai de nosso autor também teria servido sob o comando de Marco Vinício, dado significativo para entendermos as relações do seu filho com este personagem. Além disso, devemos levar em consideração os laços<sup>10</sup> estabelecidos com a família de Tibério, futuro imperador, o que pode explicar ou não os sentimentos do autor para com ele.

A respeito da vida do próprio Veléio, só conhecemos sua carreira militar, a qual se estendeu por doze anos, e o desempenho na função de *Pretor*, em companhia de seu irmão, no ano 14 d.C.. Estipula-se que ele tenha nascido por volta de 19 a.C., durante o governo de Augusto, nos primórdios do Principado Romano.

Segundo Diana Browder (1989, p. 268), Marco Veléio Patérculo teria iniciado sua participação na vida política romana em meados do ano 2 d.C. Para Sumner (1970, p. 265), a carreira do autor derivava do atrelamento de sua família com a sociedade e com a política romana. Todas as conexões feitas pelos membros de sua família foram claramente importantes para a carreira de Veléio, o qual foi beneficiado por uma ascensão relativamente rápida no meio político-administrativo romano.

Ainda, para o autor supracitado, Patérculo teria iniciado o Tribunato Militar na Trácia e na Macedônia sob o comando de Marco Vinício<sup>11</sup>. Durante esse período, o jovem romano pode ter conhecido Augusto, uma vez que o Imperador se encontrava em visita oficial às Províncias Romanas da região do Danúbio na mesma época.

Na continuidade da ascensão de Veléio, em sua carreira militar, podemos encontrar registros, como já dito anteriormente, que ele serviu como *Praefectus Equitum* sob o comando de Tibério, futuro Imperador romano, na ocasião da *Campanha do Reno*, em 4 d.C.. Nas palavras do próprio autor:

<sup>10</sup> Citamos aqui a possível relação de *amicitia* estabelecida entre a família de Veléio e Tibério Cláudio Nero. Segundo Paul Burton (2004, p. 211), apesar de haver uma conformidade sobre a importância da amizade dentro da sociedade romana, não existe, dentro da mesma sociedade, um significado único que definisse *amicitia*. Para este autor, esta possuía uma instabilidade própria e baseava-se no conceito de *fides*, o qual se relacionava com a fidelidade de uma pessoa a outra, algo visto como extremamente subjetivo.

<sup>11</sup> Segundo Ronald Syme (1960, p. 400), o tempo de comando de *M. Vinicius* é bem incerto, podendo se estender até 14 d.C. O autor defende que, independente da extensão de seu comando, Vinício foi um proeminente homem dentro da sociedade romana e que manteve cordiais relações políticas com o *Princeps* e com sua família.

Nesta época, depois de ter desempenhado as funções de tribuno militar<sup>12</sup>, cumpri meu serviço no acampamento de Tibério César, porque fui enviado com ele, imediatamente depois da adoção, à Germânia como prefeito da cavalaria, sucedendo meu pai neste cargo; assim, fui espectador e, no alcance de minha mediocridade, colaborador, na qualidade de prefeito e de legado, de suas insuperáveis ações durante nove anos seguidos. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 104)

Em meio ao seu Tribunato, ao retornar a Roma em 6 d.C., Veléio foi designado *Questor*<sup>13</sup>. De acordo com Alice Maria de Souza (2010, p. 30), em concordância com a historiografia aqui já utilizada, esta promoção aconteceu por influência direta de M. Vinício e Tibério. Na concepção de Manzano (2001, p. 09), após ser designado para esta função, ele teria acompanhando o futuro governante na Guerra da Ilíria e, em finais do ano 12 d.C., teria participado dos triunfos provenientes desta.

Apenas após esta última campanha militar, em 14 d.C., ele e seu irmão, Veleiano foram eleitos Pretores. Podemos observar que sua candidatura encontrava-se apoiada pelo Imperador, uma vez que, como demonstram Shackleton Bailey (1984, p. 447) e Claire Feuvrier-Prévotat (1989, p. 498), eles estavam na lista *candidat Caesaris*<sup>14</sup>. Estipula-se que, nesta época, Veléio contava com trinta e três anos, tendo nascido por volta de 19 a.C., e adentrado o serviço militar com dezessete anos.

Depois de seu cargo como Pretor, pouco sabemos sobre a carreira política de nosso autor. Não há resquícios de outros cargos que possa ter exercido, muito menos de um futuro consulado (SUMNER, 1970, p. 275). No entanto, em meio a seus escritos, podemos notar como pano de fundo sua posição na política romana desta determinada época. Ele escreve como se tivesse sido testemunha ocular do processo senatorial de Druso Libo, em 16 d.C. (VELÉIO PATÉRCULO, *História*

<sup>12</sup> Segundo Canfora (2002, p. 494), os tribunos militares (*Tribvni Militvm*) eram oficiais no comando da legião (seis por legião, vinte quatro em um exército comum, o qual é composto por quatro legiões), com, pelo menos, cinco anos de experiência em atividades militares. Tais homens sucediam-se no comando a cada dois meses

<sup>13</sup> *Questor* deriva da palavra latina *Quaestor*. Em 509 a.C., com a *Lex Valeria de quaestoribus*, os questores se tornaram magistrados públicos e foram ainda encarregados da administração do tesouro (*aerarium*). Os questores podem se dividir em: *quaestores urbani*, *aerarii*; *quaestores pro praetore* e *quaestores classici*. De acordo com Richard Talbert (1984, p. 16) e Canfora (2002, p. 481), a questura consistia em uma magistratura integrante do *Cursus Honorum* e tornava o seu detentor elegível para entrar no Senado.

<sup>14</sup> Estar nesta lista, segundo Sumner (1970, p. 274), significava eleição certa.

*Romana II*, 129). Aparece ainda, em relatos da época, um homem de nome *P. Vallaeus* que, em 21 d.C., foi o responsável pela contenção de uma rebelião de tribos na região da Trácia. Se este militar é nosso autor, não sabemos. No momento, não existem pesquisas que comprovem ou neguem tal suposição.

A morte de Veléio também tem seu quê de mistério. Syme (1978, p. 44) suspeita que o autor possa ter sucumbido algum tempo após a queda de Lúcio Aélio Sejano<sup>15</sup>, amigo próximo de Marco Vinício, em 31 d. C.. Para Manzano (2001, p. 09), a dedicatória de sua obra a Vinício, realizada um ano antes, foi fatalmente inoportuna para Veléio.

Marco Veléio Patérculo deixava suas pegadas nas areias da História. Legou à sociedade romana dois filhos e um extenso legado militar e político. Seus escritos que chegaram até os dias de hoje provam que vivenciou muito do que relata. Contamos a História romana, através de seu peculiar olhar, tendo suas opiniões estampadas em diversos trechos, com inúmeras particularidades. Entender seus objetivos e seus motivos depende apenas de nós, leitores críticos, estudiosos e admiradores.

### 2.2.1 O contexto político<sup>16</sup> de Patérculo: o governo de Tibério e o papel de Sejano

Como já dito, é o texto que nos direciona para seu contexto. Em outras palavras, é a partir da leitura da obra velleiana que conseguimos perceber as reminiscências do período no qual ela foi escrita. Apesar de não sabermos precisamente quando a História Romana de Veléio foi elaborada, os relatos do autor a colocam em concordância com os acontecimentos presentes no decorrer do governo de Tibério, considerado, por alguns pesquisadores, o segundo Imperador romano<sup>17</sup>. Ainda mais importante, Veléio fez parte efetiva da vida deste Imperador,

<sup>15</sup> De acordo com Sandra Jean Bringham (1999, p. 62), Sejano foi um destacado equestre, o qual figurou em importante papel dentro da sociedade romana. Assumiu o cargo de Prefeito da Guarda Pretoriana no ano de 14 d.C. até sua morte, em 31 d.C.. Introduziu um grande número de reformas na guarda, o que fez com que esta desempenhasse um papel maior dentro da política e da sociedade imperial. Em 31 d.C., foi acusado de conspiração contra o Imperador Tibério, sendo executado juntamente com seus seguidores.

<sup>16</sup> Demos precedência, neste momento, por uma contextualização realizada a partir da sucessão imperial, uma vez que um de nossos objetivos é a análise da criação da imagem de *Princeps* Ideal em torno de Augusto pelos autores antigos aqui selecionados.

<sup>17</sup> Para Suetônio, Tibério teria sido o terceiro Imperador, uma vez que este autor considera que Júlio César foi o primeiro. Este aspecto também está presente na obra velleiana, uma vez que este chama, inúmeras vezes, Júlio César de *Princeps* e classifica o período em que este esteve a frente do governo de Roma como um Principado.

inclusive em um período em que este desempenhava funções militares durante o governo de Augusto. Entender o período de Tibério se faz importante, porque a vida de nosso autor se mescla e aparece intrinsecamente interligada a este, o que vincula ainda mais a sua obra com a intenção de legitimação do sistema político do Principado Romano.

Tibério Cláudio Nero César administrou Roma de 14 d.C. até 37 d.C., ano de sua morte. Este foi um período turbulento, marcado por conspirações e violentas disputas pelo poder, as quais eram remanescentes da transição da República para o Principado.

Ao morrer, Augusto não deixava um filho homem, do próprio sangue, para lhe suceder no comando de Roma<sup>18</sup>. De acordo com Robin Seager (2005, p. 30), a primeira escolha do *Princeps* teria sido Marcelo que, além de ser seu sobrinho, havia se casado com sua filha Júlia, fruto de um de seus casamentos. No entanto, seu futuro sucessor faleceu em 23 a.C., trazendo à tona, mais uma vez, o problema da sucessão imperial.

Júlia casou-se novamente, desta vez com Agripa, com o qual teve dois filhos, Caio César e Lúcio, e uma filha, Agripinna, sendo que os dois homens, de acordo com Christopher Simpson (1996, p. 64), constituíam-se em prováveis sucessores do eminente avô. Mais uma vez, os descendentes de Augusto foram vítimas de mortes precoces, falecendo antes de seu patriarca. Novamente, podemos notar como o casamento era utilizado em Roma para fins políticos. A viúva de Agripa, desta vez, uniu-se a Tibério.

Tibério era fruto da união entre Lívia e Tibério Cláudio Nero. Sua mãe, após tornar-se viúva pela segunda vez<sup>19</sup>, casou-se com Augusto, o qual adotou seus filhos. Por sua vez, Tibério, por vontade de Augusto (SEAGER, 2005, p. 33), adotou Germânico<sup>20</sup>, filho de seu irmão e esposo de Agripinna.

Em 7 d.C., um dos possíveis herdeiros, Agripa Póstumo, foi exilado na ilha de Planásia, sem nenhuma explicação aparente. Na ocasião da morte de Augusto, em 14 d.C., restavam apenas dois prováveis sucessores: Tibério e Germânico, sendo

---

<sup>18</sup> Ver Anexo III referente a genealogia da Dinastia Júlio Claudiana.

<sup>19</sup> Lívia casou-se com Tibério Cláudio Nero, o pai de Tibério, e com Marco Vipsiano Agripa, pai de um filho de mesmo nome, também conhecido por Agripa Póstumo.

<sup>20</sup> Germânico também é citado na historiografia como Druso, nome que recebeu ao nascer. O nome *Germanicus* é utilizado após a sua adoção.



que apenas Tibério contava com idade suficiente para ascender ao cargo. De acordo com David Shotter:

A sucessão de Tibério ao comando do Principado havia sido algo inesperado; por toda sua vida, Augusto mostrou uma forte inclinação para ser sucedido por alguém de sua própria família, a Juliana. A emergência de Tibério foi o resultado das mortes prematuras dos candidatos preferidos de Augusto. (SHOTTER, 1992, p. 72)

Grimal, em sua obra *O Império Romano* (1993), concorda com a visão expressada por Shotter de que Augusto não nutria bons sentimentos em relação à escolha de Tibério como seu sucessor. Esta teria sido, por ironia do destino, sua última opção (GRIMAL, 1993, p. 85). Já de acordo com Seager: “(...) Que Tibério era a escolha de Augusto como seu sucessor imediato não se pode duvidar (...)”. (SEAGER, 2005, p. 37). Nota-se que a historiografia a respeito do tema apresenta certas divergências. De como Augusto enxergava seu sucessor, pouco sabemos. Em meio às nossas pesquisas, foi-nos possível observar que a atitude do Imperador com seu filho adotivo aparentava ser meio receosa. Somente quando as outras alternativas falharam, o *Princeps* optou por Tibério e, mesmo assim, com a condição da adoção de Germânico por parte deste.

Independente do desejo inicial de Augusto, o novo imperador Tibério ascende ao cargo contando com cinquenta e cinco anos<sup>21</sup>. Inicialmente, fez menção de não aceitar os títulos imperiais e de propor a restituição do poder integral ao Senado. De acordo com Barbara Levick (1999, p. 50), o lapso temporal entre a morte de Augusto e a nomeação de Tibério dá a impressão, nas obras de escritores antigos, que o novo Imperador tardou em aceitar sua nova posição. Tal atitude é vista, pelos mesmos historiadores, de maneiras diversas. Para Tácito (*Anais* II, 2), a hesitação de Tibério era regida por dois fatores: cautela e astúcia. Segundo ele, o futuro governante pretendia o comprometimento do Senado em sua candidatura, o que faria com que surgisse como candidato escolhido e não imposto. Já para Suetônio e Dion Cássio, a atitude de Tibério era envolta por medo, de conspirações ou de revoltas por parte do exército e da sociedade romana. Em nossa visão, Tibério intenta percorrer um caminho muito parecido com o de Augusto, aproximando-se, desta forma, daquele que era seu antecessor e seu pai adotivo. Assim, aparenta as

<sup>21</sup> Segundo Anthony Barrett (2002, Preface), Tibério nasceu por volta do dia dezesseis de novembro de 42 a.C..

mesmas atitudes e precauções com a sua ascensão ao cargo de Imperador e com as instituições tradicionais republicanas, tais como o Senado. A aproximação de Tibério com Augusto pode ser notada, inclusive, na obra velleiana, quando o autor exalta a imagem de Augusto para, desta forma, também glorificar e legitimar o governo daquele que seria seu herdeiro, Tibério.

A data em que Tibério recebe o título de Imperador é imprecisa. Para alguns historiadores antigos e pesquisadores recentes, isso ocorreu logo no início de setembro. Para outros, aconteceu em outubro de 14 d.C., logo após a segunda reunião mensal do Senado, que ocorria nos *Idos* de Outubro (por volta do dia quinze).

Apesar das oposições a Tibério<sup>22</sup>, este, no decorrer de seu Principado, não alterou de forma drástica as reminiscências institucionais provenientes da República. A *Questura*, a *Pretura* e o *Consulado* continuaram, de certa forma, cargos reservados a quem atingisse a ordem senatorial<sup>23</sup>. Neste período, a estrutura social romana não apresentava substanciais modificações com relação à sociedade republicana. As modificações foram gradativas e, mesmo que tivessem sido iniciadas durante a época augusteana, no Império de Tibério estas não chegaram a tomar proporções maiores. O Senado, pelo menos formalmente, continuou com suas funções republicanas, ainda que estas fossem diminuídas pelo poder imperial e que a ascensão a esta instituição dependesse, neste momento, também da vontade imperial.

Como no governo de seu predecessor, no Principado tiberiano, a propaganda política e social, de acordo com Starr (1981, p. 164), era utilizada para solidificar a imagem do *Princeps* e do novo sistema de governo. O Imperador expunha-se como um conservador da *res publica*, não sendo disseminada a concepção de rompimento entre República e Principado.

---

<sup>22</sup> Pesquisadores como Zvi Yavetz (1984, p. 148), Levick (1999, p. 70) e Shotter (2004, p. 22) enxergam uma grande oposição ao governo tiberiano, tanto por parte do Senado quanto por parte de outras parcelas da sociedade romana. Contudo, sobressaltou-nos a percepção de Veléio, o qual nada fala sobre essa oposição ao governo de Tibério. Pelo contrário, o autor romano sempre parece querer destacar o destaque que esse *Princeps* teve em meio a sua sociedade, sociedade esta que, segundo o autor, muito bem o acolheu (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 112, 121, 122, 126, 129). Para nós, ao legitimar a figura deste *Princeps* e, por conseguinte, seu governo, Veléio buscava também a legitimação do sistema político do Principado como um todo.

<sup>23</sup> Isso foi modificado aos poucos, quando os equestres passaram a adquirir maior destaque dentro da sociedade romana através da intercessão dos Imperadores. Como fruto desta gradativa modificação, podemos encontrar Veléio Patérculo, equestre que ocupou cargos sob proteção do Imperador, os quais, antigamente, só eram destinados aos senadores.

Para Dench (2005, p. 300), tanto Augusto quanto Tibério exerceram o controle da memória. A memória tornou-se seletiva, principalmente aquela transmitida por obras literárias. A diferença entre os dois governos é que, na época de Augusto, exaltava-se a imagem do *Princeps*, do soberano. Já no decorrer do governo de Tibério, para além disso, a literatura era designada para auxiliar na propagação da memória oficial sobre a História romana e seus personagens. Tal aspecto, a nosso ver, cabe totalmente à obra velleiana, a qual também tenta legitimar o sistema político do Principado Romano através da legitimação e da construção de imagens benéficas de seus governantes, tais como Júlio César, Augusto e Tibério.

De acordo mais uma vez com Shotter (2004, p. 40), tudo leva a crer que, em 21 d.C., Tibério retirou-se para a Campânia, passando a governar através do intermédio de um dos poucos homens de sua confiança, Sejano.

Lúcio Aélio Sejano ocupava um lugar de destaque dentro da sociedade romana. Membro da ordem equestre, na ocasião da morte de Augusto, encontrava-se, juntamente com seu pai, no comando da Guarda Pretoriana. Em 15 d.C., já no Principado tiberiano, seu pai foi designado ao cargo de Prefeito do Egito, deixando Sejano como comandante único da Guarda Pretoriana, a qual, neste momento, também era a responsável pela segurança do Imperador.

No entanto, a importância deste cidadão não se encontrava apenas na função que desempenhava. Sejano possuía inúmeros contatos e ligações familiares com vários senadores romanos, o que o colocava em posição privilegiada para lidar com assuntos de ordem política, social e militar dentro de Roma. Nas concepções de Barret (2001, p. 48), Sejano conquistou a confiança Tibério principalmente por meio de suas boas relações com destacados homens e políticos da sociedade romana. Isso fez com que este se tornasse um dos principais homens em meio à sociedade romana, desempenhando, em decorrência disto, funções administrativas e militares no Império Romano.

Em 31 d.C., Tibério se encontrava estabelecido em Capri, enquanto Sejano tornava-se Cônsul por sua indicação. Tudo leva a crer que, segundo a historiografia aqui já citada, foi ocupando esta posição que o então homem de confiança do Imperador começou a elaborar um golpe para tirá-lo do poder. Quando Tibério foi informado a respeito da traição, a conspiração já estava em andamento e tinha

levado seu filho Druso como vítima. Sejano e seus comparsas foram acusados perante o Senado e, mediante a uma proscrição, executados.

A partir da morte de Sejano, a historiografia sobre o período determina outra etapa do Principado tiberiano. De acordo com Levick (1999, p. 160), inaugura-se um novo período no governo de Tibério, onde as proscrições contra os seguidores e amigos de Sejano são inúmeras e aterrorizam inúmeros cidadãos romanos, além de que, nessa época, começa a surgir no cenário político romano a figura de Calígula, futuro Imperador.

Logo, tratou-se de um período marcado pelo uso abusivo da Lei de Lesa Majestade que, reformulada por Augusto e também por Tibério, passou a prever punição severa não só para os atos de traição contra os interesses de Roma, mas também para qualquer sentença, pronunciada ou escrita, que denegrisse ou agredisse a imagem do Imperador. Segundo o pesquisador Steven Rutledge (2001, p. 95), o número de delatores neste período aumentou de forma significativa, sendo estes movidos por interesses pessoais ou em detrimento dos interesses de Senadores que procuravam se livrar do comando de Tibério. O desenrolar dos acontecimentos não se mostrou favorável para o Imperador, uma vez que este passou a ser interpretado pelo Senado como inimigo.

Da morte de Tibério e do final de seu governo, pouco sabemos. O *Princeps* faleceu em Capri, envolto em uma atmosfera de medo e desconfiança. Ainda isolado, não podemos definir ao certo qual teria sido a causa de sua morte nem seus executores. De acordo com as informações disponibilizadas por Tácito (*Anais*, VI, 50), Calígula e Macro seriam os responsáveis pela morte do Imperador, que contava com setenta e sete anos de idade.

Ao analisarmos a vida de Veléio e o contexto histórico, político, social e militar da sociedade romana de sua época, podemos perceber como os acontecimentos se mesclam. Patérculo protagonizou um papel de destaque dentro de sua sociedade. Participou de diversos acontecimentos militares e políticos. Adentrou o círculo de conhecidos do Imperador Tibério; demonstrava uma nada comedida admiração por este, assim como também por seus antecessores, Júlio César e Augusto. Admiração esta espelhada em sua obra e que, em nossa visão, além de legitimar e consagrar a imagem destes *Princeps*, também não deixava de corroborar o sistema político do

Principado Romano. Para isto, fez uso da tradição e da memória romana acerca destes personagens, tradição esta já presente em meio à sociedade de seu tempo.

### **2.3 Plutarco: a vida de um biógrafo greco-romano**

As obras de Plutarco são muito estudadas desde sua produção, passando pelas épocas medieval, moderna até atingir a contemporaneidade. No entanto, sua vida apresenta para nós trechos misteriosos. Assim, para conseguirmos entender seu papel nas sociedades por onde passa, além de utilizarmos as informações que o próprio autor nos passa em suas obras, fizemos uso da historiografia que nos é contemporânea, a qual nos possibilita uma importante compreensão acerca deste curioso personagem.

Não sabemos ao certo a data de nascimento deste ilustre escritor. A historiografia sobre o assunto apresenta múltiplas informações que, por vezes, são contraditórias. De acordo com Bernadotte Perrin (1967, p. XI), Plutarco nasceu por volta de 45 d.C, data esta com a qual o historiador brasileiro Pedro Paulo Abreu Funari (2007, p. 131) concorda. Já para Pierre Maréchaux (2003, p. IX), ele teria nascido em meados de 66 d.C..

Independente do ano, sabemos que Plutarco nasceu no século I d.C., em uma pequena cidade chamada Queroneia, interior da Beócia, região localizada entre os golfos de Eubéia e Corinto, próxima a Tebas<sup>24</sup>. Esta foi palco de uma sangrenta batalha entre gregos e macedônicos em 338 a.C., como nos mostra Terry Buckley (1996, p. 360), durante a expansão macedônica de Filipe II. Após a disputa, Queroneia, assim como toda a Beócia, passou a ser comandada pelos vencedores macedônicos, inclusive Alexandre Magno<sup>25</sup>. Na ocasião do nascimento de Plutarco, Queroneia encontrava-se sob domínio<sup>26</sup> de Roma.

Por assim dizer, a vida de Plutarco transcorreu sob os Césares. Nero e os três imperadores que lhe sucederam, nos decorrer de 68 e 69 d.C, durante sua infância, educação e formação. Em sua maturidade, passou pelo governo dos

---

<sup>24</sup> Ver Anexo IV.

<sup>25</sup> A colonização macedônica de Queroneia faz-se importante explicitar pois, em sua época, Plutarco aparece como um admirador de Alexandre e de seus feitos, o que pode vir a ser explicado pela sua relação com a cultura macedônica.

<sup>26</sup> Após sucessivas disputas, o território beociano passa ao domínio romano por volta de 148 a.C..

Flávios e, enquanto envelhecia e entregava-se ao estupor eterno, conheceu os Impérios de Nerva, Trajano e Adriano.

Filho de Autóbulo e neto de Lâmprias, o autor fez parte da nobreza de sua sociedade, o que lhe abriu inúmeras possibilidades. O fato de Plutarco nascer em meio a uma família abastada é significativo para explicar os estudos e a carreira que o jovem grego percorreu. Além disso, seu avô Lâmprias destacava-se, em meio à sua sociedade, por demonstrar interesses por assuntos variados, indo da botânica à filologia, passando nos caminhos da História. Tal interesse foi seguido pelo neto que, segundo a pesquisadora Zigler (2009, p. 49), ao completar vinte anos, com o incentivo e auxílio de sua família, seguiu para Atenas, conhecido centro de formação educacional para gregos e romanos.

O homem de letras, seja ele um filósofo ou apenas um estudioso, adquire, dentro da sociedade greco-romana, uma certa ascensão social e política ocasionada por sua profissão. Este era o caso de *Ammonius*, egípcio por nascimento, o professor de Plutarco, que, como nos mostra Jacques Boulogne (1994, p. 20), gozava de prestígio intelectual no governo de Nero e foi apresentado a seu pupilo como líder filosófico e general *hoplita*. Também sobre *Ammonius* podemos citar Jones:

Ammonius, o professor de Plutarco, pertence a essa companhia. Como filósofo ele é mais interessante por causa de seu mais famoso pupilo. Na administração de Atenas sobre o Principado, no entanto, ele se mantinha em uma importante posição que vale a atenção do historiador. (JONES, 1967, p. 205)

O mestre de Plutarco era reconhecido em Atenas como um discípulo ardoroso do trabalho de Platão. É sobre sua influência que o jovem grego desperta seu interesse pelos ensinamentos platônicos, apesar de ter estudado os fundamentos da Física, da Medicina, da Matemática e das Ciências Naturais. Entretanto, Plutarco encontrou seu caminho em meio à filosofia de matriz platônica, principalmente em assuntos relacionados à ética e à moral. Suas obras demonstram o pensamento estóico vigente em sua época, fator muito estudado pela historiografia contemporânea. Segundo Philip A. Stadter (2002, p. 01), foi nesta época que Plutarco iniciou a escrita de seus estudos diversos.

A estada em Atenas foi-lhe muito proveitosa, não só academicamente como também socialmente. No período em que lá permaneceu, o jovem beociano foi

aclamado com a cidadania ateniense, símbolo de seu prestígio em meio a essa sociedade (FUNARI, 2007, p. 131).

Ao finalizar seus estudos em Atenas, Plutarco retornou à terra beociana, onde pouco fica. Após um curto período em Queroneia, o jovem foi chamado para representar o governador da Província grega (PERRIN, 1967, p. IX). Neste posto, viajou extensivamente por terras gregas<sup>27</sup> e romanas, chegando a passar pela Cílicia, Ásia Menor e Alexandria. Ao ultrapassar novas fronteiras, aumentou seus conhecimentos, adquirindo relatos e documentos que foram utilizados na composição de suas obras.

O futuro escritor grego retornou à sua terra natal, quando contava com pouco mais de vinte anos. Lá, casou-se com Timossena, tendo cinco filhos, sendo que três destes faleceram ainda novos. Ainda em sua cidade, assumiu cargos políticos e, por inúmeras vezes, viajou a Roma.

Nesta época, Roma passava por um período onde a produção intelectual gozava de privilegiado destaque entre a elite romana. É neste cenário que Plutarco ministrou diversas palestras que lhe proporcionaram certa notoriedade, aproximando-o, desta forma, de romanos politicamente influentes, tais como *Mestrio Floro*<sup>28</sup>, um incentivador cultural de sua época. Como mostra Bucley, o círculo de amigos de Plutarco incluía membros do meio consular, como Floro e Sósio Senécio, a quem o autor dedicou parte de suas biografias. Estas relações políticas trouxeram valorosas recompensas ao escritor beociano, dentre as quais poderia estar o cargo de Procurador da Acaia<sup>29</sup> (1996, p. 11).

Para esta autora, já considerado um romano, pois possuía o que hoje já entendemos como tripla cidadania<sup>30</sup>, Plutarco passou a exercer importantes cargos administrativos em Roma, tais como quando Trajano o honrou com a *ornamenta consularia*, título destinado àqueles que não pertenciam ao Senado, e quando

<sup>27</sup> Podemos encontrar referências destas viagens em FLACELIÈRE, R., CHAMBRY, E. e JUNEUX, M., 1957.

<sup>28</sup> Quando Plutarco recebeu a cidadania romana, ele adotou o sobrenome da família de Mestrio Florus. Tal dado é significado na demonstração da conexão entre o beociano e este importante personagem romano.

<sup>29</sup> Segundo Antônio Carlos Azevedo (1999, p. 366), Procurador ( *Procurator* em latim) constituía-se em uma importante magistratura romana designada a romanos de destaque. Este funcionário desempenhava funções administrativas, normalmente vinculadas a áreas financeiras e patrimoniais. A partir do Principado augusteano, o procurador passou a ganhar maior destaque dentro da política romana, podendo alcançar o cargo de Governador de Províncias romanas e/ou imperiais. A *Acaia* é uma prefeitura da Grécia sob comando romano, situada na costa norte do Peloponeso.

<sup>30</sup> Plutarco possuía tripla cidadania, pois era aclamado com as cidadanias grega, ateniense e romana.

Adriano o fez Procurador Honorário da Grécia (ZIEGLER, 2009, p. 51). No entanto, se o autor exerceu ou não estas funções, não sabemos afirmar. A historiografia sobre tal aspecto é ambígua e não chega a claras conclusões. Como exemplo, podemos citar Rossi: “Plutarco (...) escolheu fixar-se em Queroneia, dedicar-se à sua família, à sua cidade, ao santuário de Delfos, aplicando-se não à palavra, mas à pesquisa e à escrita.” (2005, p. 107). A pesquisadora não assinala o desempenho de cargos políticos ou administrativos romanos por Plutarco.

Apesar destas discrepâncias, os pesquisadores aqui consultados são unânimes em afirmar que Plutarco adquiriu certa importância dentro da sociedade romana. Em nossa concepção, faz-se possível que o autor tenha sido agraciado com certas funções administrativas em meio a essa sociedade que o adotava como um de seus membros. De acordo com Perrin: “Ele construiu e manteve uma grande familiaridade com os romanos proeminentes de sua época, e estava familiarizado com as questões políticas (...)”. (1967, p. XII).

Portanto, a familiaridade com a qual relata os aspectos políticos romanos em seus diversos escritos pode ter sido adquirida diretamente da fonte, a política romana dos séculos I e II d.C.. As relações com romanos influentes e, talvez, a participação direta no desempenho de funções administrativas, favoreceram-lhe o contato com relatos e documentos oficiais, os quais compuseram o acervo documental que o autor utiliza para compor suas obras. Neste momento, notamos ainda que Plutarco, ao desempenhar funções administrativas, aproximou-se de Veléio e de Suetônio nesse quesito, sendo que ambos, cada um a seu tempo, também exerceram funções em meio a administração imperial<sup>31</sup>.

No entanto, apesar de seu prestígio em meio a essa sociedade, Plutarco retorna à sua pátria, que lhe era de muito apreço, como ele deixa transparecer em meio a seus escritos<sup>32</sup>, uma vez que foi o berço de poetas estimados, tais como *Hesíodo*, *Píndaro* e *Epaminondas*. Segundo Judith Mossman (1999, p. XVII), ainda casado, no ano de 95 d.C., Plutarco é nomeado Sacerdote Laico do Templo de

---

<sup>31</sup> Já vimos, no início deste capítulo, quais foram as funções desempenhadas por Veléio. As de Suetônio, trataremos posteriormente, no itens acerca de sua vida.

<sup>32</sup> Estes não seriam as *Vidas Paralelas* e, sim, a *Moralia*. As várias obras plutarquianas serão abordadas posteriormente.



Apolo, passando a dividir seu tempo entre Queronéia e Delfos<sup>33</sup>. Para Simon Swain (1999, p. 102), nesta função, permaneceu por mais de vinte anos<sup>34</sup>. Em meio a este ofício, foi incumbido de organizar os Jogos Píticos<sup>35</sup>, além de presidir as assembleias da liga dos povos da Grécia Central.

Mostra-se, desta maneira, como Plutarco constituiu-se em um indivíduo de diversas facetas, tal como nos mostra o historiador Funari: “ Plutarco encarna muito bem essa fluidez de identidades, cidadão de muitas cidades, grego, mas romano (...)”. (2007, p. 134)

Tal característica flutuante, por assim dizer, do autor grego possibilita-nos a compreensão de diversos aspectos de suas obras, principalmente as intituladas “*Vidas Paralelas*”, em que o escritor utiliza tanto seus conhecimentos e fontes da sociedade grega quanto da sociedade romana para relatar a vida de personagens ilustres em ambas.

O então escritor, sacerdote, homem grego e, concomitantemente, romano, faleceu por volta 125 d.C., relegando à humanidade, além de suas muitas obras, ensinamentos sobre a moral, a política e a religião.

---

<sup>33</sup> Delfos localiza-se nas encostas do monte Parnaso. O santuário comportava, além dos edifícios religiosos, um ginásio, um estádio e um teatro com capacidade em torno de cinco mil espectadores. Ver Anexo V.

<sup>34</sup> Plutarco é nomeado sacerdote laico do templo de Apolo no ano de 95 d.C., terminando seu sacerdócio por volta de 116 d.C..

<sup>35</sup> De acordo com P. Errandonea (1989, p. 450), depois dos *Jogos Olímpicos*, os *Jogos Píticos* eram os mais importantes da Grécia. Esses jogos se diferenciavam dos demais por abrigar, além das competições esportivas, competições artísticas, as quais eram realizadas de quatro em quatro anos, nos intervalos entre as Olimpíadas, sempre no início de setembro. O primeiro dia dos jogos era dedicado às cerimônias religiosas: realização do sacrifício e de uma procissão, com a presença de todas as delegações oficiais. A primeira celebração dos jogos em seu formato definitivo, com provas atléticas e provas musicais, ocorreu no início do século VI a.C., mais precisamente em 582 a.C.. Iniciou-se, então, a era das *Pitíadas*, que durou até o final do século IV d.C., quando o Imperador romano cristão Teodósio decretou o seu fim. A responsabilidade pela organização dos Jogos cabia aos *Anfictíones*, administradores do santuário do deus. Eles nomeavam como comissários os *hieromnêmones*, encarregados de tomar todas as providências necessárias para a realização do evento. Eram eles que cuidavam da divulgação da festa, da inscrição dos candidatos, da aplicação dos regulamentos, exercendo, também, o papel de juízes das competições. Como os *helanódices* de Olímpia, os *hieromnêmones* eram assessorados por um corpo policial e por um arauto sagrado, encarregado de divulgar a trégua sagrada.

## 2.4 Roma de Plutarco e Suetônio<sup>36</sup>

Plutarco nasceu em meio a uma sociedade grega, em Queroneia, na Beócia. No entanto, tratava-se de uma cidade helena sob o domínio de Roma, onde preponderava um hibridismo cultural.

O beócio é um dos autores antigos que mais expressam esta cultura híbrida em seus escritos. Apesar de ser de origem grega e de ter sido educado em meio à sociedade ateniense, este autor apresenta uma comunhão entre os valores gregos e romanos. Como o pesquisador Boulogne (1994, p. 144) salienta, Plutarco seria um mediador transcultural, uma vez que transitava entre as sociedades grega e romana e escrevia sobre assuntos pertinentes às duas, sem opô-las nem contrastá-las, mas sim, para integrá-las. Assim, para entendermos sua obra e sua repercussão dentro da sociedade romana, é necessária uma rápida observação de como se encontrava esse Império que o adotava como seu cidadão.

A vida de Plutarco transcorreu sobre o governo de vários Césares, assim como a de Suetônio. Tratava-se de um período turbulento, marcado por conspirações políticas e rápidas sucessões imperiais. Nasceu sobre o Império de *Tiberius Claudius Caesar Augustus Germanicus*, comumente citado pela historiografia sobre o período com o nome de Cláudio. Este imperador permaneceu no poder até 54 d.C., quando ascende ao cargo *Nero Claudius Cæsar Augustus Germanicus*, o qual governou até o ano de sua morte, 68 d.C.<sup>37</sup>.

A sucessão imperial após o governo de Nero deu-se de forma crítica, uma vez que este foi o último Imperador da Dinastia Júlio-Claudiana. O governo, no período de um ano, foi ocupado por quatro imperadores, ocasionando um verdadeiro caos em meio à política e à sociedade romana, instaurando, de acordo com Richard Alston (1998, p. 107), conflitos civis. Galba, o primeiro a ocupar o cargo, estabeleceu-se no poder, aproximadamente, de 8 de junho de 68 d.C. a 15 de janeiro de 69 d.C.. Governou por sete meses e, contando com setenta e dois anos

<sup>36</sup> As vidas de Plutarco e Suetônio transcorrem, de certa forma, sobre o governo dos mesmos Imperadores. Sendo assim, trabalharemos com a contextualização deste período do Principado uma só vez, sem repeti-la quando tratarmos de Suetônio. Porém, é necessário salientar que a periodização de cada autor dentro do arco cronológico do Principado Romano é diferente e destacaremos tal ponto.

<sup>37</sup> Limitar-nos-emos a analisar com maior profundidade os governos da época em que Plutarco e Suetônio tiveram maior contato com a política romana e período no qual, provavelmente, redigiram a maior parte de seus escritos, inclusive as biografias que aqui analisamos.

de idade, foi assassinado por Otho, homem que o sucedeu no desempenho da função imperial. Este, por sua vez, governou por um período de, aproximadamente, quatro meses, sendo sucedido por Vitélio, que ocupou a função de Imperador até dezembro de 69.d.C..

Em 69 d.C., iniciou-se um novo período imperial romano. Tratava-se da ascensão da Dinastia Flaviana, inaugurada pelo governo de Vespasiano. De origem modesta, descendia de uma família da ordem equestre, que atingira a ordem senatorial durante os reinados dos imperadores da Dinastia Júlio-Claudiana. Designado cônsul em 51 d.C., segundo Levick (2003, p. 16), Vespasiano renomou-se como comandante militar, destacando-se na invasão romana da Britânia. Comandou as forças romanas que fizeram face à rebelião dos judeus de 66 d.C.. Na ocasião do falecimento de Nero, o comandante encontrava-se na região que hoje conhecemos como Jerusalém.

Após a rápida sucessão e falecimento de Galba e Otho e a ascensão ao poder de Vitélio, os exércitos das províncias do Egito e Judeia proclamaram Vespasiano imperador no dia primeiro de julho de 69 a.C. É em meio a este governo imperial que nasce Caio Suetônio Tranquilo.

De acordo com o estudo de Kenneth Wellesley (2005, p. 203), no seu caminho para o trono imperial, Vespasiano aliou-se ao governador Caio Licínio Muciano, responsável pela administração da região da Síria. Segundo a historiografia, este teria sido quem conduziu as tropas de Vespasiano contra Vitélio, enquanto o futuro imperador tomava o controle sobre o Egito. Em finais de dezembro, o Senado romano proclamou Vespasiano como o novo Imperador de Roma.

Efetivamente, sobre seu governo, pouco sabemos. Há um consenso na historiografia que aqui analisamos, tais como em Levick (2003, p. 18), Wellesley (2005, p. 206) e Haroldo Marttingly e Edward Sidenham (1968, p. 24), sobre a austeridade que este homem apresentou em seus anos imperiais. Com o auxílio de colaboradores, tais como Muciano, o Imperador teria aumentado diversos impostos, inclusive criando novos, instaurando uma nova política fiscal romana. Tal ato ocasionou revoltas nas Províncias romanas, que se viram sobrecarregadas com as novas taxas impostas (LEVICK, 2003, p. 67). Vespasiano foi um dos Imperadores romanos que mais utilizou a arma propagandística com o intuito de consolidar e

legitimar sua posição política, ação que pode ser vista tanto na cunhagem de moedas como na literatura de sua época<sup>38</sup>.

Vespasiano faleceu em junho de 79 d.C., segundo a pesquisadora Miriam Griffin (2008, p. 46), o Imperador teria sido vítima de uma espécie de infecção intestinal. Como possíveis sucessores, deixava dois filhos: Tito Flávio e Domiciano, os quais, nesta época, já ocupavam cargos políticos e militares de importância.

Sem os problemas sucessórios dos governos anteriores, Tito, o herdeiro mais velho de Vespasiano, ascendeu ao poder logo após a morte de seu pai. Nessa época, além de ter alcançado idade suficiente para ocupar o cargo, já possuía o poder tribunicio e estava designado para exercer, em 80 d.C., o consulado junto a seu pai. Em outras palavras, já possuía certo renome e poder político em meio à sociedade romana, o que facilitou o seu estabelecimento como novo Imperador de Roma. Entretanto, o seu governo foi breve, apresentando alguns acontecimentos de importância. Durante esse período, o anfiteatro flaviano foi inaugurado, obra que teve início com Vespasiano, o qual morreu antes de concluir a gigantesca construção deste importante edifício público, agora conhecido como Coliseu. Esta época é marcada pela erupção do Vesúvio (79 d.C.) e pelo incêndio de Roma (80 d.C.). As atitudes deste Imperador frente a tais tragédias fez com que este adquirisse certa popularidade em meio aos cidadãos romano.

Após dois anos de seu Principado, Tito Flávio faleceu, legando o comando de Roma a seu irmão Domiciano. Este, de acordo com Griffin (2008, p. 54), ao contrário de seu irmão mais velho, não havia ocupado cargos militares de destaque nem desempenhado funções administrativas que lhe dessem evidência no meio social romano do século I d.C.. Como salienta Richard Alston: “ Com a súbita morte de Tito, Domiciano emerge da sombra de seu irmão para tornar-se imperador.” (1998, p. 133).

Tradicionalmente, o período imperial de Domiciano é descrito como uma época de tirania e terror. Seu comportamento pessoal, a manipulação do Senado e suas condutas militares e administrativas atraíram inúmeras críticas de seus contemporâneos. No entanto, atualmente, esta visão é contestada por

---

<sup>38</sup> Segundo Mattingly e Sydenham (1968, p. 04), as moedas cunhadas no período do governo de Vespasiano traziam em uma de suas faces inscrições sobre suas vitórias militares, além de exaltarem as atitudes benéficas de seu governo. Os escritores de sua época demonstram certa peculiaridade ao relatar os feitos deste Imperador, o qual aparece, de certa maneira, sendo exaltado.

pesquisadores como Brian W. Jones (2002, p. 194), que enxerga este *Princeps* como um autocrata, porém eficiente em sua administração, a qual foi marcada por anos de prosperidade cultural e econômica.

Domiciano interveio em todos os ramos da política imperial, diminuindo ainda mais o papel do Senado dentro da sociedade. Em seu período, o poder não se encontrava centralizado em Roma, mas sim na pessoa do Imperador. O poder estava onde ele estivesse, ou seja, era personificado por ele. Economicamente, apresentou-se uma certa estabilidade durante seu *Principado*, demonstrada pelo alto número de cunhagem de moedas. Neste momento, podemos encontrar Plutarco em meio à sociedade romana imperial e, como ressaltamos anteriormente, nesta chega a desempenhar funções administrativas.

Seu Império terminou após quinze anos, em 96 d.C., com seu assassinato através de uma conspiração palaciana<sup>39</sup>. Com sua morte, deu-se o fim da Dinastia Flaviana e o início da Dinastia Antonina, a qual apresenta como principais expoentes Nerva, Trajano e Adriano.

Logo após o assassinato de Domiciano, o Senado proclamou o novo Imperador: Nerva. Este, nascido por volta de 35 d.C., provinha de família ilustre, tendo ocupado importantes cargos militares e políticos durante as administrações de Nero, Vespasiano, Tito e Domiciano. Galgou por diversos cargos, desde o Pretorado até o Consulado, adquirindo, assim, certo destaque em meio às Dinastias governantes. Na época do assassinato de seu predecessor, não sabemos ao certo qual era o papel desempenhado por Nerva. Por não se constituir em um provável candidato ao supremo cargo imperial, alguns estudos defendem que o novo governante fez parte da conspiração ou, ao menos, estava ciente desta. No entanto, nada se pode afirmar.

A ascensão de Nerva possui uma aura nebulosa ao seu redor. Primeiramente, não era integrante das famílias dinásticas anteriores, nem ao menos possuía fortes vínculos com seus predecessores. Ainda, ao tornar-se Imperador, esse já se encontrava em idade avançada, com a saúde um tanto debilitada (ALSTON, 1998, p. 145). No entanto, apesar de tais características, Nerva pôde ter sido considerado pelo Senado um candidato seguro, passando a desempenhar seu novo cargo em setembro de 96 d.C., um dia, senão horas, após o assassinato de Domiciano.

---

<sup>39</sup> Suetônio descreve torrencialmente esta conspiração na biografia deste Imperador.

O governo nerviano teve pouca durabilidade, porém inaugurou um novo período em Roma, onde o Senado passou a desempenhar um papel de maior destaque. Logo, é possível notar que este Imperador possuiu mais prestígio com a ordem senatorial que seu antecessor. Todavia, no que diz respeito aos outros meios sociais, Nerva não adquiriu um alto nível de popularidade, o que transpareceu em certos aspectos vulneráveis de sua administração, principalmente no que diz respeito às relações entre o *Princeps* e o exército. Além disso, esse período da sociedade romana é marcado por tensões políticas, as quais se expressam através de conspirações, revoltas e assassinatos.

Após dois anos de governo, nos últimos dias do mês de janeiro de 98 d.C., Nerva falece aparentemente de causas naturais. Apesar da repentina morte, não houve problemas sucessórios, uma vez que o Imperador havia garantido a ascensão de um herdeiro de sua escolha através da adoção<sup>40</sup>, quando em vida, de Trajano.

Marco Úlpio Nerva Trajano descendia de destacada família, a qual não era de origem romana<sup>41</sup>, porém renomou-se em meio à sociedade latina pelo êxito de seus integrantes em carreiras militares, como mostra o fragmento a seguir:

Trajano era uma escolha interessante. Seu pai havia desfrutado de uma distinta carreira militar. Ele havia servido com Vespasiano e Tito na Judéia, tornando-se governador da Síria. A carreira de seu filho necessitou ser reconstruída a partir dos Panegíricos de Plínio (14 – 15). Iniciou sua carreira militar já com alguma distinção, servindo junto a seu pai na Síria. Subseqüentemente, foi enviado para a Espanha, onde uniu-se a Domiciano contra a revolta de Saturnino. Plínio nos relata que tal revolta já tinha terminado quando Trajano chegou à Germânia. No entanto, a sua demonstração de lealdade o conduziu a uma função a ser desempenhada ainda na Germânia, onde serviu durante um longo período, embora o papel que desempenhou seja desconhecido. Ele tornou-se cônsul em 91 d.C., retornando à Germânia Superior anos mais tarde, agora desempenhando a função de Governador. Ainda desempenhava tal função quando foi escolhido por Nerva como imperador. (ALSTON, 1998, p. 145)

O pesquisador John Grainger (2003, p. 110), também concorda com o historiador citado acima ao estabelecer como um dos principais motivos da adoção de Trajano o desempenho deste nos cargos militares que ocupou. O fato do pai do

<sup>40</sup> Nerva não possuía filhos, sendo assim, não possuía herdeiros do próprio sangue.

<sup>41</sup> A família de Trajano provinha de uma parte da Hispânia, província romana.

futuro imperador ter desempenhado, além de funções militares, cargos senatoriais, é um importante indicador do prestígio de sua família dentro da política romana.

Entretanto, é necessário ressaltar que ao assumir o Império, em 98 d.C., Trajano já contava com certa popularidade entre os romanos, característica que só aumentou no decorrer de sua administração. Seu governo foi marcado pela reorganização do Império, tanto interna quanto externamente, tendo, inclusive, expandido as fronteiras romanas através de novas conquistas militares e territoriais. Nesta época, podemos notar uma proliferação de obras arquitetônicas e literárias, o que demonstra, em nossa concepção, o comprometimento deste Imperador com assuntos de âmbito cultural. É neste governo imperial que podemos encontrar Suetônio e suas primeiras funções imperiais.

Durante este período, em meio às nossas pesquisas, podemos notar um florescimento da literatura. Um dos motivos para isso estaria localizado na nova política de Trajano, a qual aparentava ser um pouco mais liberal do que as de seus antecessores, fator que contribuiu para o surgimento de novos autores e estilos literários. Teria sido em meio a esta proliferação literária do Principado de Trajano, quando Suetônio iniciou sua carreira no meio imperial, que Plutarco escrevera grande parte de suas obras, principalmente suas biografias.

Julian Bennett (1997, p. 136), assinala que as visitas de Plutarco ao território romano para fins acadêmicos teriam ocorrido entre os governos de Domiciano, Nerva e Trajano, sendo que seria durante este último que o beócio teria encontrado maiores incentivos para a produção e divulgação de suas obras.

Trajano governou até 117 d.C., ocasião de sua morte, sendo sucedido por Adriano. Não se sabe ao certo se Trajano chegou a adotar seu sucessor. Para Griffin (2008, p. 150), existe a possibilidade dessa adoção ter sido *pós-mortem*, algo fabricado por Plotina, viúva do Imperador.

Públio Élio Trajano Adriano, mais conhecido apenas como Adriano, era filho de Públio Aélio Adriano e Domicia Paulina, originários de uma província romana localizada na Hispânia. Em sua juventude, Adriano participou ativamente das campanhas militares sobre o comando de Trajano, destacando-se em meio a estas e recebendo, em detrimento disto, inúmeras magistraturas e funções administrativas junto a Roma. De acordo com Lindsay (1994, p. 455), Adriano ascende ao poder

após a morte de Trajano, inaugurando assim um período de seu governo, o qual se estenderá até 138 d.C..

A partir dessa rápida exposição sobre o Império Romano, podemos notar que Plutarco e Suetônio viveram em períodos muito próximos. Plutarco nasceu durante o governo de Nero, passando, durante a sua infância e juventude, pelos governos de Galba, Otho, Vitélio e Vespasiano. Suas visitas a Roma e suas primeiras funções administrativas ocorreram sobre Tito, Domiciano e Trajano, morrendo no princípio do governo de Adriano. Por sua vez, Suetônio teria nascido sobre o governo de Vespasiano, passando sua infância e juventude sobre o governo de Tito, despontando no cenário romano no decorrer do império de Domiciano e desempenhando suas primeiras funções administrativas sobre Trajano e Adriano. Logo, podemos notar como os dois autores viveram e desempenharam funções em meio a Roma em épocas muito próximas, o que, para nós, é enxergado como mais uma das semelhanças entre estes autores e suas obras.

Notamos, ainda, que esse era um período este tumultuado, onde a sociedade romana passou por conturbadas crises sucessórias. Tratava-se de uma época composta por ebulições políticas e sociais, que se manifestavam através de numerosas revoltas, conspirações e assassinatos. O poder era transitório, passando, por vezes rapidamente, de mão em mão. Cada Imperador governava de uma maneira, seguindo conceitos e políticas próprias. Este era um momento onde o caráter e a moral dos homens no poder estava em evidência e demonstravam suas aptidões para a administração da sociedade e da política.

Plutarco e Suetônio, como frutos de suas épocas, expressam toda esta ebulição em suas obras. O primeiro, admirador dos ideais platônicos e da Segunda Sofística, absorveu as transformações pelas quais Roma transitava e as expressou em seus escritos, principalmente ao biografar governantes gregos e romanos. Suas principais características, valores e atitudes são minuciosamente analisadas, comparadas e criticadas. Em meio aos relatos de Plutarco, podemos notar a incansável busca pelo governante ideal, homem valoroso capaz de reger a sociedade moderadamente. Busca esta também realizada pelos romanos que viviam na mesma época que o beócio, tais como Suetônio. Este, em suas biografias dos césares, através da concentração de elementos próprios de vários movimentos presentes em sua época, tais como o peripatético e o estóico, narra a vida dos



Imperadores, demonstrando os caminhos da sucessão imperial e, por conseguinte, a legitimidade do sistema político do Principado Romano.

## 2.5 Caio Suetônio Tranquilo e seus Doze Césares

Assim como as obras plutarquianas, os escritos de Suetônio alcançaram grande fama, tanto em sua época quanto nos séculos posteriores. As biografias dos *Doze Césares*, riquíssimas em descrições minuciosas e detalhes intrigantes, serviram de documento histórico e modelo literário para inúmeros pesquisadores, escritores e demais interessados. No entanto, apesar do prestígio, pouco se sabe de sua vida pessoal. O biógrafo que se preocupava em narrar os mínimos detalhes das vidas de ilustres romanos, pouco nos deixou acerca de sua própria vida. De acordo com Wallace-Hadrill (1995, p. 02), a vida de Suetônio pode ser analisada através das referências que outros autores antigos nos dão em sua obra, tal como Plínio, O Jovem<sup>42</sup>, amigo pessoal do escritor, e que o cita inúmeras vezes em suas epístolas.

A discussão sobre a data em que Caio Suetônio Tranquilo teria nascido é bastante acirrada entre seus pesquisadores. De acordo com Alcide Macé (1900, p. 35), essa seria por volta de 69 d.C.. Já para Mommsen (1996, p. 78), esta seria em um período bem posterior, aproximadamente em 77 d.C.. Destas visões discordam Jones (1986, p. 246) e Syme (1981, p. 23), os quais sugerem um data mais aproximada de 70 d.C., uma vez que a adoção do nome Tranquilo aponta para este ano. Em nossa concepção, essa última hipótese aparenta ser a mais aproximada da data de nascimento de Suetônio, uma vez que, além da nomeação como Tranquilo, os dados sobre este escritor surgem desta data em diante.

Segundo Mendonça (2007, p. 11), Suetônio era descendente de uma modesta família da ordem equestre, a qual ascendeu a cargos de maior importância política a partir do Principado, quando os equestres ganharam maior destaque dentro do sistema político e administrativo romano (FEUVRIER – PRÉVOTAT, 1989, p. 498). Todavia, apesar de desconfiarmos sobre o estatamento social de sua

---

<sup>42</sup> Plínio, O Jovem, foi um importante personagem romano que viveu entre 61 e 114 d.C.. Destacou-se em meio a sua sociedade como orador, jurista, político e administrador imperial. Plínio escreveu cerca de 247 Epístolas, nas quais mantinha diálogos variados com diversos correspondentes, dentre estes podemos encontrar seu amigo pessoal Suetônio. Estas epístolas também demonstram que Suetônio ascendeu, tanto no meio literário quanto no social, com a ajuda e o encorajamento de Plínio (WALLACE-HADRILL, 1995, p. 04).

família, pouco se sabe a respeito da região originária da família de Suetônio. Robert Meigs (1973, p. 55) nota no texto suetoniano a ausência de uma preocupação maior com as províncias, terras distantes ou pela política externa romana. Não há menção de um local de origem, de uma identificação com uma determinada região. Para este pesquisador, estes silêncios seriam indicadores de um autor que não pertencia, originariamente, a Roma. Talvez um provinciano, habitante de uma região anexada pelos romanos. Como uma possível confirmação de tal dado, há menções de uma dedicação pública a Suetônio que, de acordo com C. Baurain (1976, p. 125), teria sido realizada no início do governo de Adriano<sup>43</sup>. Tal dedicação pública encontrar-se-ia em Hippus Regius<sup>44</sup>, região pertencente à África Romana, de onde o escritor – para G.B. Townend (1959, p. 287), um dos principais pesquisadores suetonianos –, poderia ser oriundo. Já nas concepções de J.A. Crook (1957, p. 19) e de J. Gasco (1978, p. 438), Suetônio não teria nascido em Hippo, mas sim, visitado a cidade em companhia de Adriano.

Apesar dos inúmeros estudos acerca de sua origem, a única informação comprovada que nos é passada sobre Suetônio é que, partindo dos cargos que sua família e ele ocuparam, tratavam-se de cidadãos romanos, ou sejam, possuíam a cidadania romana.

Também é curioso notar que o nome *Suetonius* é pouco comum na época em questão. Em documentos antigos e na historiografia contemporânea que aqui consultamos, encontramos menção de apenas mais um, Suetonius *Paullinus*, um ilustre general romano que também viveu sobre o Império dos Césares, mais precisamente no primeiro século da nossa era.

Como já dito, o passado de nosso escritor e de sua família apresenta certas lacunas para nós, historiadores. Sobre seus avós e pais, os dados são ainda mais raros. Segundo Andrew Wallace-Hadrill (1995, p. 03), o contato da família de Suetônio com os Césares pode ser bem antigo, remontando ao governo de Calígula, onde seu avô poderia ter desenvolvido certas funções. Em suas palavras:

O contato da família com os Césares estende-se por três gerações. O avô teve um contato indireto com a corte de Calígula: ele pode ter solicitado a uma das autoridades do palácio uma explicação acerca de um dos atos insensatos do imperador, a ponte sobre a baía de

<sup>43</sup> Por volta de 117 a 120 d.C..

<sup>44</sup> Atualmente, trata-se da região algeriana de Annaba. Ver Anexo IV.

Baiae. Isso não significa que o avô fosse ele mesmo um cortesão, mas sugere que, ainda jovem, estava em Roma, ao menos na periferia do círculo da corte imperial. (WALLACE-HADRILL, 1995, p. 03)

Tal acepção sugere-nos um ponto importante acerca da vida de nosso autor. Sua família, mesmo com a possibilidade de ser originária de uma província, na época de Suetônio, já pertencia ao meio imperial romano, chegando a participar, inclusive, do círculo da corte imperial. Isto nos é de grande valor, uma vez que pode ter direcionado Suetônio no desempenho de suas próprias funções no meio imperial, influenciando, também a escrita de suas biografias imperiais.

As relações imperiais do avô de Suetônio podem ter influenciado diretamente na posição ocupada posteriormente por seu filho, Suetônio Laeto, pai do biógrafo. Relatos mais abrangentes são encontrados ao se falar do pai de Suetônio, o qual serviu como tribuno militar na XIII Gemina, sobre o governo de Otho. Com essa visão também concordam Wallace-Hadrill (1995, p. 03) e Ronald Mellor (2002, p. 147), os quais também defendem que o sobrenome, *Tranquillus*, seria resquício dessa época, onde o patriarca suetoniano participou ativamente dos conflitos civis estabelecidos na busca pela sucessão imperial. Ainda, para os pesquisadores acima citados, após seu desempenho nos campos de batalha, Laeto teria ocupado, durante parte do governo flaviano, a função de Procurador (WALLACE-HADRILL, 1995, p. 04).

Apesar da carreira militar e administrativa de seu pai, não possuímos nenhuma referência que Suetônio tenha enveredado pelos mesmos caminhos. Nas palavras de Syme:

O pai de Suetônio Tranquilo, tribuno da XIII Gemina, foi arrastado para notáveis eventos do ano de 69 d.C. (...) Isto foi um acidente. Ele pode ter tido pouca experiência com outros exércitos. Também, não há nenhum sinal as cartas de Plínio que o filho renovou seu pedido (...) ou mesmo aspirou à carreira militar. (SYME, 1981, p. 106)

Sendo assim, o futuro escritor, desde cedo, dedicou-se aos estudos, concentrando-se na arte da Retórica, por volta de 88 d.C.<sup>45</sup>. Sobre a sua juventude e, posteriormente, sua vida adulta, Suetônio pouco ou quase nada menciona.

<sup>45</sup> Se tomarmos como referência que seu nascimento se deu por volta de 70 d.C., em 88 d.C. ele contava com dezoito anos.

Novamente, de acordo com Wallace-Hadrill (1995, p. 03-04), algumas poucas informações a respeito dessa parte da vida do autor podem ser retiradas daquilo que ele mesmo relata, tanto em sua obra biográfica sobre os imperadores, quanto nas biografias de gramáticos e retóricos. Nas palavras deste pesquisador:

Tranquillus pode estar descrevendo a si mesmo como adolescente em 88 d.C., quando rumores de um falso Nero na Parthia chegaram a Roma (*Ner.57,2*). Roma era, claramente, onde ele estava; no governo de Domiciano ele testemunhou um incidente anti-semítico na corte (*Dom. 12,2*). Lá também ele compareceu a palestras de gramáticos e retóricos; ele lembra de certo Princeps que os ensinou no mesmo dia (*Gramm. 4,9*). Sem dúvida, ele também sentou-se aos pés de um dos homens mais famosos que o Princeps: *Valerius Probus* era o principal gramático do dia, e *Quintilian* detinha a posição de retórico. (WALLACE-HADRILL, 1994, p. 03)

As informações que temos, novamente aqui, são passadas por terceiros, tais como Plínio, o qual, em meio a *Epístola XII*, cita Suetônio como um *advocatus*. Nessa conversa entre os amigos, Suetônio solicitava o adiamento de um caso no qual trabalhava, pois como confidenciara, estava assustado por um pesadelo que tivera na noite anterior, como podemos conferir no trecho abaixo:

Você me diz em sua carta que está extremamente abalado por um sonho, apreensivo que, talvez, isto lhe trará algum infortúnio no caso que você está defendendo; e, portanto, deseja que eu a suspenda por alguns dias, ou, no mínimo até amanhã. Isto não será uma tarefa fácil, mas irei tentar (...). (PLINY, THE YONGER. *Esp. XII, 1*)

De acordo com Benabou (1975, p. 10), teria sido pela interseção de amigos influentes junto a Trajano que o futuro autor iniciou o desempenho de cargos dentro da administração imperial. Dentre esses, podemos encontrar novamente Plínio, com o qual Suetônio estabelece relações políticas e intelectuais durante toda a sua vida. Como observa mais uma vez Mendonça (2007, p. 12):

Após os anos de formação intelectual a que os cidadãos de sua estirpe se entregavam, Suetônio, apadrinhado por duas influentes personalidades, o escritor e político Plínio, O Jovem, e Septício Claro, detentor de ambicionado cargo de comandante da guarda pretoriana, entra no círculo do poder. Primeiramente, foi administrador no governo de Trajano (98 d.C. – 117 d.C.) de bibliotecas públicas (...).

Wallace- Hadrill (1995, p. 04) também nos fala acerca do apadrinhamento de Plínio, o qual auxiliou na ascensão de Suetônio tanto nos círculos literários quanto na vida pública.

O primeiro projeto referente às Bibliotecas Públicas partiu de Júlio César, provavelmente quando este entrou em contato com a biblioteca de Alexandria, no Egito. Tais bibliotecas logo se multiplicaram em Roma, espalhando-se pelas inúmeras províncias, transformando-se em importante fator para a difusão de obras e de cultura em geral na sociedade imperial. Portanto, ao ocupar este cargo, Suetônio teve contato com uma amplitude de obras, tanto gregas como romanas, as quais foram utilizadas como alicerces em suas composições futuras. Além disso, Suetônio também é comumente citado como um *studiis* do Imperador, ou seja, uma espécie de pesquisador sobre o comando do governante. Esta ocupação é de extrema importância, uma vez que teria preparado o autor para a pesquisa documental.

Percebe-se, desta maneira, que Suetônio iniciou suas funções em meio à Dinastia Flaviana, período já citado por nós no decorrer do sub-item anterior, quando tratamos dos contexto histórico de Plutarco e Suetônio. Nesta época, pode-se notar o florescimento das atividades artísticas e literárias, as quais eram incentivadas por determinados Imperadores.

Ao desempenhar uma função administrativa dentro de uma biblioteca imperial, Suetônio colocava-se no centro da ebulição cultural, sendo, inclusive, influenciado por ela. O começo da carreira literária de Suetônio é incerto. Parece-nos mais provável que esta tenha ocorrido sobre a proteção de Plínio, quando Suetônio já ocupava sua função dentro da biblioteca imperial. Tal acepção nos parece a mais acertada, pois Plínio, inúmeras vezes, como demonstram Wallace-Hadrill (1995, p. 05) e Adrian Nicholas Sherwin-White (1985, p. 690), refere-se a Suetônio como um *contubernalis*<sup>46</sup>, uma espécie de pupilo.

Ainda, em meio ao governo deste Imperador, Suetônio, em 105 d.C., teria finalizado uma de suas obras, sendo encorajado por Plínio a publicá-la. Atualmente, não sabemos ao certo de qual obra se tratava, no entanto, é provável que em função desta publicação, Suetônio, por volta de 111 e 112 d.C., já se tornara um autor

---

<sup>46</sup> Termo militar normalmente aplicado para exemplificar uma relação entre um mestre e seu pupilo.

conhecido em meio a sua sociedade, recebendo as glórias por seus méritos literários. Portanto, partindo de tal evento, podemos notar como os estudos literários e a carreira pública aparecem entrelaçados na vida de Suetônio<sup>47</sup>.

Seria também em meio a estas funções que Suetônio teria iniciado a escrita da obra que lhe deixara suas marcas na História: *A Vida dos Doze Césares*. Esta, segundo a historiografia por nós aqui já citada, seria uma composição iniciada quando ser autor contava com cerca de quarenta, cinquenta anos, sendo escrita por um longo período de tempo, em um momento em que Suetônio já havia se estabelecido como uma figura pública em meio a Roma e seu mundo intelectual.

Após o governo de Trajano, já na administração de Adriano, Suetônio passou a ocupar o cargo de *ab epistulis*. Mais uma vez, neste ponto de sua vida, notamos a influência de seus amigos pessoais, neste caso, o já citado Septício Claro, com quem estabeleceu laços sociais através do intermédio de Plínio. Neste momento, Septício era o comandante da Guarda Pretoriana de Adriano, o que torna provável sua interseção pelo amigo autor. Mostra-se, desta maneira, a rede de sociabilidade formada por Suetônio no decorrer de toda sua vida. Redes de sociabilidades parecidas são criadas por Veléio e Plutarco com importantes homens de seus respectivos períodos.

De acordo com Lindsay (1994:454), o posto de *ab epistulis* tem sua origem em meio aos tempos republicanos, quando os generais postados em campos de batalhas confiam os cuidados com a correspondência militar nas mãos de homens específicos, oficiais particulares. A partir do Principado, foram inseridas certas modificações nas funções de tais homens. Apesar de manterem, basicamente, funções similares com os originais republicanos, o *ab epistulis* imperial ficava a cargo de novas regras. Sua posição dependia, quase que exclusivamente, do patronato do Imperador, ou seja, era selecionado de forma direta por este. A partir de Augusto, este funcionário imperial passou a cuidar de toda a correspondência imperial, inclusive daquelas relacionadas aos assuntos pessoais do Imperador.

Entre os governos de Domiciano e Adriano, os literatos possuíam a preferência dos Imperadores para ocuparem este cargo. Além disso, os fatores políticos também interferiam na seleção dos *ab epistulis*. Sendo assim, tanto o fato

---

<sup>47</sup> Tal consideração também pode ser aplicada a outros homens deste período, como demonstra Fergus Millar (2003, p. 54).

de ser literato, quanto às intervenções de Septicio Claro, contaram como fatores positivos para a nomeação de Suetônio.

Em meio às suas funções de *ab epistulis*, Suetônio participou ativamente do governo de Adriano. Segundo Tácito, escritor contemporâneo a Suetônio, ele teria viajado, em missão oficial, acompanhado pelo comandante da Guarda Pretoriana para a Bitínia. Sobre suas possíveis viagens, nada pode ser afirmado. A historiografia contemporânea apresenta dúvidas se Suetônio teria, ou não, saído de Roma em meio às suas funções. Para o pesquisador Jacques Gasco (1978, p. 440), assim como para Syme (1981, p. 110), estes deslocamentos seriam bem prováveis, porém, ao invés de acompanhar apenas Septicio, o autor teria estado ao lado do próprio Imperador.

Restam-nos dúvidas a respeito de até quando Suetônio teria ocupado o cargo de *ab epistulis* no governo adrianino. As referências a respeito de sua demissão e os motivos desta são inúmeros, sendo, em sua maioria, divergentes. Apesar de os motivos não terem sido completamente definidos, sabe-se que o proeminente autor, juntamente com Septicio, foi descartado de suas funções imperiais em algum momento entre 122 e 128 d.C.. Para Benabou (1975, p. 12) e Mellor (2002, p. 147), os amigos foram vítimas de uma conspiração palaciana, fato que ocorrera em 122 d.C. e aparece confirmado pela obra *Historia Augusta*<sup>48</sup>. Já para Lindsay: “O maior obstáculo em aceitar a antecipação da data do despejo de Suetônio é fornecer uma explicação plausível para a ereção da inscrição adrianina em honra de Suetônio em Hippo Regius.” (LINDSAY, 1994, p. 463).

Essa inscrição teria sido realizada em 128 d.C., durante uma das viagens de Adriano por esta região, o que comprovaria que o autor romano ainda ocupava seu cargo neste período.

Apesar de todas as explicações, a partir de 122 d.C., nada mais sabemos da vida de Suetônio. Provavelmente, a contar pelos dados que relata em seus escritos, deve ter vivido até 130 d.C.. Mesmo assim, esta informação é imprecisa, não podendo informar a idade que o autor aqui analisado chegou a alcançar. O que certamente podemos afirmar é que, no momento de sua morte, Suetônio já tinha publicado muito de seus escritos, os quais adquiriram certa repercussão dentro da sociedade romana, espalhando-se por suas províncias, pelos séculos e pelas eras.

<sup>48</sup> O compilador da *Vita Hadriani*, presente na *História Augusta*, cita que, em 122 d.C., Septício Claro, Suetônio e diversos outros homens são depositos de suas funções no governo de Adriano.

Em síntese, neste capítulo, podemos perceber os contextos históricos, políticos e culturais em que cada um de nossos autores se inseriu. Contextos esses que direcionaram suas obras, atribuindo suas peculiaridades e diferenças. Diferenças estas que estão localizadas, principalmente, nos períodos do Principado Romano em que cada um se insere e nos estilos literários que adotam em suas obras.

Contudo, chamam-nos a atenção as inúmeras semelhanças que podemos encontrar entre as vidas de Veléio, Plutarco e Suetônio. Logo de início, podemos apreender como todos os três integraram uma mesma ordem social. Em outras palavras, eram membros de uma elite.

Para além disso, os três participaram, cada um a sua maneira, da administração imperial, mantendo determinadas relações tanto com os *Princeps* quanto como com os integrantes da corte imperial. Tanto Veléio, quanto Plutarco e Suetônio criaram redes de sociabilidade semelhantes, relações que influenciaram tanto sua vida pública quanto a produção de seus escritos.

Outra semelhança é a confluência cultural apresentada pelos autores. No decorrer de suas vidas, viajaram e mantiveram relações com diversas partes do Império Romano, suas províncias e territórios anexados. Veléio, como um militar, participou de campanhas em terras estrangeiras, adquirindo conhecimentos acerca de outras culturas e de outros povos. Plutarco nascera grego, no entanto, adquirira seu hibridismo cultural por toda sua vida, desde os estudos em Atenas, quando passou a possuir a cidadania ateniense, até suas viagens a Roma, onde foi contemplado com a cidadania romana, passando a exercer cargos e funções na administração imperial. Suetônio, por sua vez, em meio a suas funções como *studdis* e *ab epistulis*, teve contato com obras provindas de diferentes culturas, de diversas sociedades. Ainda, segundo alguns de seus pesquisadores, viajou em companhia do Imperador e de sua corte para inúmeros lugares, dentre esses, provavelmente, *Hippus Regius*.

Essa confluência cultural, esse hibridismo existente nos três autores, são expressos em suas obras, tanto nas informações que nos passam quanto no uso de documentos diversos em suas composições. Aqui, portanto, notamos mais uma das semelhanças entre Veléio, Plutarco e Suetônio.



Semelhanças que também estão presentes nas construções que estes autores fazem acerca da imagem de Augusto, construções estas que também servem para legitimar o sistema político do Principado Romano. As semelhanças, assim como as diferenças entre nossos autores ajudam-nos a entender a forma como descrevem Augusto e como, nessas descrições, fazem uso das figuras de Júlio César e Marco Antônio. É partindo desse ponto que, nos próximos capítulos, pretendemos analisar como a construção da imagem de Augusto é criada, sempre tendo em mente que necessitamos compreender como Júlio César e Marco Antônio são descritos para, assim, embasarmos nosso entendimento.



## **CAPÍTULO 3**

*“É preciso ir para onde nos convocam  
as mensagens dos deuses e a injustiça  
dos homens. O dado está lançado.”*

Caio Júlio César

### **3. OS CÉSARES DE VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO**

#### **3.1 Considerações preliminares**

Como já salientamos, temos como objetivo nesta Dissertação a análise da construção da imagem de Augusto nas obras de Veléio, Plutarco e Suetônio. Contudo, esse objetivo gira em torno de como, nesta construção, foram utilizadas as figuras de Júlio César e Marco Antônio, importantes personagens do cenário republicano romano. Assim, para entendermos como as construções em torno de Augusto são realizadas por nossos autores, se faz necessário que compreendamos como as figuras de Júlio César e Antônio foram desenhadas por eles.

Portanto, neste capítulo, procuraremos perceber como as representações sobre César foram construídas, destacando seus principais pontos, suas semelhanças e diferenças. Observaremos como os autores incorporaram Júlio César em suas obras, como citam suas referências genealógicas e suas característica morais e físicas (instrução, caráter, atitudes militares, virtudes e caráter divino). Deste modo, a título de organização do nosso texto, dividiremos os capítulos seguintes e subitens de acordo com os pontos acima correlacionados.

#### **3.2. Os relatos dos autores sobre Júlio César<sup>1</sup>**

O desabrochar da figura de César na sociedade romana se dá durante as décadas finais do século I a.C. A historiografia sobre este período considera-o como uma época conturbada, onde as concepções político-romanas passavam por transformações, afetando a sociedade de forma geral. O cenário possibilitou a ascensão de líderes, homens que figuram com destaque perante Roma e suas províncias. É nesse ínterim que se encontra César. Muito se fala deste cidadão romano, que chega a ser considerado como o gerador das instâncias que permitiram a instalação do Principado Romano. Várias são suas biografias, relatos sobre seus feitos políticos e militares. Diferente de outros casos, César nos relegou muitos

---

<sup>1</sup> Ressalvamos aqui que cada autor possui uma linearidade em seus relatos. Sendo assim, nos atentaremos nos dados passados e não na ordem dos acontecimentos estabelecidas pelo autor. Exatamente por isso, optamos por dividir nosso texto em tópicos de acordo com os temas abordados sobre os personagens.

escritos de seu próprio punho, testemunhos estes que foram fundamentais para a análise de sua pessoa tanto em Roma de seus dias quanto para nós, pesquisadores do século XXI. No entanto, concentrar-mos-emos em nossos três autores.<sup>2</sup>

### 3.2.1. Forma de incorporação ao relato e referências genealógicas de Júlio César

A obra de Veléio Patérculo, com uma narrativa concisa e objetiva, pretende ressaltar as ações de determinados personagens romanos e, para isto, põe em relevo os papéis dos indivíduos nas descrições dos acontecimentos. Para Isabel Préneron (1992, p. 103), esse caráter da *História Romana* tem como consequência a subordinação do feito histórico ao interesse dos seus protagonistas. Assim, a maior parte do Livro II descreve as conquistas, os feitos políticos e militares destes aclamados cidadãos romanos. Nesta parte, o relato de Veléio faz-se mais pormenorizado e rico em detalhes quando expõe o Império Romano.

Veléio cita a figura de César várias vezes em seu relato, sendo que, inicialmente, este aparece a título de exemplo de suas conquistas. No entanto, os pormenores da vida deste personagem aparecem, pela primeira vez, no Livro II, 41: “Descendente da nobríssima família do Júlios, segundo se sabe, muito antiga, uma linhagem que procedia de Anquises e Vênus (...)”. (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana* II, 41).

Alude, assim, à descendência de César, algo muito importante para os romanos de sua época. Na visão do autor, este cidadão romano era originário de uma nobre família, a qual, por sua vez, era herdeira de deuses e heróis. Essa passagem, apesar de curta, é muita significativa, uma vez que o autor relaciona a figura de César ao lado mítico romano, a religião. Ao fazer isso, em nossa visão, César aparece como filho legítimo de Roma, herdeiro de *Iulo*, de Rômulo e de Remo. O elemento religioso aparece com o intuito de respaldar o poder político cesariano desde o início, desde sua origem. O relato deste aspecto da vida de César também é demonstrado em um momento posterior na obra de Suetônio, quando este tenta reproduzir as palavras de César:

---

<sup>2</sup> Salientamos que, ao contrário do que acontece com Marco Antônio e Augusto, a figura de César é profundamente analisada pelos três autores aqui selecionados. Sendo assim, esta parte de nosso capítulo será consideravelmente mais longa do que as outras.

E no panegírico da tia disse o seguinte a respeito da ascendência dupla dela e de seu próprio pai: “Do lado materno minha tia Júlia descende de reis, e o paterno está ligado aos deuses imortais. Com efeito, os Márcios Reis, e esse foi o nome de sua mãe, vêm de Anco Márcio<sup>3</sup> e de Vênus provêm os Júlios a cuja gente pertence nossa família. Há, pois, no nosso sangue a sacralidade dos reis, que têm grande poder entre os homens, e a santidade dos deuses, de cujo poder depende os reis.” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* VI, 2)

Na obra suetoniana, o próprio biografado confirma suas origens divinas. Neste momento, podemos notar, novamente, o uso da tradição e da religião romanas na construção da hereditariedade cesariana. Essa, por sua vez, serve para legitimar e consagrar a família dos Júlios perante a sociedade romana, fator que virá a ser utilizado, posteriormente, por seus descendentes, tais como Augusto.

É curioso notar que, tanto Plutarco quanto Suetônio, apresentam um mesmo ponto<sup>4</sup> de partida em suas biografias sobre César, como se faz possível perceber nos trechos abaixo:

Quando Sila chegou ao poder, como não pôde, nem por esperanças ilusórias, nem por medo, separar César de Cornélia, filha de Cina, o qual exercera de maneira absoluta o poder, confiscou-lhe o dote. A causa da hostilidade de César contra Sila era seu parentesco com Mário. Com efeito, Mário, o antigo, tinha desposado Júlia, irmã do pai de César da qual nascera Mário, o Jovem, que era assim primo-irmão de César. (PLUTARCO, *César* I, 1 – 2)

Aos dezesseis anos perdeu o pai. Designado flâmine de Júpiter durante o consulado seguinte, divorciou-se de Cossúcia, moça de família eqüestre, mas particularmente rica, da qual ficara noivo em tempo de pretexta. Casou-se com Cornélia, filha de Cina, por quatro vezes cônsul, da qual dali a pouco lhe nasceu Júlia. De jeito algum o ditador Sila conseguiu forçá-lo a que a repudiasse. Em vista disso teve cassado o sacerdócio, o dote da esposa e as heranças familiares e foi considerado do partido inimigo (...). (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* I, 1-2)

Logo, a primeira visão de César que Plutarco e Suetônio nos passa é a de sua relação com Mário e com Sila, políticos oponentes no último século republicano.

<sup>3</sup>Anco Márcio (em latim *Ancus Martius*) pertenceu à série de reis lendários que governaram Roma até 509 a.C.. Neto de Numa Pompílio, sucessor de Rômulo, governou Roma após Túlio Hostílio. Foi o quarto rei da cidade e o último de origem sabina.

<sup>4</sup>Faz-se necessário salientar que os dois autores apresentam partes de suas obras que se perderam nos caminhos da História. Assim, suas biografias de César nos chegaram incompletas. Faltam os primeiros anos da vida do biografado, seu nascimento, sua descendência. Trataremos aqui das partes restantes. Para autores como Canfora (2002, p. 22) e McDonald (1971, p. 92), César teria nascido por volta de 100 a.C..

É a partir deste ponto que os resquícios das obras, com as quais temos contato, tanto de Plutarco quanto de Suetônio iniciam sua narrativa. Em ambos, a vida de César, ainda adolescente, é permeada por esse laço familiar com Mário e essa oposição de Sila. Essa característica também pode ser encontrada nas linhas velleianas:

Estava extremamente unido a Caio Mário por parentesco e era genro de Cina, cuja filha nenhuma pressão pode fazê-lo repudiar, diferentemente do cônsul Marco Pisón que havia renegado Ania – esposa anterior de Cina – para consagrar-se com Sila. (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 41)

Encontramos, desta maneira, o primeiro ponto em comum entre os três autores analisados: todos, mesmo que em diferentes momentos de suas narrativas, aludem ao fato de César ser descendente de Mário e oponente de Sila, colocando-o como um adepto dos *Populares*. A relutância em repudiar Cornélia, filha de Cina<sup>5</sup>, e o fato de ele ser reconhecido como sobrinho de Mário (ambos líderes políticos contrários aos *Optimates*) são elementos de extrema importância para se compreender o empenho do ainda jovem César em marcar sua posição política a partir de sua descendência e laços familiares. É importante notarmos, a partir desta citação, o uso da memória como forma de legitimação do poder, pois achamos que é a partir da ligação com Mário que César se coloca como inimigo de Sila e defensor dos *Populares*.

Em nossa visão, tal passagem, ao ser narrada pelos três autores, evidencia os resquícios desta afirmação hereditária cesariana. Além disso, demonstra também como os autores iniciam a construção da figura de César dentro do cenário político da sociedade do Principado Romano. São estas atitudes iniciais que irão direcionar a trama da vida do personagem que descrevem e que será utilizada, posteriormente, nas construções acerca daquele que será considerado seu herdeiro, Augusto.

---

<sup>5</sup> Francisco Polo (1994, p. 69), situa tal acontecimento no ano de 82 a.C..

### 3.2.2. Aspectos físicos de César

Sobre os aspectos físicos de César, Suetônio é quem nos passa maiores detalhes<sup>6</sup>: “Diz-se que ele era de estatura alta, tez clara, membros bem proporcionados, faces um pouco mais cheias, olhos negros e vivos, de saúde privilegiada (...)”. (*O Divino Júlio* XLV,1). Suetônio ainda vai mais longe na caracterização física de César, relatando os cuidados que este homem possuía em relação ao seu corpo e com sua aparência:

Exigente com relação aos cuidados corporais, caprichava no corte de cabelo e em raspar a barba, chegando até a se depilar, o que foi motivo de críticas de alguns<sup>7</sup>, mas amargurava-se com a própria calvície, exposta amiúde às pilhérias de seus detratores. Por isso, costumava puxar para a parte dianteira da cabeça seus raros cabelos, e de todas as honras conferidas pelo Senado e o povo a nenhuma recebeu com mais satisfação do que a que lhe dava o direito de portar permanentemente a coroa de louro. E também se diz que se fazia notar pela elegância: usava um laticlavo guarnecido de franjas até as mãos e sobre ele passava o cinto (...). (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XLV, 3-5)

Nas linhas suetonianas, o autor passa a imagem de César como um homem, de certo modo, vaidoso com sua aparência. Em nossa visão, ao retratar tais cuidados, Suetônio realiza uma velada crítica a essa parte da personalidade cesariana, a qual pode ser fruto de concepções presentes tanto na época de César quanto no período em que Suetônio se insere. Entretanto, tais descrições também servem para expor a meticulosidade presente nas ações de César, cautela que vai desde o manejo com seu próprio corpo até as suas ações militares e políticas para este escritor.

A constituição física de César é brevemente relatada por Plutarco. Segundo suas palavras:

Não admiravam seu amor ao perigo, em virtude de sua ambição, mas o que surpreendia era sua resistência às fadigas, pois que parecia ser forte além de sua capacidade física; com efeito, mesmo sendo franzino de constituição, de pele branca e delicada, achacado

<sup>6</sup> Suetônio trata das características físicas de César em um segundo momento de sua narrativa, após descrever seus feitos políticos e militares.

<sup>7</sup> De acordo com o tradutor suetoniano Mendonça (2007, p. 75), esses cuidados corporais eram expressões, para alguns romanos da época de César, de uma moda refinada em desacordo com as tradições romanas. Muitas vezes, tais tratos eram vinculados a desvios sexuais.

de dores de cabeça e sujeito a ataques epiléticos (em Córdova pela primeira vez, como se diz, esse mal o atacou), não fez de sua debilidade pretexto para a indolência, mas, ao contrário, de seu serviço militar fez a cura de sua debilidade, visto que, por intermináveis marchas, por vida sóbria, por dormir continuamente ao ar livre e por suportar a fadiga, combatia a doença e mantinha seu corpo dificilmente sujeito a seus ataques. (PLUTARCO, *César XVII*, 2-3)

Dessa forma, Plutarco constrói a aparência física de César para construir também seu caráter. Segundo o autor, César, apesar de sua fragilidade física, é obstinado e isso faz com que ele supere as adversidades que seu corpo coloca. Logo, a figura de César, neste momento da narrativa plutarqueana, aparece como uma pessoa forte, se não fisicamente, mentalmente e, nisso, está uma de suas virtudes. Veléio, por sua vez, nada nos informa sobre a aparência física cesariana.

### 3.2.3. Qualidades morais e intelectuais de Júlio César

As qualidades morais de César aparecem, nas obras de nossos autores, em meio aos acontecimentos de sua vida, no desenvolver de suas ações. Sendo assim, para conseguirmos entender como se dá a construção de tais qualidades, nas linhas de Veléio, Plutarco e Suetônio, é necessário que entendamos o cenário que possibilitou que estas desabrochassem. Pensando nisso, salientaremos tais características da mesma forma que nossos autores fizeram, ou seja, em meio à descrição dos fatos.

Logo no início de seu relato, Veléio já nos dá uma deixa de como caracteriza a figura de César: “Destacou-se (César) por seu equilíbrio entre todos os cidadãos, de grande solidez de caráter, muito generoso em munificência, de valentia sobre humana, acima da natureza e do acreditável (...)” (*História Romana II*, 41). Para este autor, a excelência da vida de uma pessoa é reflexo de determinado comportamento moral, por isso, dá destaque para as características morais em detrimento das físicas, pois são nas primeiras que estão expostas tudo o que se deve saber sobre o personagem.

Como constituintes das qualidades de César, Plutarco e Suetônio aludem a outros aspectos, características estas que abarcam desde as moradias do cidadão romano até o seu peculiar gosto pelos prazeres sexuais.



Suetônio, em tais âmbitos, é um pouco mais prolixo, abordando questões desde as moradias de César, seu gosto pelos artífices decorativos e pelos prazeres do sexo, questões estas que pouco ou nada aparecem nas obras dos outros autores aqui analisados. Tais pontos são descritos, parece-nos, para que o autor possa, através dos aspectos públicos e privados da vida cesariana, construir a personalidade do biografado. Assim, o biógrafo nos passa que: “Morou (César) primeiro numa modesta casa do Subura<sup>8</sup>; depois, como sumo pontífice, na Via Sacra, em edifício oficial. De acordo com testemunho de muitas pessoas foi um apaixonado do requinte e da suntuosidade (...)” (*O Divino Júlio* XLVI, 1-2).

Sobre o modo de vida de César, Plutarco apenas nos fala de sua escolha pela simplicidade, principalmente em épocas de campanhas militares, onde relata que o general não se atava a honras e luxos dignos de sua posição (*César* XVII, 4-11). Nesse aspecto, encontramos um ponto destoante entre a narrativa suetoniana e a plutarquiana. Enquanto na primeira, César demonstrava ser um amante do requinte, na segunda, este não fazia questão da ostentação no modo de viver.

Suetônio também diz, ainda, sobre a destreza de César como um sedutor: “É por toda gente reconhecido seu pendor suntuoso pelos prazeres do sexo, seduziu um grande número de mulheres ilustres (...)” (*O Divino Júlio* L, 1). Enquanto Suetônio dedica várias linhas a tal fato (suas descrições sobre esse assunto abarcam os capítulos L, LI e LII), Plutarco pouco nos diz. Este autor brevemente relata os casamentos legítimos de César, dando pouca atenção aos seus hábitos sexuais. Tais pontos constituem caracteres diferentes entre as obras dos autores aqui analisados.

No desenrolar de suas narrativas, quando a ênfase se encontra nas ações públicas de César, sendo estas políticas ou militares, Veléio, Plutarco e Suetônio passam uma imagem do jovem em movimento, ausente de Roma por conta da perseguição política que sofria por parte de Sila. Veléio (*História Romana II*, 41), diz-nos que César escapou de Roma para resguardar sua vida. Plutarco (*César* I, 5) relata que o jovem optou por esconder-se quando descobriu dos planos silianos para seu assassinato. Por sua vez, Suetônio descreve uma imagem de um homem em fuga, que viveu constantemente trocando de esconderijos e que, por este motivo, correu o risco de cair na clandestinidade (*O Divino Júlio* I, 2).

---

<sup>8</sup> Bairro situado no vale das Colinas do Viminal e Esquilino.

Nesses relatos, podemos encontrar também certas divergências entre os autores. Veléio, apesar de em toda sua obra dar maior destaque para as ações militares dos cidadãos romanos, nada fala sobre o serviço militar prestado por César na Ásia, sob o comando de Marcos Termo<sup>9</sup>. Plutarco também não fala sobre o desempenho de tal função, ao contrário de Suetônio:

Iniciou o serviço militar na Ásia, no quartel-general do preto Marcos Termo; enviado por ela à Bítinia para mobilizar uma esquadra, deixou-se ficar na corte de Nicomedes, não sem que se espalhasse o boato de ele ter-se prostituído ao rei, rumor aumentado quando logo a seguir voltou a Bítinia sob a alegação de cobrar uma dívida de um liberto, seu cliente. O resto da Campanha lhe valeu uma reputação mais favorável, e Termo, na tomada de Mitilene, condecorou-o com a coroa cívica. (SUETÔNIO. *O Divino Júlio* II, 1-2)

A partida de César para a Ásia em 81 a.C., na comitiva de Marcos Termo, livrou-o da perseguição de Sila, mas, entretanto, suas funções junto ao rei Nicomedes atribuíram-lhe, na obra suetoniana, algumas denominações maledicentes, pontos estes que não aparecem em Veléio ou em Plutarco<sup>10</sup>. Na narrativa suetoniana, inúmeras vezes podemos encontrar referências a possível relação entre o rei Nicomedes e César. Em suas palavras: “Nada feriu sua dignidade viril a não ser a parceria com Nicomedes, que lhe custou sério e permanente descrédito e o expôs ao ludíbrio geral.” (*O Divino Júlio* XLIX,1). Deste ponto em diante, o autor faz várias alusões a escritos, cantigas e pequenos versos que possuem como assunto a contraditória relação entre o romano e o rei da Bítinia. Entretanto, sobre o assunto, não deixa claro a sua própria análise, elencando, apenas, as vertentes de opiniões sobre esse assunto. A ausência de críticas por parte de Suetônio mantêm, de acordo com nossa visão, a sua própria maneira, a figura viril de César.

O novo ponto de encontro entre as obras se dá em um aspecto diferente, quando César é capturado por piratas. Os três autores se detêm na descrição de tal acontecimento, entretanto, cada um o situa em um período. Para Veléio e Suetônio, o rapto aconteceu por volta de 77 – 76 a.C., quando César viajava de Roma para Rodas. Já para Plutarco, onde o relato se apresenta de forma mais ampla, o mesmo

<sup>9</sup> Segundo Polo (1994, p. 70), isso ocorreu por volta de 80 a.C..

<sup>10</sup> Em nossa concepção, tais distinções podem estar também localizadas nas diferenças dos gêneros literários de nossos autores.

aconteceu anos antes, na fuga de César de Roma. Entretanto, apesar das discrepâncias datais próprias das visões de cada autor, a importância dessa descrição está no fato de que em todos os autores, aqui analisados, este acontecimento serve para exemplificar o caráter do jovem Júlio. Sua atitude perante aos piratas será o molde de suas ações posteriores, de sua *virtus* em formação.

A narração deste episódio inicia-se, nas três obras, de maneira a demonstrar a ação de César perante os corsários. Contudo, é em seu comportamento após sua libertação que as características de seu caráter e de sua índole se expõem. Nas palavras dos autores:

Levaria muito tempo para falar de seus inúmeros ousados planos para a punição dos piratas, ou como estes foram frustrados pelo magistrado do povo romano que governava a província da Ásia; relatamos aqui, portanto, aquilo que servirá como testemunho de sua grandeza futura. Na noite seguinte ao dia em que foi resgatado com o dinheiro público das cidades, porém não sem antes obrigar aos piratas a entregar reféns a estas cidades, sem ordem expressa da autoridade, havendo recrutado uma embarcação antecipadamente, se dirigiu ao lugar onde se encontravam os piratas, pôs em retirada parte de seus barcos, naufragou outra parte, e apreendeu alguns navios e muitos homens. Satisfeito pelo triunfo da expedição noturna, retornou aos seus e, prendendo os prisioneiros, se dirigiu a Bítinia, na presença do procônsul Junco<sup>11</sup> - pois haviam concedido a Ásia e esta província ao mesmo - para solicitar que assumisse a responsabilidade de executar os cativos. Apesar de sua negação e deste manifestar sua intenção de vendê-los - certamente a inveja se somava a sua falta de zelo - César tornou com incrível rapidez ao mar e, antes que se recebessem as ordens do procônsul, crucificou a todos que havia capturado. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 42)

Quando seu resgate chegou de Mileto e ele foi libertado após pagá-lo, imediatamente equipou navios e, partindo de Mileto, alcançou o alto mar em direção aos corsários. Encontrou-os ainda ancorados na ilha e apoderou-se da maioria deles. Roubou o dinheiro e, após ter lançado os homens na prisão, em Pérgamo, foi em pessoa procurar o governador da Ásia, Junco<sup>12</sup>, porquanto lhe cabia como pretor punir os prisioneiros. Quando Junco lançou um olhar de ambição sobre o dinheiro (pois não era pouco) e afirmou que sem pressa examinaria atentamente os presos, César deixou-o e voltou a Pérgamo. Fez sair

<sup>11</sup> Tal homem só é citado por Veléio e por Plutarco (César II,6). Segundo Fonseca (2007:140), Marcos Junco, propretor da Ásia em 75-74 a.C., encontrava-se na Bítinia para a execução do testamento de Nicomedes III, morto em 74 a.C. Junco, provavelmente, teve a autoridade de procônsul também neste período.

<sup>12</sup> Ao referenciar Junco, Plutarco entra em contradição com sua própria datação. Ora, se este episódio ocorreu antes de 77 a.C., como César teria buscado o auxílio de Junco em 74 a.C.? Logo, em nossas análises, a datação de Veléio e Suetônio nos parece mais aproximada da data do evento.

da prisão os corsários e enforcou todos eles (...). (PLUTARCO, *CÉSAR* II, 5-7)

(...) Logo após a contagem de 50 talentos e o desembarque na praia, César não deixou passar um instante para sair ao encalço dos corsários; lançou navios ao mar e deitando a mão neles, aplicou-lhes o suplício que, em meio a troças, viviam a ameaçá-lo. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* IV, 1)

Logo de início, Veléio já salienta que irá relatar o acontecimento, pois este é expoente da futura grandeza de César. Ou seja, em outras palavras, as ações do jovem romano perante os corsários são aspectos importantes na construção da representação do caráter e da virtude de César, características estas que também serão expressas no decorrer de sua vida. Com o mesmo, parecem concordar tanto Plutarco quanto Suetônio, os quais também se atêm à narração da libertação de César e de sua busca por justiça. É interessante ressaltar que utilizamos a palavra justiça, pois é em busca disso que César parte contra os seus raptos<sup>13</sup>. Em nenhum momento, têm-se a crítica de sua atitude ao assassinar seus prisioneiros. Muito pelo contrário, a visão nos passada por Veléio e por Plutarco (acima destacadas) é que a culpa de César punir os sequestradores cabe ao procônsul Junco que, cego pela inveja e pela cobiça, não realizou os deveres que lhe cabiam.

Apesar de Suetônio fazer uso da palavra *suplício*, não conseguimos notar em suas linhas uma crítica mais acentuada perante a ação de César. Em nossa interpretação, a atitude do jovem é amenizada pela sentença “aplicou-lhes o suplício que, em meio a troças, viviam a ameaçá-lo”, onde o autor deixa claro que César fez com seus inimigos aquilo que estes prometeram fazer com ele, não julgando, desta maneira, a escolha do biografado. Ainda, em um momento posterior de sua obra, novamente Suetônio retoma tal acontecimento para exemplificar parte integrante do caráter cesariano. Em suas palavras:

Até mesmo na vingança era por natureza de grande brandura, quando teve em suas mãos os piratas que o haviam feito prisioneiro, ordenou que primeiro fossem estrangulados e depois colocados na cruz, para cumprir seu juramento de que nela os haveria de pendurar. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXIV, 1)

O elogio à brandura ocorreu por César ter substituído o longo e cruel sofrimento na cruz pelo rápido estrangulamento, ou seja, em outras palavras, nem

<sup>13</sup> Salientamos aqui que *iustitia*, *prudencia*, *virtus*, *pietas* e *clementia* são algumas das características que definem o bom governante.

mesmo aos inimigos, César impunha maiores sofrimentos quando podia atenuá-los. Essa característica é uma das partes formativas de sua índole e caráter que serão demonstrados por toda biografia suetoniana, assim como ocorrerá nas obras de Plutarco e Veléio. Essa visão é muito importante, pois destaca uma linha de pensamento sobre a vida e as atitudes cesarianas que serão representadas por diversos momentos.

O caso dos corsários também produz outros efeitos. Para os autores, partindo de nossa análise, é através deste fato que César começa a se destacar, tanto militarmente quanto politicamente, em solo romano. Deste ponto em diante, as narrativas irão abordar as magistraturas desempenhadas por César e, em meio a isto, vai se configurando, aos poucos, a personalidade do biografado, assim como passa a ser demonstrada a receptividade do povo para com este.

Nas descrições plutarquianas, César passa a desempenhar um papel de maior destaque no seio da política romana após a morte de Sila, quando retorna a Roma (por volta de 78 a.C.). Para o autor, neste momento, já se faz possível notar uma das principais virtudes cesarianas, a busca pela instrução, algo que o engrandece perante outros romanos que se dedicaram ao desempenho de carreira militar. Em suas palavras: “(...) ele dirigiu-se a Rodes para estudar sob a direção de Apolônio, filho de Mólón, de quem também Cícero tinha sido discípulo, uma vez que Apolônio era brilhante professor de retórica e parecia ser de bom caráter.” (PLUTARCO, *César* III,1).

Através desta passagem, podemos notar certo elogio perante a atitude de César. Em nossa concepção, isso acontece, pois, como demonstramos anteriormente, Plutarco defende que a constituição da virtude de um homem relaciona-se, diretamente, com sua educação. Em outras palavras, a instrução é a responsável pela conduta correta de indivíduo perante a sua sociedade e pela formação de um bom governante (ZIEGLER, 2009, p. 73). Logo, César, ao buscar pela instrução, estaria buscando também a construção de sua virtude.

A instrução de César, assim como sua habilidade na arte da oratória também é muito valorizada por Plutarco, o qual a ressalta algumas vezes, como podemos ver a seguir: “Diz também que César tinha uma disposição natural excelente para a oratória política e cultivara essa disposição com muito ardor (...)” (*César* III,2).

Suetônio também ressalva a busca de César pela instrução, entretanto, coloca-a em um momento posterior da vida cesariana<sup>14</sup>. Para este autor, as circunstâncias que levam a César são outras, porém, os objetivos são os mesmos, como podemos notar no seguinte excerto: “(...) decidiu resguardar-se em Rodes para esquivar-se de represália e para freqüentar, durante esse período de ócio e descanso, Apolônio Molão, na época o mais ilustre mestre de eloquência.” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* IV,1).

De tal maneira, também podemos notar no relato suetoniano o destaque dado à relação educacional entre César e um dos principais mestres de eloquência do momento, Apolônio.

A primeira aparição da arte do discurso em César se dá durante o caso Dolabela<sup>15</sup>. Segundo Plutarco, este foi o palco de uma das primeiras aparições públicas do cidadão romano. (*César* IV,1). Para Veléio (*História Romana* II, 43), este episódio também é célebre e, mesmo que de maneira condensada, própria do estilo de escrita adotada por ele, o escritor opta por citá-lo. Suetônio, da mesma maneira que Veléio, alude a este episódio de maneira sucinta: “Como orador ou militar igualou ou superou a glória dos mais eminentes. Depois do processo contra Dolabella foi incontestavelmente incluído entre as maiores expressões dos tribunais.” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LV,1). Ainda sobre esse assunto, dá maiores exemplos, quando nos fala que o dom de César foi reconhecido inclusive por Cícero, importante orador de sua época. Também nos explicita que: “Diz-se que discursava com voz penetrante, com movimentos e gestos incisivos e certo fascínio.” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LV, 4).

Contudo, Suetônio estende-se mais quando aborda os escritos deixados por César. Inicialmente, relata alguns discursos que lhe são atribuídos (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LV,5). Porém, as maiores glórias estão nos escritos sobre as inúmeras guerras de autoria do general. Mais uma vez, para comprovar o desempenho de César em meio às artes da escrita, Suetônio aqui cita os inúmeros elogios de Cícero, assim como os de Hircio, importantes autores da época republicana (SUETÔNIO, *O Divino Júlio*,LVI).

---

<sup>14</sup> Para Suetônio, a visita de César a Rodes acontece depois do caso Dolabela, antes do sequestro pelos corsários, enquanto, para Plutarco, ela se passa depois dos corsários e antes de Dolabela.

<sup>15</sup> Cneu Cornélio Dolabela, destacado partidário de Sila, sofreu um processo de acusação por seu governo na Macedônia. O processo ficou muito famoso, principalmente, pelo discurso proferido por César ao acusar o ex-cônsul.

Na continuação de suas narrativas, os autores partem para a análise de outras funções desempenhadas por Júlio César em meio a Roma. Agora, evidenciam seu tribunato<sup>16</sup>. Em palavras plutarquianas: “César recebeu a primeira prova da benevolência do povo para com ele quando, competindo com Caio Pompílio pela função de tribuno militar, foi proclamado publicamente o primeiro” (*César V,1*). Nesta passagem, já podemos notar como a imagem de César começa a se apresentar perante aos cidadãos romanos. Aqui, a sua eleição é representativa para se entender como o povo o enxergava nesse período. O mesmo acontece em Suetônio: “Durante seu tribunato militar, primeira magistratura que, ao regressar a Roma, obteve por voto popular (...)” (*O Divino Júlio V,1.*). Mais uma vez, destaca-se a escolha do povo por César, ou seja, ele é eleito por escolha desta parcela da sociedade romana.

Em nossa visão, a nomeação de César como tribuno é destacada pelos autores, pois possibilitou a este visibilidade política, principalmente quando se empenhou pela adoção de medidas de ideais *popularis*, tais como a restauração das prerrogativas dos tribunos da plebe e a anistia dos políticos perseguidos pelo governo siliano<sup>17</sup>.

Os exemplos do afeto do povo para com César, entretanto, não param por aí. Outras demonstrações somam-se às eleições ao tribunato e, este é o caso dos funerais de sua tia Júlia (por nós já citado) e de sua esposa Cornélia<sup>18</sup>. Suetônio (*O Divino Júlio VI,1*) relata brevemente a situação, sobressaltando mais o discurso em homenagem a Júlia, esposa de Mário, onde esta aparece como descendente de deuses e reis<sup>19</sup>. No entanto, Plutarco nos dá uma percepção um pouco mais ampla do evento e da recepção do povo para com este. Em suas palavras:

A segunda prova é mais evidente que a primeira, ele a recebeu quando, tendo falecido a esposa de Mário, Júlia, de quem era sobrinho, pronunciou um brilhante encômio no *fórum*, e, no préstito fúnebre, ousou exibir imagens de Mário, que foram então vistas pela

<sup>16</sup> Para Taylor (1975, p. 11), a eleição de César como tribuno militar ocorre por volta de 73 a.C..

<sup>17</sup> Contudo, apesar de Plutarco e Suetônio citarem a eleição para tribuno militar, Veléio nada cita. Apesar disto, o autor salienta uma das ações que Júlio César realizou durante seu tribunato militar, que foi o retorno dos proscritos por Sila às terras romanas. Para nós, isso evidencia que o autor pretendia salientar, assim como os outros, que César, novamente, se colocava como defensor dos *Popularis*, opositor de Sila, herdeiro de Mário, utilizando-se assim da memória sobre este personagem romano.

<sup>18</sup> Estipula-se que estes funerais ocorreram por volta de 70 a.C..

<sup>19</sup> As palavras de Suetônio já foram por nós citadas páginas acima, quando tratamos das origens dos Júlios.

primeira vez depois do governo de Sila, porque Mário e seus amigos tinham sido reconhecidos como inimigos públicos. Neste ínterim, como alguns clamaram contra César, o povo respondeu em altos brados, acolhendo-o com aplausos e olhando-o com admiração, como se estivesse fazendo subir do Hades para a cidade, após muito tempo, as honrarias de Mário. Pronunciar orações fúnebres para mulheres idosas era de fato costume ancestral dos romanos, e, embora não fosse usual para as jovens, César pela primeira vez proferiu tal discurso diante de sua própria esposa falecida. Isso trouxe-lhe certo benefício, e, com seu infortúnio, levou o povo a amá-lo como um homem afável e de muitas qualidades. (PLUTARCO, César V, 2-5)

Logo, os autores nos mostram que as ações de César perante a morte de Júlia e Cornélia lhe renderam o gracejo do povo. Isso porque, mais uma vez, o jovem em ascensão se colocava como partidário de Mário, por quem era grande a estima de parte da população romana. Ainda, ao elogiar sua falecida esposa Cornélia, filha do líder popular Cina, sinalizava, de certa forma, que seus ideais políticos se uniam aos de seu sogro. Além disso, a homenagem incomum a sua falecida esposa, proporcionou que seus concidadãos vissem no gesto do viúvo a delicadeza e a profundidade de seus sentimentos familiares, algo que é destacado por Plutarco. A importância dessa representação, para nós, está na imagem que passa a se formar nas obras dos autores a respeito de César. As palavras dos autores são representativas para salientar a figura do futuro governante como um homem respeitador dos valores familiares e que foi amado pelo povo.

César galgou velozmente as etapas da ascensão política rumo ao consulado. Os autores se atêm a narrar, neste momento, as magistraturas ocupadas por ele durante os anos que se seguiram a sua nomeação como tribuno. Para nós, faz-se interessante perceber que, em meio às descrições das funções desempenhadas por César, os autores inserem as ações do personagem, deixando entrever a sua personalidade e o seu caráter. Desta forma, conseguimos notar como se constrói uma visão similar de César nas três obras que aqui analisamos.

O desempenho da questura<sup>20</sup> é assinalado por todos os autores. Velício (*História Romana II*, 43), coloca tal magistratura como um passo a mais rumo ao consulado visado por César. Plutarco e Suetônio atêm-se um pouco mais ao

---

<sup>20</sup> Segundo Taylor (1957, p. 11), César foi eleito *Questor* pela Assembleia do Povo entre 70 e 69 a.C.. Coube-lhe o exercício de sua função, na comitiva do pretor Caio Antístio Vétere na *Hispania Ulterior*.



assunto, ressaltando a administração cesariana da *Hispania Ulterior*<sup>21</sup>, abastada província romana (PLUTARCO, *César* V,6; SUETÔNIO, *O Divino Júlio* VII,1).

O mesmo acontece com a eleição de César como Edil<sup>22</sup>. De maneiras distintas, os três autores destacam, novamente, essa magistratura desempenhada por César, distinguindo suas ações. De acordo com Suetônio, é neste momento que Júlio César se preocupa com construções e restaurações de importantes instituições políticas e sociais de Roma, além de proporcionar espetáculos para seus concidadãos. Em suas palavras:

Como edil, ele embelezou, além do comício, do foro e das basílicas, também o Capitólio<sup>23</sup> com a construção de pórticos provisórios para ali expor uma parte de seu tesouro constituído de grande quantidade de peças. Proporcionou caçadas e jogos juntamente com seu colega (...). ( SUETÔNIO, *O Divino Júlio* X,1-2)

Suetônio demonstra atitudes cesarianas que se constituem em ações particularmente importantes para a carreira política de um romano, tais como a manutenção e a adoração de locais públicos importantes para a vida social e política romana, assim como o patrocínio de jogos gladiatórios e caçadas, modalidades esportistas que eram muito apreciadas pelos vários escalões da sociedade romana. Tais atitudes também lhe proporcionavam grande visibilidade política.

Toda essa visibilidade política e essa aclamação, por assim dizer, direcionada à figura de César, levaram-no a garantir a eleição para outros cargos políticos, como é o caso do *Pontificado Máximo*<sup>24</sup>. Aqui, as opiniões dos autores convergem para o

<sup>21</sup> Concentrada no vale do Bétis, estendendo-se de Cartagena no Mediterrâneo até larga parte do oeste atlântico.

<sup>22</sup> De acordo com Canfora (2002, p. 96), César foi eleito *Edil* por volta de 65 a.C., fazendo, assim, parte de uma instituição colegiada, anual e eletiva. As funções do Edil eram exercidas na administração urbana, na vigilância dos mercados, em atividades referentes ao abastecimento da cidade de Roma (*cura annonae*), na organização dos jogos e no cuidado com os arquivos.

<sup>23</sup> O Capitólio (em italiano: *Campidoglio*), ou Monte Capitolino, é uma das famosas sete colinas de Roma. Trata-se da colina mais baixa, com dois picos separados por uma depressão, palco de muitas batalhas e lendas, tais como a vitória dos Sabinos. O Foro fica localizado entre as colinas do Palatino, Quirinal e Esquilino. Constituíam-se no centro dinâmico de atividades políticas, judiciárias e econômicas. O Comício era o local destinado às assembleias centuriadas. As Basílicas eram edifícios públicos destinados a reuniões de negócios e a tribunais. Ver Anexos VII – X.

<sup>24</sup> O título de Pontífice Máximo (*Pontifex Maximus*) foi conquistado em 63 a.C.. Tratava-se do mais alto cargo sacerdotal, representando todas as divindades reconhecidas pelo estado romano, sendo superior a todos os sacerdotes. Suas funções abarcavam a custódia das *Virgines Vestais*, a vigilância das associações de cultos, a administração dos *prodigia*, a nomeação e direção dos cinco flâmines e do *rex sacrorum*. Responsabilizava-se também em intervir nos casamentos celebrados com a *confarreatio* e nas distinções dos dias fastos e nefastos. Em suma, era partícipe de tudo que

mesmo ponto: a vitória cesariana foi um grande expoente do valor deste homem perante grande parte da população de Roma. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 43; PLUTARCO, *César VII*, 1; SUETÔNIO, *O Divino Júlio XIII*, 1). Isso porque, César ainda jovem (com cerca de trinta e sete anos) e não pretor, concorreu a este cargo com Isáurico e Cátulo, homens ilustríssimos e que, segundo as palavras de nossos autores, muito acima do vencedor em idade e número de títulos, ou seja, candidatos para quem, geralmente, se reservava o cargo. A vitória antecipada de César deixa claro o poderio político que convergia para as mãos deste homem; poderio este ao qual, a partir desse momento, se somava o comando supremo da religião romana<sup>25</sup>.

Faz-se necessário nossa ressalva neste ponto acerca de um aspecto que podemos notar em nossos autores. Estes, em meio a seus relatos sobre a carreira política de César, sempre demonstram a importância que teve o apoio do povo nas eleições de César. Esse favorecimento do futuro governante perante uma grande parcela da sociedade romana aparece várias vezes no desenrolar das narrativas. Por exemplo, podemos encontrar em Suetônio as seguintes passagens: “Conquistado o favor popular (...).” (*O Divino Júlio XI*,1. Grifo nosso). Ou ainda: “ (...) Ademais, dois dias depois, como uma multidão num impulso espontâneo batesse às portas e em alvoroço assegurasse sua colaboração para preservar-lhe o cargo, ele a acalmou.” (*O Divino Júlio XVI*, 3. Grifo nosso).

Em Plutarco, as referências ao apoio a César são ainda mais expressivas:

Em Roma, irradiava-se de César uma grande sedução por causa de sua eloquência nas defesas, e considerável estima vinha-lhe de seus concidadãos pela amabilidade de seu acolhimento e de sua conversação, visto que era mais obsequioso que os da sua idade. Ele tinha também certo poder político que crescia graças aos festins, às refeições e, em geral, ao brilho de sua maneira de viver. (PLUTARCO, *César IV*, 1-5).

Como César se defendeu dessa acusação e persuadiu o Senado, seus admiradores exaltaram-se ainda mais e incitaram-no a não refrear seu orgulho diante de ninguém, pois levaria vantagem sobre todos pela vontade do povo e ocuparia o primeiro lugar. ( PLUTARCO, *César VI*,7)

---

interessava nos âmbitos dos cultos públicos, domésticos e gentílicos. O cargo, muito ambicionado e bastante rendoso, remetia ao futuro governante de trinta e sete anos a responsabilidade por toda a vida religiosa de Roma.

<sup>25</sup> Segundo Canfora (2002, p. 52) e Mendonça (2007, p. 30), o culto religioso exercia grande influência na sociedade romana, servindo, inclusive, como instrumento de dominação.

O mesmo apoio aparece em Veléio quando este nos fala: “(...) em uma atitude favorável da cidade para com ele (César), superior a aquela que se teve com os acusados (...)” (*História Romana II*, 43. Grifo nosso). Logo, nas passagens acima arroladas, os autores deixam entrever que em suas visões César possuía o apoio de grande parte da população romana, fato que o levou a conquista de inúmeros cargos e magistraturas no seio político e militar romano. Essa característica da vida cesariana foi de grande valia para seu sucessor, Augusto, o qual fez uso desta para legitimar seu governo em Roma. Em nossa concepção, essa visão transmitida pelos autores irá se perpetuar nas construções que fazem acerca de Augusto.

Dentre estes cargos conquistados por César, segundo nossos autores, também se encontram a pretura<sup>26</sup>. Veléio não nos dá maiores informações, destacando somente que: “ (...) mostrou admirável valor e zelo no exercício da pretura (...)”. (*História Romana II*, 43). Entretanto, Plutarco e Suetônio se estendem um pouco mais em suas descrições.

Para Suetônio, durante o tempo que foi pretor, César demonstrou grande parte de seu caráter, principalmente perante a descoberta da Conspiração Catilina (*O Divino Júlio XIV*,1). Segundo o autor, enquanto o Senado pregava a condenação à morte dos acusados, César: “ (...) foi o único que propôs que, tendo seus bens confiscados, fossem eles distribuídos por municípios e lá mantidos presos.” (*O Divino Júlio XIV*,1). A obstinação de César em manter a brandura da pena levou-o, inclusive, de acordo com o autor acima arrolado, a ser acusado como cúmplice desta conspiração, acusação esta que não teve comprovação, sendo os acusadores penalizados (*O Divino Júlio XVII*, 3).

Plutarco também relata essa conspiração e a ação de César perante a ela, no entanto, coloca-a momentos antes deste assumir o cargo de pretor (*César VII*,6.). Nas linhas deste autor, assim como nas suetonianas, César também é acusado de ser partícipe da conspiração, porém, é inocentado, principalmente porque o povo intercedeu por ele junto ao Senado (*César VIII*, 5). A eleição para a pretura, segundo o autor, veio logo em seguida (*César IX*,1).

---

<sup>26</sup> De acordo com a historiografia aqui consultada, essa eleição ocorreu por volta de 62 a.C..

Ao sair da pretura, coube-lhe a *Hispania Ulterior*. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 43; PLUTARCO, *César XI*,1.; SUETÔNIO, *O Divino Júlio XVIII*,1). Ainda neste território, inicia sua candidatura para o consulado<sup>27</sup>.

É interessante notarmos que aqui se dá um novo ponto de encontro entre as obras dos três autores por nós selecionados. Segundo eles, é a partir das eleições para o cargo de cônsul que César dá início às relações com Crasso e Pompeu, relações estas que irão culminar no Primeiro Triunvirato. Tanto em Veléio, quanto em Plutarco, este novo modelo político é alvo de críticas, como podemos notar nos trechos abaixo:

Assim, sendo cônsul constituiu uma sociedade de poder entre Cneu Pompeu e Marco Crasso e esta, que foi nefasta para Roma e para o mundo, acarretou conseqüências não menos fatais a cada um em momentos distintos. Ao apoiar esse projeto, Pompeu teve a intenção de que sua conduta nas províncias do outro lado do mar, que muitos, segundo dissemos, criticavam, fosse finalmente aprovada por intermédio do cônsul César; de sua parte, César se dava conta de que auxiliando na glória de Pompeu aumentaria a sua, e que desviando-se para a partilha do poder, aumentaria suas possibilidades; Crasso, como, de início, não havia conseguido sozinho o poder, tentava alcançá-lo pela autoridade de Pompeu e pelos recursos de César. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 44)

Entrou na cidade e imediatamente assumiu uma política que enganou a todos, exceto Catão. Essa política causou a reconciliação de Pompeu e Crasso, os mais poderosos da cidade. César, levando esses homens de malquerença para a amizade e concentrando em si a força de ambos, mudou disfarçadamente o regime político com um ato que pretendia ter o nome de humano. De fato, não foi, como a maioria crê, a desavença de César e Pompeu que causou as guerras civis, mas sobretudo sua amizade, visto que se uniram primeiro para a queda da aristocracia e só depois disso se indispuseram reciprocamente. ( PLUTARCO, *César XIII*, 3-5)

Plutarco produz críticas mais duras à participação de César neste pacto, vendo-o como o principal responsável por essa associação política, ao contrário de Veléio, que salienta que esta união é intentada por todos os partícipes, que enxergam nela a solução para seus problemas políticos. Suetônio, por sua vez, sugere uma visão mais particular da manutenção de relações entre César e os outros dois importantes romanos. Para ele, a atitude de César ao se unir com

<sup>27</sup> Segundo Jeffrey Tatum (1998, p. 67), César foi eleito cônsul por volta de 59 a.C..

Pompeu e Crasso é resultado das ações do Senado perante seu consulado<sup>28</sup>. Assim, a união entre César, Pompeu e Crasso é também uma estratégia defensiva (*O Divino Júlio* XIX,4).

O autor ainda ressalva outro aspecto do consulado de César. Em suas palavras: “Tão Logo tomou posse do cargo, foi dos romanos o primeiro a instituir que se tornasse público o relatório escrito dos atos diários do Senado e das assembleias populares”. (*O Divino Júlio* XX,1). A partir deste relato suetoniano, concordamos com Canfora (2002, p. 109), quando este nos diz que Suetônio tenta demonstrar que as atitudes de César, inclusive durante o seu consulado, sempre estão direcionadas para a manutenção de seu poder político frente ao povo romano, que já passava a enxergá-lo como seu líder. A narração destes atos cesarianos são expressivos porque nos passam uma visão específica da vida deste futuro governante e de suas ações, visões estas que foram, mais uma vez, utilizadas nas construções acerca de Augusto<sup>29</sup>.

As narrativas dos autores sobre a constituição do Primeiro Triunvirato encontram-se ainda em um novo ponto: todos parecem denotar grande importância ao estabelecimento de laços familiares através do casamento entre Júlia, filha de César, com Pompeu. Mesmo Veléio, devido a sua obra pertencer a outro gênero literário, não deixa passar tal acontecimento sem referi-lo. Em suas palavras: “Também estabeleceu um parentesco por matrimônio entre César e Pompeu, pois Cneu Magno se casou com a filha de César.” (*História Romana* II, 44). Para Suetônio, o estabelecimento de relações familiares aproximou os dois governantes, inclusive politicamente: “(...) a partir desse novo parentesco passou a pedir o parecer de Pompeu em primeiro lugar (...)” (*O Divino Júlio* XXI,2). Em Plutarco, tratou-se de uma manobra política da parte de César:

César procurava apoderar-se ainda mais da influência de Pompeu: ele tinha uma filha, Júlia, que era noiva de Servílio Cépio; comprometeu-se a casá-la com Pompeu e declarou que daria a Servílio a filha de Pompeu, que também não era livre, mas tinha sido prometida a Fausto, filho de Sila. (PLUTARCO, *César* XIV, 7)

<sup>28</sup> Onde foi eleito cônsul juntamente com Bíbulo.

<sup>29</sup> Os autores aqui estudados também citam outras ações cesarianas voltadas para a execução de leis e decretos que beneficiassem, de certa maneira, uma parcela da população romana (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 44.; PLUTARCO, *César* XIV, 1 – 10.; SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XX, 1 – 7).

É interessante notarmos que, mesmo de forma mais velada, as críticas sobre as atitudes de César são maiores a partir do momento que este estabelece sociedades políticas, através de acordos ou de casamentos, com Pompeu e Crasso. César, neste momento, apresenta-se como um homem em busca de maiores poderes e, por isso mesmo, transforma-se em alvo de críticas por parte dos autores. Logo, tais críticas são direcionadas à busca pelo poder único, centralizado, um dos únicos aspectos da vida de César do qual Augusto será desvencilhado posteriormente.

Entretanto, apesar das críticas, podemos ainda notar que as vidas de César descritas pelos autores ainda apresenta um profundo tom elogioso, onde as atitudes e as ações do personagem são direcionadas pelas necessidades de seu próprio tempo. A valorização dos feitos de César, mesmo quando este não está em uma posição condizente com seus valores, é feita constantemente no desenvolver das narrativas de Veléio, Plutarco e Suetônio.

Como exemplares dessa valorização, podemos ressaltar o ponto que se segue ao estabelecimento do Primeiro Triunvirato: a desenvolvura do comando militar de César nas regiões que lhe foram designadas durante seu consulado<sup>30</sup>.

A carreira militar de César é algo que sempre está em destaque nas obras que tratam de sua vida, principalmente naquelas onde seus autores desempenharam, em algum momento de suas vidas, funções em campos de batalhas, como é o caso de Patérculo. Este constrói inúmeros elogios ao general:

César realizou depois na Gália coisas assombrosas que dificilmente poderiam ser explicadas em muitos volumes, e não satisfeito com as muitas e felizes vitórias, onde caíram e foram feitos prisioneiros milhares de inimigos em números incalculáveis, transportou seu exército para a Bretanha, buscando assim outro mundo, para nosso poder e para o seu. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 46).

O mesmo tom elogioso aparece em Plutarco, o qual nos diz:

---

<sup>30</sup> César parte para a Gália em março de 58 a.C., dando princípio à campanha contra os helvécios, a qual termina com a vitória do general romano nas terras de Bilbracte. Ainda no mesmo ano, travou disputas contra os germanos, ocupando Besaçon e saindo vitorioso da batalha de Ariovisto. No verão de 57 a.C., sustentando suas conquistas militares, os soldados cesarianos iniciam a campanha contra os belgas, o que culmina na derrota da coalizão dos belgas em Áxona (WOOF, 1998, p. 56)

O período das guerras que fez em seguida e das expedições com as quais subjugou a terra dos celtas mostrou que ele, como se tivesse tomado outro ponto de partida e entrado numa trilha de vida diferente e de novas realizações, não era como um guerreiro e comandante inferior a nenhum outro dos mais admirados pelo comando e tornado os mais importantes; mas se compararmos a homens como os Fábios, os Cipiões e os Metelos, e àqueles de seu tempo ou àqueles pouco anteriores a ele, como Sila, Mário, os dois Luculos, ou ainda o próprio Pompeu, cuja glória então florescia, elevando-se até o céu, em razão das superiores qualidades de toda espécie em guerra, os empreendimentos de César são superiores: ele supera um pela dificuldade dos lugares onde combateu; outro, pela extensão do país conquistado; outro, pelo grande número e força do inimigo vencido; este, pelos despropósitos e pela perfídia dos povos que ele conciliou; aquele, pela moderação e pela brandura para com os prisioneiros; este, por presentes e favores concedidos a seus companheiros de armas; e a todos, por fazer o maior número de combates e por aniquilar a maior parte dos inimigos. De fato, tendo combatido menos de dez anos nas Gálias, tomou à viva força mais de oitocentas cidades, submeteu trezentos povos e, dispondo suas tropas em diferentes ocasiões contra três milhões de homens, matou um milhão lutando corpo a corpo e fez outros tantos prisioneiros. (PLUTARCO, *César XV*, 2 – 5)

Plutarco, assim como Veléio, destaca as inúmeras realizações no campo militar realizadas por César. Contudo, os elogios a este desempenho de César não param por aí. Podemos encontrar, ainda, nas obras dos dois autores, algumas outras partes louvadoras à carreira militar cesariana, tais como as estas passagens:

Durante esses anos, os seguintes e aqueles que já fizemos referência anteriormente, caíram durante as campanhas de Caio César quatrocentos mil inimigos, e foi ainda maior o número de prisioneiros. Lutou-se, muitas vezes, em ordem de batalha regular, muitas vezes em colunas de avanço, muitas vezes fazendo incursões. (...). Durante um total de nove verões, não houve praticamente nenhum sem um triunfo justamente merecido. Porém, na batalha da Alésia, tantos foram os feitos, que dificilmente um homem poderia enfrentar, realizar quase nada, a não ser um deus. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 47)

Mas César, nascido para fazer excelente uso de tudo que se refere à guerra, e sobretudo do momento oportuno, logo que soube da revolta<sup>31</sup>, levantou o acampamento e partiu pelos mesmos caminhos que percorrera, e mostrou aos bárbaros pelo vigor, pela rapidez da marcha através de tão duro inverno, que um exército irresistível e invencível avançava contra eles. (PLUTARCO, *César XXVI*, 3)

---

<sup>31</sup> Plutarco refere-se à revolta em terras gaulesas comandada por Vercingetorixe.

Os autores demonstram, neste momento, a grande desenvoltura das ações do general, característica esta que irá formar, em nossa visão, mais uma de suas virtudes. Isso se dá porque, o modo como um cidadão romano desempenha suas funções militares em campos de batalha são partes importantes da constituição da personalidade de tal homem, de sua *areté* e de sua *agathós*<sup>32</sup>. Assim, a sua bravura, coragem e força perante o inimigo somam-se na construção de sua índole e caráter.

Ao contrário de tais autores, Suetônio é um pouco mais conciso ao expor os feitos em batalhas de César. Este autor, preocupado em destacar outros pontos da vida cesariana, dispõe, em sua narrativa, de apenas poucos capítulos para descrever os longos anos de campanhas em regiões estrangeiras. Segundo o tradutor e pesquisador Mendonça (2007, p. 46), a brevidade suetoniana pode ter suas origens em duas razões: a primeira, seria a convicção do autor de que, em um obra biográfica, o importante não seria o relato de uma série de fatos, mas sim de fatos marcantes que definem os traços personalísticos do biografado. A segunda razão estaria no fato de que Suetônio talvez pudesse considerar repetitivo o relato de fatos que já foram extensamente analisados tanto por César, em seus *Commentarii*, quanto por outros autores. Desta maneira, Suetônio teria feito a escolha de narrar de forma mais condensada os desempenhos cesarianos na Guerra da Gália. (MENDONÇA, 2007, p. 46).

Outro ponto de destaque nas descrições suetonianas são as críticas a estas ações de César, como estas citadas abaixo:

A partir de então, atacando, sem provocação, populações tanto aliadas, como inimigas e ferozes, não se furtou a nenhuma ocasião de guerra, mesmo injusta ou arriscada, a tal ponto que certa vez o Senado decidiu enviar delegados para investigar a situação das Gálias, e alguns senadores foram de parecer que fosse entregue aos inimigos. Dado, porém, o bom sucesso de suas ações, obteve súplicas públicas mais vezes e por mais dias que jamais obteve outro general. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXIV, 3)

Tais críticas não se apresentam nas obras de Plutarco e de Patérculo e, por isso, em nossa ótica, se constituem em uma das dessemelhanças entre seus escritos. Contudo, as linhas suetonianas também salientam outro aspecto que

---

<sup>32</sup> Esse conceito, de forma mais ampla, refere-se às qualidades e méritos de algo ou alguém. Segundo M. Finkelberg (2002, p. 37), a tradução que mais aparece para este termo é a palavra virtude. A *areté* também pode aparecer vinculada à palavra *agathós*, que pode tanto indicar *o nobre*, *o aristocrata*, quanto o homem que tem valor e coragem.



podemos encontrar nos escritos de nosso autor beociano: a realização de preces de agradecimentos oferecidas a César pelo Senado. Nestas, denominadas de *Supplicatio*<sup>33</sup>, César recebe honras que nenhum outro cidadão romano já recebeu. Na obra plutarqueana:

O Senado, sabendo desses acontecimentos, decretou que se fizessem sacrifícios aos deuses e que se suspendesse o trabalho, festejando-se por quinze dias, número tão grande como nenhuma outra vitória precedentemente motivara. E, de fato, grande se mostrou o perigo, quando tantas nações ao mesmo tempo se revoltaram; e, porque o vencedor era César, a benquerença do povo para com ele tornava mais brilhante sua vitória. (PLUTARCO, *César* XXI,1)

As honras recebidas por César são admiradas pelos escritores, que, por esse motivo, o distinguem dos demais generais romanos de seu tempo. Plutarco ainda nos dá, na passagem acima arrolada, uma evidência de grande importância. Mais uma vez, o autor expressa a relação entre o povo e César, relação esta que se fortalecia, segundo este autor, cada vez mais de acordo com seus sucessos nas guerras.

A admiração pelos feitos cesarianos em tempos de batalhas não cessam por aí. Nossos três autores ainda dedicam inúmeras outras linhas a esse aspecto, que nos parecem ser de muita valia tanto para os escritores quanto para a sociedade romana da época. Um fato muito destacado pelos três autores é a travessia do Reno por César, o primeiro homem a realizar tal ação (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 47; PLUTARCO, *César* XXII,6.; SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXV,3). Tal ação é destacada com o intuito de demonstrar a bravura e a audácia de César perante as adversidades que se colocavam à sua frente. Novamente, suas ações lhe concentram glórias e admiração perante o povo romano.

Por conseguinte, Suetônio, mesmo que de forma mais breve, destaca os inúmeros sucessos de César e suas poucas derrotas:

E em meio a tantos sucessos não conheceu mais que três resultados adversos: na Britânia a sua frota quase foi aniquilada por violenta tempestade, na Gália uma legião destruída diante da Gergóvia e no território dos germanos seus legados Tintúrio e Aurunculéio foram liquidados em uma emboscada (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXV,4)

---

<sup>33</sup> A *Supplicatio* constituía-se em um rito religioso oferecido aos deuses pelo Senado em detrimento de uma vitória militar ou para aplacar a ira divina. O fato de César ter recebido tais honras por quinze dias é algo único e causa admiração aos escritores.

Mesmo os resultados adversos citados por Suetônio são amenizados, pois, não parecem terem sido causados por mau comando ou por má organização das legiões. Dentre os três maus resultados, um foi causado por uma força da natureza; outro foi resultado de uma emboscada inimiga, ou seja, dois acontecimentos incapazes de serem previstos.

Plutarco refere-se ainda à outra questão a ser destacada na figura de César como general. Trata-se da lealdade de seus soldados, a qual está presente em inúmeros momentos de sua vida, como podemos notar no trecho arrolado abaixo:

Desfrutou tão grande benevolência e zelo da parte dos soldados que mesmo aqueles que absolutamente não se distinguiram dos outros nas campanhas precedentes se lançavam a qualquer perigo, invencíveis e irresistíveis, pela glória de César. (PLUTARCO, César XVI,1)

De tal maneira, a partir das palavras plutarquianas, César não cativou apenas os cidadãos romanos que permaneciam no centro político, cativou também aqueles que lutaram com ele nos diversos campos de batalha. As glórias não são só do político, do governante. São também do comandante, do general. Com o mesmo, parece concordar Suetônio, quando este nos diz: “ Em vista disso, ele os tornou (os soldados) totalmente dedicados a si e extremamente corajosos.” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXVIII,1). Este ponto abordado pelos autores nos é de muita importância, pois, como trataremos mais tarde, se constitui em uma das grandes diferenças entre as representações de Júlio César e Marco Antônio.

A partir dos pontos que até então abordamos em nossa pesquisa, já se faz possível uma prévia compreensão acerca das construções da imagem de César. Veléio, Plutarco e Suetônio, mesmo que fazendo uso de técnicas e padrões de escrita distintos, apresentam uma concepção bem próxima sobre este personagem, sua vida e seus feitos. Ressaltamos aqui que tais escritores se inserem em arcos temporais diferentes daqueles sobre o qual escrevem<sup>34</sup>, ou sejam, em um período pós César e, o mais importante, pós Augusto.

Também como frutos dessa construção, podemos notar as concepções dos autores acerca dos motivos que fizeram com que César entrasse em uma guerra

---

<sup>34</sup> Como já salientamos, Veléio viveu entre os séculos I a.C e I d.C. enquanto Plutarco e Suetônio viveram entre os séculos I d.C e II d.C..

civil com Pompeu. Veléio (*História Romana II*, 44), desde o primeiro momento destaca que a formação deste pacto político terá más consequências para todos os envolvidos. Por sua vez, Suetônio e Plutarco também enxergam as consequências funestas para aqueles envolvidos na formação deste acordo político (PLUTARCO, *César XIII*, 4-5.; SUETÔNIO, *O Divino Júlio XIX*, 3-4).

Segundo nossos autores, os princípios desta guerra civil romana encontram-se em dois pontos principais: a morte de Júlia<sup>35</sup>, esposa de Pompeu e filha de César, e a morte de Crasso<sup>36</sup>; fatores estes que vieram por abalar ainda mais um sistema governamental que já se encontrava em bases instáveis. Nas descrições dos autores:

César estava a quase quatro anos na Gália quando morreu Júlia, esposa de Magno, promessa da concórdia entre Cneu Pompeu e Caio César, laço de união de um poder que possuía pouca coesão e muita inveja. E também o filho pequeno de Pompeu, que havia tido com Júlia, morreu pouco depois, rompendo toda fortuna da união entre dois militares condenados a um combate tão decisivo. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 47)

Quando estava prestes a fazer a travessia, chegaram a eles cartas dos amigos de Roma, noticiando o falecimento de sua filha; morrera de parto na casa de Pompeu. Grande dor dominou o próprio Pompeu, e grande dor também a César, enquanto os amigos ficaram transtornados, porque o parentesco, que mantinha em paz e concórdia o estado, já debilitado por outras razões, estava dissolvido; e, de fato, a criança logo morreu, poucos dias tendo sobrevivido à mãe. Quanto a Júlia, contra a vontade dos tribunos, o povo ergueu seu corpo e levou-o para o campo de Marte, e aí jaz depois de ter recebido honras fúnebres. (PLUTARCO, *César XXIII*,5)

Neste ponto, a narrativa suetoniana também é um pouco mais rápida, dedicando as linhas a seguir aos fatos: “Num mesmo espaço de tempo, perdeu primeiro a mãe, a seguir a filha e não muito depois, o neto. Nesse ínterim, encontrava-se o Estado abalado (...).” (*O Divino Júlio XXVI*,1-2).

Assim, através dos excertos por nós destacados, nota-se que os três autores atribuem ao rompimento dos laços familiares entre César e Pompeu, o início das

---

<sup>35</sup> Por volta de 54 a.C..

<sup>36</sup> Patérculo salienta que Crasso foi morto em combate pelo rei Orodes (*História Romana II*, 46). Plutarco (*César XXVIII*,1), que ele morrera entre os partos. Em Suetônio, por sua vez, não podemos encontrar profusas referências a esse fato.

ebulições que culminaram na batalha civil<sup>37</sup>. Plutarco, ainda sobre este ponto, também é bastante expressivo ao retratar a atitude do povo romano perante o corpo de Júlia. Neste momento, não é apenas o general que recebe as honras e as graças do povo, mas também sua família, fato que, anos mais tarde, podemos perceber nas descrições sobre seu herdeiro, Augusto.

Voltando ao relato dos princípios da guerra civil, Plutarco apresenta uma visão um pouco diferente das dos outros autores. Para ele, a aspiração de Pompeu à monarquia fora a principal causa da disputa que seria travada entre os cidadãos romanos. Em sua ótica:

Muitos eram os que já ousavam dizer mesmo em público que o estado não podia ser curado a não ser pela monarquia, e que era preciso aceitar esse remédio, quando lhe oferecia o mais doce dos médicos, referindo-se a Pompeu. Quando mesmo este, embora em palavras fingisse não querer, na realidade acima de tudo levava a efeito o que resultaria em sua nomeação como ditador, Catão e seus partidários, tendo a mesma opinião, persuadem o Senado a nomeá-lo cônsul único (...). (PLUTARCO, *César* XXVIII, 6-7)

Segundo Plutarco, seria a partir dessa nomeação de Pompeu como cônsul único, que César iniciou a mobilização de sua defesa. É necessária atenção ao observarmos que, na narrativa plutarqueana, neste peculiar instante, César não está se voltando apenas contra um inimigo pessoal, volta-se, também, contra um cidadão romano que possui aspirações monárquicas. Estaria nesse quesito, assim como nas injustiças proporcionadas a César e a seus partidários por Pompeu, a explicação plutarqueana para os motivos do conflito civil (*César* XXIX,1 – 7).

Apesar de denotarem um tom diferenciado para as explicações a respeito do envolvimento de César na contenda civil, Velício e Suetônio também caracterizam a nomeação de Pompeu como cônsul único<sup>38</sup>, um detalhe importante no desenrolar dos acontecimentos. Para o primeiro, com esta nomeação, Cneu Pompeu reconciliava-se com os representantes da instituição senatorial, o que o separou, de uma vez por todas de César, representante dos ideais dos *Populares* (VELÍCIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 47).

<sup>37</sup> As efervescências das disputas civis são descritas em muitos atos pelos nossos autores, sendo assim, optamos aqui por destacar seus principais pontos, onde as ações cesarianas aparecem em destaque.

<sup>38</sup> De acordo com A. Riggsby (2006, p. 53), isso ocorreu por volta de 52 a.C..

Já para Suetônio, a partir da nomeação consular de Pompeu, César passa a tomar atitudes para concentrar de seu lado o maior número de aliados (*O Divino Júlio* XXVI, 1-7). Entretanto, o autor nos dá outros motivos para o início do conflito com Pompeu. Em suas palavras:

Mas como o Senado não se interpunha e os adversários recusavam fazer qualquer acordo sobre os assuntos públicos, ele passou a Gália citerior e, tendo administrado a justiça, se deteve em Ravena, pronto para reagir com as armas, se decisões drásticas fossem tomadas pelos Senados contra os tribunos da plebe, que, para defendê-lo, se valiam do veto. É verdade que essa foi a alegação dele para a guerra civil, mas pensa-se que os motivos foram outros. Cneu Pompeu vivia dizendo que seu objetivo foi criar tumulto e confusão generalizada, porque não conseguira terminar as obras que planejava nem satisfazer as expectativas que despertara na população para o momento de seu retorno. Outros afirmam que ele temia ser obrigado a dar conta das irregularidades praticadas no primeiro consulado contra os auspícios, as leis e as intercessões. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXX, 1-4).

Suetônio apresenta-nos, desta forma, outra visão a respeito dos motivos que levaram César e Pompeu a contenda civil. Ao contrário de Patérculo e Plutarco, este autor coloca nas mãos de César grande parte da responsabilidade pela guerra, uma vez que esta serviria para desviar a atenção de suas atitudes incorretas durante o desempenho de seu primeiro consulado. Neste momento, podemos notar um teor mais crítico da parte suetoniana uma vez que este também vê como culpado, César.

O início do conflito armado<sup>39</sup> é visto por Suetônio a partir da fuga dos tribunos, Marco Antônio e Cássio Longino, de Roma. É neste momento, que as tropas cesarianas se posicionam às margens do Rubicão, aguardando pelo confronto (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXI,1 – 3). As linhas suetonianas que seguem a esse relato são bastante expressivas, como podemos notar a seguir: “E aí então fez passar o exército; após acolher os tribunos da plebe, que tinham vindo ter com ele depois da expulsão, reuniu a tropa e, aos prantos e rasgando a roupa no peito, apelou para a lealdade dos soldados” (*O Divino Júlio* XXXIII,1).

Na Antiguidade, rasgar as roupas e cair em prantos são manifestações frequentes em momentos particularmente emotivos para os personagens envolvidos (KAMM, 2006, p. 43; GOLDSWORTHY, 2006, p. 64; MENDONÇA, 2007, p. 58). Em

<sup>39</sup> Para Shotter (1994, p. 57), isso ocorreu por volta de 50 a.C..

nossa concepção, ao narrar tal passagem<sup>40</sup>, o autor entra em certa contradição com suas opiniões anteriores, onde levanta questões acerca do verdadeiro motivo da participação de César na guerra civil. Aqui, o autor destaca, de certa maneira, o desespero e a tristeza cesariana ao combater seus concidadãos romanos.

Plutarco apresenta ainda uma versão mais elogiosa às atitudes cesarianas quando este opta pelo combate bélico. Para ele, César teria a pretensão de depor suas armas, ou seja, abrir mão de suas legiões, a partir do momento que Pompeu fizesse o mesmo. Esta condição é exposta pelo tribuno Antônio para o povo romano<sup>41</sup>, que a acata. Entretanto, perante a perigosa oposição de certos senadores, Antônio e Curião fogem de Roma (PLUTARCO, *César* XXX, 3-6). Logo, César só teria se decidido pela disputa armada quando percebeu que suas tentativas pacificadoras não surtiram resultado em meio a Roma. Aqui, novamente, César surge contra o autoritarismo de Pompeu<sup>42</sup>.

Veléio, igualmente, dá vulto à tentativa cesariana de resolver de forma pacífica as questões pendentes com Pompeu. Para ele, ao apresentar a opção cesariana, Curião: “ (...) viu fracassar as condições de paz que César, com toda justiça, pretendia (...)” (*História Romana II*, 48). Desta forma, nada mais restou a César que adentrar no conflito armado.

Através das exposições que até aqui fizemos, faz-se possível a compreensão, segundo nosso entendimento, que as atitudes de César, de uma forma ou de outra, são direcionadas nos relatos de nossos autores pelas ações de Pompeu contra sua pessoa e contra seus partidários. Mesmo na versão apresentada por Suetônio, a dor consome César quando este percebe que não há saída a não ser aquela onde as legiões dos dois generais se enfrentam no campo de batalha. Cria-se, portanto, certa idealização acerca da guerra civil, seus motivos, suas explicações; idealização esta, onde César não aparece como seu principal causador, mas sim como um cidadão que se envolve para defender seus partidários, seus amigos, sua pátria. O

<sup>40</sup> Que não é citada nos relatos do próprio César que se referem ao início dos conflitos (*Guerra Civil I*, 7).

<sup>41</sup> Segundo alguns pesquisadores, tais como H. Delbrück (1996, p. 32), não teria sido Antônio que leu a carta de César, mas, sim, Curião. Além disso, a leitura teria ocorrido perante o Senado e não abertamente, junto ao povo romano.

<sup>42</sup> A suposta culpa de Pompeu também aparece em César XXXIII, 4, quando os cidadãos romanos o acusam de ter permitido que Léntulo insultasse César quando este último propunha soluções pacíficas para a reconciliação.

mesmo podemos notar em anos posteriores, quando nos deparamos com as narrações acerca dos conflitos civis entre o herdeiro de César e Antônio.

O desenrolar dos conflitos bélicos entre os exércitos dos dois generais é bastante amplo nas obras de nossos três autores. Muitas são as manobras desempenhadas pelas legiões adversárias, inúmeros são os sucessos e insucessos dos dois lados das batalhas. Entretanto, todas as narrativas culminam em um mesmo ponto: o confronto em Farsália.

A batalha de Farsália, também chamada de Tessália, é o encontro fulminante dos dois cidadãos romanos que guerreavam entre si. Tanto Veléio (*História Romana II*, 51-52), quanto Plutarco (*César XLIV, XLVII*) concedem longo espaço ao relato desta importante disputa. No entanto, Suetônio (*O Divino Júlio XXXV,1*) é brevíssimo em sua descrição, o que se constitui em mais uma questão distintiva entre as obras de nossos autores. Para nós, isso ocorre, pois este autor se preocupa, acima de tudo, em evidenciar determinados aspectos das ações cesarianas durante o conflito em detrimento dos aspectos puramente militar. Assim, Suetônio tenta demonstrar como o caráter de César foi característica fundamental para a sua vitória. Narra sua persistência à frente de adversidades colocadas pelas batalhas, sua audácia e bravura (SUETÔNIO, *O Divino Júlio XXXVI, 1-2*)

Em Patérculo e em Plutarco, os exemplos da coragem de César também são profusos e espalham-se nos meios dos relatos sobre a última disputa entre César e Pompeu, a batalha de Farsália. Neste momento, após inúmeros expoentes da superioridade do comando de César, era evidente a sua vitória. Segundo Veléio: “Então César se dirigiu com seu exército a Tessália, destinada a sua vitória (...).” (*História Romana II,52*).

Plutarco vai mais longe ao caracterizar a derrota pompeiana. Para ele:

Pompeu, quando viu da outra ala os cavaleiros dispersos em fuga, não foi mais o mesmo nem se lembrou de que era Pompeu Magno, mas, completamente privado da razão por um deus, ou apavorado por uma derrota de origem divina, afastou-se mudo para sua tenda, sentou-se e esperou o que devia acontecer (...). (PLUTARCO, *César XLV,7.*)

A vitória de César, no trecho acima arrolado, adquire caráter divino às acepções do biógrafo beociano. Desta maneira, ela parece ser legitimada através da aceitação e determinação dos próprios deuses.

Esta representação da religiosidade em Plutarco surge, também, momentos antes em sua narrativa. Assim como Suetônio, que muito fala sobre presságios em meio a suas biografias, o autor beociano cita alguns presságios e visões que avisaram, tanto Pompeu quanto César dos resultados finais da contenda entre eles. Em *César* XLII,1, Plutarco parece repreender Pompeu por este não ter dado o devido valor as aparições de má sorte que lhe ocorreram nas vésperas do combate em Farsália. O erro do comandante foi confiar no julgamento de seus companheiros, que acreditam piamente em sua vitória perante a supremacia de homens e armas do exército pompeiano.

Na continuação da biografia de César, Plutarco alude a outro prodígio, desta vez, relacionado a César. Em *César* XLIII,1 – 7, o autor aborda um presságio onde uma tocha, que se acreditava ser de fogo celeste, passa sobre o acampamento dos cesarinos, indo cair na parte do território pompeiano. Aqui, César, ao contrário de Pompeu, teria decidido dar ouvido aos prenúncios divinos, optando por não lutar no dia seguinte.

A partir de tais considerações de Plutarco, nota-se que até quando se tratava de questões ligadas ao mítico, César aparentava ser mais prudente e mais respeitoso que seus inimigos e isso é um fator decisório para suas conquistas futuras.

Os autores ainda salientam outras características personalísticas de César perante a última batalha. De acordo com a narração velleiana, o general demonstrou sua grande clemência e benevolência quando, ao ver a situação em que se encontrava o exército pompeiano, ofereceu aos sobreviventes um presente misericordioso, o perdão, concedendo-lhes a alternativa de se juntarem aos vitoriosos (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 52). Plutarco também deixa entrever mostras da suposta clemência cesariana quando o comandante adentra o reduto pompeiano e, ao se deparar com as baixas no exército inimigo, demonstra profunda consternação (PLUTARCO, *César* XLVI,1). O autor ainda corrobora a versão velleiana, onde aos soldados pompeianos sobreviventes foi concedido seu perdão, sendo grande parte destes incorporados ao exército vencedor. Dentre estes,



estaria, inclusive, Bruto, um de seus futuros assassinos (PLUTARCO, *César* XLVI, 4)<sup>43</sup>.

Contudo, o verdadeiro desfecho da guerra civil encontra-se na fuga de Pompeu para terras egípcias, onde, ao persegui-lo, César o encontra assassinado. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 53.; PLUTARCO, *César* XLVIII,1.; SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXV, 1.) . Ao abordar tal assunto, os autores são unânimes na demonstração da desolação de César quando a cabeça de Pompeu lhe foi entregue por um súdito do governante de Alexandria, o jovem Ptolomeu XIV. Porém, as discrepâncias começam a surgir no momento que os escritores se ocupam em analisar a batalha que César travou neste território.

Segundo Veléio, o confronto foi fruto das emboscadas armadas pelo soberano alexandrino para César e seus soldados, como podemos notar em suas linhas seguintes: “Pretendiam emboscá-lo durante sua chegada, e se atreveram, depois, a persegui-lo com armas, mas pagaram merecidamente com a vida aos dois supremos generais, a um, depois de morto, a outro, que seguia vivo.” (*História Romana II*, 54).

Plutarco e Suetônio, igualmente, dedicam parte de suas narrativas à descrição da batalha de Alexandria, entretanto, inserem em seus relatos personagens diferentes:

Quanto à guerra que aí mesmo ocorreu, uns dizem que ela não era necessária, mas que, motivado pelo amor de Cleópatra, foi para César glória e cheia de riscos; outros acusam os servidores do rei e sobretudo o eunuco Potino, que dispunha do maior poder e recentemente tinha mandando matar Pompeu; tinha também expulsado Cleópatra e tramado secretamente contra César. (PLUTARCO, *César* XLIX, 5)

Ao saber-lhe que igualmente a ele o rei Ptolomeu preparava ciladas, moveu-lhe uma guerra realmente duríssima, em posição e estação adversas, no inverno e dentro das muralhas de um inimigo provido de tudo e extremamente solerte, enquanto ele passava por toda sorte de necessidade e encontrava-se despreparado. Vencedor, deixou o reino do Egito a Cleópatra e a seu irmão mais novo, temendo transformá-lo em província para que nas mãos de um governador mais violento, não viesse a ser foco de revolução. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXV, 1-2)

---

<sup>43</sup> Aqui os autores demonstram a benevolência que César teve, inclusive, com um de seus maiores inimigos, aquele que viria a lhe desferir golpes mortais nos idos de Março.

Em escritos de autores antigos, os motivos do conflito em Alexandria e da participação de César são constantemente indagados e discutidos. Muitos, tais como Plutarco, enxergam por trás das ações cesarianas, motivos pessoais, relacionados ao caso amoroso deste romano com a futura soberana egípcia, Cleópatra VII. As descrições plutarquianas sobre a permanência de César em terras alexandrinas são abundantes, chegando a estender-se por alguns capítulos.

Entretanto, é curioso notar que, neste momento, nem Veléio nem Suetônio aludem a esse romance e, muito menos, atribuem culpa a ele pela Guerra de Alexandria<sup>44</sup>.

Suetônio irá, contudo, mencionar o romance entre a soberana egípcia e o general romano em um momento posterior, quando tratar do seu pendor pelos assuntos do sexo. Em suas palavras:

Foi também amante de rainhas, entre outras, Êunoe, esposa de Bógude, da Mauritânia, concedendo a ela e ao marido inúmeros e amplos favores, conforme Nasão escreveu; mas privilegiou Cleópatra, cujos banquetes, muitas vezes, se estenderam até o amanhecer (...). (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LII, 1-2)

Suetônio trata Cleópatra como mais uma das amantes de César, mesmo que esta tenha recebido mais honras que as outras. O autor chega a, inclusive, salientar que o general romano poderia ter permitido que a soberana nomeasse seu filho com o seu nome. Porém, declara-o como filho de Cleópatra, deixando no ar dúvidas sobre a possível paternidade cesariana. Sobre isso, chega a citar a reunião senatorial onde Marco Antônio, após a morte de César, assegurava que era intenção de seu general reconhecer o futuro soberano alexandrino. Contudo, chega a um impasse quando ressalta a atitude de Caio Ópio, companheiro de armas e amigo de César, quando este, veementemente e através da publicação de uma obra, nega a paternidade cesariana do filho de Cleópatra (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LII, 2-4). Dessa maneira, podemos notar que, em momento algum, há a afirmação de que César teve mais do que um caso com Cleópatra<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> Como veremos no decorrer do capítulo seguinte, Cleópatra VII será uma figura presente quando tratarmos das referências a Marco Antônio.

<sup>45</sup> Em nossas pesquisas no decorrer da Iniciação Científica, percebemos que tanto Júlio César quanto Antônio estabelecem, para além de relações amorosas, relações políticas, militares e econômicas com a soberana ptolomaica.

Plutarco, no entanto, afirma a paternidade de César na seguinte sentença: “Deixando Cleópatra reinando no Egito e, pouco depois, tendo ela dado à luz um filho seu, que os alexandrinos chamavam Cesarião, ele partiu para a Síria.” ( *César* XLIX, 10). Logo, destacamos aqui que Suetônio é mais brando ao citar a relação entre Cleópatra e Júlio César, não fazendo afirmações. Todavia, essa relação não impediu que o general retomasse seus afazeres na sociedade romana, ao contrário do que podemos notar nas descrições em relação a Marco Antônio.

No desenrolar de suas narrativas, nossos autores passam a voltar suas atenções para outros fatores. Após a morte de Pompeu, César se constituía em o único sobrevivente do pacto governamental formado anos antes, o que, agora, colocava-o em pleno destaque na sociedade romana. As descrições de suas ações são direcionadas, a partir desse momento, para suas novas funções e novos desempenhos perante o governo de Roma.

Veléio será, novamente, o autor mais breve nesse quesito. Narra, em poucas linhas, a perseguição aos fugitivos da guerra civil, dando destaque, portanto, as ações militares de César (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 55). Mais uma vez, salientamos aqui que tais características são frutos tanto do estilo literário de Veléio quanto de sua própria vivência, uma vez que desempenhou funções militares.

Plutarco, da mesma forma, traça os caminhos percorridos por César e seus legados antes de retornarem a Roma. Segundo este autor, ao sair de terras egípcias, dirigem-se à Ásia<sup>46</sup>, onde travam rápida e violenta batalha contra os habitantes provincianos que se insurgiam contra Roma (PLUTARCO, *César* L,1 – 3.). Na concepção plutarqueana, teria sido neste momento que César proferiu uma frase que iria se perpetuar por séculos: “Vim, vi, venci”. (*César* L,4)<sup>47</sup>. Sobre as ações seguintes de César, Plutarco informa-nos:

Depois disso, ele atravessou o mar para ir à Itália e subiu a Roma, quando findava o ano para o qual tinha sido escolhido como ditador pela segunda vez, embora esse cargo até então jamais tivesse sido anual. Foi proclamado cônsul para o ano seguinte<sup>48</sup>. Censuravam-no porque, depois que seus soldados se tinham rebelado e matado dois

<sup>46</sup> Trata-se aqui da província romana da Ásia, onde Fárnaces, filho de Mitridates, tentava aproveitar-se da guerra civil e da instabilidade romana para restaurar o reino de seu pai. De acordo com Stefan Weinstock (1971, p. 30), Júlio César dirige-se a essas terras por volta de 46 a.C..

<sup>47</sup> Suetônio insere esse jargão em outro contexto, quando César já está em Roma, celebrando seus triunfos. Para este autor, a frase faria referência não há uma batalha específica, mas a todas (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXVII, 4).

<sup>48</sup> Para o ano de 46 a.C., onde Emílio Lépido seria seu colega. Este seria seu terceiro consulado.

pretorianos, Coscônio e Golba, infligiu-lhes somente a pena de chamá-los ‘cidadãos’ em vez de ‘soldados’, e distribuiu a cada um mil dracmas e ainda lhes atribuiu muitos lotes de terra na Itália. Imputavam-lhe também a doirdice de Dolabela<sup>49</sup>, a ganância de Mácio, a bebedeira de Antônio, o qual demoliu a casa de Pompeu e a reconstruiu, pois julgava não ser bastante grande para ele. Os romanos irritavam-se com esses fatos. Embora César não os ignorasse nem os aprovasse, por causa de seus planos políticos era forçado a servir-se de tais auxiliares. (PLUTARCO, *César* LI, 1-4)

As palavras plutarquianas acima descritas são importantes, pois expressam alguns pontos úteis para nossa pesquisa. Inicialmente, demonstram a concentração de titulações e, por conseguinte, de funções nas mãos de um só homem, no caso César. Em nossa visão, como já salientamos no início de nossa dissertação, esse seria um dos principais aspectos do sistema político que se instauraria nos anos seguintes a morte de César, com Augusto. Ainda, a narrativa plutarqueana também nos passa um crítica as atitudes de homens ligados a César, atitude estas, destaca-se, que não foram, em momento algum, aprovadas por César, como ressalva o autor. Dentre estes cesarianos, está Antônio, o qual recebe opiniões desfavoráveis por parte de Plutarco: é acusado de fazer uso indevido de bebidas alcoólicas, além de se apresentar como um homem orgulhoso, atitudes passíveis de críticas por parte do autor. Essa passagem é muito expressiva, pois Plutarco já denota como será a personalidade de seu futuro biografado. Também, o beociano procura deixar claro que César estabelece relações com homens desta índole pois necessita destes para concluir seus planos políticos. Ou seja, em outras palavras, o biografado não partilha do mesmo caráter ou dos mesmos vícios dos homens criticados. O mesmo parece ser ressaltado por Suetônio, uma vez que esse nos diz que: “Que era muito parco no consumo de vinho, nem os inimigos o contestam”. (*O Divino Júlio* LIII,1).

Na continuação de sua narrativa, Plutarco ainda descreve as perseguições cesarianas aos pompeianos sobreviventes da guerra civil (*César* LII,1-9). Assim, as legiões de César saem no encalço de Cipião e de Catão, travando batalhas em territórios silícios, onde realizou façanhas e saiu vitorioso (PLUTARCO, *César* LIII, LIVe LV). Novamente, neste período da narração, o biógrafo descreve o fantástico desempenho de César perante os embates militares, sua determinação, força e agilidade, como podemos notar na sentença seguinte: “(...) César, atravessando

<sup>49</sup> Tratava-se de uma suposta revisão de dívidas, a qual Públio Dolabela teria proposto durante seu tribunato.

com uma rapidez inconcebível lugares cobertos de florestas e que tinham pontos de ataque inesperados, cercava uns e atacava outros de frente.” (PLUTARCO, *César* LIII, 2).

Sobre o retorno de César a Roma, após tais disputas, Plutarco descreve os triunfos recebidos pelo general. Seriam estes os da Gália, do Egito, do Ponto e da Líbia, sendo este último comemorado a respeito da vitória sobre Juba, governante ainda criança, e não sobre Cipião, cidadão romano<sup>50</sup> (PLUTARCO, *César* LV, 1-3). Após os triunfos, Plutarco, igualmente cita as ações cesarianas para com as demais parcelas do povo romano. Para tanto, destaca os presentes dados pelo general a seus soldados, a realização de suntuosos jantares e os oferecimentos de grandiosos jogos gladiatórios ( *César* LV, 4).

Ao fim de tais questões, as linhas plutarquianas relatam a nomeação de César como cônsul pela quarta vez, ocasião esta onde o general parte novamente de Roma, indo ao encalço dos filhos de Pompeu (*César* LVI,1). De acordo com nosso autor, esse combate, acontecido perto da cidade de Munda, foi violento e as tropas cesarianas tiveram um grande número de baixas (*César* LVI, 2-3). Essa foi a última batalha de César, porém, não lhe rendeu glórias perante o povo romano, que não reconhecia como vitória a morte de seus cidadãos (*César* LVI, 7 – 9).

Por sua vez, Suetônio igualmente ressalta os mesmos pontos encontrados na biografia plutarqueana, porém, dá mais atenção às ações dentro de Roma do que aquelas que o general realiza em batalhas militares. Após narrar a vitória cesariana em Alexandria, o autor passa a dar destaque às ações posteriores de César. Assim, descreve em curtas sentenças o desempenho perante as batalhas na Síria e no Ponto, onde as legiões cesarianas arrasam as tropas do filho de Mitridates, Fárnicos (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXV, 3.). Em seguida, o autor descreve em pouquíssimas linhas as vitórias de César sobre as forças remanescentes da guerra civil, ou seja, sob Juba, Cipião e os filhos de Pompeu (*O Divino Júlio* XXXV,4). Entretanto, o autor, parece-nos, faz questão de avultar o glorioso desempenho cesariano. Isso nos é passado por trechos de sua obra, tais como: “Em todas as guerras civis não sofreu qualquer derrota (...)” (*O Divino Júlio* XXXVI,1). Ou: “Sob

---

<sup>50</sup> Os triunfos realizados em detrimento de vitórias sobre cidadãos romanos por outros cidadão não eram legitimados pelo Senado nem aclamados pelo povo. Por isso, César, nas palavras plutarquianas, realizou o desfile triunfal para festejar uma vitória sobre um rei estrangeiro, que era o caso do pequeno Juba II, acusado de guerrear ao lado de Cipião. Nota-se que Juba, nesse momento, contava apenas com cinco anos de idade, como nos apresenta Isis da Fonseca (2007, p. 236).

seu comando, as batalhas foram sempre de êxito indiscutível e a fortuna nem mesmo lhe foi ambígua (...)” (*O Divino Júlio* XXXVI,2). Logo, as palavras suetonianas demonstram o elogio e a admiração do autor pelos feitos realizados por César e suas legiões.

Patérculo, sempre ressaltando as atitudes nos campos militares de César, também menciona os triunfos protagonizados por este durante seu retorno a Roma após as deflagrações civis. Este autor faz questão de aludir às riquezas apresentadas durante os cinco desfiles triunfais. Em suas palavras: “Teve cinco triunfos: no da Gália, os ornamentos eram de madeira de cidro, no do Ponto, de acanto, no de Alexandria, com incrustações de concha de tartaruga, no da África, de marfim, e no da Espanha, de prata lisa.” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 56). Sobre o desempenho de César perante Roma, as sentenças deixadas por Veléio são poucas e, nestas, ele menciona, brevemente, o caráter clemente demonstrado pelo general (*História Romana II*, 56). Aqui, notamos mais uma vez que César se apresenta, para este autor, como detentor de umas das características próprias de um bom governante e homem virtuoso.

A biografia suetoniana acerca da vida de César passa a se concentrar em outras questões, questões estas que abarcam as ações e atitudes cesarianas dentro da sociedade romana. Trata, assim, da realização dos desfiles triunfais, dos quais se refere a cinco: o da Gália, de Alexandria, do Ponto, da África e, por último, o da Hispânia; sempre abordando a grandiosidade das conquistas apresentadas por César nessas ocasiões, assim como o faz Veléio (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXVII, 1 – 4).

As informações que se seguem no relato suetoniano tratam das ações de César na sociedade romana, uma vez que, agora, ele se colocava como o único sobrevivente da guerra civil e, portanto, o único que restou do antigo pacto governamental. As atitudes de César são extremamente expressivas para compreendermos como este passa a se destacar em meio à sociedade romana pós conflito civil. Suetônio, dentre nossos autores, é um dos que mais alude a essas ações. Em suas palavras:

A título de despojo, deu a cada soldado da infantaria das antigas legiões vinte e quatro mil sestércios, além dos dois mil pagos no início da conflagração civil. Concedeu também lotes de terras, mas não contíguos, para não desalojar nenhum possuidor. A população

doou, além dos dez módios de trigo e igual quantia de óleo, trezentos sestércios por pessoa, prometidos anteriormente, mais outros cem pelo atraso. Perdoou, por um ano, o aluguel de casa, que em Roma chegava até dois mil sestércios e na Itália não ultrapassava quinhentos. Acrescentou ainda um banquete e distribuição de carne e, depois da vitória na Hispânia, duas refeições; pois, como a seu juízo, a primeira tinha sido frugal e pouco condizente com sua generosidade, ofertou, cinco dias depois, uma segunda fartíssima. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXVIII, 1-4)

O excerto acima citado descreve a figura de César como um homem, de certa forma, caridoso e generoso, preocupado em cumprir com promessas feitas a seus concidadãos e em retribuir o auxílio de seus companheiros de armas. Logo, todo este trecho é constituído pela menção a prestação de bens de subsistência a estes setores da sociedade romana. Em nossa concepção, esta menção é parte integrante da idealização feita sobre César e suas atitudes.

Também dentro desses parâmetros, Suetônio e Veléio, assim como Plutarco o fez, salientam que César proporcionou espetáculos de diversos tipos, tais como teatrais, gladiatórios, jogos circenses e batalhas navais, todos voltados para o entretenimento e divertimento da sociedade romana (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* 39,1; VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 56). Segundo Veléio, os espetáculos foram de grande magnitude, contendo, inclusive, apresentações com elefantes oriundos da África (*História Romana II*, 56). Suetônio ainda vai mais longe, ao colocar que César se preocupa em realizar tais espetáculos em todos os bairros da cidade e em diversas línguas, demonstrando uma visão de Roma cosmopolita, integradora de diferentes culturas (*O Divino Júlio* XXXIX,2). Lembramos também que a realização de jogos gladiatórios e espetáculos era de muita importância para os romanos, pois, além de ser tarefa indispensável para aqueles que almejavam cargos políticos, era também palcos de exposição das riquezas e da magnitude daqueles que os proporcionavam.

Após ater-se aos espetáculos, Suetônio passa a fazer maiores referências às atitudes cesarianas direcionadas para a reorganização de Roma após o caos instaurado pelas disputas civis. Logo de início, cita as reformas realizadas na organização do calendário por César que, ao fazê-las, deu fim ao desequilíbrio que o antigo calendário, por falha dos pontífices, proporcionava entre o tempo do calendários e as estações climáticas (*O Divino Júlio* XL, 1 – 2). Plutarco parece concordar com esta afirmação, uma vez que nos diz que: “A reforma do calendário e

a correção da irregularidade no cálculo do tempo, cientificamente estudadas com habilidade por ele, e levadas a cabo, trouxeram a mais alta utilidade.” (PLUTARCO, *César* LIX,1).O autor ainda é mais expressivo ao nos falar que, a partir das mudanças colocadas por César, o povo romano passou a ser os que menos se enganavam com a medida real do tempo (*César* LIX, 5).

As ações de César no período em que este esteve à frente do governo de Roma ainda são bem profícuas e extensamente citadas por autores como Plutarco e Suetônio<sup>51</sup>. O primeiro ressalta as marchas de César contra territórios germânicos e cíticos, ampliando as terras sobre o domínio romano. Salienta também as transformações proporcionadas por César em canais marítimos e fluviais que possibilitaram o desenvolvimento de campos de cultivos, portos e pontos comerciais. Ou seja, transformações benéficas economicamente a Roma (PLUTARCO, *César* LVIII).

Suetônio opta por destacar as modificações que César proporcionou internamente em Roma, inclusive aquelas realizadas dentro de instituições republicanas. Segundo este autor:

Completo o Senado, criou patrícios, ampliou o número dos pretores, edis, questores e também das magistraturas inferiores; reabilitou cidadãos cassados por decisão dos censores, ou condenados por crime eleitoral em sentença judicial. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XLI,1)

O autor menciona que César completou o Senado. Em nossa visão, ele faz alusão ao aumento do número de senadores na época cesarina quando, a partir das novas nomeações, seu número chegou a ser novecentos<sup>52</sup>. Além disso, o autor ainda demonstra o exponencial aumento no número de homens desempenhando cargos administrativos republicanos, como pretores e edis. Isso pode ter o intuito de significar o aparente apreço pelas tradições apresentadas por César à sociedade republicana.

---

<sup>51</sup> Veléio, após se ater em explicações sobre os triunfos e os espetáculos proporcionados por César a Roma, direciona sua narrativa para a análise do assassinato do general durante os Idos de Março. Sobre suas concepções sobre esse fato, trataremos posteriormente.

<sup>52</sup> A partir de Sila, os membros senatoriais limitavam-se a seiscentos.



Como atitudes cesarianas, o autor igualmente cita o recenseamento promovido por este, onde, a partir de uma nova forma de categorização<sup>53</sup>, pôs fim aos abusos da distribuição indiscriminada do trigo de Roma (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XLI, 5). Faz também referências à criação de colônias além-mar de cidadãos romanos, onde foram assentadas cerca de oitenta mil pessoas, aliviando o intenso e constante fluxo habitacional no centro político romano (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XLII,1).

Suetônio ainda tece elogios a determinadas características da administração de César, como podemos notar no trecho que se segue: “Administrou a justiça com o maior zelo e a maior severidade. Chegou até a eliminar da classe senatorial magistrados culpados de peculato.” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XLIII,1). Logo, para o autor, a justiça de César aplicava-se a todos. Essa concepção é reafirmada pelo autor momentos depois, quanto trata do estabelecimento de taxas alfandegárias e na aplicação de leis contra gastos suntuários (*O Divino Júlio* XLIII, 2-3). A justiça aqui, novamente, aparece como um dos atributos do bom governante.

O autor romano ainda relata os inúmeros projetos elaborados por César. em suas linhas: “ A cada dia eram mais numerosos e mais ambiciosos seus projetos para embelezar e prover a cidade para defender e estender os impérios.” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XLIV,1). Dentre estes, cita a construção do templo de Júpiter, assim como a construção de um teatro de grandes proporções<sup>54</sup>. Intentava, segundo Suetônio, a condensação do disperso acervo de leis que tratavam dos aspectos civis, além da criação de bibliotecas públicas, dotadas do maior acervo possível de obras, gregas e latinas. Atitude esta que nos parece ter tom elogioso nas palavras suetonianas, uma vez que o próprio autor foi parte integrante, posteriormente, dos funcionários destas bibliotecas.

Entretanto, ainda segundo Suetônio, é em meio a esses inúmeros planos e desempenhos, que César tem sua morte antecipada por meio de uma confabulação homicida<sup>55</sup>. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XLIV,7). Para Plutarco:

<sup>53</sup> Segundo o autor, o recenseamento, após as mudanças instauradas por César, foi realizado por bairros, através dos proprietários das habitações coletivas (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XLI, 5).

<sup>54</sup> O qual só será determinado por Augusto e levará o nome de seu sobrinho, Marcelo.

<sup>55</sup> Segundo Canfora (2002, p. 371), essa ocorreu em 15 de março de 44 a.C..

O amor ardente pela dignidade real provocou contra César o ódio mais declarado e que foi causa de sua morte; isso foi para o povo um primeiro motivo de censura, e para aqueles que há muito tempo procediam com dissimulação foi o mais especioso pretexto. (PLUTARCO, César LX,1)

Para o beociano, a causa de seu assassinato estava na aspiração cesariana a monarquia, algo que não era bem quisto pelos seus concidadãos. Porém, as linhas plutarquianas parecem nos expressar uma dualidade na ambição monárquica de César. Ao mesmo tempo em que o autor acusa este romano de aspirar pelo trono, ressalta, momentos antes, que suas ações sempre foram boníssimas e que o povo romano passou a enxergar na monarquia a solução para o caos deixado pelas guerras civis. Em suas próprias palavras: “Entretanto, como os romanos se inclinaram diante da sorte desse homem e aceitaram o freio e como julgaram que a monarquia fosse uma pausa após os males da guerra civil, nomearam-no ditador vitalício (...)” (PLUTARCO, César LVII,1).

Veléio produz um relato um pouco mais apaixonado, por assim dizer, sobre a conspiração contra César. Em sua visão;

Porém, a um homem de tal categoria e clemência em todas as suas vitórias, não lhe durou a tranqüilidade do principado mais de cinco meses. De fato, havia retornado no mês de outubro e foi assassinado nos idos de março, sendo os promotores da conjuração Bruto e Cássio. Não havia ganhado aquele com a promessa de consulado, havia ofendido a Cássio retardando-o. E a esse acordo de morte haviam se juntado seus colaboradores mais íntimos, Décimo Bruto, Caio Trebônio e outros de nomes ilustres (...). (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 56)

A culpa do assassinato de César, pelo que nos parece, na obra velleiana estava na constante busca pelo poder de homens ambiciosos, como é o caso de Bruto e Cássio. Aqui, a aspiração monárquica de César não é citada como causadora de sua morte, mas sim o desagrado que causou a determinados cidadãos. Porém, um fator bastante significativo é que Veléio denomina o período em que César esteve à frente do governo em Roma como um Principado. Tal nomeação condiz com a visão suetoniana, onde este autor caracteriza César como o primeiro imperador romano.

Ainda, um fator que nos destacou a atenção foi o uso da palavra *clemência*. Além de esta aparecer algumas vezes no relato velleiano, como já aqui já abordado, Suetônio também a usa ao se referir a César. Para ele: “ Não apenas no transcórrer

da guerra civil como também na vitória, deu mostras de admirável moderação e clemência.” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXV,1). Em nossa visão, essa parece ser uma característica adotada por César durante o período em que permaneceu em destaque em meio à política romana, atributo este que o colocaria como um exemplo de bom governante.

A morte de César também é um assunto extensamente abordado nas linhas suetonianas. Como Plutarco, esse autor também enxerga que as razões desse assassinato estavam conectadas com a busca pelo poder de César (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXVI). Para tanto, da mesma forma que o beócio, enumera inúmeros acontecimentos onde César teria dado mostras de suas intenções monárquicas<sup>56</sup>.

Sobre a conspiração, o autor alude que mais de sessenta homens tiveram participação nesta, sendo estes desde pessoas próximas ao general até seus mais declarados inimigos (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXX, 7). Sobre os homens que participaram dos planos para o assassinato, Plutarco também nos fala, relatando que os principais conjuradores participavam do círculo de amizade e de confiança de César (PLUTARCO, *César* LXII).

Outro ponto em comum nas obras de nossos três autores é que todos citam os prodígios que já antecipavam a morte de César. Plutarco destina todo o capítulo LXIII de sua obra à análise dos inúmeros sinais e presságios que previam o assassinato. Destaca desde os clarões no céu, passando pelas visões recebidas por adivinhos, chegando, inclusive nos alertas e avisos divinos recebidos pelo próprio César e por sua esposa (PLUTARCO, *César* LXIII). Por sua vez, Veléio, apesar de sua brevidade, também destaca tais pontos, como podemos notar a seguir:

Esperando clemência, porque esta ele havia demonstrado, desprevenido lhe surpreenderam os ingratos, apesar de que os deuses lhe haviam oferecido muitos presságios e indícios do perigo que lhe ameaçava. Depois, os auspícios lhe haviam advertido que tivesse precaução durante os idos de março, e também sua esposa Calpúrnia, aterrorizada por uma visão noturna, lhe rogava que

---

<sup>56</sup> Dentre estes, estaria elencado o episódio ocorrido durante as festividades do Luperciais, onde Marco Antônio, durante celebração, teria oferecido a César uma coroa de louros, item representativo da monarquia. Esse, por sua vez, recusou-a parecendo ofendido, no entanto, para o povo, isso foi uma pequena mostra das intenções cesarianas e de seus partidários (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXIX, 3.; PLUTARCO, *César* LXI, 1- 10). Em Veléio, a culpa deste episódio recai inteiramente a Marco Antônio, homem caracterizado pelo autor como portador de má índole (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 56).

ficasse aquele dia em casa (...). (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 57)

Nos escritos suetonianos, onde presságios e auspícios adquirem grande importância, sendo relatados em toda a extensão da obra, muito se fala sobre os avisos enviados a César. O autor dedica todo um capítulo para descrevê-los, sempre destacando a imprudência cesariana de não respeitá-los (SUETÔNIO, *O Divino Júlio LXXXI*). Parece-nos que, para esse autor, o descaso de César com tais avisos é uma das causas de sua morte, uma vez que os próprios deuses tentavam avisá-lo de seu destino.

Apesar de estar ciente dos riscos a sua vida, César dirige-se para o Senado nos idos de Março. As narrações de Plutarco e Suetônio<sup>57</sup>, nesse momento, são extremamente ricas em detalhes. Ambos relatam de forma pormenorizada passo a passo do acontecimento, iniciando suas descrições com a entrada de César no Senado, o início da conversa com Tílio Cimbro e o primeiro golpe desferido por um dos irmãos Casca. Traçam, por conseguinte, a reação de César, que consegue desarmar o homem que o golpeia, e a perplexidade que se instaura na vítima e nos que assistem quando novos golpes são desferidos (PLUTARCO, *César LXVI,5 – 9.*; SUETÔNIO, *O Divino Júlio LXXXII,1*).

O ápice do violento assassinato se dá quando César, percebendo quem está no meio de seus assassinos, desiste de se defender. Nas palavras dos autores:

E, quando cada um dos que estavam preparados para o assassinato mostrou a espada nua, César, cercado de todos os lados, e, para qualquer ponto que voltasse o olhar, deparando com golpes de armas de ferro dirigidos ao seu rosto e aos olhos, debatia-se trespassado de lado a lado, como uma fera na mão de todos, pois todos deviam participar do sacrifício e desfrutar do assassinato. Por isso, também Bruto lhe aplicou um golpe na virilha. Alguns dizem que então, embora ele lutasse contra os outros, deslocando-se daqui e dali e gritando, quando viu Bruto tirar seu punhal, puxou a toga sobre a cabeça e deixou-se cair (...). (PLUTARCO, *César LXVI*, 10-12)

E quando ele se dá conta de que é atacado de todos os lados com punhais em riste, cobre com a toga a cabeça e com a mão esquerda deixa cair até os pés a dobra superior dela, para que, tendo seu corpo coberto também na parte de baixo, sua queda ocorresse com bastante dignidade. Assim ele foi ferido com vinte e três punhaladas, tendo dado um único gemido na primeira estocada, mas sem dizer

---

<sup>57</sup> Veléio não se atém a descrever o assassinato em detalhes. Salienta apenas quem foram os envolvidos e que ele aconteceu no Senado (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 57-58).

palavras, embora haja os que propaguem que, no momento em que Bruto o atacava, ele lhe teria dito: “Até você, meu filho”. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXXII, 2-3).

Os autores relatam um ato de extrema violência, onde, mesmo ferido, César não deixa de lutar e de demonstrar seu caráter e dignidade. Mesmo na morte, a única coisa que, segundo nossos autores, abalou a coragem e a determinação cesariana, foi a traição daquele por quem nutria afeto e a quem tinha perdoado após a morte de Pompeu.

Os momentos que se seguem ao assassinato são passados pelos autores como sendo bastante confusos e exacerbados. Tanto Suetônio quanto Plutarco passam a dar atenção aos eventos que se seguiram ao crime, tais como a fuga dos assassinos, a desordem na cidade quando a notícia se espalha e a atitude do povo. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXXII, 3-5.; PLUTARCO, *César* LXVII, 1). O biógrafo beociano ainda destaca que: “Antônio e Lépido, os principais amigos de César, fugiram secretamente e refugiaram-se em casas alheias.” (PLUTARCO, *César* LXVII, 1). Aqui, notamos uma crítica direcionada à atitude de Antônio que, em meio ao caos ocasionado pela morte de seu amigo, optou por esconder-se e resguardar sua vida. Críticas iguais a estas ou ainda mais acentuadas a respeito da coragem de Antônio podemos encontrar quando os autores tratam, mais prolixamente, deste personagem.

Outro fator de destaque nas obras de nossos dois autores é a reação do povo diante ao assassinato de César. Os dois são unânimes em afirmar o estado de consternação do povo ao deparar-se com o cadáver de César. Tamanha é a comoção popular que estes, ainda segundo nossos autores, não esperam que o esquife seja depositado em seu leito fúnebre, incendiando-o durante o seu cortejo, atirando-lhe todo o tipo de presentes que possuíam em mãos. Neste momento, os autores relatam um aspecto mítico da morte de César, onde o espírito deste ascende aos céus, em forma de estrela<sup>58</sup>. (PLUTARCO, *César* LXVIII, 1-7.; SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXXIV).

A dor do povo é expressa na construção de uma coluna maciça de mármore numídico no *Foro* romano em homenagem ao falecido, onde, de acordo com Suetônio, estava a inscrição: “Ao Pai da Pátria” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio*

<sup>58</sup> Podemos encontrar representações acerca deste elemento mítico em moedas do período augusteano. Ver Anexo XII.

LXXXV,2). Nas linhas do autor: “Aos pés dela, por longo tempo, continuou-se a oferecer sacrifício, fazer promessas, solucionar litígios, jurando pelo nome de César.” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXXV,2)<sup>59</sup>.

As homenagens, segundo Suetônio, não se restringiram apenas aos habitantes de Roma, mas: “Em meio à maior tristeza do povo, uma multidão de estrangeiros, em grupos, pranteou, cada um a sua maneira, principalmente os judeus, que chegaram a visitar o local da pira durante noites seguintes.” (*O Divino Júlio* LXXXIV,8). A evidente manifestação de pesar oriunda de povos estrangeiros deve ter impressionado o biógrafo, a ponto deste citá-las, de forma significativa.

A perseguição dos assassinos cesarianos também é retratada por Patérculo, Plutarco e Suetônio, que inserem nesta empreitada tanto o povo quanto Marco Antônio (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 58.; PLUTARCO, *César* LXVIII e LXIX.; SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXXV). É em meio a esse turbulento cenário que emerge a figura do jovem Otávio, o qual é citado por César, em seu testamento, como um de seus herdeiros. A leitura deste testamento é narrada de forma pormenorizada por Suetônio, que, desde o princípio, faz questão de ressaltar a escolha do herdeiro de César: “Mas no último testamento instituiu herdeiros três netos de suas irmãs, Caio Otávio, em três quartos, Lúcio Pinário e Quinto Pédio, na quarta parte restante; na parte final do testamento adotou Caio Otávio e lhe deu seu nome (...)”.(SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXXIII,3. Grifo nosso). A menção a adoção de Otávio nos é de grande importância pois, desde esse momento, Suetônio já começa a construir e a legitimar a imagem deste jovem e futuro governante como o verdadeiro herdeiro de César.

Sobre a adoção de Otávio, Veléio igualmente nos fala, ressaltando-a e inserindo a participação do herdeiro de César na caça dos assassinos (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 59). Plutarco aborda da mesma maneira a participação de Otaviano na perseguição aos assassinos de César. Contudo, nesse momento já passa a chamá-lo de César, denotando sua compreensão sobre a adoção do jovem e do caráter que o nome irá levar deste momento adiante: transformar-se-á, aos poucos, em uma titulação (PLUTARCO, *César* LXIX, 12).

<sup>59</sup> Atualmente, permanecem as ruínas do templo construído em homenagem a César, onde pesquisadores acreditam estarem também os resquícios desta coluna. Neste local, as homenagens a César ainda estão presentes, uma vez que são comuns o depósito, nas ruínas, de arranjos florais e pequenos dizeres em homenagem ao general. Para nós, isto é um demonstrativo da perpetuação da ideologia que cerca a imagem de César, de seus feitos, suas glórias e sua violenta morte. Ver anexo XIII.

A repercussão sobre o assassinato ainda se expande nas obras plutarqueana e suetonianas. Enquanto o primeiro aborda, inclusive, os acontecimentos de ordem divina que recriminavam o violento crime (PLUTARCO, *César* LXIX,4), o segundo concentra-se em destacar a inclusão do nome de César nas relação dos deuses<sup>60</sup>, elencando também as manifestações sobrenaturais após a sua morte e na ocasião de suas homenagens (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXXIII).

Assim, nossos autores terminam seus relatos a respeito de Caio Júlio César. Como pretendemos demonstrar, suas linhas são expressivas para criar uma imagem em torno de semelhanças e diferenças deste cidadão romano. Em nossa análise, contamos cerca de quarenta aspectos semelhantes entre as obras de nossos, enquanto os díspares giram em torno de dez.

Logo, apesar de possuírem estilos de escrita diferentes, notamos que os autores apresentam mais concepções semelhantes do que dessemelhantes nas descrições que fazem de César. Concepções estas que fazem uso dos aspectos da tradição romana, aspectos que servem para legitimar o sistema político do Principado Romano. Legitimação esta que, em Roma, também ocorre através da literatura. Em nossa concepção, cada autor fala da sua própria maneira, mas todos buscam legitimar o sistema político do Principado como um todo e, para isso, fazem uso das descrições de Júlio César, Marco Antônio e Augusto.

Durante nossas análises acerca da construção da imagem de Augusto, verificamos que nossos autores se utilizam das qualidades traçadas para Júlio César, transformando Marco Antônio em sua antítese, como veremos nos capítulos seguintes.

---

<sup>60</sup> Ato que ocorre já no período de Augusto, com a divinização de César e com o início do culto imperial à figura dos governantes.



## CAPÍTULO 4

*Marco Antônio era melhor que  
muitos, quando estava sóbrio...*

Veléio Patérculo



## **4. OS ANTÔNIOOS DE VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO**

### **4.1. Considerações preliminares**

Como já salientamos, temos como objetivo nesta Dissertação a análise da construção da imagem de Augusto nas obras de Veléio, Plutarco e Suetônio. Contudo, esse objetivo gira em torno de como, nesta construção, foram utilizadas as figuras de Júlio César e Marco Antônio, importantes personagens do cenário republicano romano. Assim, para entendermos como as construções em torno de Augusto são realizadas por nossos autores, faz-se necessário que compreendamos como as figuras de Júlio César e Antônio foram desenhadas por eles.

Portanto, neste capítulo, procuraremos perceber como as representações sobre Marco Antônio foram construídas por Veléio, Plutarco e Suetônio, destacando seus principais pontos, suas semelhanças e diferenças. Dentro de nosso relato, buscamos perceber como os autores incorporaram Marco Antônio em suas obras, como citam suas referências genealógicas e suas características morais e físicas (instrução, caráter, atitudes militares, virtudes e caráter divino). Desse modo, dividimos nosso texto de acordo com os pontos acima correlacionados, da mesma forma que fizemos no capítulo anterior.

### **4.2. Os relatos dos autores sobre Marco Antônio**

Já salientamos no início de nosso trabalho que os relatos sobre Marco Antônio são escassos. Dentre os autores aqui trabalhados, Plutarco é o único que possui uma biografia própria deste personagem. As informações existentes tanto em Veléio quanto em Suetônio serão retiradas de forma indireta. O primeiro menciona Antônio quando trata de Júlio César e de Augusto. Já o segundo, por sua vez, tem seus dados e opiniões sobre este personagem retirados, em maior quantidade, de sua biografia de Augusto, principalmente na parte onde se detém na guerra civil travada entre os dois cidadãos romanos, Otaviano e Antônio. Contudo, mesmo com base em apenas uma biografia e de referências indiretas, acreditamos que os autores demonstram uma concepção acerca de Antônio, sua vida, seu caráter, suas virtudes e seus vícios.

#### 4.2.1. Forma de incorporação no relato e referências genealógicas sobre Marco Antônio

Nas obras dos autores por nós aqui pesquisados, a figura de Antônio aparece em momentos distintos, porém, sempre associada a um personagem principal, como Júlio César ou Otávio<sup>1</sup>.

As menções de Veléio a Antônio antes do assassinato de César são poucas. Sua imagem aparece associada à imagem de um militar, em meio a desempenhos no campo de batalha, função que lhe cabia naquele momento (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 47).

A primeira menção a Antônio feita por Suetônio ocorre, contudo, não associada às funções militares, mas sim, ao desempenho da magistratura de tribuno da plebe, quando este foge de Roma e vai ao encontro de César, no início da guerra civil (SUETÔNIO, O Divino Júlio XXXI,1). Em nossa concepção, a citação mais tardia de Antônio na obra de Suetônio acontece porque, até então, as ações sociais e militares deste personagem não lhe atribuíam grande fama e repercussão na sociedade romana. Sua figura aparecerá em maior evidência durante as guerras civis e, principalmente, após o assassinato de César, quando começa a sua intensa luta pelo poder.

Plutarco também cita Antônio em meio a sua descrição da vida de César. Da mesma forma que Veléio, o beociano alude a primeira vez ao nome de Antônio durante o seu tribunato militar, quando lê, segundo o autor, uma carta de César ao povo (PLUTARCO, *César* XXX,3). Contudo, é em sua biografia sobre este personagem que sua vida é minuciosamente relatada.

Logo no início da biografia, são descritos os laços familiares e genealógicos do personagem<sup>2</sup>. Segundo Plutarco:

O avô de Antônio foi o orador Antônio, que Mário mandou executar porque aderira ao partido de Sila. Seu pai também se chamava Antônio e ostentava a alcunha de Cretense; não fizera nome na política, mas era um homem gentil e honesto, muito inclinado a larguezas (...). (PLUTARCO, *Antônio* I,1-2)

<sup>1</sup> Como as maiores informações sobre certas características de Antônio estão presentes na obra plutarqueana, a utilizaremos para compor nossa pesquisa, sempre inserindo os comentários presentes nas obras dos outros autores.

<sup>2</sup> Dentre nossos autores, Plutarco é o único que se refere à genealogia de Antônio.

O autor mostra-nos, assim, que a descendência de Antônio, ao contrário do que acontecia com César, não era, de todo modo, ilustre. Da parte de seu pai, os representantes de sua família não constituíram riquezas, nem desempenharam grandes funções no meio político e social. No entanto, o autor destaca o caráter de seu pai, o qual considera como gentil e possuidor de honestidade<sup>3</sup>.

Ao tratar das origens maternas e sobre a criação de Antônio, o autor nos relata que:

Sua mulher era Júlia, da casa dos césares, e esta poderia rivalizar com as mulheres mais nobres e mais discretas de seu tempo. Por esta mãe, Antônio foi criado após a morte de seu pai, estando esta casada com Cornélio Léntulo, aquele a quem Cícero condenou a morte por ser um dos conjurados da Catilina. (PLUTARCO, *Antônio* II, 1)

Podemos notar que Plutarco ressalta a educação de Antônio por parte da mãe, mulher que possivelmente possui ligação familiar com a família de César, questão essa que o autor faz questão de apontar, como se intentasse demonstrar que César e Antônio possuíam, de certa maneira, um ténue parentesco.

#### 4.2.2. Aspectos físicos de Marco Antônio

Plutarco é novamente quem nos dá maiores esclarecimentos sobre a constituição física. Segundo seu relato, Antônio era portador de extrema beleza, principalmente durante sua juventude (PLUTARCO, *Antônio* II,3). Em suas linhas biográficas, tem-se que:

Ostentava grandes ares de dignidade: sua barba majestosa, sua frente larga e seu nariz aquilino, de modo que sua aparência parecia se assemelhar ao aspecto viril representado por pintores e escultores ao rosto de Hércules. Existia, de resto, uma antiga tradição onde a família de Antônio era heráclidas, descendentes de Ânton, filho de Hércules. Antônio procurou afirmar esta tradição tanto por sua aparência física quanto pela forma que se vestia. Alguns relatam que, quando tinha que mostrar-se em público, possuía a túnica suspensa até as coxas, levando ao flanco uma enorme espada e envergava um pesado manto. (PLUTARCO, *Antônio* IV, 1-2)

<sup>3</sup> De acordo com Gurval (1995, p. 17), membro do *Gens Antonia*, Marco Antônio nasceu em Roma por volta do ano 83 a.C.. Seu pai era Marco Antônio Crépido, filho do orador Marco Antônio assassinado por Mário, em 86 a.C. Sua mãe, Júlia Antônia, era uma prima distante de Caio Júlio César. Tendo seu pai morrido novo, Marco Antônio e seus irmãos, Caio Antônio e Lúcio Antônio, ficaram sobre os cuidados de sua mãe, que se casou com Públio Cornélio Léntulo, um político que se encontrava envolvido com a conspiração Catilina.

Na concepção do autor acima arrolado, Antônio, apesar de ser naturalmente belo, usava desta beleza para com outros fins, para legitimar uma antiga crença, para colocar-se como descendente de grandes heróis. Essa busca de legitimação através da ascendência divina e heróica também podemos notar nas referências sobre César. Entretanto, ao tratar desse ponto, os autores aqui analisados apresentam outro tom. Como já citamos, Veléio logo de início, já caracteriza a descendência divina cesariana, sem o personagem tentar afirmá-la de qualquer maneira. Em Suetônio, essa ligação com as questões divinas aparecem no momento em que César realiza um discurso em homenagem a sua tia Júlia, colocando-a como uma herdeira dos deuses. Nesse momento, César legitima sua ancestralidade, porém, por meio de recursos oratórios e elogiosos e, não com práticas mais pejorativas, como a exposição de partes do corpo e a mudança em trajes tradicionais de vestimenta<sup>4</sup>.

#### 4.2.3. Qualidades morais e intelectuais de Marco Antônio

As referências sobre estes aspectos são bem mais presentes nas obras de nossos autores. Para nós, isso ocorre em detrimento da necessidade que os autores enxergam em ressaltar tais características, uma vez que estas são as principais formadoras do caráter e da virtude dos homens.

A princípio, Veléio já nos deixa uma pista sobre como irá caracterizar a índole de Antônio no percorrer de sua obra. Ao narrar a conspiração que se formava para o assassinato de César, o autor diz que:

E a esse acordo de morte haviam se juntado seus colaboradores mais íntimos, Décimo Bruto, Caio Trebônio e outros de nomes ilustres depois que ascenderam, através da fortuna de seu partido, às posições mais relevantes. Havia adquirido um grande ódio contra César seu colega no consulado, Marco Antônio, um homem capaz de qualquer audácia, ao impor-lhe, quando presenciava as festas dos Lupercais diante da tribuna rostral, um distintivo régio, ao qual rejeitou como pode para que isso não fosse interpretado como uma ofensa. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 56)

---

<sup>4</sup> Quando Suetônio descreve César como um homem vaidoso, podemos notar as veladas críticas direcionadas a estes modos, como salientamos nas páginas iniciais desse capítulo.

Através da sentença “um homem capaz de qualquer audácia”, Patérculo já exprime a índole que pretende encontrar nas ações de Antônio. O fato deste ter proposto a César um item que se referia diretamente à monarquia parece ter sido visto pelo autor como algo de má fé, um ato de traição que intentava caracterizar César como um homem em busca do poder monárquico, colocando-o em uma posição delicada perante ao Senado e ao povo romano. Desta maneira, parte do ódio direcionado a César tem sua culpa nas atitudes de Antônio.

A mesma referência a esse acontecimento podemos encontrar tanto em Plutarco (*César* LXI, 1-6) quanto em Suetônio (*O Divino Júlio* LXXIX, 9), onde ambos relatam a participação nada conveniente de Antônio nas festas dos *Lupercais* e a tentativa deste de coroar César com uma coroa de louros, símbolo da monarquia. Nos dois relatos, os autores também destacam que César repudiou a coroa, encaminhando-a ao Capitólio, entretanto, o mal já havia sido causado, uma vez que os presentes já passaram a suspeitar das intenções cesarianas. Aqui, mais uma vez, a figura de Antônio aparece ligada a atos impróprios, que não condiziam nem com a sua posição nem com a de César. Neste ponto, é importante ressaltarmos que, segundo pesquisadores por nós aqui estudados, Cícero atribui Marco Antônio como promotor indireto do assassinato de César, sendo através de atitudes como aquelas apresentadas nos *Lupercais*, seja através de participação em conspirações para o assassinato do general (CANFORA, 2002, p. 319; MACMULLEN, 1988, p. 514; MENDONÇA, 2007, p. 112)

Sobre o caráter de Antônio, Plutarco, por conseguinte, também é bastante expressivo. Desde a juventude, segundo este autor, Antônio dá indícios do trajeto que sua vida percorrerá. Na obra plutarquiana, um desses indícios é encontrado na relação que o ainda jovem estabelece com Curião, homem propenso a prazeres vulgares e indecorosos, o qual induziu Antônio a uma vida regada a bebedeiras e a libertinos prazeres sexuais. Foi nesse período que Antônio, entregando-se a atitudes não condizentes com os valores e tradições romanas, teria contraído pesadas dívidas, maculando, desde o início, sua imagem perante Roma (PLUTARCO, *Antônio* II, 3).

Aqui, encontramos mais um ponto distintivo entre o caráter de César e o de Antônio. Enquanto Plutarco fala sobre as relações indecorosas de Antônio que permearam sua vida desde a juventude, ao retratar César, não cita relações que viessem abalar sua imagem em meio à sociedade romana, o que, em nossa leitura,

possui o intento de demonstrar que este general não estabelecia laços com homens de baixa moral e pouca virtude, uma vez que ele próprio não apresentava tais defeitos<sup>5</sup>.

Posteriormente, outras ligações pesam na construção da imagem de Antônio nas linhas plutarquianas. Rapidamente, o autor menciona a ligação, quando Antônio ainda estava na juventude, entre ele e Clódio. Em suas palavras: “Por um curto período, Antônio esteve ligado a Clódio, o mais insolente, um dos mais depravados demagogos de seu tempo, de uma audácia capaz de perturbar todos os negócios públicos.” (PLUTARCO, *Antônio* II,4). Igualmente, segundo o autor, ao perceber que sua ligação com um homem de caráter dúbio era perigosa, Antônio opta por afastar-se de Roma, evitando, desta forma, maiores comprometimentos de sua imagem, até então já associada a homens detentores de má fama (PLUTARCO, *Antônio* II,4-5).

Ao sair de Roma, ainda de acordo com o autor supracitado, Antônio teria partido para a Grécia, em busca de instrução tanto nas artes militares quanto naquelas pertencentes ao campo da retórica. Mesmo nesse ponto, o autor não deixa de expressar críticas, uma vez que nos diz que: “Ele adotou o que era conhecido como o estilo asiático de oratória, o qual estava no auge naqueles dias e que possuía, aliás, uma forte semelhança com sua própria vida, orgulhosa e arrogante, de ênfase vazia e caprichosa pretensão.” (PLUTARCO, *Antônio* II, 5).

Para além das críticas ao estilo literário, o autor faz clara alusão ao estilo de vida de Antônio, assim como a seu gosto por aquilo de origem estrangeira, como é o caso da escolha de um estilo de oratória asiática. Plutarco, desde então, demonstra que essa propensão pelos artífices estrangeiros está, basicamente, intrínseca a Antônio e a sua vida. Aqui, mais uma vez, encontra-se uma dessemelhança com César, que é retratado por todos os autores por nós estudados, como um homem culto, que buscou ensinamentos com professores de certa fama nos assuntos pertencentes às técnicas da oratória e da retórica. Além disso, César, desde cedo, mostrava prodigioso dom para a oratória e para eloquência (PLUTARCO, *César* III,1 – 5.; SUETÔNIO, *O Divino Júlio* IV,1).

Outras alusões aos costumes repreensíveis de Antônio são realizadas tanto na biografia plutarquena de César, quanto na de Antônio. Nas análises sobre o general assassinado, Plutarco já dá indícios da propensão de Antônio para festas e

---

<sup>5</sup> Lembramos aqui que, ao contrário de Suetônio, Plutarco nada menciona sobre a suposta ligação entre César e Nicomedes, rei da Bítinia.

bebedeiras, como é o caso do seguinte trecho: “(...)a bebedeira de Antônio, o qual demoliu a casa de Pompeu e a reconstruiu, pois julgava não ser bastante grande para ele.” (PLUTARCO, *César* LI, 1-4). A mesma caracterização aparece na biografia de Antônio, quando o autor nos fala que o romano possuía o ato de beber grandes quantidades na frente de todos, além de possuir o espírito fanfarrão e zombeteiro (PLUTARCO, *Antônio* IV, 4). Notamos aqui outro ponto distintivo entre César e Antônio, enquanto o último não se priva do consumo de grande quantidade de bebidas, César, como mostra Suetônio, apresenta sua sobriedade inclusive sobre esse assunto: segundo o biógrafo, o general era extremamente moderado no consumo de vinhos, característica essa que é elogiada tanto por Suetônio quanto por outros autores de seu tempo, como é o caso de Catão (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LIII,1-2).

Sobre a disposição de Antônio frente ao consumo de bebidas, Veléio também nos fala. Em meio a suas descrições, o autor chega a dizer que, ao se tratar de atividades militares: “Antônio era melhor que muitos, quando estava sóbrio (...)” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 63). Em outras palavras, o gosto pela bebida é, para nosso autor, um dos motivos que atrapalham o desempenho de Antônio.

A demolição da casa de Pompeu, sob a justificativa de que essa não condizia com a posição de Antônio também é algo conflitante com a imagem de César, sendo que o próprio Plutarco relata sua simplicidade no modo de viver (PLUTARCO, *César* XVII, 1-6). Desde então, podemos notar que, mesmo quando não realizada de forma direta por nossos autores, suas obras são expoentes de inúmeras dessemelhanças entre as imagens de César e de Antônio. Para nós, ao mesmo tempo em que os autores tentam construir uma imagem virtuosa de César, denigrem a de Antônio, considerada a sua antítese.

Sobre o desempenho das funções militares de Antônio, os relatos também são profusos<sup>6</sup>. Plutarco coloca que a primeira participação em campanhas militares deste cidadão romano foi sob o comando do cônsul Aulo Gabínio<sup>7</sup>. Para ele:

---

<sup>6</sup> Ressaltamos novamente que tanto Suetônio quanto Veléio irão destacar as ações de Antônio no campo militar quando estas estiverem conectadas com as figuras de Júlio César ou Augusto. Portanto, nesse momento, utilizaremos em maior quantidade os dados relegados por Plutarco.

<sup>7</sup> Segundo Eleanor Huzar (1978, p. 21), Antônio parte para a Síria sobre o comando de Aulo Gabínio entre 58 e 57 a.C..

Quando Gabínio, um homem de dignidade consular, estava partindo rumo a Síria, ele tentou persuadir Antônio a juntar-se a expedição. Antônio, porém, recusou-se a ir na qualidade de simples particular, mas, ao ser nomeado comandante da cavalaria, o acompanhou na campanha. (PLUTARCO, *Antônio* III,1)

Em nossa interpretação, o autor, no trecho acima, deixa-nos entrever sinais da personalidade de Antônio. A negação de agregar as tropas de Gabínio em uma posição inferior é indicativa dos traços arrogantes e audaciosos já mencionados pelo autor previamente.

Integrando o comando de Gabínio, a primeira batalha travada por Antônio é contra Aristóbulo<sup>8</sup>, de onde, após intensos e numerosos conflitos, sai vitorioso. Neste ponto, ao tratar dos desempenhos no campo de batalha, Plutarco tece alguns elogios a Antônio, que passa a se destacar no meio militar (PLUTARCO, *Antônio* III, 1-2).

Após os conflitos contra Aristóbulo e os subvergentes da guerra civil, Antônio, segundo ainda Plutarco, parte para terras egípcias, onde, juntamente com Gabínio, auxilia o soberano ptomolaico, Ptolomeu, a recuperar seu reino. Na visão plutarqueana:

Nas muitas e importantes batalhas que então se travaram, realizou audaciosas proezas e mostrou clarividência digna de um general, sobretudo quando, envolvendo e atacando os adversários pela retaguarda, garantiu o êxito dos que os acossavam de frente. Recebeu o prêmio de valor e merecidas distinções. (PLUTARCO, *Antônio* III,5)

Tais ações atribuíram a Antônio certa glória perante os cidadãos alexandrinos, assim como em meio às tropas romanas e a seus concidadãos. Notamos aqui certa dualidade na obra plutarqueana. Apesar de o autor caracterizar a personalidade do biografado com traços pouco benéficos e elogiosos, suas ações no que se referem aos assuntos militares, nesse momento, são valorizadas e ressaltadas.

É a partir desse bom desempenho nas tropas de Gabínio que Antônio passa a se destacar, no que concerne aos assuntos militares, perante a sociedade romana.

---

<sup>8</sup> Trata-se de Aristóbulo II, filho de Alexandre Janeu e Salomé Alexandra, pertencentes à dinastia dos *asmoneus*. A participação de Antônio se dá quando esse território era assolado por inúmeras guerras civis.



O próximo passo na carreira deste militar é vir a integrar o círculo de poder de outro destacado cidadão romano, Caio Júlio César<sup>9</sup>. De acordo com Plutarco:

(...) E então Curião, que havia mudado de lado e estava agora favorecendo a causa de César, trouxe consigo Antônio. Como Curião possuía grande influência sobre a multidão devido a sua eloquência e fazendo grande uso das somas fornecidas por César, conseguiu nomear Antônio tribuno da plebe e, em seguida, um dos sacerdotes, chamados de áugures<sup>10</sup>, que observam os vôos das aves. Assim que Antônio assumiu suas novas funções, ele foi de grande assistência para aqueles que se ocupavam da gestão dos assuntos de interesse de César. (PLUTARCO, *Antônio V*, 1-2)

Plutarco destaca, deste modo, o primeiro cargo ocupado por Antônio: o tribunato<sup>11</sup>. Além disso, ressalva, igualmente, a primeira função no meio religioso romano: a nomeação como um *áugure*. Notamos que tais desempenhos ocorrem em um momento específico da história romana, quando se precipitavam os primeiros eventos da guerra civil, fazendo com que a sociedade se dividisse entre Pompeu e César, políticos em destaque no momento. Ao se colocar ao lado dos cesarianos, Antônio passa a ser pertencente e defensor de uma ideologia política, aquela que se ligava tanto a César quanto aos *Populares*.

A associação com César nesse período é citada tanto por Veléio quanto por Suetônio. O primeiro põe em relevo as atitudes do tribuno da plebe, no caso Antônio, quando este procede, frente ao Senado romano, a leitura das condições de paz colocadas por César<sup>12</sup> (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 47-48). Suetônio também alude a este fato, colocando que César era defendido no Senado pela interseção do tribuno da plebe (SUETÔNIO, *O Divino Júlio XXX*,1). Ainda mais expressiva é a visão do autor de que: “Diante da notícia de que a interseção dos

<sup>9</sup> De acordo com John Ramsey (2003:551), Antônio passa a desempenhar funções sobre o comando de César em 54 a.C.

<sup>10</sup> Os *áugures* são sacerdotes romanos que observavam os hábitos de animais em buscas de presságios e auspícios

<sup>11</sup> Antônio é eleito tribuno da plebe por volta de 50 a.C.. Os tribunos são representantes das *tribus*. O tribunato da plebe foi criado entre 494 e 493 a.C., quando é possível se verificar nos relatos antigos a primeira secessão da plebe. Eram eleitos pelos *concilia plebis*, também conhecidos por *comitia plebis tribuna*, ou seja, pela assembleia popular. Não eram magistrados porque não podiam consultar os auspícios. Exerciam os *ius auxilii* (*auxilium tribunicium*) e tinham como principal função defender pessoas e propriedades da plebe. Para tanto, podiam convocar e presidir comícios plebeus, editar medidas e exercer o direito de voto. Seus poderes eram restritos a Roma e invioláveis. Seus poderes se modificaram com o passar do tempo, ampliando-se e configurando-se de acordo com os novos moldes governamentais (AZEVEDO, 1999, p. 440).

<sup>12</sup> Segundo J. Osgood (2006, p. 41), Antônio teria sido quem apresentou uma última carta de César ao Senado, onde este salientava que manteria suas tropas pelo tempo que Pompeu mantivesse as suas.

tribunos tinha sido abolida e que eles tinham deixado a cidade, César fez com que rapidamente algumas coortes tomassem a dianteira às ocultas (...).” (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXI,1). Logo, para ele, as primeiras movimentações rumo ao conflito bélico da parte cesariana são originadas a partir da fuga dos tribunos de Roma. Por conseguinte, o autor ainda ressalta que Antônio se encontrava com César, passando a ser membro partícipe das batalhas da guerra civil (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXIII,1-2).

Plutarco, tanto nos escritos biográficos sobre César quanto nos relativos a Antônio, dedica muitas linhas à descrição de tal atitude de Antônio, denotando a grande importância desta no desenrolar dos acontecimentos futuros. De acordo com o biógrafo:

Em primeiro lugar, quando o cônsul Marcelo propôs colocar sobre o comando de Pompeu os soldados já recrutados, e ainda dar a este poder para recrutar outros, Antônio lhe apresentou oposição ao introduzir um decreto onde as forças já agrupadas deviam partir para a Síria e auxiliar Bíbulo, que combatia os partos, enquanto as tropas que Pompeu recrutava não deviam lhe pertencer. Em segundo lugar, quando o Senado se recusou a receber as cartas de César, negando também que estas fossem lidas, Antônio, cujo o ofício dava-lhe o poder, leu-as ele mesmo, e, desta forma, mudou a opinião de muitos, que julgaram a partir das cartas de César, que ele estava fazendo razoáveis e justas reivindicações. E finalmente, quando duas questões foram apresentadas ao Senado, uma, questionando se Pompeu devia licenciar suas tropas, e a outra, se César também deveria fazê-lo, sendo que alguns foram a favor de Pompeu depô-las, enquanto muitos desejavam que César o fizesse; Antônio levantou-se e perguntou aos presentes se era de suas opiniões que tanto César quanto Pompeu depusessem suas armas e dispensassem suas tropas. A esta proposta, todos aceitaram com entusiasmo e, com gritos de louvor para Antônio, eles exigiram que ela fosse colocada em votação. Porém, os cônsules se opuseram, e, novamente os partidários de César apresentaram propostas que aparentavam ser bem moderadas. A estas, Catão se opôs e Léntulo, em sua capacidade de cônsul, expulsou Antônio do Senado. (PLUTARCO, *Antônio* V, 2-4)

Antônio, na visão plutarqueana, é integrante fundamental nos eventos que culminaram na guerra civil. Primeiramente, ele faz com que se tornem conhecidas as reivindicações cesarianas. Posteriormente, é ator principal nos atos pacificadores cesarianos que, através de medidas razoáveis, tenta evitar o conflito bélico. Sua expulsão do Senado e sua consequente fuga de Roma vestindo roupas de escravo constituíam-se como uma desculpa ideal para que César desse início ao

posicionamento de suas tropas de modo a se preparar para o confronto no campo de batalha (PLUTARCO, *Antônio* VI,1)

Faz-se necessário explicitar, nesse momento, que Plutarco discorda de Cícero, o qual acusa Antônio de provocar a guerra civil<sup>13</sup>. Para o escritor beociano, César apenas faz uso da fuga do tribuno para estabelecer um motivo legítimo para atacar Pompeu (PLUTARCO, *Antônio* VI, 1-3)

Entretanto, apesar de não ser o causador da guerra civil, Antônio não parece isento de culpa na concentração de opiniões adversas referentes à pessoa de César. Para o autor, ao ser responsabilizado por César a chefiar tropas no resguardo de Roma, Antônio demonstrou atitudes e valores que não condiziam com aqueles esperados de um homem em sua posição. Logo:

Antônio, imediatamente, ganhou o favor dos soldados ao partilhar com estes seus exercícios, vivendo com eles a maior parte do tempo e sendo generoso para com eles na medida em que podia; mas, para todos os restantes, ele era odioso. Sua fácil disposição levou-o a negligenciar o injustiçado, tratou com irritabilidade aqueles que vieram lhe consultar e adquiriu má reputação por sua conduta em relação as mulheres de outros homens. Em breve, o poder de César, que se fosse restringido apenas a este grande homem pareceria muito diverso de uma tirania, tornou-se odioso por causa de seus companheiros; dos quais, Antônio, que teve grande poder e parecia ser o maior transgressor, foi o maior culpado. (PLUTARCO, *Antônio* VI, 5-6)

Podemos reparar nas descrições plutarquianas que, quanto maior o nível de poder que Antônio alcança, maior são as manifestações de seu caráter e de sua índole, manifestações estas que, na grande maioria das vezes, refletem uma péssima imagem. O mesmo não ocorre nas obras que analisamos sobre César, onde este aparece, inclusive após as guerras civis, como um homem generoso e atencioso, preocupado com as questões que afligiam a sociedade romana. Plutarco chega a mencionar que César, após configurar-se como o único governante em destaque, apresenta um caráter irrepreensível (PLUTARCO, *César* LVIII, 4).

A falha cesariana, apresentada por Plutarco, foi confiar nos dons militares que Antônio demonstrava. Realmente, segundo o autor, suas conquistas nos assuntos militares eram grandes, apesar de suas virtudes não as acompanharem

---

<sup>13</sup> Cícero, nas *Filípicas*, coloca na pessoa de Antônio a culpa de a disputa entre César e Pompeu ter chegado a um conflito armado.

(PLUTARCO, *Antônio* VII). Sobre este assunto, Suetônio também nos fala, uma vez que o autor ressalta a importante participação de Antônio e das tropas sobre seu comando no cerco das legiões pompeianas (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXIV, 35 e 36).

A grande desenvoltura de Antônio perante as adversidades dos campos de batalha, durante as conflagrações civis<sup>14</sup>, é algo extensamente analisado por Plutarco. Em nossa concepção, é nesse quesito que o autor enxerga as melhores qualidades do biografado, uma vez que ele não as apresenta frente a outros assuntos, tais aqueles conectados a assuntos referentes à administração romana. Assim, seu relato aborda pequenos lances que atribuíram a Antônio a imagem de um bom soldado. Para o autor, nos muitos combates enfrentados por César e por suas tropas, Antônio nunca deixou de se distinguir, fato que lhe proporcionou, de certa maneira, a admiração do general (PLUTARCO, *Antônio* VIII,1- 2).

Conseqüentemente, a narração plutarquiana demonstra que o sucesso obtido através das sucessivas vitórias militares, para além de arrematar a Antônio o gracejo para com os soldados, angariou também a confiança de César, que passou a atribuir-lhe com novas funções. É assim, que, no momento da batalha de Farsália, Antônio é direcionado ao comando da ala esquerda do exército cesariano, onde aparenta elogiosa agilidade (PLUTARCO, *Antônio* VIII,3). Notamos aqui que o autor beociano denota certos elogios a Antônio.

Em decorrência da vitória cesariana, é da opinião do biógrafo beociano, que César enviou Antônio, na função de chefe da cavalaria, de volta ao centro político, econômico e social romano, onde este lá desempenhou funções administrativas, enquanto César partia ao encalço de Pompeu, que fugiu na ocasião da derrota de suas tropas. O autor parece denotar grande valor a esta função, uma vez que na ausência de César, o cargo ocupado por Antônio passava a lhe empregar grande poder (PLUTARCO, *Antônio* VIII, 3). Sobre este dado da vida de Antônio, e, por conseguinte, da vida de César, nem Suetônio nem Veléio fazem alusão.

---

<sup>14</sup> Para Kamm (2006, p. 43) e Goldsworthy (2006, p. 64), durante todas as disputas, Antônio lutou ao lado dos cesarinos. Em 49 a.C., sob o comando de uma pequena parte das tropas de César, apoderou-se de Sulmona, região italiana que, atualmente, localiza-se na província de Áquila. Em 48 a.C., desembarcou em Ninfes, onde uniu suas forças com as de César, preparando-se para a batalha contra Pompeu. Logo, encontrava-se lutando por César quando este enfrentou Pompeu na planície da Farsália.

No desempenho desta função, novamente Plutarco ressalta más condutas por parte de seu biografado. Neste momento, após ser aconselhado por Asínio e Trebélio, Antônio negou seu apoio à proposta de lei introduzida pelo tribuno Dolabella, a qual visava a abolição de dívidas. No desenrolar dos acontecimentos, após repudiar sua esposa, a filha de Caio Antônio, da qual suspeitava, Antônio teria travado disputa contra o tribuno que tentava impor a aprovação de sua lei. Nesta disputa, muitas foram as baixas (PLUTARCO, *Antônio IX*,1-2). Na visão plutarqueana, ela ocasionou um aumento da má reputação de Antônio perante povo:

Este curso dos acontecimentos, naturalmente, o tornou odioso perante a multidão, e aos homens de valor e retidão, ele não era aceitável em detrimento de sua vida em geral, como Cícero<sup>15</sup> diz, ele era odiado por estes. Eles detestavam sua inoportuna embriaguez, seus pesados gastos, o seu deboche com as mulheres, os seus dias gastos dormindo ou vagando para curar a bebedeira; e, às noites em folias ou em espetáculos teatrais, ou em festas nupciais de artistas e bufões. (PLUTARCO, *Antônio IX*, 3)

Assim, podemos perceber aqui mais uma vez, o direcionamento da vida de Antônio que nos é dada por Plutarco. Parece-nos que o autor tenta demonstrar que, quanto maior é o cargo ou a função de Antônio, maiores se tornam seus vícios, suas falhas de caráter e de valores morais.

Ressaltamos aqui, novamente, que tal construção a respeito deste homem pode ter seus objetivos próprios, sendo gerada com funções específicas, uma vez que esta visão não é única na sociedade romana. De acordo com Huzar (1978, p. 56), várias foram as concepções acerca de Antônio e, os teores descritos nestas, visavam objetivos próprios. Enquanto algumas valorizavam este personagem, destacando sua bravura e o amor do povo para com ele, outras o denegriam, exaltando suas falhas e sua inaptidão para o governo de Roma. Concordamos com esta pesquisadora quando esta nos diz que tais acepções são imbuídas de uma percepção própria do período das disputas civis, no qual Otaviano e Antônio guerreavam entre si. Assim, encontraremos a criação das imagens de tais personagens realizadas tanto por seus opositores quanto por seus partidários.

---

<sup>15</sup> Segundo a tradutora e pesquisadora plutarqueana Perrin (1968, p. 159), Plutarco aqui se refere à segunda parte das Filípicas, onde Cícero faz menções aos excessos de Antônio. Em nossa visão, Plutarco muito alude a Cícero, quando trata de Antônio, o que pode direcionar sua narrativa à ressalva de determinados pontos em detrimento de outros, uma vez que Antônio e este orador eram, declaradamente, inimigos.

Em nossa visão, as descrições de nossos autores são claras nesse quesito. Os autores descrevem César e Antônio de modo a contrapô-los. Essa contraposição fica ainda mais clara na obra de Plutarco, principalmente no trecho a seguir, onde o autor nos revela que:

Era também revoltante que, enquanto o próprio César estivesse hospedado sob o céu fora da Itália, extinguindo os resquícios da guerra, trabalho fatigante e de grande perigo, seus adeptos, em virtude de seus esforços, desfrutassem do luxo e zombasse de seus cidadãos. (PLUTARCO, *Antônio IX*, 6)

Nas palavras do autor, parece-nos que ele tenta demonstrar que enquanto César estava fora, sem luxo, sem conforto, em constante perigo, Antônio desfrutava das glórias de seu general, em meio a atividades supérfluas e libertinas.

Tais atitudes de Antônio, ainda segundo Plutarco, são reprovadas por César quando este retorna a Roma. Isto é demonstrado, para o autor, pelo fato de que César não o escolhe como seu par no próximo consulado, optando por ter ao seu lado Lépido (PLUTARCO, *Antônio X*, 1-2). A repreensão de César ter-lhe-ia levado a repensar seus atos e a casar-se novamente, agora com Fúlvia, uma mulher imponente, que levou Antônio sob seu jugo (PLUTARCO, *Antônio X*, 3-4.).

A mudança na vida de Antônio é demonstrada, mais uma vez, pela mudança na atitude de César para com ele. Plutarco ressalta que, após as transformações nas atitudes de Antônio, o general passa a denotar outras ações para com este (PLUTARCO, *Antônio XI*, 1-2). Assim, Antônio alcança o consulado<sup>16</sup> quando César o recebe pela quinta vez (PLUTARCO, *Antônio XI*, 3). Veléio também nos fala do consulado exercido por Antônio, citando-o em meio a outros acontecimentos. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 58). Suetônio aborda o assunto, referindo-se a Antônio como um cônsul na ocasião da morte de César (SUETÔNIO, *O Divino Júlio LXXXIV*, 4).

É durante o desempenho dessa atribuição que ocorreram os funestos fatos durante os *Luperciais*, sobre os quais já nos referimos no início desta seção. Neste ponto, tanto Veléio quanto Suetônio atribuem a Antônio parte da culpa do assassinato de César (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 56; SUETÔNIO, *O Divino Júlio LXXIX*,9). Contudo, Plutarco, na biografia de Antônio, não lhe denota

<sup>16</sup> A nomeação de Antônio como cônsul teria ocorrido, segundo Canfora (2002, p. 336), por volta de 45 e 44 a.C..

a culpa por tais fatos, ao contrário do que faz na de César. Aqui, o autor parece colocar que não foi um ato intencional de Antônio. Em suas linhas: “E foi Antônio que, involuntariamente, forneceu aos conspiradores o mais especioso dos pretextos.” (PLUTARCO, *Antônio* XII, 1). Aqui está um ponto de distanciamento entre Patérculo, Plutarco e Suetônio. Enquanto os escritores romanos atribuem parte da culpa do assassinato de César a Antônio, Plutarco atribuiu isto ao próprio César, uma vez que suas atitudes caminhavam para a monarquia, mesmo que esse não acolhesse os símbolos que o apresentassem com um monarca perante a sociedade romana. Plutarco parece denotar certa ironia ao fato de César não ter aceitado a coroa de louros em pessoa, mas, no entanto, ter desistido os tribunos de seu cargo quando estes retiraram a coroa que tinha sido depositada sobre uma de suas estátuas (PLUTARCO, *Antônio* XII,4). Novamente, o autor tenta nos passar que são as ações que demonstram o caráter do biografado.

Entretanto, mesmo que a atitude de Antônio não fosse intencional, para o beociano, além de ela acrescentar um motivo para o assassinato de César, ela também ocasionou questionamentos sobre a lealdade do cônsul para com seu general (PLUTARCO, *Antônio* XIII,1). São desconfianças que o próprio autor parece demonstrar ao salientar que os conjurados pensavam em arrematá-lo para a conjuração. As atitudes de Antônio perante isso são dúbias: “Antônio compreendera muito bem, mas não se mostrava receptivo; todavia, não havia comunicado as conversas a César, mantendo um fiel silêncio sobre o assunto.” (PLUTARCO, *Antônio* XIII, 1). O autor, por conseguinte, relata que Antônio, ao acompanhar César ao Senado, foi parado por alguns dos conspiradores que temiam a força física de Antônio (PLUTARCO, *Antônio* XIII,2)<sup>17</sup>.

É após o assassinato de César, que as atitudes de Antônio parecem ser ainda mais expressivas, sendo destacadas por nossos autores antigos aqui analisados. Patérculo salienta a atitude conciliatória adquirida pelo cônsul neste conturbado momento. Segundo seu relato:

---

<sup>17</sup> Para Canfora (2002, p. 372), a suposta “docilidade” de Antônio, em um dia em que, como os autores nos demonstram, os presságios e os auspícios eram profusos, é bastante expressiva, uma vez que pode ser denotativa da participação, ou ao menos, do relativo conhecimento acerca da violenta cena que iria ocorrer nos momentos seguintes dentro da instituição senatorial.

Convocada uma reunião do Senado, Dolabela, a quem César havia designado para lhe suceder no consulado, tomou a frente e as insígnias consulares. Antônio, como negociador da paz, enviou seus filhos como reféns ao Capitólio e ofereceu garantias de segurança aos assassinos de César que ali comparecessem. E, como aquele famoso exemplo do decreto dos atenienses, a partir da proposta de Cícero, foi confirmada uma anistia pelos senadores. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 58)

Na descrição velleiana, Antônio aparece como um conciliador, um estrategista político que foi capaz de, em uma ocasião de grande tensão, apaziguar os ânimos.

Esse caráter conciliatório de Antônio aparece também em Plutarco, que é bem detalhista sobre este ponto. Para o beociano:

Isso foi feito como o planejado, e César sucumbiu na câmara do Senado. Rapidamente, Antônio vestiu-se com um traje de escravo e escondeu-se. Porém, ao saber que os conspiradores não empreendiam nada contra ninguém, estando apenas reunidos no Capitólio, ele os persuadiu a descer dando-lhes seu próprio filho como refém; além disso, ele mesmo entreteve Cássio, enquanto Lépido entreteve Bruto. Em seguida, reuniu o Senado e falou em prol de uma anistia e da atribuição de províncias a Cássio, Bruto e seus cúmplices e o Senado ratificou essa proposta, decretando também que não se mudaria nenhuma das decisões de César. Antônio deixou o Senado como o mais ilustre dos homens; uma vez que pensou-se que ele havia colocado um fim na guerra civil e por ter lidado como um político prudente com questões que envolviam grande dificuldade e extraordinária confusão. A partir de considerações como estas, no entanto, a sua reputação junto a multidão logo o abalou, e ele passou a ter esperanças que seria o primeiro no Estado se abatesse Bruto. (PLUTARCO, *Antônio* XIV, 1-3)

Novamente, Plutarco deixa entrever o fato de que a personalidade de Antônio muda de acordo com sua posição frente a Roma e a seus cidadãos. Assim, o seu caráter conciliatório transforma-se a partir do momento em que este percebe que possui certa reputação em meio ao povo, fazendo-lhe mudar de planos para ascender ainda mais ao poder.

É em detrimento de tais determinações que, de acordo com Plutarco, Antônio profere o elogio fúnebre de César, incitando a reação popular. Em suas palavras:

Vendo o povo singularmente comovido e enternecido, misturou aos louvores, sua tristeza e indignação perante ao ato terrível, e no encerramento de seu discurso, balançou as vestes do morto, sangrentas e perfuradas pelas espadas, chamando aqueles que tinham realizado o ato de vilões e assassinos, inspirando seus ouvintes com tamanha cólera que estes, amontoando mesas e



bancos, incineraram o corpo de César no Fórum e, então, arrebatando da pira a lenha em chamas, correram para a casa dos assassinos a fim de tomá-las de assalto. (PLUTARCO, *Antônio XIV*, 3-4)

Antônio aparece como um homem volúvel, capaz de modificar as conjunturas para que estas lhe fossem favoráveis. Sobre este discurso, Suetônio também nos fala, porém de forma um pouco distinta. Para este autor, na ocasião do elogio fúnebre, Antônio fez divulgar, através de um empregado, tanto o decreto senatorial que concedia a César as honras divinas, como também o juramento através do qual os senadores se comprometiam em defendê-lo perante os riscos de morte. Segundo o autor, a estas informações, o cônsul pouco acrescentou, no entanto, foi o suficiente para arrancar do povo entristecido reações coléricas (SUETÔNIO, *O Divino Júlio LXXXIV*, 4-5).

Logo, é fazendo uso da morte de César, que, segundo nossos autores, Antônio passa a colocar-se de outra maneira perante a sociedade. Plutarco ainda enfatiza as ações deste homem após tais acontecimentos, quando este, aproveitando-se da confiança depositada em si por Calpúrnia, viúva de César, e dos partidários cesarianos, passa a fazer uso dos espólios de César e a alterar os projetos e intenções que este havia deixado registrados em meio a seu testamento. (PLUTARCO, *Antônio XV*, 1-3). Nesta oportuna ocasião, o beociano descreve que as ações de Antônio condiziam com a de um senhor absoluto, alguém disposto a ocupar o lugar principal nos assuntos concernentes a Roma (PLUTARCO, *Antônio XV*,3).

Outras considerações acerca do caráter e dos intentos do cônsul Antônio são realizadas a partir do momento em que este se encontra com o herdeiro instituído por César, o jovem Otávio. Os relatos velleianos e plutarqueanos são bastante significativos quando tratam deste encontro entre o herdeiro legítimo e aquele que intentava sê-lo. Para Veléio:

O cônsul Antônio o aceitou (*Otaviano*) de imediato, porém com arrogância – não era apenas rejeição, mas sim temor – e, ao recebê-lo nos jardins de Pompeu, tomou apenas um momento para falar com ele, e depois começou a acusá-lo maliciosamente de ter tentado contra ele, e isso foi uma evidência vergonhosa de sua falsidade. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 60. Grifo nosso)

Assim, nas linhas velleianas, Antônio faz uso de artifícios embaraçosos e falsos para desacreditar o herdeiro de César, almejando, desta forma, alcançar a sua posição. Plutarco parece concordar com ele, uma vez que nos fala que:

É neste estado das coisas que o jovem César<sup>18</sup> chegou a Roma, um filho da sobrinha do César falecido, como já dissemos, o qual instituía como herdeiro de sua fortuna. Encontrava-se em Apolônia quando César foi assassinado. Logo ao chegar foi saudar a Antônio, como a um amigo de seu pai, e o lembrou dos valores depositados junto a ele. Pois era de sua obrigação dar a cada romano o valor de setenta e cinco dracmas que César lhes legara em testamento. De início, Antônio, desdenhando sua juventude, disse-lhe que seria uma falta de bom julgamento, com a pouca capacidade e os amigos que possuía, encarregar-se de fardo tão pesado quanto a sucessão a César. E, quando o jovem recusou-se a dar ouvidos a isso, e reclamou a soma, Antônio continuou falando e tomando inúmeras atitudes para insultá-lo. (PLUTARCO, *Antônio* XVI, 1-2)

A concordância com tais atos do cônsul aparece, inclusive, em Suetônio, o qual salienta que o jovem herdeiro de César inúmeras vezes teve que lidar com as injúrias que Antônio lhe atribuía (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* IV, 3.; VII, 3). Assim, na visão apresentada pelos três autores aqui analisados, as ações de Antônio perante Otaviano foram, desde o princípio, as principais causadoras do confronto que se estabeleceria entre estes dois cidadãos romanos. Mostra-se, desta maneira, que as narrações de Veléio, Plutarco e Suetônio se convergem neste ponto.

Plutarco é quem dá maiores informações sobre o desenrolar dos acontecimentos. Segundo o autor, Antônio e o jovem César entraram em uma acirrada disputa<sup>19</sup>, em que o cônsul comportou-se como um exímio militar e comandante. (PLUTARCO, *Antônio* XVII, 1-3). A sua desenvoltura no campo de batalha atribuiu-lhe certa reputação perante seus soldados, mesmo entre aqueles que integravam a tropa de Lépido, os quais se mostravam dispostos a lutar em seu lado da contenda (PLUTARCO, *Antônio* XVIII, 1-4).

Novamente, neste quesito, podemos mostrar a ambiguidade da biografia plutarqueana de Antônio. Este homem apresentava os piores vícios e manifestações de caráter quando estava inserido em posições de poder em Roma, entretanto, no campo de batalha, distinguia-se dos outros cidadãos, demonstrando suas virtudes,

<sup>18</sup> Plutarco, aqui, já o trata por tal titulação. O mesmo o faz Veléio.

<sup>19</sup> De acordo com Corey Brennan (2004, p. 42), as disputas entre Otaviano e Antônio iniciam-se logo após o assassinato de César, em 44 a.C., estendendo-se por um período de dois anos.

como a coragem e a simplicidade frente aos inúmeros perigos. Aqui, o militar aparenta também ter aspectos de brandura com alguns de seus inimigos, assim como César o teve (PLUTARCO, *Antônio XVIII*, 3).

Sobre as batalhas entre o herdeiro de César e Antônio, Veléio também nos passa algumas informações. Nesse aspecto, mostra Antônio como um opressor. Em suas palavras:

A cidade estava sufocada pela opressão de Antônio. Todos sentiam dor e indignação, porém, não possuíam força para lhe fazer frente, quando Caio César, que iniciava o décimo nono ano de sua vida, com a coragem para ações admiráveis e para a busca de objetivos importantes por iniciativa própria, mostrou maior providência que o Senado na proteção da República (...). (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 61)

O jovem César aparece, desde esse instante, na obra deste escritor como um protetor da *Res Pública* contra as ameaças de Antônio, sendo este último, inclusive, declarado inimigo de Roma (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 63). É nesse momento também que o autor nos fala sobre a oposição de Cícero a Antônio. Em suas palavras:

Estes são os momentos em que Marco Túlio, em uma série de discursos, gravou a fogo uma condenação imortal da memória de Antônio. Tanto este com seu brilhante e divino discurso, quanto seu partidário, o tribuno Canúcio, atacavam com insistente cólera a Antônio. A defesa da liberdade acabou para os dois com a morte. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 64)

Na visão velleiana, as marcas das acusações de Cícero a Antônio serão parte integrante das memórias acerca deste homem. Maiores críticas à atitude de Antônio serão realizadas por esse autor que, em um momento posterior, chega a dizer que Cícero foi assassinado, mas, ao invés de Antônio com isso conseguir privá-lo de sua fama, ele a aumentou, ampliando a glória de seus discursos (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 64). Concordamos com este aspecto, uma vez que podemos notar que muitos autores antigos fazem uso dos discursos proferidos por Cícero para descrever Antônio, sua personalidade, seus valores morais e seus vícios. Contudo, temos em mente que tais descrições são parciais, uma vez que são originadas de uma concepção de um dos inimigos de Antônio e, por isso mesmo, denotam a ele

características ruins em detrimento daquelas que poderiam ser analisadas como boas.

A formação do Segundo Triunvirato é muito destacada tanto por Plutarco, quanto por Veléio e Suetônio<sup>20</sup>. Neste último, ela aparece, de certa forma, diminuída, uma vez que o autor dá destaque às ações de Otaviano durante esse período, mesmo que estas não lhe fossem muito honrosas<sup>21</sup> (SUETÔNIO, *O Divino Júlio XIII*, 1-4).

Plutarco é mais incisivo ao tratar da participação de Antônio. Na visão do beociano, o jovem César é quem propõe o acordo de paz. Com o mesmo concorda Patérculo (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 65), o qual destaca que foi o herdeiro cesariano que propôs a paz entre os combatentes. Acordo este que não é bem quisto nem pelos cidadãos romanos nem pelo próprio autor, como ele nos deixa abundantemente à mostra: “Não creio que tenha havido jamais coisa tão cruel e selvagem como essa transação: barganhando crimes por crimes, assassinavam igualmente as vítimas que lhes eram entregues e as que eles entregavam.” (PLUTARCO, *Antônio XIX*,3). As proscricções ocorridas nesse período também são destacadas nos escritos de Veléio, o qual igualmente as critica (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 67).

As ações dos triúnviros não são em nada elogiosas. No relato plutarquiano, estes aparecem como homens ávidos por poder e por grandes somas financeiras, algo que faz com que aumentem os valores dos impostos, prejudicando, assim, a população romana em geral<sup>22</sup>. Porém, as ações de Antônio são as que recebem a maior atenção. Nas palavras de Plutarco:

Agora, na maior parte, o governo do triunvirato era odioso para os romanos; e a Antônio cabe a maior parte da culpa, já que ele era mais velho do que César, mais poderoso que Lépido, e que jogou-se mais uma vez, tão logo livrou-se das angústias e problemas, em sua antiga vida de prazeres e esbanjos. E a sua má-reputação somou-se

<sup>20</sup> De acordo com Brennan (2004:43), a formação do Segundo Triunvirato se dá por volta de 42 a.C. Como ressalta Grimal (1980: 90), Antônio, Otaviano e Lépido entram em acordo e, através da aprovação da Lei Titia, em 27 de novembro, pela Assembléia Tributária, dividem o território romano. Sobre a nova divisão territorial triunviral romana ver Anexo XIV.

<sup>21</sup> Adentraremos por esse aspecto da descrição suetoniana quanto tratarmos das representações acerca de Augusto.

<sup>22</sup> Relembramos aqui que, tanto Veléio quanto Plutarco e Suetônio destacam as ações de César nesse âmbito. Suetônio é o mais expressivo em afirmar que César repensou as questões acerca dos impostos, chegando a, inclusive, perdoar dívidas por um longo período (SUETÔNIO, *O Divino Júlio XLI*.).

um grande ódio causado pela casa em que habitava. (PLUTARCO, *Antônio XXI*, 1-2)

Antônio, como já salientamos anteriormente, ocupou a casa de Pompeu, na qual, segundo autores como Plutarco, fez inúmeras mudanças por acreditar que essa não condizia com a grandeza de seu novo habitante. A destruição do patrimônio de um dos importantes líderes da Roma republicana, ou seja, a devastação de parte de sua memória, pode não ter sido acolhida por alguns dos cidadãos que buscavam por exemplos de bons e sóbrios governantes. Essa nos parece ser uma das críticas realizadas por nosso autor beociano, uma vez que este, na biografia sobre César, faz questão de destacar a simplicidade deste general tanto ao morar quanto ao portar-se em meio ao público (PLUTARCO, *César XVII*, 1-8).

As atividades desempenhadas durante o governo triunviral são amplamente referendadas pelos três autores. Os três, através de enfoques diferentes, dão preferência em ressaltar a perseguição aos assassinos de César, assim como ao desempenho dos governantes nos confrontos. Suetônio, de forma mais velada, cita as ações de Otaviano e Antônio, deixando-nos a entender que a desenvoltura do herdeiro de César perante as primeiras disputas, não foi das melhores (SUETÔNIO, *O Divino Augusto X*, 3-4). Contudo, Plutarco sobre esse assunto é um pouco mais pontual, citando que: “César nada fez de louvável, foi Antônio quem obteve todos os êxitos e vitórias.” (PLUTARCO, *Antônio XXII*, 2). Porém, tanto o autor beociano quanto os autores romanos afirmam que, neste período, Otaviano encontrava-se doente, o que pode ser a causa, para os autores aqui citados, de seu despreparo (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 70.; PLUTARCO, *Antônio XXII*, 4.; SUETÔNIO, *O Divino Augusto XIII*, 1).

Após as batalhas, Plutarco passa a se concentrar nas ações dos triúmviros. Enquanto o jovem César dirigiu-se para Roma, com intuito de cuidar de sua saúde e zelar pela segurança da cidade, Antônio viajou para terras estrangeiras<sup>23</sup>, onde, mais uma vez, entregou-se às suas paixões. (PLUTARCO, *Antônio XXIV*, 1-2). As excentricidades do triúmviro em terras estrangeiras são extensamente relatadas pelo autor, que a este ponto, dedica alguns capítulos de sua obra. Em meio a tais descrições, o autor faz alusão a um componente do caráter de Antônio: a sua simplicidade. Ou seja, parte do que era considerável negligência de Antônio, era,

<sup>23</sup> De acordo com Ramsay MacMullen (1988, p. 514), esta incursão de Antônio por terras estrangeiras ocorreu por volta de 40 a.C., quando este encontrava-se na faixa dos quarenta anos de idade e estava casado com Fúlvia, sua terceira esposa.

para o autor supracitado, culpa da simplicidade deste homem que ainda apresentava-se, de certa forma, ingênuo perante determinados acontecimentos. Esta mesma suposta ingenuidade, auferida por Plutarco, pode ser a culpada pela inclinação que Antônio possuía para aceitar, de forma acrítica, os elogios e a adulação de pessoas variadas, deixando-se, assim, iludir-se (PLUTARCO, *Antônio* XXIV, 6-8).

É em detrimento desses traquejares de sua personalidade que Antônio passa a se relacionar com mulheres de dúbio caráter, tal como a governante ptolomaica, Cleópatra VII<sup>24</sup>. Ainda de acordo com as linhas plutarqueanas:

Tal, então, era a natureza de caráter de Antônio, que agora abismou-se na desgraça pelo amor de Cleópatra, amor que despertou e desencadeou nele inúmeras paixões adormecidas e sufocou o que, apesar de tudo, podia ainda existir de bom e saudável em sua alma. (PLUTARCO, *Antônio* XV, 1.)

A relação de Antônio com Cleópatra torna-se, a partir deste ponto, o eixo central da narrativa plutarqueana. A vida do cidadão romano irá girar em torno de suas ações sob o jugo desta estrangeira. Aqui, novamente, o autor beociano passa a realizar um destacamento das atitudes do biografado que demonstram seu caráter, suas virtudes e seus vícios.

Patérculo também enxerga na relação entre a governante egípcia e o triúviro romano as causas da derrocada de Antônio. Para este autor: “Mais tarde, ao inflamar sua paixão por Cleópatra e como resultado de sua enorme degradação moral, a qual sempre aumenta ao encontrar possibilidades (...)” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 82). Ou seja, para este autor, a união com a soberana ptolomaica possibilita que Antônio aumente seus defeitos morais, o que, futuramente, será a causa da guerra contra Otaviano.

Suetônio refere-se, igualmente, à relação entre Antônio e a herdeira ptolomaica. No entanto, não se estende muito na descrição desta. O autor destaca a manutenção destas relações e o que os frutos desta vieram a ocasionar na sociedade romana: uma nova guerra civil (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVII, 1-2).

Assim sendo, é nas linhas plutarqueanas que aparecem as profusas descrições do relacionamento estabelecido entre Antônio e Cleópatra. O autor

---

<sup>24</sup> A título de demonstração, colocamos a imagem de Cleópatra VII no Anexo XV.

aponta desde o primeiro encontro onde, sabendo do gosto pela excentricidade de Antônio, a ptolomaica dirige-se a ele em meio a uma gama de artífices luxuosos, que pretendiam evidenciar a sua riqueza e seu poder. Antônio, que possuía como um de seus vícios o gosto pela ostentação e por festins, teria ficado admirado, entregando-se, desde o princípio a esta relação que não lhe seria de nada proveitosa (PLUTARCO, *Antônio* XXV, XXVI e XXVII).

Notamos aqui mais um distanciamento realizado pelo autor entre Júlio César e Antônio. Ambos mantiveram relações com Cleópatra VII, no entanto, César soube se desvencilhar desta perigosa associação, tornando a se concentrar nos assuntos pertencentes a Roma e a seus concidadãos. Ao contrário de seu amigo, Antônio não o fez. Para Plutarco, este se deixou levar, esquecendo-se de seus princípios e de suas responsabilidades perante Roma, dando mostras de sua personalidade, de suas falhas morais e desvirtuosas.

Na continuação de sua descrição, Plutarco elenca inúmeras atitudes de Antônio que não condiziam com suas funções romanas. Em suas palavras:

Conquistou tão completamente Antônio que, no instante mesmo em que sua mulher Fúlvia lutava em Roma contra César para resguardar os interesses do marido; em que ele próprio era ameaçado por um exército parto que pairava sobre a Mesopotâmia (nesta região, os generais do rei tinham apontado Labieno como comandante chefe e este já se preparava para invadir a Síria), ele deixou-se levar para Alexandria. Ali, em meio a jogos e festins de um jovem homem de lazer, desperdiçava com prazeres aquilo que Antífote chamava de o mais precioso dos bens, o tempo. (PLUTARCO, *Antônio* XXVIII, 1)

Para o beociano, Antônio teria ficado contra sua esposa, além de deixar de cumprir suas funções para com Roma. Isso levou ao estremecimento das bases que sustentavam o acordo triunviral com Otaviano e Lépido (PLUTARCO, *Antônio* XXIX; XXX). O autor ressalta ainda que, a duras penas, o triúviro romano acordou de seu estupor, passando a correr atrás do tempo perdido e tentando, de certa forma, remediar os funestos acontecimentos (PLUTARCO, *Antônio* XXX, 1-3). É assim que novas negociações entre Otaviano, Antônio e Lépido acontecem para o autor, reestabelecendo por mais anos os acordos políticos entre os três romanos (PLUTARCO, *Antônio* XXXI, 1-2)<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> Em nossas análises, através da leitura da historiografia sobre o tema, percebemos que a renovação do pacto triunviral ocorre por volta de 40 a.C.. Neste momento, Antônio casa-se com a irmã de Otaviano, Otávia.

Veléio também destaca a realização desses novos arranjos entre os triúnviros romanos, salientando o fortalecimento destes a partir do casamento de Antônio com a irmã do jovem César, Otávia (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 76). Sobre este casamento, Plutarco também nos fala, evidenciando que todos esperavam que Otávia, mulher inteligente e respeitada, colocasse Antônio nos eixos, fazendo-o abandonar Cleópatra e se pendurar por atos que não condiziam com sua posição, assegurando, por conseguinte, a harmonia entre os cidadãos romanos (PLUTARCO, *Antônio XXXI*, 1-3).

Segundo os autores aqui analisados, por um curto período de tempo, os acordos entre os triúnviros foram mantidos. Plutarco chega a destacar que Antônio passou a desempenhar suas funções perante a sociedade romana com maior afinco, chegando a participar, inclusive, de algumas campanhas militares (PLUTARCO, *Antônio XXXIV*, 1-6).

Contudo, o período de estabilidade das relações entre Antônio, Otaviano e Lépido rapidamente acaba. Segundo Patérculo, César rivaliza com Lépido, o que vem por desestabilizar, principalmente após a morte deste segundo, os arranjos políticos já estabelecidos (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 80).

Plutarco, em um tom diferente, dá maiores descrições sobre os acontecimentos que levaram à ruptura das alianças. Para ele, Antônio tem, de início, um leve descontentamento com César em virtude de certos comentários acerca de sua pessoa. Otávia, que esperava o seu segundo filho com o esposo, intervém junto a seu irmão, pelo bem de seu marido e, desta forma, evita que o conflito tome proporções maiores, restabelecendo relações cordiais no encontro em Tarento (PLUTARCO, *Antônio XXXV*, 1-3).

Contudo, as ações de Antônio, segundo o beociano, novamente o levaram para um caminho traiçoeiro. Em suas palavras:

Mas o terrível mal que havia estado adormecido por um longo tempo, ou seja, sua paixão por Cleópatra, que os homens pensavam que havia se afastado e substituído por melhores considerações, ardeu novamente com renovado poder quando ele se aproximou da Síria. (PLUTARCO, *Antônio XXXVI*, 1)

As falhas e os vícios de Antônio mais uma vez são os causadores de sua derrocada. Ao voltar a se relacionar com Cleópatra, o romano dá as costas para sua



esposa Otávia e, com isso, para a pouca estabilidade que esse laço familiar lhe proporcionava com seu irmão, Otaviano.

Deste ponto em diante, o autor beociano enumera inúmeras ações de Antônio que culminaram na guerra contra Otaviano e, por conseguinte, contra a própria Roma. De início, as honras prestadas a Cleópatra e o reconhecimento de seus filhos com esta agravaram, para o autor, o descontentamento dos romanos para com esse cidadão (PLUTARCO, *Antônio* XXXVI, 3-4). Para o autor, a relação com Cleópatra alterou, até mesmo, o resultado das guerras travadas por Antônio, que, em decorrência de sua ânsia por estar ao lado da soberana alexandrina, iniciou os conflitos em épocas impróprias, além de fatigar suas tropas e arrecadar, desta forma, o desgosto de seus soldados, mesmo entre aqueles que nutriam profundo respeito e admiração por seu comandante (PLUTARCO, *Antônio* XXXVII, XXXVIII, XXXIX e XL).

Foi em meio a esse caos reinante na vida de Antônio que se estabeleceram os primórdios de uma nova guerra civil<sup>26</sup>. Para Plutarco, o estopim é dado quando Antônio passa a renegar Otávia, sua esposa romana, em detrimento de Cleópatra. Segundo o beociano, isso é um dos principais motivos utilizados por César para declarar guerra a Antônio (PLUTARCO, *Antônio* LIII, 1-2.; LIV, 1-2). Faz-se necessário a ressalva de que o autor atribuiu a Cleópatra grande parte da culpa por esse conflito, uma vez que são suas atitudes dissimuladas que levam Antônio a desamparar Otávia e a sociedade romana (PLUTARCO, *Antônio* LIII, 3-4).

A deflagração civil entre Antônio e Otaviano é abordada pelos três autores. Veléio, assim como Suetônio e Plutarco, coloca em Antônio a maior parte da culpa, uma vez que seu desregramento moral fez com este declarasse guerra a sua própria pátria (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 82).

Suetônio também coloca a culpa nos desvios de Antônio perante as tradições e os valores romanos. Em suas palavras:

Finalmente rompeu a aliança sempre dúbia e incerta com Marco Antônio, mal restabelecida por várias reconciliações, e, para que pudesse melhor provar que ele tinha degenerado dos padrões de comportamento civil, fez abrir e ler em público o testamento que ele deixara em Roma e que também nomeava os filhos de Cleópatra como seus herdeiros. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XVII, 1)

<sup>26</sup> Segundo Huzar (1978, p. 98), as primeiras demonstrações de uma nova guerra civil tiveram início por volta de 38 e 37 a.C., quando Otaviano levanta contra Lépido acusações de traição.

Sobre esse aspecto do testamento de Antônio, Plutarco igualmente nos fala, (PLUTARCO, *Antônio* LVIII, 4), acrescentando a isto as cerimônias realizadas pelo próprio romano em Alexandria, onde este proclamava seus filhos com a ptolomaica como os detentores de honras divinas e de províncias romanas. Esta atitude, ainda de acordo com Plutarco, lhe atribuiu grande ódio e rancor em meio a seus concidadãos (PLUTARCO, *Antônio* LIV, 3).

Tais atos geraram a acusação pública de Antônio realizada por César frente ao Senado romano, o que intensificou a disputa, que, até este momento, ainda não tinha sido direcionada para o campo de batalha (PLUTARCO, *Antônio* LV, 1- 4).

Sobre os embates das tropas, Veléio é um dos autores que mais se estende. Para ele, estava claro, desde o princípio, qual seria o lado vencedor, utilizando, inclusive, a nomenclatura de Juliano ao tratar das forças do herdeiro de César. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 84). O autor igualmente denota atenção ao fato do grande número de desertores das tropas de Antônio; desertores estes que se uniam às causas de Otaviano (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 84). Ainda sobre a batalha: “Logo chegou o dia mais decisivo, em que César e Antônio combateram com as esquadras frente a frente, um pela salvação, outro pela destruição da urbe” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 85). Logo, podemos notar que Veléio denota à guerra civil um objetivo: enquanto César lutava para proteger Roma, Antônio, guerreando ao lado do inimigo, personificado por sua relação com Cleópatra, lutava para destruí-la.

Suetônio, por sua vez, é mais rápido na descrição dos acontecimentos. De forma sucinta, relata a ebulição do conflito, passando rapidamente aos acontecimentos finais, tais como a morte de Antônio e Cleópatra e a vitória de Otaviano (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XVII, 1-8).

Por sua vez, o autor beociano, que produziu uma biografia inteira de Antônio, descreve as ações de forma pormenorizada. A princípio, cita as atitudes de Antônio e Cleópatra perante a configuração hostil que se formava. Para o autor, a participação da rainha e as ações do cidadão romano em sua presença, faziam com que muitos dos valiosos apoios do exército de Antônio partissem em retirada, passando a integrar as tropas de Otaviano (PLUTARCO, *Antônio* LVII e LVIII).

Interessante notar é que Plutarco ressalva uma questão que não aparece nas obras dos outros autores. Eis o que ele nos fala:

Quando César já contava com preparativos suficientes, votou-se para que se decretasse guerra contra Cleópatra e para que se tirasse de Antônio a autoridade a qual ele tinha rendido a uma mulher. A isto, César adicionou que Antônio tinha sido enfeitiçado e que não era mais senhor de si mesmo, e que os romanos guerreavam contra o eunuco Madião, Potino, Iras, a dama de companhia de Cleópatra e Charmian, justamente os encarregados por gerir os principais assuntos do governo. (PLUTARCO, *Antônio* LX, 1)

Logo, o autor expõe os motivos para a guerra alegados por Otaviano. Não se tratava de uma guerra civil, uma vez que a disputa não era entre dois cidadãos romanos. Antônio estava compelido por forças misteriosas, não era mais senhor de si mesmo. A guerra era contra um reino e contra uma rainha estrangeiros, contra Cleópatra e seus súditos.

Por conseguinte, o beociano trata a respeito dos presságios que, desde o princípio da batalha, anunciavam o vencedor. Segundo este autor, estes indicavam grandes problemas para o lado de Antônio (PLUTARCO, *Antônio* LXI, 1-3).

Sobre o combate em si, tanto Veléio quanto Plutarco nos informam. O primeiro é bastante profícuo ao relatar os passos da contenda, a qual teve seu ápice em uma batalha naval, em Áccio<sup>27</sup> (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 85-86). O desfecho da disputa, assim como a fuga de Antônio, é-nos bastante expressiva, como podemos observar no trecho a seguir:

Cleópatra foi a primeira a empreender a fuga, Antônio preferiu acompanhar a rainha fugitiva que permanecer com seus soldados em combate, e o general que deveria ter sido duro com seus desertores, desertou de seu próprio exército. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 85)

O escritor militar dá vulto à fuga de Cleópatra e de Antônio, deixando claro como enxerga esse ato. Salienta ainda como o exército deste general, apesar de ter sido abandonado por seu principal comandante, continua bravamente a lutar, mesmo sabendo que a vitória não poderá mais ser alcançada. O papel de César, como um homem clemente e piedoso, que: “ (...) querendo render com as palavras aqueles que podia vencer com a espada (...)” (*História Romana* II, 85), também é muito destacado pelo autor, que torna a descrever as ações do herdeiro julio-

<sup>27</sup> Noma Musco Mendes (2006, p. 26) e Canfora (2002, p. 380) situam a batalha de Áccio em 31 a.C..

claudiano no intuito de resguardar as vidas dos cidadãos romanos, mesmo aqueles que o combateram.

Plutarco também analisa de forma pormenorizada a batalha de Áccio. Assim, destaca a composição das tropas de Antônio e Cleópatra, seus aliados e sua formação (PLUTARCO, *Antônio* LXI, 1-3). Para o autor, foi sob o jugo de Cleópatra que Antônio, apesar de possuir grande superioridade em terra, opta por um confronto naval. Os barcos de Antônio ostentavam luxo, exibiam as riquezas alexandrinas; porém, os de César, apesar de serem mais simples, eram mais rápidos e eficientes, além de possuírem todos os efetivos (PLUTARCO, *Antônio* LXII, 1-2).

O beociano também cita o grande número de deserções que assolaram as tropas de Antônio, desistências estas que foram ocasionadas tanto por Cleópatra quanto pela derrocada da batalha que, ao invés de ser em solo firme, ocorria em águas marítimas (PLUTARCO, *Antônio* LXIII, 1-2). É também em detrimento de Cleópatra, que o próprio Antônio abandona suas tropas:

Foi então que Antônio demonstrou claramente que não estava sendo dirigido nem pelo pensamento de um comandante nem pelo pensamento de um bravo homem, nem ao menos pelo seu próprio, mas, como alguém brincando certa vez afirmou que a alma de um amante habita outro corpo, ele se viu arrastado por aquela mulher, como se ambos fossem um só e ele tivesse que estar onde ela estava. Tão logo viu a embarcação desta partindo, esqueceu-se de tudo, traindo e abandonando aqueles que lutavam e morriam por sua causa, subiu em um quinquerreme, acompanhado apenas pelo sírio Alexas e por Esquélio, e apressou-se em acompanhar a mulher que já havia lhe arruinado e agora tornaria esta ruína ainda mais completa. (PLUTARCO, *Antônio* LXVI, 4-5)

O abandono do campo de batalha por Antônio parece ser motivo de crítica, tanto de Plutarco quanto de Veléio. Neste evento, o beociano mostra-nos que, apesar do abandono de Antônio, sua frota resistiu longamente ao assédio de César, recusando-se a acreditar que o homem pelo qual lutavam havia lhes abandonado. Somente após sete dias, quando a vitória já estava perdida, os soldados de Antônio desistiram, passando para o lado de César (PLUTARCO, *Antônio* LXIII, 1-3).

O autor ainda nos fala que Antônio, após empreender fuga, refugiou-se em Alexandria para aguardar o resultado final da batalha de Áccio. Segundo as linhas plutarqueanas, ao saber que suas tropas e seu aliados haviam debandado para o

outro lado, o general pareceu sentir-se aliviado, voltando a emergir nos festins, nas bebedeiras e nas libertinagens com Cleópatra (PLUTARCO, *Antônio* LXXI, 1-2). Mesmo em meio a estas, tanto a soberana quanto o seu consorte romano tentaram pedir um acordo com César, o qual, por inúmeras vezes, o recusou (PLUTARCO, *Antônio* LXXII e LXXIII). As batalhas recomeçaram no inverno seguinte. (PLUTARCO, *Antônio* LXXIV, 1).

De acordo com o autor já mencionado, César chegou em terras alexandrinas, montando o cerco a Antônio. Este, por sua vez, tentou defender-se. Aqui, novamente deu provas de seu desempenho no campo de batalha (PLUTARCO, *Antônio* LXXIV,2-4.; LXXV,1). Contudo, até mesmo o deus Dionísio, com o qual Antônio procurava se assemelhar, abandonou-lhe (PLUTARCO, *Antônio* LXXV, 4). Em seguida, o restante de suas tropas, as quais também eram formadas por soldados alexandrinos, debandou-se para o lado cesarino (PLUTARCO, *Antônio* LXXVI, 1-2).

Por conseguinte, deu-se a morte de Antônio. Até mesmo nessa ocasião, a culpa pelo seu suicídio recai sobre a rainha ptolomaica. Ele se mata por acreditar que ela estava morta (PLUTARCO, *Antônio* LXXVI e LXXVII). A reação de César, ao saber da notícia do suicídio é também referendada. Nas palavras do autor: “Ante a notícia, César retirou-se para os fundos da tenda e chorou por aquele que fora seu parente, seu colega e companheiro em tantos combates e empreendimentos.” (PLUTARCO, *Antônio* LXXVIII, 2). A partir de então, passou a perseguir Cleópatra, a qual veio por cometer suicídio dias depois (PLUTARCO, *Antônio* LXXXIV e LXXXV).

No desenrolar da narrativa velleiana, podemos encontrar também referências da atitude de César perante sua vitória e na perseguição aos fugitivos, Antônio e Cleópatra. Novamente, Veléio a descreve como clemente:

Antônio não tardou em suicidar-se, sendo que com sua morte expiou seus numerosos crimes (consequências) de sua negligência. De sua parte, Cleópatra, depois de burlar seus guardas, servindo-se de uma áspide, sem sentir o temor próprio de uma mulher, morreu da picada. E foi digno da fortuna e da clemência de César o fato de que nenhum dos que haviam pegado em armas contra ele, fora morto por ele ou por ordem dele. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 87)

Em Suetônio, a descrição difere-se um pouco. Para este autor, parte da culpa da morte de Antônio recai sobre César, uma vez que: “Certamente impeliu Antônio, que tentava negociar a paz tarde demais, à morte, e viu-o morto.” (SUETÔNIO, *O*

*Divino Augusto* XVIII, 5). Ao mesmo tempo, o autor relata que este também tentou impedir a morte de Cleópatra, pois esta lhe seria de muita utilidade em seu triunfo (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVIII, 6). Na mesma instância, matou um dos filhos de Antônio com a soberana, assim como o com Fúlvia e o suposto filho de Caio Júlio César, Cesarião<sup>28</sup> (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVIII, 7). Porém, o jovem futuro governante romano demonstra seus ares de clemência quando concede a ambos, Antônio e Cleópatra, a honra do sepultamento em conjunto, terminando a construção do mausoléu que Cleópatra havia iniciado em Alexandria (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVIII, 6). Plutarco estende essa largueza de César às servas que morreram junto a Cleópatra, prescrevendo-lhes cerimônias honrosas (PLUTARCO, *Antônio* LXXXVI, 4)

Plutarco, no final de sua biografia, remete-se à construção genealógica dos herdeiros de Antônio, sete filhos com três mulheres diferentes. Para o autor, Otávia, após a morte de Antônio, criou a todos como se fossem seus. Os herdeiros de Antônio vieram a ocupar grandes cargos imperiais, sendo que dois foram nomeados imperadores. Porém, até mesmo nestes, as reminiscências do caráter de Antônio são prejudiciais. Para o autor, Nero Germânico era o quinto descendente de Antônio e sobre este, informa-nos que: “(...) é aquele que reinou em nossa época, matou a mãe e quase arruinou o império romano com suas loucuras.” (PLUTARCO, *Antônio* LXXXVII, 3).

A comparação que Plutarco faz entre Demétrio<sup>29</sup> e Antônio, seus pares biográficos, também é bastante expressiva. Segundo o autor, ambos experimentaram de grande poder e de intensas mudanças da fortuna. O macedônico herdou o império de seu pai, algo conquistado por sua família e ampliado durante o seu governo. O romano, por sua vez, apesar de não nascer em meio a uma família de grande reputação, ousou buscar o poder de César, poder este que não lhe era direito e que, mesmo assim, tentou assumir. As intenções de Antônio, por sua vez, também diferem daquelas de Demétrio. Em sua concepção, Antônio, de forma despótica e violenta, tentou dar continuidade aos desejos de César, ou seja, aspirava a uma monarquia. Demétrio, pelo contrário, lutou por libertar a Grécia das garras de seus dominadores (PLUTARCO, *Comparação entre Demétrio e Antônio* I,

<sup>28</sup> Plutarco também relata o desejo de Otaviano de ter Cleópatra como prisioneira em seu desfile triunfal (PLUTARCO, *Antônio* LXXXIV, 1-2), assim como os assassinatos do filho da soberana com Antônio e deste com Fúlvia (PLUTARCO, *Antônio* LXXXI, 1-3).

<sup>29</sup> Trata-se de Demétrio II, filho de Antígono, soberano da Macedônia.

1-4). Ainda, segundo o autor: “Ambos cometeram excessos em tempos de prosperidade, deixando-se levar aos deboches e prazeres. Não se pode, entretanto, dizer que Demétrio, até no auge das festas e orgias, tenha perdido ocasião de agir.” (PLUTARCO, *Comparação entre Demétrio e Antônio III, 1*). Pelo contrário, Antônio desvirtuou-se de seus empreendimentos inúmeras vezes, seja por culpa de seus desejos íntimos, seja por culpa de Cleópatra. Renunciou, inclusive, a sua possível vitória em Áccio, refugiando-se em meio a estrangeiros (PLUTARCO, *Comparação entre Demétrio e Antônio III, 3-4*). Também, em oposição a Demétrio, que contraiu inúmeros casamentos, mas foi respeitoso com todas as suas mulheres, o romano chegou a ter duas esposas ao mesmo tempo, chegando a renegar sua consorte romana, legítima e respeitosa, por uma estrangeira, a qual foi a origem da maioria de seus males (PLUTARCO, *Comparação entre Demétrio e Antônio IV, 1-3*).

Antônio, para o nosso autor, não demonstrou respeito nem com sua família, nem com seus amigos e aliados. Abandonou aqueles que lhe proporcionaram as maiores e mais belas vitórias (PLUTARCO, *Comparação entre Demétrio e Antônio V*). Por último, podemos notar um elogio da parte de Plutarco a Antônio. Em suas palavras: “O fim de Antônio foi covarde, vergonhoso e digno de piedade, porém, ao menos, antes que seu inimigo se tornasse mestre de sua vida.” (PLUTARCO, *Comparação entre Demétrio e Antônio VII, 2*).

Assim, terminam os relatos acerca da vida de Antônio. Cada autor a sua própria maneira, seguindo suas concepções e as formas de escritas por eles selecionadas, descrevem e analisam a vida deste importante personagem do cenário republicano romano. Em Veléio e Suetônio, Antônio e suas ações aparecem como uma espécie de pano de fundo, sempre conectadas a Júlio César ou a Otaviano. Isso pode ser fruto tanto da abordagem de tais autores que, como já salientamos, enfatizam suas descrições em torno de determinados personagens e imperadores romanos; quanto ao papel que tais escritores atribuem a Antônio. Plutarco, por conseguinte, já denota maior importância às ações deste romano perante Roma e aos eventos do período. Para ele, cria uma biografia própria, algo que não podemos encontrar em outros escritores do período. Nesta, suas ações são descritas de forma pormenorizada, destacando-se seus vícios, suas virtudes, seu caráter e sua moral.

Mesmo com a constatação de diferenças nas obras de nossos autores, chamam-nos a atenção as semelhanças. Semelhanças estas que estão nas

informações que tais autores nos passam, nas descrições acerca de Antônio e na conceituação da personalidade deste personagem. Descrições que, mais uma vez, utilizam-se da tradição romana no intuito de legitimar tanto a figura de *Princeps* como o sistema político do Principado Romano. Em nossa concepção, cada autor fala à sua própria maneira, mas todos buscam legitimar o sistema político do Principado como um todo e, para isso, fazem uso das descrições de Júlio César, Marco Antônio e Augusto.

Durante nossas análises acerca da construção da imagem de Augusto, verificamos que nossos autores se utilizam das qualidades traçadas para Júlio César, transformando Marco Antônio em sua antítese, como veremos no capítulo seguinte.





## CAPÍTULO 5

*"Todos nós construímos a nós mesmos."*

Peter Burke

## **5. VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO E AS CONSTRUÇÕES DA IMAGEM DE AGUSTO ATRAVÉS DE JÚLIO CÉSAR E MARCO ANTÔNIO**

### **5.1 Considerações preliminares**

Após analisarmos as construções dos autores aqui selecionados a respeito de Júlio César e de Marco Antônio, passamos agora para as considerações acerca de um homem de múltiplas denominações: Otávio, Otaviano, César e Augusto.

Assim como nos capítulos anteriores, procuraremos salientar alguns pontos dentro das obras, sendo estes: forma de incorporação ao relato, referências genealógicas, aspecto físico e qualidades morais e intelectuais (instrução, caráter, atitudes militares, virtudes e caráter divino). Dessa forma, pretendemos demonstrar como se dá a elaboração de Veléio, Plutarco e Suetônio em torno de Augusto, suas similaridades e diferenças. Ainda, trata-se de percebermos como as representações acerca deste importante personagem do cenário romano de finais do século I a.C. giram em torno das semelhanças com César e das disparidades com Antônio.

### **5.2 Os relatos dos autores sobre Augusto**

É em meio à instabilidade política em Roma após os idos de Março que surge em maior evidência a figura do jovem Caio Otávio, futuro Otaviano. Dentre os autores aqui trabalhados, Suetônio é quem possui uma biografia sobre este romano. Nos dois autores restantes, as descrições acerca deste personagem serão retiradas de forma indireta, tanto em Veléio quanto em Plutarco. O primeiro, refere-se muito ao herdeiro de César no decorrer de sua obra. Cita seu nascimento, seu apogeu, seus feitos e sua morte. As maiores referências de Plutarco são encontradas na biografia sobre Antônio e aludem, principalmente, às ações de Augusto como governante durante o Segundo Triunvirato. Entretanto, mesmo as pequenas menções nos são significativas, uma vez que expressam as concepções de seus criadores a respeito daquilo que relatam.

### 5.2.1 Forma de incorporação ao relato e referências genealógicas sobre Augusto

Na obras dos autores por nós aqui selecionados, a figura de Augusto aparece em momentos distintos de suas narrativas. A primeira menção a Augusto por Veléio Patérculo ocorre quando este, em meio aos relatos sobre Pompeu Magno, descreve o nascimento de Augusto. De acordo com ele: “O nascimento do Divino Augusto, que iria obscurecer a todos os homens de todas as naturalidades com sua grandeza, há noventa e dois anos atrás, acresceu de brilhantismo o consulado de Cícero<sup>1</sup>.” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 36).

Desde este momento, já se faz possível notar qual será o tom adotado por este escritor ao descrever Augusto. Logo de início, ele já o caracteriza como Divino e salienta que este irá eclipsar os demais homens deste período. Em meio a seu relato, ora o chama como Otávio (principalmente quando trata de sua descendência), ora como Augusto ou César. Tais nomeações variam de acordo com o período sobre o qual o autor relata e a posição social e política ocupada pelo personagem neste mesmo recorte temporal.

Em Plutarco, a primeira menção sobre Augusto ocorre logo após a descrição do assassinato de César, quando nos informa a respeito das perseguições dos assassinos. Entre os perseguidores, encontra-se o jovem César (PLUTARCO, *César* LXVII, 5). Ao fazer uso dessa denominação, Plutarco já especifica dois pontos. Primeiramente, já alude ao fato de Otávio ter sido adotado por César, colocando-o como seu herdeiro. Além disso, também destaca a posição política que futuramente será ocupada por este jovem, a de César, a qual, para além de nome, será usado também como um título ligado ao Império.

É também em meio a sua biografia de César que Suetônio se refere, pela primeira vez, a Augusto. Trata-se da ocasião da abertura do último testamento de César, onde este instituíra seus herdeiros, assim como a divisão de seus bens. Nas linhas de Suetônio:

Mas no último testamento, instituiu herdeiros três netos de suas irmãs, Caio Otávio, em três quartos, Lúcio Pinário e Quinto Pédio, na quarta parte restante; na parte final do testamento adotou Caio

<sup>1</sup> Seria por volta de 63 a.C., período em que Cícero é eleito cônsul pela primeira vez (MANZANO, 2001, p. 136)

Otávio e lhe deu seu nome, tendo nomeado tutores dos filhos que lhe viessem a nascer a maior parte dos que o apunhalaram; entre os herdeiros de segundo lugar estava até mesmo Décimo Bruto. Legou ao povo, coletivamente, os jardins do Tibre, e trezentos sestércios por pessoa. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXXIII, 3-4)

Suetônio, diferente de Plutarco, adota, a princípio, o nome Otávio ao tratar da juventude deste romano. Posteriormente no relato suetoniano, o jovem será tratado por sua titulação religiosa, ou seja, por Augusto.

Assim como os outros autores, Patérculo não deixa de citar a adoção do jovem cidadão romano por César, aspecto este que será de grande importância na nova configuração da sociedade romana. Nas palavras desse autor: “Depois, se abriu o testamento de César onde este adotava Caio Otávio, neto de sua irmã Júlia.” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 59). Logo, encontramos aqui um novo ponto de concordância entre nossos autores: todos concordam que Otávio, ainda jovem, foi adotado por César, com quem possuía, inclusive, laços consanguíneos. A partir desse ponto, os autores aproximam as questões positivas de Otaviano a Júlio César, separando-o, por conseguinte, dos vícios de Marco Antônio.

Sobre a genealogia de Augusto<sup>2</sup>, Veléio e Suetônio são os que nos dão as maiores informações. De acordo com o escritor militar, a descendência do jovem herdeiro de César é, de certa forma, simples, porém honrosa, como podemos perceber no excerto abaixo:

Seu pai, Caio Otávio, descendia de uma família que, embora não fosse patrícia, era muito ilustre dentro da ordem dos eqüestres; um homem severo, irrepreensível, honrado e rico. Obteve em primeiro lugar a pretura junto com homens muito notáveis, depois que sua dignidade o tornou merecedor do casamento com Átia, a filha de Júlia, terminou essa magistratura, dirigindo-se a Macedônia, onde foi nomeado general; porém, em sua volta a Roma para apresentar sua candidatura ao consulado, morreu, deixando um filho de quatro anos. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 59).

Notamos que Patérculo parece denotar muita importância ao fato de Otaviano apresentar ligação com a ordem equestre. Aqui, ao contrário do que faz quando trata de César (*História Romana* II, 41), o autor não menciona nenhuma origem divina

<sup>2</sup> No Anexo II, previamente citado, exemplificamos a genealogia da Dinastia Júlio-Claudiana.

para este personagem, mesmo este sendo pertencedor da família do *Iulis*<sup>3</sup>. Segundo Préneron (1992, p. 107), esta característica da obra velleiana está relacionada com a posição que o próprio autor ocupa dentro da sociedade romana. Ou seja, como pertencente ao grupo dos equestres, aparenta grande satisfação ao destacar que um dos filhos de seus membros chegou ao mais alto cargo dentro do Império, tornou-se Imperador. Com este ponto, concordamos, uma vez que enxergamos o discurso como fruto da subjetividade de seu autor.

Já Suetônio aborda a descendência de Augusto através de outros viés. Este autor menciona a constituição das famílias dos Otávios desde os primórdios de Roma. Para ele, muitos são os vestígios que levam a crer que a família Otávia foi uma das primeiras de *Velitras*<sup>4</sup>. Em suas palavras:

Muitas evidências comprovam que a família Otávia foi, outrora, a primeira de Velitras. De fato, o bairro localizado na parte mais populosa da cidade já muito era chamado de Otávio, e aí se erguia um altar consagrado a Otávio, que fora general em guerra contra povos vizinhos (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* I, 1)

Suetônio, por conseguinte, também nos fala a respeito da posição social ocupada pela família otaviana desde seus primórdios: “Essa família foi, em meio às de segunda posição, admitidas pelo rei Tarquinio Prisco<sup>5</sup> ao senado e em seguida transferida ao estatuto patrício por Sérvio Túlio<sup>6</sup>(...)” (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* II, 1-2).

Suetônio ainda cita que, após muitos anos, a família Otávia agrega-se a plebe novamente, só retomando seu status de patrício através do intermédio de Júlio César (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* II, 3). O desempenho de cargos e magistraturas por parte dos ancestrais de Augusto também é bastante citado na obra suetoniana. O autor relata desde os antepassados mais longínquos, que desempenharam importantes funções junto a Roma, até os bisavôs e avôs paternos de Otávio (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* II, 3-5).

<sup>3</sup> Como ressaltamos no Terceiro Capítulo dessa Dissertação, Veléio destaca que os Júlios descendiam de Ânquises e Vênus, sendo o primeiro um herói, e a segunda uma deusa (*História Romana* II, 41).

<sup>4</sup> Cidade dos *Volscos*, povo que, como os latinos também habitavam o Lácio antigo. *Velitras* localizava-se a sudeste de Roma.

<sup>5</sup> Tarquinio Prisco, de acordo com a cronologia de Tito Lívio, foi o quinto rei de Roma, durante os anos de 616 a 578 a.C..

<sup>6</sup> Governante que sucede Tarquinio de 578 a 574 a.C..

Neste ponto, é interessante notarmos a alusão que o autor faz a respeito da descendência de Augusto e a utilização desta para zombarias por parte de Marco Antônio. De acordo com suas descrições, poucas são as informações que ele pode coletar a respeito do avô paterno de Augusto. Este, em relatos de outras pessoas, teria sido um homem bem afortunado, que envelheceu tranquilamente enquanto se ocupava com a administração de uma região. No entanto, Suetônio cita que este descendente de Augusto é muito utilizado em chacotas proferidas por Antônio. Em suas linhas biográficas:

Seu avô envelheceu muito tranquilamente, com um patrimônio abundante e satisfeito com o governo do município. Isso, porém, outros disseram: o próprio Augusto nada mais escreve que ter nascido numa família equestre e rica, e na qual o primeiro senador foi seu pai. Marco Antônio lança-lhe ao rosto um bisavô liberto, cordoeiro do território de Túrio<sup>7</sup>, e um bisavô banqueiro. Nada mais pude descobrir sobre os ancestrais paternos de Augusto. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto I*, 4-5.)

Neste momento, de acordo com o relato suetoniano, o fato de Antônio chamar Augusto de Túrio possui o propósito de denegrir, de certa forma, sua imagem. Contudo, o impasse é deixado no ar, uma vez que, como o próprio autor ressalva, sobre este homem, até mesmo Augusto pouco fala.

O próximo passo da narrativa suetoniana é ater-se ao pai de Augusto. Em suas próprias palavras:

Seu pai, Caio Otávio, desde a juventude gozou de grande riqueza e prestígio, de modo que certamente me admira sabê-lo arrolado por alguns como banqueiro ou ainda entre os agentes e cabos eleitorais; de fato, criado em meio à opulência, obteve magistratura com facilidade e exerceu-as com distinção. Ao deixar o cargo de pretor coube a ele, por um sorteio, a província da Macedônia e, no caminho, destruiu os fugitivos que ocupavam o território de Túrio, bando restante de Espártaco e de Catilina, em uma missão extraordinária confiada a ele pelo Senado. Governou a província com não menos justiça do que firmeza, pois, desbaratados os bessos e trácios numa grande batalha, de tal modo tratou os aliados, que ainda restam cartas de Cícero nas quais ele exorta e aconselha o irmão Quinto, que na mesma época desempenhava o proconsulado da Ásia gozando de reputação pouco favorável, a imitar seu próprio vizinho, Otávio, a fim de granjear aliados. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto II*, 1-3)

<sup>7</sup> Túrio trata-se de uma cidade localizada, na Antiguidade, na Magna Grécia.

Assim como Patérculo, Suetônio também demonstra o pai de Augusto, Caio Otávio, como um homem dotado de muitas qualidades, distinto, corajoso e justo, que desempenhou inúmeras funções em meio a sociedade romana, chegando a, inclusive, tornar-se senador (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* II,4)

É, ainda de acordo com Suetônio, no retorno a Roma, quando ia candidatar-se ao consulado, que o pai Caio Otávio veio a falecer de forma repentina. Nesse ponto, possuímos mais uma informação que não nos é passada por Veléio nem por Plutarco. Suetônio nos diz que, antes de se casar com Átia, mãe de Augusto, o pai do futuro governante contraiu casamento com Ancária, com quem gerou Otávia Maior. Assim, ao falecer, não deixava apenas Augusto e Otávia, mas também uma meia irmã, Otávia Maior (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* IV, 1).

A respeito de Átia, Suetônio igualmente aborda. Segundo ele, esta era filha de Marco Átio Balbo, descendente de muitos senadores e parente de Pompeu, com Júlia, irmã de Júlio César, como podemos notar no treco de sua obra arrolado abaixo:

Àtia foi gerada por Marco Átio Balbo e por Júlia, irmã de Caio César. Balbo, um aricínio<sup>8</sup> pelo lado paterno, com muitas figuras senatoriais na família, era, pelo lado materno, parente muito próximo de Pompeu, o Grande e, tendo exercido o cargo da pretura, dividiu, integrando a comição dos vigintívros, o território da Campânia entre a pleble de acordo com a lei Júlia<sup>9</sup>. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* IV, 2)

Notamos assim, novamente, que Suetônio cita uma genealogia, de certa forma, nobre para seu biografado. Este mantinha relações de parentesco com importantes nomes da sociedade romana, tais como Pompeu Magno e Caio Júlio César. Todavia, mais uma vez na narrativa suetoniana, encontramos referências ao nome de Marco Antônio, o qual também se utiliza da imagem do avô materno de Augusto para lhe atribuir injúrias e desdenhos. Nas palavras do autor: “Entretanto, o mesmo Antônio, desdenhando também a linhagem materna de Augusto, lançou-lhe ao rosto que seu avô era de origem africana e que havia possuídos comércios diversos em Arícia.” (*O Divino Augusto* IV, 2-3).

<sup>8</sup> Arícia era uma cidade do Lácio, situada entre Velitras e Roma.

<sup>9</sup> Como o próprio Suetônio relata em sua biografia de César (*O Divino Júlio* XX, 1-4), quando cônsul, este dividiu e distribuiu terras da Campânia. Pela passagem da biografia de Augusto acima destacada, nota-se que seu avô materno foi parte integrante de uma comissão de vinte homens encarregados de proceder e fiscalizar a partilha destas terras.

No desenrolar das descrições suetonianas, o nascimento de Augusto é destacado. Da mesma forma que Veléio, Suetônio o insere em 63 a.C: “Augusto nasceu durante o consulado de Marco Túlio Cícero e Caio Antônio, nove dias antes das Calendas de outubro, pouco antes do nascer do sol, na região do Palatino próxima às Cabeças de Boi (...)” (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* V, 1). Logo, Augusto teria nascido por volta do dia 24 de setembro, pela manhã. O local do nascimento e da criação durante sua juventude, para o autor supracitado, seria um lugar sagrado, onde apenas por extrema necessidade se poderia adentrar (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* VI, 1-2). Tem-se aqui, a primeira das manifestações de origens divinas relacionadas a Augusto que podemos encontrar na obra suetoniana, origens divinas que também aparecem nas construções de nossos autores sobre César, mas não nas de Antônio.

O nascimento de Augusto, em um momento posterior da narrativa suetoniana, ainda é imbuído de novos ares de mistério e de manifestação dos deuses. Segundo o autor, vários foram os incidentes que se cercaram o nascimento daquele que viria a ser chamado de Augusto. Para o autor, tais manifestações são de origem divina e já evidenciavam o que se podia esperar daquele que nascia sua grandeza futura e sua sempre presente ventura (*O Divino Augusto* XCIV, 1). A origem divina também é muito destacada em César. Neste ponto, notamos mais uma aproximação entre Júlio César e Augusto realizada por Veléio, Plutarco e Suetônio.

É também o autor acima arrolado que nos fala a respeito de um outro cognome de Augusto, Turino, o qual poderia aludir tanto a origem de seus ancestrais, quanto ao sucesso de seu pai perante a contenção de escravos fugitivos dessa região (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* VII, 1-2). Para o autor, ao perceber que esse cognome é utilizado por Antônio para desacreditá-lo, Augusto surpreende-se, pois para ele não lhe constituía em motivo de infâmia. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* VII, 3).

Plutarco, por nós aqui pouco mencionado, pouco fala sobre os aspectos genealógicos daquele que, por inúmeras vezes, chama de César. Em detrimento de não possuímos a suposta biografia de Augusto de sua autoria, as referências acerca da descendência daquele a quem chama de jovem César ficam restritas somente a esse ponto: era sobrinho neto de Caio Júlio César, quem o adotou e, por conseguinte, deu-lhe o nome de César (PLUTARCO, *César* LXVII). Em suas palavras: “Neste estado das coisas, o jovem César chegou a Roma. Ele era, como já



foi dito, filho de uma sobrinha do falecido César, a quem este deixou como herdeiro. Achava-se em Apolônia quando César foi morto.” (PLUTARCO, *Antônio* XVI, 1).

Contudo, mesmo em que tenhamos poucas linhas plutarqueanas sobre Augusto, notamos que, mesmo nestas, o autor não deixa de reforçar a aproximação de Júlio César com seu herdeiro, o futuro Augusto.

### 5.2.2 Aspectos físicos de Augusto

Sobre a constituição física de Augusto, Suetônio, novamente, é quem nos dá as maiores descrições. Em um momento posterior de sua obra, quando trata a respeito dos aspectos da personalidade, das virtudes e dos vícios do biografado, o autor menciona as características físicas constitutivas do futuro governante. Em suas palavras:

Desfrutou de rara beleza e foi bastante atraente ao longo de toda sua vida. Contudo, prescindiu de qualquer adorno e a tal ponto era descuidado com os cabelos que se prestava às pressas e ao mesmo tempo aos cuidados de vários barbeiros, e raspava ou aparava a barba enquanto lia ou mesmo escrevia algo. Tinha as feições tão tranqüilas e serenas quando falava ou se calava, que um dos nobres gauleses declarou aos companheiros ter sido de tal modo inibido e abalado por sua presença que, ao ter-se aproximado dele a pretexto de conversar, não o lançou de um precipício durante a travessia dos Alpes como determinara a fazer. Tinha os olhos claros e brilhantes: chegava mesmo a desejar que se julgasse haver neles uma espécie de força divina, e alegrava-se caso, a alguém que o olhasse mais fixamente, fizesse baixar o rosto como que diante do brilho do sol. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* LXXXIX, 1-3).

Notamos aqui um ponto de diferenciação entre César e Augusto<sup>10</sup>. O primeiro, como o mesmo autor nos diz, aparentava ser mais cuidadoso com os cuidados corporais, apresentando meticulosidade desde o corte de cabelo até a forma de se vestir. Como já destacamos, em nossa visão, ao relatar tais cuidados com o corpo físico de César, Suetônio nos passa uma velada crítica<sup>11</sup>, ao contrário do que faz quando trata das mesmas questões pertencentes a Augusto. Aqui, o autor destaca

<sup>10</sup> Não podemos deixar de notar certa diferença, igualmente, entre os aspectos que Suetônio relata em Augusto e as descrições de Plutarco sobre Antônio. O autor beociano descreve seu biografado como um homem bonito e vaidoso, que de tudo fazia para mostrar seu corpo e, desta maneira, ser comparado a Hércules, de quem dizia descender.

<sup>11</sup> Sobre tal característica da obra suetoniana, discutimos no Terceiro Capítulo, na seção aspectos físicos.

que o governante era belo por natureza, de uma forma que encantava e, até mesmo, ludibriava as pessoas. Contudo, nada fazia para manter-se belo, não sendo, desta forma, vaidoso. Seus cuidados com os tratos corporais, de acordo com a narração suetoniana, eram poucos e chegam a ser, até mesmo, questionados pelo autor.

As descrições sobre os traços de Augusto ainda continuam nesta parte da obra de Suetônio. O autor também ressalva que este era de estatura baixa, a qual era compensada pela proporção de seus membros, de pele que variava entre morena e clara, de cabelos levemente anelados e alourados, dentes pequenos e desiguais, orelhas de tamanho mediano, sobrancelhas unidas e nariz sobressalente na parte de cima (*O Divino Augusto* LXXXIX, 4-5). Fala-nos ainda que: “Diz-se que seu corpo era marcado com sinais de nascença dispersos pelo peito e pelo abdômen, dispostos, quanto à forma, ordem e número, como as estrelas da Ursa Celeste (...)” (*O Divino Augusto* LXXX, 1). Até mesmo no corpo, possuía marcas que o ligavam a questões divinas e celestes.

Porém, o mesmo Augusto também é narrado com algumas fraquezas físicas, tais como pouca força no lado esquerdo do corpo o que fez com que, durante os meados de sua vida, passasse a mancar e a utilizar-se de certos artifícios que lhe permitissem andar e sustentar tal parte do corpo (*O Divino Augusto* LXXX, 2).

Suetônio igualmente aborda algumas das doenças que vitimaram seu biografado ao longo da vida. Segundo o autor, Augusto padecia anualmente, de acordo com as estações, de alguns males, tais como constipações e inflamações intestinais. Tais doenças faziam com que Augusto adotasse, nesses períodos, determinados estilos de vida e cuidados com sua saúde (*O Divino Augusto* LXXXI e LXXXII).

Apesar das profusas descrições suetonianas, nem Veléio nem Plutarco descrevem a constituição física de Augusto. Veléio, em sua concisa brevidade, dá grande importância às características morais deste governante, não se atendo, nem por um momento, à composição da aparência de Augusto. Acreditamos, entretanto, que assim como fez na biografia de César e na de Antônio, Plutarco deveria, na biografia de Augusto que se perdeu no tempo, dar ao menos algumas descrições acerca de tais características. Contudo, como não as possuímos, trabalharemos com as informações indiretas retiradas de outras biografias que o autor nos passa, principalmente sobre o caráter e as ações de Augusto, nas biografias de César e de Antônio.

### 5.2.3 Qualidades morais e intelectuais de Augusto

As qualidades morais de Augusto aparecem, nas obras de nossos autores, em meio aos acontecimentos de sua vida, no desenvolver de suas ações. Ainda, é através destas que as maiores semelhanças com Júlio César e as maiores discrepâncias com Marco Antônio podem ser percebidas. Sendo assim, para conseguirmos entender como se dá a construção de tais qualidades nas linhas de Veléio, Plutarco e Suetônio é necessário que entendamos o cenário que possibilitou que estas desabrochassem. Pensando nisso, salientaremos tais características da mesma forma que nossos autores fizeram, ou seja, em meio à descrição dos acontecimentos.

Veléio, no desenrolar de sua narrativa, nos dá inúmeros indícios sobre como caracteriza Augusto. Logo de início na primeira menção de seu nome já nos diz: “O nascimento do Divino Augusto, que iria obscurecer a todos os homens de todas as naturalidades com sua grandeza (...)” (*História Romana II*, 36. Grifo nosso). Logo, desde este ponto, Veléio já menciona traços da personalidade de Augusto, tais como sua grandeza.

A proeminência de Augusto ainda é demonstrada na obra velleiana quando este ainda era apenas um jovem, quando passa a desempenhar algumas funções de maior relevância. De acordo com o autor:

Porém, seu tio avô, Caio César, quis a este, que havia sido educado na casa de seu padrasto Filipo, como se fosse um filho seu, e, desde seus dezoitos anos este o seguiu na campanha da Hispânia, o tendo como um companheiro, alojando-se no mesmo lugar que ele e compartilhando de seu carro; o honrou com o pontificado e com o sacerdócio quando não era mais que um menino. Ao final da guerra civil, o enviou a Apolônia, para que o espírito deste jovem singular se instrísse nas disciplinas liberais, se bem que pretendia levá-lo como companheiro de armas nas campanhas contra os dácios e, depois, contra os partos. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 59)

Desta forma, para o autor, Júlio César nutria fortes sentimentos por aquele a quem adotou. Sentimentos estes que eram angariados pelo próprio Otávio e por sua forma singular de ser. Assim, desde jovem, o futuro César acompanhou a seu tio e pai adotivo nas batalhas, usufruindo, inclusive, de certos privilégios para com este.

Foi também sob o jugo de César, que Otaviano passou a ser instruído nas artes liberais.

Sobre estes fatores da vida do futuro Augusto, Suetônio também nos informa. Para ele, as mostras do caráter de seu biografado se dão também desde cedo:

Aos onze, louvou publicamente sua avó Júlia na ocasião de seu falecimento. Quatro anos mais tarde, depois de ter vestido a toga viril, foi agraciado com recompensas militares no triunfo africano de César, embora tivesse ficado fora da guerra em razão de sua pouca idade. Seguiu sem demora o tio que partira para a Hispânia contra os filhos de Pompeu, por estradas infestadas de inimigos e quando mal se recuperara de uma doença grave, aos lados de uns poucos companheiros e tendo passado por um naufrágio, cativando-o grandemente: logo se louvou também a natureza de seu caráter, além de seu empenho na viagem. Decidindo César por uma expedição contra os dácios e os partos após as batalhas na Hispânia, ele, mandado previamente a Apolônia, dedicou-se aos estudos. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* VIII, 1-3)

Suetônio dá grande valor ao elogio fúnebre realizado pelo ainda jovem Otávio. Aqui, assemelha-se novamente com Júlio César, quem também proferiu louvações públicas a membros femininos de sua família, no caso sua esposa e sua tia. Neste quesito, também podemos notar uma separação da figura de Antônio, o qual, em nenhuma de nossas obras, é citado como tendo se destacado no proferimento de um discurso ou elogio fúnebre, com exceção da ocasião daquele realizado após a morte de César, onde Suetônio mesmo nos diz que, após a leitura das Atas do Senado, Antônio acrescentou poucas palavras.

O discurso fúnebre também se constitui em uma evidência do caráter do biografado, tanto nas descrições sobre César quanto nas de Augusto. Ainda, podemos notar os aspectos semelhantes entre as obras de Veléio e Suetônio, quando em ambas aparece em destaque o desempenho de Otávio em meio às batalhas travadas por seu tio avô, desempenhos estes que, além de serem demonstrativos de seu caráter, angariaram-lhe a admiração de seu futuro pai adotivo.

Para Suetônio, César, ao escolher seu sobrinho neto como seu herdeiro, também está demonstrando uma escolha feita pelos deuses, a qual lhe é mostrada através de um prodígio. Nas palavras do autor:

Em Munda, procurando o Divino Júlio um local para montar acampamento e tendo ele feito derrubar parte do bosque, mandou

que uma palmeira aí descoberta fosse poupada como presságio da vitória; um broto surgido dela em seguida tanto cresceu que não apenas se equiparou à planta mãe, mas, de fato, cobriu-a totalmente e se povoou com ninhos de pombas, embora essa espécie de ave evite ao máximo as folhagens duras e ásperas. Dizem que foi principalmente aquele prodígio que levara César a não desejar que nenhum outro o sucedesse a não ser o neto de sua irmã. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XCIV, 7)

Assim, já se anunciavam as características do herdeiro de César, que além de ter sido escolhido pelo próprio tio, foi também escolhido pelos deuses, da mesma forma que o foi Júlio César.

O pendor pela educação e pela instrução também foi um dos valores de Otávio que muito agradou a Júlio César. O autor, em um momento posterior de sua obra, diz que ao futuro Augusto dedicou-se com afinco, desde a juventude, as artes liberais, desenvolvendo, por conseguinte o dom da eloquência, da mesma forma que seu pai adotivo possuía (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* LXXXIV, 1). As demonstrações destas qualidades serão dadas em vida, quando compõe muitas obras de gêneros variados, adotando para isso um estilo elegante e sóbrio, evitando a frivolidade. Aqui, Suetônio distingue este governante de Antônio, o qual demonstra o pendor por estilos exuberantes de escrita, oriundos de terras estrangeiros, condizentes com sua personalidade (*O Divino Augusto* LXXXV, 1-3; LXXXVI, 3)<sup>12</sup>.

Após essas considerações iniciais, os autores passam a centralizar suas atenções para um momento posterior da vida deste personagem, em sua posição e em seus atos perante a morte de César. Os três autores concordam que, neste período, Otaviano encontrava-se em Apolônia, em detrimento de adquirir certa instrução<sup>13</sup> (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 59.; PLUTARCO, *Antônio XVI*, 1.; (SUETÔNIO, *O Divino Augusto VIII*, 3.). Para Patérculo, ao saber do assassinato de seu tio, passou a dirigir-se a Roma. No caminho, inteirou-se dos detalhes sobre o crime, assim como descobriu a respeito do testamento onde era adotado como filho de César. Neste momento, segundo este autor, o jovem possuía o apoio de legiões próximas, que estavam dispostas a defendê-lo (*História Romana*

<sup>12</sup> Ressaltamos que, conforme exposto no capítulo anterior, Plutarco tece inúmeras críticas ao estilo de escrita adotado por Antônio.

<sup>13</sup> Sobre este ponto, pesquisadores atuais sobre o tema, tais como Gruen (2005, p. 38), parecem concordar com a visão apresentada por Veléio, Plutarco e Suetônio.

II, 59). Contudo, as linhas mais expoentes são as seguintes, onde o autor nos relata que:

“Um grande número de amigos o acudiram ao chegar em Roma e, no momento em que estava prestes a adentrá-la, um arco íris em forma de coroa ornamentou a frente de um homem que mais tarde iria ser tão importante.” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 59)

Dessa forma, Veléio alude a alguns pontos de grande importância. Primeiramente, o jovem Otávio, assim que se descobriu como herdeiro de César, recebeu o apoio de algumas legiões, o que vem por legitimar, desde o princípio, o seu direito de governo. A mesma intenção de legitimação encontramos na descrição da manifestação de origem divina no momento em que o futuro governante chega a Roma. Este, ao pisar na cidade, é coroado por fachos de luzes coloridas. Em outras palavras, de acordo com nosso autor, até mesmo os deuses se manifestaram frente à nova posição que o jovem herdeiro de César viria a ocupar.

Na obra suetoniana, podemos encontrar a mesma passagem, onde o autor nos diz que:

Retornando de Apolônia após o assassinato de César, um círculo semelhante ao arco íris rodeou repentinamente o sol enquanto entrava em Roma e o céu estava límpido e sereno. Imediatamente depois, o sepulcro de Júlia, a filha de César, foi atingido por um raio. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto XCV*, 1)

Logo, o herdeiro de César era legitimado até mesmo pelos deuses, que se manifestaram assim que este colocou os pés em Roma.

Em Plutarco, as atitudes do herdeiro de César diferem-se um pouco. De acordo com o beociano, ao chegar a Roma, o primeiro encontro que o herdeiro de César tem é com Antônio, a quem cobra a distribuição das somas que seu pai havia legado ao povo romano. É a partir deste encontro que as primeiras hostilidades entre os futuros integrantes do Segundo Triúnvirato se iniciam (PLUTARCO, *Antônio XVI*, 2). Aqui, como já salientamos, o escritor descreve Antônio como um homem temeroso que, por recear o poder do herdeiro, faz uso de tudo a seu alcance para prejudicá-lo, como desdenhar da sua juventude e sugerir sua falta de capacidade para dar continuidade nas ações de César. (PLUTARCO, *Antônio XVI*, 3).

Contudo, Plutarco, ao contrário de Veléio, apresenta uma visão não tão serena do jovem César. Segundo ele, o futuro governante, na disputa contra Antônio, soube estabelecer laços com os homens certos, aqueles que, há tempos, já se constituíam como inimigos de seu oponente. Sendo assim, uniu-se, a princípio, a Cícero, homem que gozava de grande prestígio dentro da sociedade romana e que nutria profundos desafetos por Antônio (PLUTARCO, *Antônio* XVI, 4). Desta maneira, conseguiu que Antônio fosse declarado inimigo público pelo Senado, obtendo também a sua pretura e com isso, a missão de expulsar das terras itálicas seu inimigo e suas tropas (PLUTARCO, *Antônio* XVII, 1-2).

Após sua primeira vitória, o jovem César parte em perseguição a Antônio (PLUTARCO, *Antônio* XVIII, 1-4). Entretanto, ao ver que este se unira a Lépido, concentrando, assim, inúmeras legiões, opta por tentar estabelecer acordos de paz (PLUTARCO, *Antônio* XIX, 1). É dessa forma que o Segundo Triunvirato se inicia para Plutarco, forma esta que, como já demonstramos no capítulo anterior, é considerada cruel e selvagem pelo autor (PLUTARCO, *Antônio* XIX, 3).

Logo, notamos que em Plutarco, a figura do jovem César aparece com alguns traços diferentes daqueles destacados por Veléio. Apesar de não colocar isso como algo ruim, o beociano nos passa que o futuro governante, respondendo à configuração da política romana que se colocava a sua frente, soube fazer-se incluso no cenário, tomando atitudes para com aqueles que lhe eram oponentes.

Suetônio, por sua vez, também nos fala sobre este particular momento da vida do futuro Augusto. Este autor apresenta uma versão igualmente distinta das de Plutarco e Patérculo. De acordo com ele:

Quando soube do assassinato de César e de que era seu herdeiro, por muito tempo hesitou se deveria apelar para as legiões próximas e, na verdade, abandonou tal idéia como precipitada e imatura. Tendo, contudo, retornado a Roma, reclamou o legado, apesar das hesitações de sua mãe e das muitas tentativas de dissuadi-lo por parte de seu padrasto, Márcio Filipo, homem que já havia exercido o consulado. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* VIII, 4).

Suetônio descreve um breve momento de hesitação por parte do herdeiro de César, hesitação esta que era compartilhada por sua mãe e por seu padrasto, Filipo. Sobre este ponto, também notamos certa concordância na obra velleiana, como mostra o trecho que se segue:

A sua mãe Àtia e a seu padraastro Filipo, não lhes agradava que herdasse o nome de César, cuja fortuna suscitava ódio, mas, a salvação da *Res Pública* e de todos os outros lugares lhe reclamavam como protetor de Roma. Por isso, seu elevado espírito descartou os conselhos humanos, e assim se propôs a aspirar alto sem temer os riscos, ao invés de limitar sua ambição para preservar sua segurança. Preferiu confiar em seu tio e no nome de César mais que em seu padraastro, dizendo repetidas vezes que não podia permitir considerar-se indigno de um nome que César lhe havia considerado digno. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 60)

Para este autor, Otávio assumia o nome de César não só em detrimento de sua própria vida, mas pelo bem de Roma e das demais regiões que dela dependiam. Assim, assume os riscos em detrimento de sua própria segurança. Em nossa concepção, aqui há uma aproximação realizada pelo autor entre César e seu herdeiro, uma vez que, em seu relato, inúmeras vezes podemos notar que ele caracteriza César como uma espécie de defensor da sociedade e dos valores romanos. Notamos assim, o uso da memória de César como forma de legitimação de seu herdeiro, pois, ao adotar o nome de seu pai adotivo, Otávio não estabelece apenas laços de parentesco, mas apropria-se também da memória coletiva acerca desse cidadão.

Na continuação do relato velleiano, este aborda a oposição que, logo de início, o herdeiro cesariano recebe daquele que parecia ser seu aliado, Antônio. De acordo com o autor, este temia o novo poder que se concentrava em Otaviano, o qual poderia cobrar-lhe as copiosas somas deixadas por César ao povo romano; somas estas das quais Antônio fez uso indevido. Foi neste momento que, de acordo com Veléio, aos espalhar boatos maliciosos a respeito de Otaviano, Antônio dá mostras de sua vergonhosa falsidade (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 60). Neste ponto de sua narrativa, ao tratar da crescente oposição entre Antônio e Otaviano, promove uma distinção entre ambos. De início, coloca que: “O ódio aumentava entre dois homens de natureza tão distinta e com diferentes interesses, e, por isso, o jovem Caio César sofria com o assédio diário de Antônio.” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 60). Posteriormente, a disputa que era entre cidadãos romanos, torna-se uma batalha por Roma. Em suas palavras:

A cidade estava sufocada pela opressão de Antônio. Todos sentiam dor e indignação, porém, não possuíam força para lhe fazer frente, quando Caio César, que iniciava o décimo nono ano de sua vida, com a coragem para ações admiráveis e para a busca de objetivos



importantes por iniciativa própria, mostrou maior providência que o Senado na proteção da República (...). (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 61)

Otaviano, novamente, ocupa a posição de protetor de Roma. Assim, reuniu parte das tropas de seu pai adotivo e parte em busca de Antônio, cujo o exército, ao deparar-se com “(...) as qualidades de um jovem de tamanho valor (...)”. (*História Romana II*, 61), trocou de lado. Perante tal evento, o Senado honrou o jovem César com uma estátua localizada em frente à tribuna rostral; honra esta que, em trezentos anos, apenas Sila, Pompeu e Júlio César haviam recebido (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 61). Em seguida, contando com apenas vinte anos, o futuro governante vence uma violenta batalha em Módena, o que faz com que Antônio, com uma escassez vergonhosa de recursos, fuja dos territórios itálicos (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 61). Em nossa acepção, o autor, tenta demonstrar como Otávio, desde a juventude, constituiu-se em um homem de valores, de atributos que são demonstrados no campo de batalha, nos atos em defesa de Roma e que, por isso, são reconhecidos tanto pelo Senado quanto por seus inimigos. Tais descrições também podemos encontrar quando o autor trata de Júlio César. Observamos aqui, toda uma construção ideológica em torno de César e Augusto, construção esta que, a nosso ver, é representativa da tentativa de se legitimar o sistema político do Principado romano.

Suetônio também relata a oposição que o futuro governante sofreu por parte de Antônio. De acordo com suas interpretações, com o intuito de realizar maiores ações em relação aos assassinos de seu pai adotivo, o agora Otaviano candidata-se ao tribunato da plebe<sup>14</sup> (SUETÔNIO, *O Divino Augusto X*, 2). Neste momento, Antônio, a quem via como seu primeiro aliado, lhe oferece grande oposição (SUETÔNIO, *O Divino Augusto X*, 3). Assim, passa a ser imbuído, por seus inimigos, de várias desonras. Para o autor: “Marco Antônio disse que a adoção de seu tio fora paga pelo estupro de que dele sofrera.(...)” (*O Divino Augusto LXVIII*,1). Mostra-se assim, para o autor, uma tentativa de descrédito, da parte de Marco Antônio, àquele que César havia designado como seu herdeiro.

<sup>14</sup> Neste momento, o autor salienta que esta candidatura não condizia com a posição atual de Otaviano, uma vez que era de origem patriciana e ainda não tinha exercido função na instituição senatorial (SUETÔNIO, *O Divino Augusto X*, 2).

É em detrimento desta oposição que, segundo o autor, ao ver que suas intenções seriam frustradas, Otaviano estabelece alianças com integrantes dos *Optimates*, em sua maioria, oponentes de Antônio (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* X,4). Ainda para o autor, suas ações nesse momento são voltadas: “(...) em seu auxílio e no da República.” (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* X,4).

É em meio às primeiras disputas contra Antônio que, novamente, dá provas de sua coragem e desempenho nos campos de batalha, evidenciando, desta maneira, mais uma das características que compartilhava com Júlio César. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* X, 5). Atributo este que, segundo Plutarco, também pode ser visto, inúmeras vezes, na figura de Antônio, no entanto, não de forma tão acentuada como acontece nas descrições sobre Augusto.

Encontramos um ponto concordante entre as narrativas de Plutarco e Suetônio quando o último, a referendar a formação do Segundo Triunvirato, também destaca que Otaviano só propôs acordos de paz quando percebeu que Lépido havia se unido a Antônio, aumentando o contingente deste último (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XII,1). Novamente neste ponto, Otaviano muda de lado, passando a ligar-se aos *populares*, abandonando suas curtas ligações com os *optimates* (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XII,2). Esta, de acordo com nosso ponto de vista, pode ser uma velada diferenciação que Suetônio promove entre César e seu herdeiro, uma vez que o primeiro, apesar dos inúmeros reveses que sofreu, nunca mudou sua posição frente à política romana. Sempre se colocou como tributário de Mário e, por conseguinte, dos *populares*, fazendo uso dessa ligação para ascender na política romana.

Veléio também ressalta a formação do Segundo Triunvirato. Para ele, o jovem César uniu-se a Antônio, que agora contava com o apoio de um maior número de legiões, pois, assim, conseguiria vingar a morte de seu pai adotivo (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 65). Em seguida, nesse período, o futuro governante, com vinte anos, assumiu o consulado juntamente com Quinto Pédio (*História Romana II*, 65).

O estabelecimento dos laços triunvirais entre o jovem César e os outros dois homens não é bem visto também por esse autor, como já salientamos no capítulo anterior. As proscricções realizadas pelos triúnviros constituem-se em grande parte das críticas de Veléio ao Segundo Triunvirato. Contudo, sobre a participação do futuro governante nesses atos, o autor nos diz que: “(...) apesar de César tentar

evitá-lo, isso foi em vão contra a opinião dos outros dois, assim se instaurou um mal do qual Sila havia dado o exemplo: as proscricões.” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 66). O autor cita os proscritos por Antônio e por Lépido, porém nada fala daqueles que o foram pelas mãos do jovem César. Ao contrário de Veléio, Suetônio nos diz que:

Exerceu o triunvirato a fim de organizar a *Res Publica* por dez anos; no exercício dessa função, lutou por algum tempo contra os colegas para que não houvesse proscricão, mas, uma vez aprovada, usou desse recurso mais duramente que um e que outro (SUETÔNIO, *O Divino Augusto XXVII,1*).

Outras críticas acerca das posteriores atitudes de Augusto podemos encontrar no desenrolar da biografia suetoniana, a qual parece criticar o modo como este trata, após vencer as tropas de Bruto, seus cativos (SUETÔNIO, *O Divino Augusto XIII*, 1-2). Mais uma vez aqui, encontramos uma notória diferença com Júlio César, o qual é elogiado, em sua biografia, pela brandura com a qual tratou até mesmo seus inimigos. Em outro momento, critica também outras atitudes do futuro governante quando este ainda era triúviro. Segundo o autor, nesse período, Otaviano deu mostras de autoritarismo ao perseguir violentamente seus opositores ou aqueles que acreditava ser. Em suas linhas, atribui a essa atitude do jovem a sua inexperiência e o medo de perder o poder com qual procurava restabelecer os assuntos da República (SUETÔNIO, *O Divino Augusto XXVII*, 1-2).

No entanto, apesar das demonstrações pouco virtuosas no princípio de seu triunvirato, estas logo são recompensadas por suas ações futuras. Dentre elas, está o término da associação com Lépido e com Antônio. Nas palavras do autor:

Finalmente rompeu a sempre dúbia e incerta aliança com Marco Antônio, mal estabelecida por várias reconciliações, e, para que melhor pudesse provar que ele tinha degenerado os padrões de comportamento civil, fez abrir e ler em público o testamento que ele deixara em Roma e que também nomeava os filhos de Cleópatra como seus herdeiros. Contudo, depois que este foi julgado inimigo público, enviou-lhe todos os seus parentes e amigos, entre eles Sósio e Domício, cônsules até então. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto XVII*, 1-2)

Destas afirmações do autor, podemos tirar algumas considerações. Primeiramente, Otaviano é quem desfaz o equivocado acordo que estabeleceu o

governo triunviral. Em uma segunda instância, para o autor, ele aparece como um defensor das tradições romanas, uma vez que torna visível que Antônio degenerou-se em virtude da manutenção de suas relações com uma soberana estrangeira. Outra consideração gira em torno da ação deste romano em relação aos familiares e amigos, portanto, partidários de Antônio. Ao contrário do que muitos fariam, Otaviano envia-os a Antônio, não realizando contra estes nenhum ato de violência. Aqui está uma aproximação com César que, como já ressaltamos, aparece como um homem, de certa forma, benevolente para com os inimigos, e, por conseguinte, um distanciamento com Antônio, o qual, de acordo com Plutarco, não concedia favores e mostras de certas gentilezas nem mesmo aos amigos (PLUTARCO, *Comparação entre Demétrio e Antônio II*, 3).

Sobre o desenvolvimento das batalhas entre os triúmviros, Veléio e Plutarco são os que dedicam maior espaço em suas descrições. Para o primeiro, o fraquejar das relações tem início quando, após retornar das perseguições aos assassinos de Júlio César, seu herdeiro depara-se em Roma com problemas ocasionados por Lúcio Antônio e Fúlvia, irmão e esposa de Antônio. O jovem César, “com sua valentia e fortuna”, combate-os, afastando-os de Roma e de seus intentos. Antônio, por sua vez, segundo o autor, não participa das consternações, mas sabia o que estava acontecendo e esperava aproveitar-se dos distúrbios provenientes destes embates (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 75).

Ainda de acordo com o autor supracitado, a paz é restabelecida por um novo acordo realizado em Brindis (*História Romana II*, 76), sendo selada pelo casamento entre Antônio e Otávia, irmã do jovem César (*História Romana II*, 78). Novas instabilidades só virão a aparecer, segundo Patérculo, algum tempo depois, entre Lépido e César. Para ele, Lépido, um homem de grande futilidade e indulgência, teria traído a confiança de seu companheiro de governo ao roubar-lhe as legiões pelas quais lutava (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 80). Informa sobre César, ao tornar-se ciente da traição:

Desde os Cipiões e outros generais antigos dos romanos, nunca ocorreu um ato tão audacioso e realizado com tanta valentia como César o fez. Porque desarmado, com a cabeça coberta por uma capa, sem outro título que apenas seu nome, se introduziu no acampamento de Lépido, e, desviando dos dardos que lhe lançavam por ordem de um homem implacável, e com uma lança cravada no capuz da capa, se atreveu a tomar-lhes a águia de uma de suas

legiões. Pode-se ver, leitor, que diferença havia entre os dois generais: soldados armados perseguiram esse homem desarmado enquanto Lépido, dez anos depois de ter chegado a um poder que, por sua conduta, absolutamente não merecia, abandonado por seus soldados e pela fortuna, com a cabeça coberta por um manto de pano ruim, escondido em uma multidão que rodeava César, veio a cair a seus pés. Esse lhe respeitou a vida e suas propriedades, porém perdeu a dignidade que não tinha conseguido defender. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 80)

Veléio apresenta aqui, novamente, o jovem César como um homem corajoso e, ao mesmo tempo, clemente, uma vez que, mesmo em frente a um antigo amigo que lhe traiu, não lhe tirou a vida nem os bens. Os males de Lépido são causados pelo seu próprio desvirtuamento moral, pela perda de sua fidelidade e dignidade. Neste ponto, notamos mais uma vez como Veléio produz uma aproximação entre as figuras de Júlio César e de seu herdeiro, sendo que, em meio aos seus relatos, também descreve o primeiro como sendo um homem de grande fortaleza de caráter, de muita coragem frente a grandes perigos, generoso e clemente (*História Romana* II,41).

Os acontecimentos que se seguem aos entraves entre Lépido e o jovem César também são narrados por este autor. Para ele, o grande culpado pela conflagração civil é Antônio aliado ao seu desregramento moral, o qual fez com que este declarasse guerra ao seu povo (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 82). Aqui, César surge, mais uma vez, como o defensor de Roma contra um inimigo, nesse caso Antônio e sua consorte do Oriente. A vitória daquele a quem chama de partido júlio-claudiano mostra-se certa desde o início do combate, quando grande é o número dos desertores das tropas de Antônio, os quais enxergam nas causas de César motivos mais nobres para se defender, sendo que este lutava pela salvação de Roma, enquanto Antônio por sua destruição (*História Romana* II,84-85).

O embate final entre os dois homens ocorre, segundo o autor, em Áccio, onde mais uma vez podemos encontrar a exposição da personalidade de César e de Antônio. O último, ao ver que Cleópatra fugia, bate em retirada, abandonando aqueles que lutavam por defendê-lo e demonstrando, dessa forma, o seu verdadeiro caráter. O papel de César, como um homem clemente e piedoso, que: “ (...) querendo render com as palavras aqueles que podia vencer com a espada (...)”. (*História Romana* II, 85), também é muito destacado pelo autor, que torna a descrever as ações do herdeiro júlio-claudiano, como ele mesmo chama, no intuito

de resguardar as vidas dos cidadãos romanos, mesmo aqueles que o combateram. A atitude de César parece-nos, na obra do autor, demonstrativa do valor deste cidadão romano, principalmente quando este nos diz que:

Quem poderia expressar nesta obra tão breve o benefício que trouxe a todos aquele dia, a mudança que ocasionou no estado da fortuna pública? A vitória foi realmente muito clemente, não foram condenados a morte mais que alguns poucos e aqueles que não suportavam sequer clamar por suas vidas. Da generosidade do general se pode deduzir que este expressou as mesmas medidas para o bem que havia demonstrado no início de seu triunvirato nos campos de Filipos. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 86)

A procura pelo bem e a clemência do herdeiro de César estão implícitas em seus atos para Veléio. O desfecho da disputa entre este e Antônio igualmente apresenta a mesma caracterização. Contra quem tomou em armas contra ele, César nada fez. Não foi o responsável pelos suicídios de Antônio e Cleópatra (*História Romana II*, 87).

Plutarco, como já destacamos no capítulo anterior, igualmente aborda as conjunturas do conflito civil entre o herdeiro de César e Antônio. Para o beociano, assim como em Veléio, a culpa por esta desavença recai sobre Antônio que, neste momento, encontrava-se sob o julgo de Cleópatra, a soberana ptolmaica (PLUTARCO, *Antônio* LIII, 1-2.; LIV, 1-2). Aqui também, a guerra recebe uma roupagem de uma guerra por Roma, sendo César personificado como seu defensor, assim como certa vez seu pai adotivo o foi (PLUTARCO, *Antônio* LX, 1).

A respeito da batalha de Áccio, as considerações plutarquianas também são bastante longas. Sua versão dos fatos condiz com aquilo que Veléio também nos passa, ou seja, no meio do conflito, ao ver que Cleópatra fugia da batalha, Antônio a persegue, abandonando o conflito e seus soldados que bravamente lhe defendiam. (PLUTARCO, *Antônio* LXIII, 1-3). Por conseguinte, notamos aqui um ponto divergente da obra plutarquiana com a velleiana. Este autor, após a batalha de Áccio, relata que César dirige-se para Atenas, onde apazigua as profundas marcas deixadas pelo usufruto de Antônio destas terras. A derrota deste contras as frotas cesarianas faz com que esta cidade se liberte de seu pesado julgo (PLUTARCO, *Antônio* LXVIII).

Contudo, na visão plutarqueana, o César não aparece tão clemente quanto em Veléio. O beociano nos diz que “César não suportava que lhe falassem em favor

de Antônio (...)” e, exatamente por isso, não aceitou as tentativas de acordo de paz por parte de seu inimigo (Antônio LXXIII, 1).

A respeito da morte de Antônio, Plutarco também eximiu de culpa o herdeiro de César. De acordo com este autor, a culpa seria apenas de Cleópatra e de Antônio que, ao perceberem que a guerra estava perdida, optaram por essa saída para não caírem sobre o julgo do vencedor. (PLUTARCO, *Antônio* LXXVI e LXXVII). Nas palavras do autor: “Ante a notícia, César retirou-se para os fundos da tenda e chorou por aquele que fora seu parente, seu colega e companheiro em tantos combates e empreendimentos.” (PLUTARCO, *Antônio* LXXVIII, 2). O autor demonstra assim que César não esperava ou desejava por este revés no destino de Antônio, mesmo aspecto apresentado pelos autores quando Júlio César encontra Pompeu morto pela mão dos alexandrinos.

Plutarco ainda nos mostra as atitudes de César em relação a Cleópatra, a quem, em nenhum momento, pensou em ferir, como expressa-se no relato do encontro entre Proculéio e a soberana, onde este, impedindo-a de se ferir lhe diz que: “Fazes mal, Cleópatra, a ti mesmo e a César, a quem queres privar de uma boa ocasião para mostrar sua humanidade, caluniando o mais brando dos soberanos como se fosse um traidor e um desnaturado!” (PLUTARCO, *Antônio* LXXIX, 2). Esse aspecto de soberano humanizado ainda é ressaltado nas linhas que se seguem no relato plutarqueano, onde esse expressa que era do desejo de César que Cleópatra fosse mantida viva e resguardada, porém, que também estivesse cercada de tudo que pudesse lhe facilitar a vida (PLUTARCO, *Antônio* LXXIV, 3).

Suetônio, a esse respeito, além de ser mais breve, apresenta também outra versão para os fatos, versões estas que vão de encontro aos relatos de Veléio e Plutarco. De forma bem concisa, ele descreve a vitória de César em Áccio, suas ações posteriores e a perseguição a Antônio (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVII, 1-3). Aqui está o ponto destoante. Para Suetônio, o jovem, de certa forma, incitou Antônio ao suicídio, apesar de não fazer o mesmo com Cleópatra (*O Divino Augusto* XVII, 3). Na mesma instância, matou um dos filhos de Antônio com a soberana, assim como o com Fúlvia e o suposto filho de Caio Júlio César, Cesarião. Porém, foi consciente e generoso o suficiente em permitir que os corpos de Antônio e Cleópatra fossem enterrados juntos, terminando a construção da sepultura que Cleópatra havia iniciado (*O Divino Augusto* XVII, 3).

As narrativas de Veléio e de Suetônio após as batalhas entre César e Antônio direcionam-se para o mesmo ponto: para as descrições acerca das atitudes do novo governante romano. De acordo com Patérculo:

(...) com que abundância e com que atitude favorável de todos os cidadãos, de todas as idades e ordens sociais, foi recebido César em seu retorno a Roma, que magnificência teve seu triunfo, quantas foram as recompensas, não se pode expressar de uma maneira que seja suficiente entre os conteúdos de uma narração regular, ainda mais na nossa tão limitada. Nada podem pedir os homens aos deuses e nada podem conceder os deuses aos homens, nenhum desejo conceber ou realizar felizmente que César após a sua volta a Roma não apresentasse ao estado, ao povo romano e ao mundo. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 89)

Chama-nos a atenção, no trecho acima arrolado, o fato de que Veléio afirma que o jovem César, após a guerra contra Antônio, contava com o apoio de todos os cidadãos romanos. Em nossa acepção, encontramos aqui a construção da imagem de bom governante em torno da figura do futuro Augusto, construção esta que vai referendar o reflexo da imagem augusteana dentro do sistema político do Principado Romano.

Suetônio igualmente aborda as realizações de César após suas vitórias em Áccio e Alexandria. Nesse ponto de sua obra, em meio às descrições das ações do governante, é que podemos encontrar a exposição de seu caráter, virtudes e vícios. De início, o autor romano salienta que, assim como o fez seu pai adotivo, o herdeiro de César, ao estar em Alexandria, vai ao encontro dos restos mortais de Alexandre, o Grande (SUETÔNIO, *O Divino Augusto XVIII*, 1). É curioso notar como a figura deste macedônico se faz presente nas biografias tanto de Plutarco quanto de Suetônio, sempre relacionadas a César e a Augusto. O mesmo podemos encontrar em Veléio, que chega a comparar as qualidades de Júlio César e Alexandre. Os governantes romanos são descritos como portadores de grande admiração por aquele que, desde muito jovem, conquistou e governou grande número de territórios. Seria como se Alexandre servisse como um exemplo a ser seguido, admirado, contemplado. Como reflexo disso, encontramos na obra suetoniana, a menção de que Augusto fez uso nos documentos oficiais, durante certo período, de uma imagem de Alexandre Magno (*O Divino Augusto L*, 1).

Na continuação da biografia de Augusto, Suetônio ainda dá realce às ações deste governante em províncias romanas, onde realizou construções para melhoras



infraestruturais, além de ter apaziguado pequenas revoltas e contendas (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVIII, 2.; XIX, 1-3).

Seguindo seu próprio ritmo narrativo, o autor destaca, por conseguinte, os feitos militares desse governante, citando suas conquistas de terras estrangeiras, tais como a Cantábria, a Aquitânia, a Panônia, a Dalmácia e toda a Ilíria (*O Divino Augusto* XXI, 1-2). Sobre isso, nos fala ainda que:

Não levou a guerra a povo algum sem causas justas ou necessárias, e a tal ponto esteve alheio ao desejo de aumentar seu poder ou sua glória militar, que obrigou os príncipes de algumas nações bárbaras a jurarem no templo de Marte Vingador que lhe permaneciam leais e dentro dos limites de paz que rogavam. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XXI, 3)

Nas linhas do autor, o governante romano aparece como um homem justo, o qual só guerreava por causas justas e necessárias. O mesmo autor, em um momento posterior, ainda nos fala que o herdeiro de César possuía, tanto em Roma quanto nas províncias e regiões estrangeiras, a fama de ser um homem valoroso e moderado (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XXI, 5).

A estabilidade trazida por este governante ainda é avultada por Suetônio quando este nos diz que, durante todo o seu governo, o templo de Jano Quirino<sup>15</sup>, que até então só havia sido fechado por duas vezes desde a fundação de Roma, foi fechado por três vezes, após estar estabelecida a paz por terra e por mar (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XXII, 1). Este autor também destaca que, assim como Júlio César, seu herdeiro protagonizou muitos triunfos, sendo estes os de Filipos, da Sicília, o da Dalmácia, o de Áccio e o de Alexandria. Dentre estes cinco, três foram triunfos *curuis*, aqueles realizados com grande luxo (*O Divino Augusto* XXII). Aqui jaz uma notória diferenciação entre Júlio César, Antônio e Augusto. Enquanto os generais julio-claudianos receberam a honra de desfiles triunfais, Antônio, general que também possui grandes desempenhos e vitórias no campo militar, nunca as teve ou, se isto aconteceu, em nenhum momento aparece em meio as obras dos autores que aqui analisamos.

---

<sup>15</sup> O templo de Jano Quirino, em Roma, tinha suas portas fechadas somente quando não houvesse grandes conflitos, em nenhuma região, que envolvesse romanos. Suetônio, ao citar que durante a época de Augusto, esse templo permaneceu fechado por três vezes, tenta demonstrar o um caráter pacificador desse governo.

Sobre os aspectos pacificadores do governo deste César, Veléio nos fala: “Pôs fim as guerras civis após vinte anos, finalizando também as campanhas exteriores, restabelecendo-se a paz e adormecendo por todos os lados a loucura das armas (...)” (*História Romana II*, 89). Ou seja, para este autor, assim como para Suetônio, César foi o responsável por reestabelecer a tão aguardada paz em Roma. Contudo, esta concepção nos parece ser, mais uma vez, expoente de construções específicas sobre este governante e sobre o período de seu governo, criações que pretendem transmitir apenas uma versão sobre os fatos do período. A caracterização de paz romana que é atribuída ao período de Augusto, tanto por escritores antigos quanto por pesquisadores contemporâneos, parece-nos equivocada, uma vez que não podemos perceber um período de quebra na expansão do território romano nem das disputas provenientes destas.

Isto posto, retornemos às exposições de nossos autores. Suetônio passa a dedicar-se à narração das mudanças instituídas pelo herdeiro de César em Roma. De acordo com este autor, este governante promoveu inúmeras mudanças e instituiu muita coisa nova nos assuntos militares (*O Divino Augusto XXIV*, 1-3). Neste ponto, notamos certa diferenciação com Júlio César. Suetônio, na biografia do Divino Júlio, informa que este possuía uma profunda relação com seus soldados, aos quais chamava de companheiros de armas (*O Divino Júlio LXV*, 1-3). O mesmo não acontece com Augusto, o qual, segundo Suetônio, nunca chamou homem algum de companheiro de armas, mas, sim, de soldados (*O Divino Augusto XXV*, 1). Interessante é que Veléio, por ser um militar, sobre isso nada nos fala, o que demonstra que o ato de esquecer é tão importante quanto o de lembrar, sendo que ao não mencionar essa característica depreciativa de Augusto, Veléio não macula a imagem daquele que exaltou por ser oriundo de uma família equestre, filho de militar.

Na continuação de sua obra, Suetônio é bem claro ao ressaltar que o jovem César assume o papel de restaurador da *Res Pública*. Isso podemos notar mesmo quando este exerce o triunvirato, sobre o qual o autor nos diz que: “Exerceu o triunvirato a fim de organizar a República (...)” (*O Divino Augusto XXVII*,1). Em outras palavras, o herdeiro de César ocupava suas funções em detrimento da restauração republicana e as suas ações eram direcionadas a isto, conforme revelado mais uma vez pelas palavras suetonianas:

Pensou por duas vezes em renunciar ao comando da República: primeiramente, assim que esmagou Antônio, lembrando de que ele o acusara muitas vezes de ser o obstáculo à sua restauração; fê-lo, novamente, desgastado por uma longa doença, quando informou o estado do governo às autoridades convocadas e ao senado. Mas, julgando que seria arriscado voltar a ser um simples particular e que a República seria temerariamente submetida ao arbítrio de muitos, perseverou em conservar o poder. É difícil dizer qual foi melhor: o resultado ou a intenção. Manifestando tal propósito, por várias vezes, também o atestou pelas palavras encontradas em um certo edito seu: ‘de tal modo seja-me permitido manter a República sã e salva em suas bases e colher-lhe o fruto procurado, que me digam ser fundador do melhor regime, e morrendo leve comigo a esperança de que não de permanecer em seus próprios eixos os fundamentos da República que terei estabelecido.’ Ele próprio se fez cumpridor de sua promessa com toda sorte de esforços, para que a ninguém desagradasse a nova situação. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XXVIII, 1-3)

No trecho da obra suetoniana, acima, pode-se notar que o autor caracteriza que Augusto se coloca como defensor e restaurador da *Res Pública*. Porém, não é uma restauração nos moldes republicanos antigos. Suetônio, parece-nos, quer demonstrar que com Augusto nasce um novo sistema de governo, governo que sim, baseia-se em grande parte nos princípios republicanos, entretanto, é algo novo.

Com o mesmo caráter de restaurador parece concordar Veléio, o qual nos diz que:

(...) se restabeleceram as leis com seu antigo vigor, os juízes voltaram a recobrar sua autoridade e o senado sua dignidade suprema. As atribuições militares de suas magistraturas retomaram suas definições antigas, só se atribuindo dois pretores aos oito que já existiam. Aquela inveterada e antiga constituição do estado foi recuperada. Os campos voltaram a ser cultivados, se devolveu a solenidade aos cultos religiosos, os homens se encontravam novamente seguros e cada qual tinha outra vez assegurada a propriedade de seus bens. Se fossem apresentadas ementas úteis a leis, estas se promulgavam saudavelmente, o senado selecionava-se sem rigor nem severidade. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 89)

O governante aparece nas linhas velleianas como um restaurador, aquele que colocou novamente nos eixos os assuntos pertencentes à administração republicana. Tal aspecto fica ainda mais evidenciado quando o autor nos fala que: “César exerceu o consulado por onze anos, ainda que o tenha recusado, resistindo por inúmeras vezes, pois decididamente não quis aceitar a ditadura que insistentemente lhe oferecia o povo.” (*História Romana* II,89). César recusava-se, de

acordo com o autor, a receber magistraturas que o relacionassem diretamente com a monarquia. Uma descrição semelhante desse fato podemos encontrar em Suetônio quando este relata que Augusto: “Repudiou com grande vigor a ditadura que lhe era oferecida pelo povo ajoelhado (...)” (*O Divino Júlio* LII, 2). O desprezo de Augusto por tal tipo de titulação é tão grande que este proíbe, por toda a sua vida, que lhe chamem de Senhor (*O Divino Júlio* LIII, 1).

O autor igualmente aborda a administração de Augusto, suas mudanças e transformações. Segundo ele, Augusto, assim como Júlio César, edificou muitas obras públicas, sendo que umas atendiam às solicitações dos cidadãos e outras serviam para o embelezamento da cidade (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XXIX, 1-3). O governante incentivou que outros, dentro da possibilidade de cada um, auxiliassem no adorno da cidade com a construção de novos monumentos, ou até mesmo através das reformas de antigos (*O Divino Augusto* XXIX, 4).

Augusto também, de acordo com o autor supracitado, foi o responsável pela nova divisão urbana de Roma, provocando mudanças infraestruturais que possibilitaram o maior desenvolvimento da cidade, defendendo-a contra as inundações, incêndios e facilitando o acesso a esta através da melhoria de suas vias de acesso (*O Divino Augusto* XXIX, 1-4; XXX, 1-3). Por conseguinte, foi também o responsável pela construção de novos templos e pela restauração dos antigos que se encontravam desgastados pelas ações do tempo. Na ocasião de uma destas construções, a do templo de Apolo em sua casa no Palatino, Suetônio descreve que raios a atingiriam e que isto foi interpretado como uma declaração do deus, o qual manifestava sua concordância com as ações do governante (*O Divino Augusto* XXIX,2).

Ao assumir o Pontificado Máximo, ainda de acordo com Suetônio, o herdeiro de César, aumentou o número e o prestígio dos sacerdotes, assim como seus privilégios, principalmente o das vestais. Nessa mesma função, restaurou alguns dos cerimoniais antigos, tais como os jogos seculares<sup>16</sup> e compitais<sup>17</sup> e as festividades dos Lupercais (*O Divino Augusto* XXXI, 1-3). Sobre esse quesito, como já ressaltamos, Veléio também nos fala. Aqui, podemos encontrar novamente algumas

---

<sup>16</sup> Eram jogos instituídos pelos livros Sibílicos, os quais se realizavam, em geral, a cada cem anos em louvor de divindades como Apolo e Plutão.

<sup>17</sup> Festividades realizadas em honra dos Lares Compitais, protetores das encruzilhadas.

aproximações com Júlio César, uma vez que os autores destacaram as mesmas funções desempenhadas por ele e por seu herdeiro.

Suetônio, no desenrolar de sua narrativa, dá maiores exemplos das atitudes de seu biografado que exprimem sua personalidade. Para esse autor, ele aparenta ares de homem justo, uma vez que toma medidas para acabar com as tabuletas dos antigos devedores do erário, sendo que estas se constituíam na principal causa de acusações injustas e indevidas (*O Divino Augusto* XXXII,2-3). Ainda sobre a administração da justiça no governo augusteano, Suetônio nos diz que:

Ele mesmo ministrou a justiça com assiduidade, algumas vezes noite adentro; se não estivesse bem de saúde, desempenhava suas funções com a liteira postada em frente ao tribunal ou até mesmo deitado em sua casa. No exercício dessa função, não só agiu de forma sumamente zelosa, mas também com brandura. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XXXIII, 1)

Suetônio atribuiu a Júlio César a mesma conceituação de homem obstinado, zeloso, justo e brando que nota pertencer também a Augusto. Em nossa concepção, aqui jaz mais um dos aspectos semelhantes entre os dois governantes. A mencionada justiça aplicada pelo herdeiro de César também aparece na obra velleiana, quando este autor cita que Augusto foi o responsável por colocar em novos eixos a justiça que se encontrava, até então, em profunda instabilidade (*História Romana II*, 89 – 90).

Como ressaltamos anteriormente, o autor militar também destaca que Augusto restabeleceu o Senado em sua “dignidade suprema” (*História Romana II*, 89). O mesmo podemos encontrar na obra suetoniana, como mostra o trecho a seguir:

Fez tornar o grupo crescente de senadores, uma turba disforme e confusa – pois eram mais de mil, alguns indigníssimos e aceitos depois da morte de César por favor ou recompensa, a quem o povo chamava de *orcini*<sup>18</sup>, - ao antigo número e honradez (...).(SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XXXV, 1).

Logo, Augusto surge mais uma vez como um respeitador das tradições republicanas, uma vez que restaura a glória de sua principal instituição política: o

---

<sup>18</sup> O nome *orcini*, dado a esses senadores, provém de Orcus, o deus da morte entre os romanos, em alusão ao fato de que apenas foram admitidos à função após a morte de César.

Senado Romano. O respeito por essa instituição surge, inclusive, no tratamento do governante a seus membros. Segundo o autor, Augusto saudava a todos pelo nome, os quais sabia de cor, e nunca se negou a participar das solenidades de cada um (*O Divino Júlio* LIII, 3).

Contudo, nem em todos os aspectos, Augusto segue os passos de seu pai adotivo, Júlio César. Podemos perceber, principalmente na narração suetoniana e velleiana, que o herdeiro tenta desvencilhar-se das principais atitudes que fizeram com que César fosse tido por muitos como um líder autocrático, um aspirante a monarquia. Para Veléio, Augusto negou-se a aceitar a titulação de ditador, titulação esta que César obtém e aceita, inclusive, aquela que o denominará ditador vitalício (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 55, 56 e 89).

Para Suetônio, as ações que distinguem Augusto de César se dão mais no âmbito administrativo do que na aquisição de magistraturas e funções. Para este autor, Augusto tomou algumas iniciativas que contradiziam com aquelas de seu pai, anos antes. A princípio, revogou a lei cesariana que tornava as atas do Senado públicas, circunscrevendo sua aparição apenas no interior dessa instituição (*O Divino Augusto* XXXVI, 1). Por conseguinte, ele também provocou reformas que aparentavam ser restauradoras das magistraturas e das funções republicanas, tais como a criação de novos cargos direcionados à administração da cidade de Roma e de suas províncias e a restituição das eleições para censores, as quais não ocorriam desde os tempos de Júlio César. Aumentou ainda, como também nos fala Veléio, o número de pretores, que passaram a desempenhar suas funções também em outros âmbitos (*História Romana* II, 56). Em nossa visão, Augusto tentava se distanciar, pelo menos de forma aparente, das atitudes cesarianas que ocasionaram a sua morte. No entanto, ao mesmo tempo, colocava-se como detentor das mesmas virtudes e valores morais, legitimando-se como seu herdeiro perante a sociedade romana.

Outras atitudes de Augusto são comumente citadas tanto por Suetônio quanto por Veléio. O primeiro, parece-nos, faz questão de salientar que este governante, assim como fez seu pai adotivo, mostrou ser possuidor, em tempos propícios de grande liberalidade para com seus concidadãos. Assim, frequentemente fez doações ao povo romano, não se esquecendo nem mesmo das crianças menores que, geralmente, não faziam parte da distribuição. Este gesto de bondade de Augusto estendeu-se, inclusive, durante as crises de abastecimento, onde este distribuiu trigo

para cada pessoa por valores irrisórios (*O Divino Augusto* XLI, 3). O apreço pelo povo surge também quando Augusto passa a permitir que esta parcela da população participe até das audiências comuns, mostrando-se, por conseguinte, sempre disposto a acolher os seus pedidos e súplicas (*O Divino Augusto* LIII, 2).

Sobre as ações que caracterizam Augusto como um bom governante, ainda encontramos inúmeros vestígios nos escritos de Suetônio. Como já pontuamos no Terceiro Capítulo, a realização de espetáculos e de jogos gladiatórios possui grande importância nos meios político e social romanos. Nesse quesito, as ações de Augusto também são de grande valor, uma vez que: “Superou a todos pela frequência, variedade e magnificência dos espetáculos (...)” (*O Divino Augusto* XLII, 1).

O autor cita ainda provas da benevolência de Augusto, não só para com os cidadãos, estrangeiros e demais habitantes provincianos, como também para com seus inimigos. De acordo com Suetônio, mesmo a estes últimos o governante concedeu o perdão, permitindo que estes ocupassem cargos de grande importância em Roma (*O Divino Augusto* LI, 1-3). Aqui notamos mais um distanciamento entre Augusto e Antônio, sendo que este último foi caracterizado por Plutarco como um homem que não era benevolente nem com seus amigos, nem com os demais habitantes de Roma.

A soma de tais atos e ações de Augusto tornaram o governante um homem amado por seu povo. De acordo com Suetônio:

O conjunto de cidadãos atribuiu-lhe o título de Pai da Pátria com repentino e total consenso: primeiramente a plebe, por uma legação enviada a Âncio; em seguida, porque não o aceitava, através de um significativo número de pessoas coroadas de louro, durante certa ocasião em que se dirigia aos espetáculos em Roma; logo depois, recebeu-o na cúria senatorial, não por decreto ou aclamação, mas através de Valério Messala. Esse homem disse em nome de todos: “que o bem e a ventura estejam contigo e com tua família, ó César Augusto!, pois, assim julgamos rogar eterna ventura e êxito para essa república: o senado, em comum acordo com o povo romano, saúda-te como Pai da Pátria”. Augusto respondeu-lhes entre lágrimas com tais palavras – pois eu as cito literalmente, assim como as de Messala – “realizados os meus votos, o que mais, ó senadores, devo suplicar aos deuses imortais, a não ser que me seja permitido manter esta vossa aprovação até o último dia de minha vida?”. (Suetônio, *O Divino Augusto* LVIII, 1-2)

De acordo com Suetônio, a nomeação de Augusto como Pai da Pátria é feita por todas as instâncias da sociedade romana: pelo povo e pelo senado. Assim, a aclamação adquire os ares de uma nomeação completa, sem oposição.

Ainda sobre as demonstrações de amor a este governante por seus concidadãos, Suetônio ressalva as oriundas de reis e aliados estrangeiros, que fundaram cidades com o nome de *Caesarea* para homenageá-lo (*O Divino Augusto* LX, 1). Por conseguinte, salienta que até em meio a seus libertos foi nutrido de grande estima (*O Divino Augusto* LXVII, 1).

Estima que também lhe era direcionada pelo modo como vivia. Assim como Plutarco e Veléio referem-se à simplicidade de César, Suetônio aqui também o faz ao tratar de seu herdeiro, Augusto. De acordo com este autor, o governante mostra ter uma vida, em certos aspectos, sóbria e sem suspeita de vício algum (*O Divino Augusto* LXXII, 1). Ao contrário de Marco Antônio, sempre fez questão de viver em casas modestas, mobiliadas de forma simples. Sua simplicidade exibia até no modo de se vestir (*O Divino Augusto* LXXII e, LXXIII.). Com respeito à comida e ao vinho, expunha a mesma parcimônia e singeleza de Júlio César, mostrando-se, inclusive, adepto de alimentos que eram considerados de segunda qualidade (*O Divino Augusto* LXXVI, 1-2; LXXVII, 1).

Por conseguinte, a educação e a constante busca pela instrução da parte de Augusto igualmente são produtos de extensos elogios por parte dos autores romanos, Veléio e Suetônio. O primeiro nos diz que o governante, homem de grande caráter e inteligência, sempre procurou incentivar as produções literárias e artísticas, mostrando, assim, o seu valor (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 89). As linhas biográficas de Suetônio, por sua vez, parecem condizer com Veléio, uma vez que estas nos dizem que: “Favoreceu de todos os modos os talentos de seu tempo. Ouviu com benevolência e boa vontade não apenas os que liam poemas e obras históricas, mas também discursos e diálogos.” (*O Divino Augusto* LXXXIX, 3).

A personalidade de Augusto é composta, do mesmo modo, pelo respeito que esse homem possuía pelos auspícios e presságios. De acordo com Suetônio, Augusto, ao contrário de César, nunca deixou de dar importância aos avisos divinos direcionados a sua pessoa, prodígios estes que lhe eram direcionados antes mesmo de seu nascimento e que previam sua futura grandeza, assim como anunciaram sua morte. (*O Divino Augusto* XCI, 1-2).



Para Suetônio, ao morrer, Augusto alcançou a condição divina. Ao contrário das de Júlio César e Marco Antônio, seu desvanecer foi tranquilo. Nas palavras do autor: “Faleceu no mesmo quarto que seu pai, Otávio, durante o consulado dos dois Sextos, Pompeu e Apuléio, no décimo quarto dia antes das Calendas de setembro, na nona hora do dia e com setenta e seis anos de idade menos trinta e cinco dias.” (SUETÔNIO, *O Divino Augusto C*, 1).

Veléio Patérculo também assim descreve o falecimento de Augusto, situando-o em 14 d.C., em Nola, onde acompanhava seu filho adotivo e futuro imperador Tibério. Segundo o autor, devolvia-se ao âmbito celestial o espírito de homem que foi muito querido e muito amado pelos romanos e pelos demais homens de bem (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 124).

Muitas foram as honras e homenagens prestadas a Augusto na ocasião de sua morte segundo nossos autores. Nas linhas suetonianas:

Os decuriões dos municípios e colônias transportaram seu corpo de Nola a Bovilas durante a noite em razão do clima, tendo sido ele depositado durante o dia na basílica ou nos maiores templos de cada cidade. De Bovilas, a ordem equestre recebeu-o, trouxe a Roma e depositou no vestibulo de sua casa. O senado mobilizou-se, com emulação, em tão grande empenho para preparar seus funerais e cultuar-lhe a memória (...). (SUETÔNIO, *O Divino Augusto C*, 1-2)

Na ocasião da cremação dos restos mortais de Augusto, o autor ainda nos fala que não teve um homem presente que não jurasse ter visto o espectro do morto ascender aos céus (*O Divino Augusto C*, 3). Aqui, notamos mais uma aproximação realizada com Júlio César, uma vez que segundo os relatos de nossos autores, o espírito desse também ascende ao plano divino após sua morte.

Assim terminam os relatos sobre Augusto. As informações que nos são passadas por Veléio e Suetônio, e, em menor volume, também por Plutarco, expõem certas características semelhantes, evidenciando, desta maneira, que os autores partilham de concepções similares, concepções estas que podem ser frutos de construções próprias do período de transição entre a República e o Principado Romano, onde as figuras de Júlio César, Marco Antônio e Augusto aparecem em maior evidência e permeiam o imaginário político e social da sociedade romana.

Percebemos assim que os autores realizam grandes aproximações entre as imagens de Júlio César e Augusto, ao mesmo tempo em que as distanciam da de Marco Antônio. Em nossas análises, verificamos que nossos autores se utilizam das

qualidades traçadas para Júlio César, transformando Marco Antônio em uma espécie de antítese. Por outro lado, Augusto apresenta as mesmas características que constituem um bom governante apresentadas por César; características estas que se baseiam na tradição romana e que buscam legitimar suas figuras como governantes, assim como legitimar o sistema político do Principado romano. Logo, assim como César o foi, seu herdeiro seria detentor da *iustitia*, *prudentia*, *virtus*, *pietas* e *clementia*, qualidades que o denominariam como um bom governante. Qualidades estas que, de acordo com Veléio, Plutarco e Suetônio, não se faziam presentes na figura de Marco Antônio.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“(...) Mas rapidamente me dei conta de que uma sociedade não se explica unicamente pelo material, mas nela intervêm de uma forma igualmente determinante, e, por vezes, até mais determinante, fatores que relevam do mental, da idéia, da representação ideológica.”*

Georges Duby

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, podemos perceber que analisamos a obras de três autores inseridos em momentos distintos do arco cronológico do Principado Romano. Veléio Patérculo viveu entre o século I a.C. e o I d.C.; Plutarco de Queroneia e Caio Suetônio Tranquilo, entre os séculos I e II d.C. Nota-se, que são autores que vivenciaram períodos distintos desse sistema político, social, cultural e econômico. Ainda, cada autor ocupou uma posição perante o Império Romano, vivências estas que influenciaram seus relatos e suas maneiras de exposição. Enquanto Patérculo possui um peculiar estilo literário, onde o panegírico, a biografia e o breviário se mesclam, tornando-se o que atualmente conhecemos como modelo *transcursus*, Plutarco e Suetônio escrevem biografias. No entanto, nem mesmo estas possuem as mesmas estruturas. O beociano de Queroneia, em suas Vidas Paralelas, biografa sempre a vida de um homem grego em comparação com um homem romano. Os valores, as virtudes e os vícios são brevemente comparados no final, demonstrando as diferenças entre os dois personagens, ao mesmo tempo que salienta as suas similaridades. Suetônio é o autor de biografias imperiais. Nestas, se concentra na análise de doze césares, partindo do pressuposto de que Caio Júlio César foi o primeiro imperador romano.

Logo, tratamos de três autores distintos, inseridos em momentos diferentes do Principado Romano e representantes de estilos de escrita diversos. No entanto, intrigou-nos como, desde o princípio, mesmo entre todas as dessemelhanças, faz-se possível encontrar inúmeras, múltiplas e destacadas similaridades. Semelhanças estas que estão em diversificados pontos.

Primeiramente, apesar de cada autor vivenciar um particular momento dentro da sociedade romana imperial, todos desempenharam funções em meio à administração romana e, de certa forma, estabeleceram vínculos com os governantes e destacados cidadãos romanos deste círculo de poder. Veléio, ao desempenhar suas funções militares, participou ativamente de campanhas sob o comando de Tibério, sucessor de Augusto no comando do Império.

Percebemos também, afora as passagens que diz propriamente ser de Augusto, ele aproxima a imagem de Tibério a de seu antecessor e, vice-versa.

Por conseguinte, através de seus próprios relatos, podemos perceber que estabeleceu laços com Marco Vínicio e Sejano, influentes personagens da sociedade do Principado, homens detentores de certo poder e que, possivelmente, auxiliaram a ascensão do escritor às magistraturas.

Plutarco, um habitante da Beócia, ao torna-se cidadão romano, o faz através do intermédio de homens importantes dentro da sociedade romana, como é o caso de Mestrio Floro e Sócio Senécio. A partir do estabelecimento destes vínculos relacionais, Plutarco passa a exercer funções administrativas no meio imperial romano, estabelecendo também, desta maneira, relações com os principais homens no poder político: os imperadores.

Suetônio não se difere dos dois autores supracitados. Desde cedo, também estabeleceu laços com cidadãos romanos eminentes, tais como o escritor Plínio, o Jovem, e Septício Claro. Por intermédio destes, desempenhou algumas funções nos governos de Trajano e de Adriano, funções estas que lhe proporcionaram o contato tanto com os governantes quanto com suas redes mais íntimas de sociabilidade.

Notamos, a partir de então, a caracterização de uma evidente semelhança entre nossos autores: todos exerceram funções junto à administração imperial romana, estabelecendo laços tanto com destacados personagens do período quanto com os imperadores. Formaram, desta maneira, redes de sociabilidades parecidas.

Assim, notamos também o pertencimento de nossos escritores a um mesmo segmento desta sociedade, o qual podemos denominar como a elite romana. Tais caracteres de suas vidas nos são de grande importância, uma vez que direcionam suas narrativas e suas concepções acerca dos personagens e de suas tramas para um mesmo ponto, para as suas semelhanças.

Para além disso, através do desempenho de tais funções por parte de nossos autores, conseguimos perceber que os três denotam possuir confluências culturais. Plutarco as demonstra desde sua origem, ao ser cidadão queronense, ateniense e romano, tornando-se o principal expoente de

todo esse hibridismo cultural. Veléio e Suetônio adquirem esse hibridismo, essa confluência cultural, através das viagens que realizam em detrimento dos cargos que ocupam junto à administração imperial. Suetônio ainda vai mais longe, uma vez que suas funções como administrador de bibliotecas, como *studiis* do imperador e como *ab epitulis* possibilitavam-lhe entrar em contato com diversas obras, pertencentes a inúmeros campos do saber e oriundas de diferentes sociedades. Cria-se, em sua própria coletânea de biografias, um hibridismo cultural e literário.

Através de nossas análises, notamos assim, que as maiores diferenças entre nossos autores estão em alguns poucos fatores, tais como aqueles ligados à datação que estabelecem a alguns dados de seus relatos ou em algumas poucas descrições. Assim, tornam-se maiores as semelhanças do que as diferenças.

Semelhanças estas que encontramos, principalmente, na maneira como nossos autores descrevem Júlio César e Marco Antônio e como fazem uso destes personagens nas construções acerca de Augusto. Semelhanças que ainda se fazem presente nos usos das memórias existentes sobre Augusto que, por seu turno, delineiam uma memória coletiva que, mais uma vez afirmamos, servirá para legitimar todo o sistema político do Principado Romano.

Como destacamos no início de nossa Dissertação, analisar o poder é encontrar o simbólico e o imagético. É, de acordo com o que Balandier (1989, p. 152) nos fala, perceber como o domínio se dá através da produção de imagens específicas, pela manipulação de símbolos, de memórias e lembranças próprias daquela sociedade. Assim, chegamos à premissa de que não bastava o governante, em nosso caso o imperador, deter somente uma força coercitiva. Para sua legitimação, também se fazia necessário dispor de elementos ideológicos, elementos estes que possuíam várias vertentes e que se utilizavam da tradição ao mesmo tempo em que passam a integrá-la. Em meio a estes elementos é que podemos encontrar os discursos.

Os discursos, frutos de seu tempo e da subjetividade de seus autores, constituem-se em instrumentos capazes de influir no imaginário social, no imaginário coletivo. São instrumentos de poder a partir do momento que

possuem a aptidão de legitimar tanto a figura de determinados *Princeps*, como o sistema político do Principado como um todo.

Partindo de nossa interpretação sobre o tema, duvidamos acerca destas construções a respeito de Júlio César, Marco Antônio e Augusto. Primeiramente, partindo dos princípios de que os relatos são construções passionais e passíveis de outras interpretações, duvidamos que aquilo que nossos autores transmitem sobre estes personagens seja a única versão existente sobre tais importantes homens dos períodos republicano e imperial. Intriga-nos, principalmente, os atributos e as características que são atribuídas por nossos autores à Marco Antônio.

Em nossa acepção, Marco Antônio, essencialmente após a morte de Júlio César, aparece em meio à sociedade romana como um político versátil, detentor de habilidades que o caracterizaram como um bom governante. De início, Antônio parece demonstrar grande habilidade política ao estabelecer a concórdia entre aqueles que eram caracterizados como os assassinos de César e aqueles que queriam a vingança. Ainda, Antônio demonstra grande habilidade tanto no campo militar quanto no político e administrativo. Como exemplo disso, notamos que é Antônio, e não seu companheiro triúviro Otaviano, que se aventura pelo Oriente, estabelecendo para além de relações amorosas com a soberana dessa região, relações políticas, econômicas e militares muito proveitosas para Roma. Características estas que, em nossa concepção, determinariam a imagem de um bom governante, no entanto, isso não acontece nas obras de Veléio, Plutarco e Suetônio.

Logo, em nossa visão, ao denegirem a imagem de Antônio e ao exaltarem a de Júlio César e Augusto, os autores intentaram legitimar o sistema político no qual se encontravam, o Principado Romano.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### A. Documentação

CICERO. **Epistulae ad Familiares**. Volume X. Tradução D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: University of Cambridge, 1977.

CICERO. **Letters to Quintus and Brutus. Letter Fragments. Letter to Octavian. Invectives. Handbook of Electioneering**. Tradução D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: University of Cambridge, 2002.

FILÓSTRATO. **Vida de los Sofistas**. Tradução de Maria Concepción Giner Soria. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HERÓDOTO. **Histórias**. Lisboa: Edições 70, 2007.

HORÁCIO. **Odes**. Tradução de Jeffrey H. Kaimowitz. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2008.

PLINY, THE YONGER. **Complete Letters**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

PLUTARCH. **The Parallel Lives**. Londres: Loeb Classical Library edition, 1919, 4v.

\_\_\_\_\_. **The Parallel Lives**. Londres: Loeb Classical Library edition, 1919, 5v.

\_\_\_\_\_. **Plutarch's Lives**. Tradução, introdução e notas explicativas de Bernadotte Perrin. Cambridge/ London: Loeb Classical, 1967, p. XI – XIX.

\_\_\_\_\_. **The Lives of the Noble Grecians and Romans**. Trans. Thomas North. Ed. Judith Mossman. Ware: Wordsworth Editions, 1999.

\_\_\_\_\_. **Advice to the Bride and Groom and a consolation to his wife**.

Traduções, Comentários, Ensaio Interpretativo e Bibliografia. Oxford: University Press, 1999.

PLUTARCO. **Da Educação das Crianças**. Tradução do Grego, Introdução e Notas de Joaquim Pinheiro. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

\_\_\_\_\_. **Como Tirar Proveito de Seus Inimigos**. Prefácio e notas de Pierre Maréchaux. Trad. Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PLUTARCO, SUETÔNIO. **Vidas de César**. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007

PLUTARQUE. **Vies Parallèles I**. Traduction: J. Alexis Pierron. Revue et Corrigée par Françoise Frazier. Introduction, notices, notes, bibliographie et chronologie par Jean Sirinelli. Paris: Flammarion, 1995.

SUÉTONE. **Vies des doze Césars**. Préface de Marcel Benabou. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

SUENTONNIUS. **The Lives of Caesars**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SUENTONNIUS. **The Lives Of The Twelve Caesars – Complete**. Los Angeles: Echo Library, 2006.

SUETONIO. **Vida de Los Doce Césares. Vol. I**. Madrid: Gredos, 1992.

\_\_\_\_\_. **Vida de Los Doce Césares. Vol. II**. Madrid: Gredos, 1992.

\_\_\_\_\_. **Vida de Los Doce Césares. Vol. III**. Madrid: Gredos, 1992.

\_\_\_\_\_. **Vida de Los Doce Césares. Vol. IV**. Madrid: Gredos, 1992.

TÁCITO. **Anais**. Trad. J.L. Freire de Carvalho. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores. Vol. I, II,III,IV,V e VI, 1952.

VELÉIO PATÉRCULO. **História Romana I**. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.

\_\_\_\_\_. **História Romana II**. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.

VELLEIUS PATERCULUS. **Histoire Romaine T I: Livre I**. Trad. Joseph Hellegouarc’h. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

\_\_\_\_\_. **Histoire Romaine T II: Livre II**. Trad. Joseph Hellegouarc’h. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

## **B. Obras e artigos**

ALBERTO, P. F. O Simbólico na Construção da Imagem e do Programa Ideológico de Augusto. In: **Ágora: Estudos Clássicos em Debate**, vol.06, 2004, p. 27-50.

ALSTON, R. **Aspects of Roman History A.D. 14 – 117**. Londres / New York: Routledge, 1998.

AYMARD, A., AUBOYER, J. **Roma e seu Império**. São Paulo, 1976, v.1 e 2.

ANDERSON, G. **The Second Sophistic: A Cultural Phenomenon in the Roman Empire**. London/ New York: Routledge, 1993.

ALBRECHT, M. **A History of Roman Literature. From Livius Andronicus to Boethius**. New York/ Leiden: Brill, 1997.

ALFOLDY, A. La Divinisation de César. In: **Revue Numismatique**, vol.15, 1973, p. 99-126.

- ALFÖDY, G. **A História Social de Roma**. Lisboa:Presença,1989.
- ALLDERS, G. J. **Plutarch's Political Thought**. Amsterdam / Oxford/ New York, North-Holland, 1982.
- ANDERSON, G. **The Second Sophistic: A Cultural Phenomenom in the Roman Empire**. Londres/ Nova York: Routledge, 2005.
- AZEVEDO, A. C. A. **Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BACELÓ, J; CATANIA, M. Las Bases del Poder de los Líderes Carismáticos durante La Crisis de La República Romana. S.I.A.C. In: ROJO, E. (org). **Representaciones Identitárias de la Roma Antigua**. Tucumán: Instituto Interdisciplinaria de literatura argentina y comparadas, 2003, p. 91 – 100).
- BAILEY,S. D. R. Notes on Velleius. In **The Classical Quartely**, London, v.34,nº02, 1984, p. 445-451.
- BACZKO, B. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996. Vol 5. p. 296 – 331.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética. A teoria do Romance**. São Paulo: Editora HUCITEC/ UNESP, 1988.
- BALANDIER, G. **O Poder em Cena**. Brasília: UnB, 1982.
- BALSDON, J.P.V.D (org).**O Mundo Romano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar,1968.
- \_\_\_\_\_. The Veracity of Caesar. In: **Greece & Rome**, Second Series, Vol. 4, No. 1, 1957, pp. 19-28.
- BAHARAL, D. **Victory of Propaganda**. Oxford: Tempus Reparatum, 1996.
- BARATIN, M.; COLOMBAT, B.; HOLTZ, L. (eds). **Priscien. Transmission et refondation de la grammaire, de l'antiquité aux modernes**. Paris: Brepols Publishers, 2009.
- BARRETT, A. A. **Livia: First Lady of Imperial Rome**. Yale: Yale University, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Agrippina. Sex, Power and Politics in the early empire**. London: Routledge, 1996.
- BARROS, J. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. História Comparada: um novo modo de ver e fazer a história. In **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro, v. 01, n. 01 p. 01-30, 2007.
- BAURAIN, C. Suétone et l'inscription d'Hippone. In **LEC**, vol. 44, 1976, p. 124-144.

BELLINGER, A. R. The Immortality of Alexander and Augustus. In: **Yale Classical Studies**, vol.15, 1957, p. 93-100.

BENABOU, M. Préface: Suétone, Les Césars et l'Histoire. In SUÉTONE. **Vies des doze Césars**. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

BENNETT, J. **Trajan: Optimus Princeps**. Londres / New York: Routledge, 2005.

BÉRANGER, J. **Rechechers sur l'Aspect Idéologique du Principat**. Basel: Verlag Friedrich Reinhardt, 1953.

\_\_\_\_\_. Le Procès Politiques Évoqués par l'Histoire Auguste. In: **Bonner Historia Augusta Colloquium**. Bonn: Rudolf Habelt Verlag, 1978, p. 53-74.

\_\_\_\_\_. L'Idéologie Impérialae dans l'Histoire Auguste. In: **Bonner Historia Augusta Colloquium**. Bonn: Rudolf Habelt Verlag, 1976, p. 29-53..

BERGER, A. **Encyclopedic Dictionary of Roman Law**. New Jersey: Lawbook Exchange, 2008.

BERNSTEIN, E. Beatus Rhenanus (1485 -1547), lecteur et éditeur des textes anciens: Actes du Colloque International tenu à Strasbourg et à Sélestat du 13 au 15 novembre 1998. In **Renaissance Quarterly**, Vol. 57, No. 4 (Winter, 2004), p. 1477-1478.

BICKEL, E. Veleyo Paterculo. In: **Historia de la literatura romana**. Madrid: Gredos, 1960, pp. 423-4.

BINGHAM, S. J. **The praetorian guard in the political and social life of Julio-Claudian Rome**. Ottawa: National Library of Canada, 1999.

BIRLEY, A. R. Hadrian to Antonines. In BOWMAN, A.; GARNESEY, P.; RATHBONE, D. (ed). **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D. 70 - 192**. vol. XI, 2008, p. 132-194.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLOCH, R. **Roma e seu Destino**. Rio de Janeiro: Editora Cosmos, 1964.

BOBBIO, N.(org). **Dicionário de Política**. Brasília:UnB, 1986.

BOWMAN, A.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. (org). **The Cambridge Ancient History. Vol. X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

\_\_\_\_\_.; GARNESEY, P.; RATHBONE, D. (ed). **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D. 70 - 192**. vol. XI, 2008.

- BOSWORTH, A. B. History and Artifice in Plutarch's Eumenes. In STADTER, P.A. (ed.). **Plutarch and the Historical Tradition**. Londres / New York: Routledge, 2002, p. 56 – 89.
- BOULOGNE, J. **Plutarque: un Aristocrate Grec sous l'Occupation Romaine**. Paris: Presses Universitaires de Lille, 1994.
- BOWERSOCK, G. **Greek Sophists in the Roman Empire**. Oxford: Clarendon Press, 1969.
- BRADEN, G. Plutarch, Shakespeare and the alpha males. In **Shakespeare and the classics**. Cambridge: University Press, 2004. p. 188 -208.
- BRANDÃO, J.L.L. **Máscaras dos Césares: teatro e moralidade nas Vidas suetonianas**. Coimbra: Simões & Linhares, 2009.
- BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- BRAUND, S. Praise and Protreptic in Early Imperial Panegyric: Cicero, Seneca, Pliny. In **The propaganda of Power: The Role of Panegyric in the Late Antiquity**. Leiden/ Boston: Brill, 1998, p. 53-66.
- BRENNER, T.C. Power and Process under the Republican 'Constitution'. In Flower, Harriet I. (ed.), **The Cambridge Companion to the Roman Republic**. New York and Cambridge: Cambridge University Press, 2004, 31-64.
- BRINGHAM, S.J. **The praetorian guard in the political and social life of Julio-Claudian Rome**. Ottawa: National Library of Canada, 1999.
- BROWDER, D. **Quem foi quem na Roma antiga**. São Paulo: Art, 1980
- BUCLEY, T. **Aspects of Greek History 750 – 323 B.C.** Londres / New York: Routledge, 2005.
- BURGUIÈRE, A. **Dicionário de Ciências Históricas**. Trad. Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BURNETT, A.; WALKER, S. **The Image of Augustus**. London: British Museum Publications, 1981.
- BURKE, P. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. In: **Estudos Históricos**, n. 19, 1997, p. 1-14.
- \_\_\_\_\_. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- \_\_\_\_\_. História como Memória Social. In **Variiedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 67-89.

BURCKHARDT, J. **A Cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

BURTON, P. "Amicitia" in Plautus: a study of roman friendship processes. In **American Journal of Philology**, nº125, 2004, p. 209-243.

CASTELLANOS, A.R. La Construcción retórica de La identidad itálica em Velleo Patérculo, Historia de Roma. In **Actas de Congresso Identidade e Cidadania. Da Antiguidade aos nossos dias**. Vol. I. Lisboa: Papiro Editora, 2010, p. 65 – 88.

CAMPOS, R.C. A Passagem de Augusto e a Ascensão Política de Tíberio César: A Transmissão do Poder em Velleo Patérculo. In **Revista Antiguidade Clássica** 6, nº 2, 2010, pp. 91-106.

CANFORA, L. **Júlio César: o ditador democrático**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002.

CARBONELL, C.O. **Historiografia**. Lisboa: Editora Teorema, 1987.

CARDOSO, CIRO FLAMARION; VAINFAS, RONALDO (org.). História e Análise de Textos In.: **Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 1997.

CARINO, J. A biografia e sua instrumentalidade educativa. In **Educação e Sociedade**, Ano XX, nº67, Agosto de 1999, p. 153 – 182.

CARVALHO, M. M. **Paidéia e Retórica no século IV d.C. A Construção da Imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno**. São Paulo: Fapesp/ Annablume, 2010.

CASSIN, B. **Ensaio Sofísticos**. São Paulo: Siciliano, 1990.

CIZEK, E. **Structures et idéologie dans "Les vies des douze Césars", de Suétone**. Paris: Les Belles Lettres, 1977, p. 7-12.

CHAMBRY, E.; FLACELIÈRE, R.; JUNEUX, M. Introdução, In: **Vies**.I, Paris: Les Belles Lettres, 1957.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand / Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

CHASTAGNOL, A. La naissance de l'ordo senatorius. In **Mélanges de l'École Française de Rome (MEFRA)**. Rome, v.85, nº2, p. 39 e 284-607, 1973.

CLARK, A. J. **Divine Qualities. Cult and Community in Republican Rome**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

CLARKE, J. **Art in the Lives of ordinary Romans**. California: University of California Press, 2003.

CLARKE, M.L. **Rhetoric at Rome: a historical survey**. London: Routledge, 1966.

COLLARES, M.A.C. Reflexões sobre a política no período de transição entre a República Oligárquica Senatorial e o Principado Romano (44 a.C. – 27 a.C.). In: **História e História**, vol.11, 2007.

\_\_\_\_\_. **Representações do Senado na AB URB CONDITA LIBRI de Tito Lívio. Livros 21 – 30**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CONTE, G.B. **Literature Latine: a history**. Londres: J. Hopkins U.P., 1994.

CRAZALS, J. **Plutarque**. Paris: Lecène et Oudin, 1989

CROOK, J.A. Suetonius ab epistulis. In **Proc.Camb.Phil.Soc.**, vol.4,1957, p. 18-22.

\_\_\_\_\_. Political History, 30 B.C to A.D. 14. In BOWMAN, A.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A.(org). **The Cambridge Ancient History. Vol. X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p.01 – 69.

DALY, L.W. Plutarch Alexander 42.6. In **A.J.P. XCVLLL**, 1997, p. 124 – 125.

DELBRÜCK, H. **History of the Art of War: Ancient Warfare**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1996.

DELPHI, R. Theory and Practice in Renaissance Textual Criticism: Beatus Rhenanus between Conjecture and History. In **The Sixteenth Century Journal**, Vol. 21, No. 1 (Spring, 1990), p. 121-122.

DELVAUX, G. **Plutarque: chronologie relative des Viés Parallèles**. LEC,63,1995,pp. 97-113.

\_\_\_\_\_. **Retour aux sources de Plutarque**. LEC,LVI,I,1988, pp. 27-48.

DENCH, E. **Romulu's Asylum. Roman Identities from the Age of Alexander to the Age of Hadrian**. Oxford: University Press, 2005.

DEVIAULT, A. Le *mos maiorum*. In: GAILLARD, J. **Rome I siècle av. J.-C. Ainsi périt La République dès vertus...** Collectiun Mémoires, nº 42, 1996, p. 58-71.

DOMINIK, W. **A Companion to Roman Rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007.

DUTRA, E. R. de F. História e culturas políticas: definições, usos genealogias. In: **Varia História**, Belo Horizonte, n. 28, dez. 2002, p. 13-28.

ECK, W. **The Age of Augustus**. Oxford: Blackwell, 1998.

\_\_\_\_\_. The Emperor and his advisers. In BOWMAN, A.; GARNESEY, P.; RATHBONE, D. (ed). **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D. 70 - 192**. vol. XI, 2008, 195 – 213.

\_\_\_\_\_. Emperor, Senate and Magistrates. In BOWMAN, A.; GARNESEY, P.; RATHBONE, D. (ed). **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D. 70 - 192**. vol. XI, 2008, p. 214 – 237.

ERRANDONEA, P.I. **Diccionario de la Mitologia Clasica**. Madrid: Alianza, 1980, 2<sup>o</sup>vol.

ETIENNE, R. **Le Siècle d'Auguste**. Paris: Armand Colin, 1970.

FAVRO, Diane. **The Urban Imagem of Augustan Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FERREIRA, J. R.; FIALHO, M.C; SOARES, C. (ed) **Ética e Paidéia em Plutarco**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

\_\_\_\_\_. *Demotikos e Demokratikos* na Paidéia de Plutarco. In FERREIRA, J. R.; FIALHO, M.C; SOARES, C. (ed) **Ética e Paidéia em Plutarco**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008, p. 71-86.

\_\_\_\_\_. Os valores de Plutarco e sua actualidade. In FERREIRA, J. R.; FIALHO, M.C; SOARES, C. (ed.) **Ética e Paidéia em Plutarco**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008, p. 99 -122.

\_\_\_\_\_.; MARNOTO, R.; PINHEIRO, J. (ed.). **Caminhos de Plutarco na Europa**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

\_\_\_\_\_. Plutarco e o conceito de virtude nos Revolucionários Franceses. In FERREIRA, J.R.; MARNOTO, R.; PINHEIRO, J. (ed.). **Caminhos de Plutarco na Europa**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

FEUVRIER-PRÉVOLAT, C. L'ordre équestre à l'époque impériale: S. Demougin, l'orde eqüestre sous le Julio-Claudiens. In **Dialogues d' Histoire Ancienne**, Paris, v. 15, n°02, 1989, p. 497-503.

FIALHO, M.C; LEÃO, D. In Limine. In FERREIRA, J. R.; FIALHO, M.C; SOARES, C. (eds) **Ética e Paidéia em Plutarco**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008, p. 09 – 13.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2004.

FLACELIÈRE, R., CHAMBRY, E. e JUNEUX, M., Introducion, In: **Viés**. I. Paris: Les Belles Lettres, 1957.

FRANCHI, A. P. O Discurso Panegírico e a Legitimação do Poder no Século IV d.C. In **Revista Vernáculo**, n°19 e 20, 2007, p. 99 – 108.



FREYBURGUER, G. **Fides: Étude sémantique et religieuse depuis les origines jusqu'à l'époque augustéenne**. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

FRIGHETTO, R. *Imperium et orbis*: conceitos e definições com base nas fontes tardoantigas ocidentais (séculos IV-VII). In: Doré, A.; Lima, L.F.; Silva, LG. (Org.). **Facetas do Império na História: Conceitos e métodos**. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2008, v. 1.

FUNARI, P.P. **A Antiguidade Clássica**: a história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_, SILVA, M. A. O. (orgs). **Política e Identidade no Mundo Antigo**. São Paulo: Anablume/Fapesp, 2009.

\_\_\_\_\_. Introdução a Plutarco. In PLUTARCO, SUETÔNIO. **Vidas de César**. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007, p. 131 – 135.

GAGNEBIN, J.M. O Início da História e as Lágrimas de Tucídides. In **Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 13-34.

GALINSKY, Karl. **Augustan Culture. An Interpretive Introduction**. Princeton, 1996.

GARDNER, J. **Women in Roman Law and Society**. Indiana University Press, 1991.

GASCOU, J. Nouvelles données chronologiques sur la carrière de Suétone. In **Latomus**, vol.37, 1976, p. 436-444.

\_\_\_\_\_. **Suétone Historien**. Rome: École Française de Rome, 1984.

GARNSEY, P, SALLER, R. **The Roman Empire. Economy, Society and Culture**. London: Duckworth, 1987.

GENTILI, Bruno; CERRI, Giovanni. **History and Biography in Ancient Thought**. Amsterdam: J. C. Giben, 1988.

GESTAUD, C. **Historiografia Grega: Tucídides e a Guerra do Peloponeso**. In: [www.ufpel.tche.br/ich/ndh/pdf/Volume\\_07\\_Carla\\_Gastaud](http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/pdf/Volume_07_Carla_Gastaud). Página acessada em 07/07/2009 às 09h30min.

GILL, C. **The Structured Self in Hellenistic and Roman Thought**. Oxford: University Press, 2006;

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: Nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOLDSWORTHY, A. **Caesar: Life of a Colossus**. New Haven: Yale University Press, 2006.

GONÇALVES, A.T.M. **A Figura do Optimus Princeps nos Compêndios de História Romana Produzidos no IV século d.C.** Monografia apresentada ao Departamento de Graduação em História da UFRJ, IFCS, sob a orientação da Profa.Dra. Norma Musco Mendes, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Construção da Imagem Imperial: formas de propaganda nos governos de Septímio Severo e Caracala.** Tese de doutoramento apresentada ao curso de Pós-Graduação em História Econômica da FFLCH da USP sob orientação do Prof.Dr. Norberto Luiz Guarinello, 2002.

\_\_\_\_\_. A Legitimação do Poder Imperial e os Problemas Sucessórios nos Breviários de História Romana produzidos no IV século d.C. In **História Revista**, Goiânia, v.11,n.1,jan/jun 2006, p. 1-15.

GOODMAN, M. **The Roman World.** London: Routledge, 1997.

GRAINGER, J. D. **Nerva and the Roman succession crisis of AD 96-99.** Londres / New York: Routledge, 2003.

GRIFFIN, M. T. **Nero: The end of a dynasty.** Londres / New York: Routledge, 1987.  
\_\_\_\_\_. The Flavians. In BOWMAN, A.; GARNESEY, P.; RATHBONE, D. (ed). **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D. 70 - 192.** vol. XI, 2008, p.01 – 83.

\_\_\_\_\_. Nerva to Hadrian. In BOWMAN, A.; GARNESEY, P.; RATHBONE, D. (ed). **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D. 70 - 192.** vol. XI, 2008, p. 84 -131.

GRIMAL, P. **A Civilização Romana.** Lisboa: Edições 70, 1984.

\_\_\_\_\_. **O Amor em Roma.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Século de Augusto.** Lisboa: Edições 70, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Império Romano.** Lisboa: Edições 70, 1993.

\_\_\_\_\_. **Virgílio ou o segundo nascimento de Roma.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. História Universal Siglo XXI. **La Formación del Império Romano El Mundo Mediterráneo em la Edad Antigua III.** Madrid: Siglo Veintiuno, 1980.

GRUEN, E. Augustus and the Making of the Principate. In: GALINSKY, K. **The Age of Augustus.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 33-51.

GUARINELLO, N. L. Império Romano e identidade grega. In: FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). **Política e Identidades no Mundo Antigo.** São Paulo: Fapesp, 2009. p. 147-161.

\_\_\_\_\_. Introdução. In SILVA,M.A.O. **Plutarco Historiador: uma análise das biografias espartanas.**São Paulo: Editora EDUSP, 2006.

- GURVAL, R. **Actium and Augustus: the Politic and Emotions of Civil War**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.
- HADAS, M. Aspects of Nationalist Survival under Hellenistic and Roman Imperialism. In **Journal of the History of Ideas**, vol. 11, n° 2, 1950, p. 131-139.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- HALL, S. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HAMILTON, N. **Biography, a brief history**. Harvard: University Press, 2007.
- HAMMOND, N.G.L. **Sources for Alexander the Great: na analysis of Plutarch's life and Arrian's Anabasis Alexandra**. Cambridge, University Press, 1993.
- HARRIS, W. **Ancient Literacy**. Harvard: University Press, 1991.
- HARTOG, F. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: Edunb, 2003.
- HAWLEY, R. Practicing what you preach: Plutarch's sources and treatment. In Plutarch's **Advice to the Bride and Groom and a consolation to his wife**. Oxford: University Press, 1999, p. 116-127.
- HINGLEY, R. **Globalizing Roman Culture. Unity, Diversity and Empire**. Londres e New York: Routledge, 2005.
- \_\_\_\_\_. O Imperialismo Greco-Romano. Novas Perspectivas a Partir da Bretanha. São Paulo: Annablume, 2010.
- HUZAR, E. **Mark Antony**. Minnesota: University of Minnesota, 1978.
- JACQUES, F., SCHEID, J. **Rome et L'Intégracion de L'Empire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- JENKINS, K. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.
- JONES, B. **The Emperor Domitian**. Londres / New York: Routledge, 1992.
- JONES, C.P. The Teacher of Plutarch. In: **Havard Studies in Classical Philology**, vol.71, 1967, p. 205-213.
- \_\_\_\_\_. **Plutarch and Rome**. Oxford: University Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. Suetonius in the Probus og Giorgio Valla. In TARRANT, R.J. (ed). **Harvard Studies in Classical Philology**. Vol 90. Harvard: Harvard University Press, 1986, p. 245-252.

JONES, P.J. **Cleopatra: A Sourcebook**. Norman: University of Oklahoma Press, 2006.

KAMM, A. 2006. **Julius Caesar: A Life**. London: Routledge.

KOPPENBERG, J.T. Objectivity and Historicism: a century of American Storical Writing. In **The American Historical Review**, vol.94, n°04, 1989, p. 1011 – 1030.

LACY, P. Biography and Tragedy in Plutarch. In **AJP**, vol. 73, 1952, p. 150 – 160.

LE BOHEC, Y.;LE GLAY, M.; VOISIN, J. **Histoire Romaine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

LE GOFF, J. **História e Memória** . Campinas: UNICAMP, 1994.

LESKY, A. **História da literatura grega**. Lisboa: Calouste Gumbenkian, 1995.

LEVICK, B. **Tiberius, the politician**. Londres /New York: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vespasian**. Londres /New York: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_. Concordia at Rome. In: CARSON, R. A. G.; KRAAG, E. M. (eds). **Scripta Numaria Romana**. London: Spink and Son, 1978. p. 217-229.

\_\_\_\_\_. WOODMAN, A. J. Velleius Paterculus: **The Tiberian Narrative** (2.44-131). *The Classical Review*, London, v.29, n° 1,1979, p. 60-62.

LEVILLAIN, P. Os Protagonistas: Da Biografia. In RÉMOND, R. (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

LINDSAY, H. Suetonius as *'ab espistulis'* to Hadrian and the Early History of the Imperial correspondence. In **Historia: Zeitschrift für Alte Gestchichte**, vol.43, n°04, 1994, p. 454 – 468.

LITOTT, A. Between Republic and Empire. Interpretations of Augustus and his Principate. In **The English Historical Review**, vol.109, n°431, April of 1994, p. 10-22).

LOWRIE, M. **Writing, Performace, and Authority in Augustan Rome**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LUCE, J.V. **Curso de filosofia grega: do século VI a.C. ao século III d.C**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

MACÉ, A. **Essai sur Suétone**. Paris: A. Fontemoing, 1900.

MACHADO, C.A.R. **Imperadores Imaginários: Política e Biografia na História Augusta**. São Paulo, 1998, dissertação de Mestrado orientada pelo Prof.Dr. Norberto Guarinello.

MCDONALD, A.H. **Roma Republican**. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

MACMULLEN, R. **Corruption and the Decline of Rome**. Yale University Press, 1988.

MAIA, E. S. **Ficção e História em *De Vita Caesarum* de Caius Suetonius Tranquillus**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais sob orientação da Profa. Dra. Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet. 2007.

MANZANO, M. A. S. Introdução. In: VELÉIO PATÉRCULO. **História Romana I**. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001, p. 7-30

MARCHETTI, S. C. "I could not love César more": Roman Friendship and the Beginning of the Principate. In **The Classical Journal**, vol.99, nº03, 2004.

MARECHAUX, P. Prefácio. In Plutarco. **Como Tirar Proveito de Seus Inimigos**. Prefácio e notas de Pierre Maréchaux. Trad. Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003, IX – XXX.

MARINCOLA, J. **Authority and Tradition in Ancient Historiography**. Cambridge: University Press, 1999.

MARNOTO, R. Plutarco: O Regresso a Terras Itálicas. In FERREIRA, J.R.; MARNOTO, R.; PINHEIRO, J. (ed.). **Caminhos de Plutarco na Europa**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008, p. 11-56.

MARTIN, R. **Les Douze Césars: Du mythe à la réalité**. Paris: Belles Lettres, 1991.

MARTINDALE, C.; M. **Skakespeare and the uses of Antiquity**. Londres / Nova York: Routledge, 1994.

\_\_\_\_\_; TAYLOR, A.B.(eds). **Skakespeare and the classics**. Cambridge: University Press, 2004.

MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. **The Roman Imperial Coinage**. Volume II: **Vespasian to Hadrian**. Londres: Spink and Son, 1968.

MEIGS, R. **Roman Ostia**. Oxford: Clarendon Press, 1973.

MELLOR, R. **The Romans Historians**. Londres / New York: Routledge, 2002.

MENDES, N.M. O Sistema Político do Principado. In: MENDES, N. M., SILVA, G. V. (org). **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: EDUFES, 2006.

MENDONÇA, A.S.M. Introdução a Suetônio. In PLUTARCO, SUETÔNIO. **Vidas de César**. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

MILLAR, F. **The Emperor in the Roman World**. Inglaterra: Duckworth Publishing, 2003.

MOLES, J. Velleius Paterculus. In **The Journal of Roman Studies**, vol. 74, 1984, p. 242-244.

MOMMSEN, T. **A History of Rome Under the Emperors**. London; New York: Routledge, 1996.

\_\_\_\_\_. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971.

\_\_\_\_\_. **El Mundo de los Césares**. México: Fondo de Cultura Económica, 1945.

MOMIGLIANO, A. **The Development of Greek Biography**. Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: EDUSC, 2004.

MOSMANN, J. Plutarch, Pyrrhus and Alexander. In **Plutarch and the Historical Tradition**. Londres / New York: Routledge, 2002, p. 90-108.

MURPHY, M.G. Vergil as a Propagandist. In **The Classical Weekly**, vol.19, nº21, s/d.

NÉRAUDAU, Jean-Pierre. **Auguste: La Brique et le Marbre**. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

NICOLET, C. L'Ordre Équestre: A L'Époque Républicaine (312-43 av. J.-C.). **Tome 1: Définitions juridiques et structures sociales**. Paris: E. Bocard, 1974.

\_\_\_\_\_. **Le métier de citoyen dans la Rome républicaine**. Paris: Gallimard, 1976.

\_\_\_\_\_. Les classes dirigeantes romaines sous la République: order sénatorial et ordre équestre. In **Annales**. Paris, 32, nº 4, p. 726-755, 1977.

\_\_\_\_\_. Un Ensayo de Historia Social: el Orden Ecuestre en las postrimerias de la Republica Romana. In: **Ordenes, Estamentos y classes: Coloquio de historia social Saint-Cloud, 24-25 de mayo de 1967**. Madrid: SigloVeintiuno, 1978. p. 36-51.

\_\_\_\_\_. **Rome et la conquete du monde mediterranéen**. Paris: Press Universitaires de France, 1979.

\_\_\_\_\_. **Space, Geography, Politics in the Early Roman Empire**. Michigan: The University of Michigan Press, 1991.

\_\_\_\_\_. O Cidadão. In: GIARDINA, Andrea et allí (orgs.). **O Homem Romano**. Lisboa: Presença, 1992. p. 19-48.

NIXON, C. Review of The Propaganda of Power. The Role of Panegyric in the Late Antiquity by M. Whitby. In **The Classical Review**, New Series, vol.51, n°01, 2001, p.62-64.

OBBER, J. Tibério y el testamento politico de Augusto. In **Historia**, vol.31, 1892, p. 306 – 328.

OMENA, L. M. **Pequenos Poderes na Roma Imperial. Os setores subalternos na ótica de Sêneca**. Vitória: Flor & Cultura, 2009.

ORLANDI, E. **Análise de discurso. Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

OSGOOD, J. **Caesar's Legacy: Civil War and the Emergence of the Roman Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

PARATORE, E. **História da Literatura Latina**. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1987.

PELLING, C. Plutarch and Tucydides. In **Plutarch and the Historical Tradition**. Londres / New York: Routledge, 2002, p. 10 – 39.

\_\_\_\_\_. The Triumviral Period. In BOWMAN, A.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A.(org). **The Cambridge Ancient History. Vol. X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 01 – 69.

PEREIRA, I. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**. Braga: Tilgráfica, 1998.

PEREIRA, Helena B. C. & ATIK, M. Luiza G. (orgs.). **Língua, Literatura e Cultura em Diálogo**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003.

PERNOT, L. **La rhétorique de l'éloge dans le monde greco-romain**. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1993.

PÉREZ JIMÉNEZ, A. Las biografias de Plutarco como medio de propaganda imperial? In FERREIRA, J.R.; FIALHO, M.C.; PÉREZ JIMÉNEZ, A.(coord). **O retrato e a biografia como estratégia de teorização política**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.

PERNOT, L. **La Rhétorique dans l'Antiquité**. Paris: Librairie Générale Française, 2000.

PERRIN, B. Introduction. In **Plutarch's Lives**. Tradução, introdução e notas explicativas de Bernadotte Perrin. Cambridge/ London: Loeb Classical, 1967, p. XI – XIX.

PETIT, P. **Histoire Générale de l'Empire Romain**. Paris: Seuil, 1974. v.1,2 e 3.

\_\_\_\_\_. **A Paz Romana**. São Paulo: Edusp, 1989.

\_\_\_\_\_. **História Antiga**. São Paul: Difusão Européia do Livro, 1964.

PINHEIRO, J. Introdução. In PLUTARCO. **Da Educação das Crianças**. Tradução do Grego, Introdução e Notas de Joaquim Pinheiro. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008, p. 09-25.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 05, n.10, 1992, p. 200-212.

POLO, F. Ideología y práctica política em la Roma tardorrepública. In **Gerion**, nº12, 1994, p.69-93.

POMEROY, S. Preface. In POMEROY, S. (ed). Plutarch's **Advice to the Bride and Groom and a consolation to his wife**. Oxford: University Press, 1999, XVII – IX.

\_\_\_\_\_. Reflections on Plutarch, Advice to the Bride and Groon. Something Old, Something New, Something Borrowed. In POMEROY, S. (ed) Plutarch's **Advice to the Bride and Groom and a consolation to his wife**. Oxford: University Press, 1999, p. 33-58.

\_\_\_\_\_. Reflections on Plutarch. A Consolation to his wife. In POMEROY, S. (ed) Plutarch's **Advice to the Bride and Groom and a consolation to his wife**. Oxford: University Press, 1999, p. 75-84.

POTTER, D. Review of Velleius Paterculus, Ad. M. Vinicium consulem libri duo of M. Elefante (ed). In **Bryn Mawr Classical Review**, vol. 9, ano 1997, p.1-4.

PRÉNERON, I.V. La Caracterización de César, Augusto y Tibério em La Historia Romana de Veleyo Patérculo. In **Myrtia**, nº07, 1992, p. 103-118.

PRIORI, M.D. Biografia: Quando o indivíduo encontra a História. In **Revista Topoi**, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7-16.

REINHOLD, M. A contribution to biographical chronology. In **The Classical Weekly**, vol. 26, nº22, 1933, p.172 – 175.

Riggsby, A.M. **Caesar in Gaul and Rome: War in Words**. Austin: University of Texas Press, 2006.

ROE, J. 'Character' in Plutarch and Shakespeare: Brutus, Julius Caesar and Mark Antony. In **Skakespeare and the classics**. Cambridge: University Press, 2004, p. 173-187.

ROSSI, A. L. D. O. C. A Literatura Provinciana de Dión Crisóstomo e Plutarco e a Formação Helenística do Cidadão Romano do I e II séculos. In OLIVEIRA, T. (org.). **IV Jornada de Estudos Antigos e Medievais: Transformação Social e Educação. Trabalhos Completos**. Maringá: s/n, 2005, p.106 – 111.



\_\_\_\_\_. **Poder e Mito: O Principado na perspectiva da literatura latina (Tácito, Suetônio e Plínio, o Jovem)**. Dissertação de mestrado apresentada à F.C.L. da Unesp de Assis sob orientação do Prof. Dr. Sidnei Gall. 1996.

ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

ROWE, G. **Princes and Political Cultures: The New Tiberian Senatorial Decrees**. Michigan: The University Press, 2002.

ROSA, C. A Religião na Urbs. In: SILVA, G; MENDES, N. (Orgs.). **Repensando o Império Romano**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006, p. 137-160.

RUSSEL, D.A.; WINTERBOTTOM, M. **Ancient Literary Criticism. The Principal texts in New Translations**. Oxford: University Press, 1972.

RUTLEDGE, S.H. **Imperial Inquisitions: Prosecutors and informants from Tiberius to Domitian**. Londres/New York: Routledge, 2001.

SAGE, P. Quelques aspects de l'expression narrative dans les XII Césars de Suétone. In **RBPh**, Paris, t. 57, 1979, p.18 – 50.

SALLER, R. P. **Personal Patronage under the Early Empire**. Cambridge: University Press, 1982.

SALLES, Catherine. **Lire à Rome**. Paris: Petite Biblioteque Payot, 1994.

SANTOS, S. N. A História e a Biografia no século I d.C. – definições, relações e contextualização. In **História & História**, 2010, p. 01-23.

SEAGER, R. **Tiberius**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

SEIXAS, J.A. de. Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica”. In: SEIXAS, J. A., BRESCIANI, M. Stella & BREPOHL, M. (orgs.) **Razão e paixão na política**. Brasília : Ed. da UnB., 2002. p. 59-77.

SILVA ,G.V. Política, Ideologia e Arte Poética em Roma: Horácio e a Criação do Principado. IN **Politeia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v.1,n.1, p.29-51, 2001

SILVA,M.A.O. **Plutarco Historiador: uma análise das biografias espartanas**.São Paulo: Editora EDUSP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Plutarco e Roma: o mundo grego no Império**. Tese de Doutorado apresentado ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sob orientação do Prof.Dr. Norberto Luiz Guarinello. 2007.

\_\_\_\_\_. Práticas de Educação na Antiguidade: um olhar sobre a Paidéia de Plutarco. In **Revista Travessias**, vol.01, 2008, p.01 – 24. Endereço eletrônico: [www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed\\_001](http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_001).

SILVA, T.T. (org). **Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, U.G. A Escrita Biográfica na Antiguidade: uma tradição incerta. In **Revista Politéia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, 2008, p. 67 – 81.

SIMPSON, C.J. Caligula's Cult: Immolation, Immortality, Intent. Subject and Ruler: The cult of the ruling power in Classical Antiquity: papers presented at a conference held in the University of Alberta on April 13-15, 1994, to celebrate the 65<sup>th</sup> anniversary of Duncan Fishwick. Publish by **Journal of Roman Archeology**, s/n, 1996, p. 63-72.

SOARES, C. Decadência da Corte Persa: um soberano inconstante e uma rainha-mãe vingativa na Vida de Artaxerxes. In FERREIRA, J. R.; FIALHO, M.C; SOARES, C. (ed) **Ética e Paidéia em Plutarco**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008, p. 51 – 70.

SHERWIN-WHITE, A. N. **The Letters of Pliny: A Historical and Social Commentary**. Oxford: Clarendon Press, 1985.

SHOTTER, D. **Tiberius Caesar**. Londres / New York: Routledge, 2004.

SOBRAL, A. E. A. Suetônio Revelado: **O texto narrativo biográfico e a cultura política em "As Vidas dos Doze Césares."** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica), da Universidade Federal do Rio de Janeiro) sob orientação do Prof.Dr. Carlos Antônio Kalil Tannus. 2007.

SOUZA, A. M. **As interpretações de Veléio Patérculo e Apiano de Alexandria sobre Caio Graco e os Equestres: Reconstruindo memórias republicanas e alto imperiais (II a.C. / II d.C.)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFG sob orientação da Profa.Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves, 2010.

STADTER, P.A. (ed.). **Plutarch and the Historical Tradition**. Londres / New York: Routledge, 2002.

\_\_\_\_\_. Introduction. In **Plutarch and the Historical Tradition**. Londres / New York: Routledge, 2002, p.01-09.

STARR, R.J. The Scope and Genre of Velleius' History. In **The Classical Quarterly**, New Series, Vol. 31, n.º. 1, 1981, p. 162-174.

\_\_\_\_\_. Velleius' Literary Techniques in the Organization of His History. In **Transactions of the American Philological Association**, vol. 110, 1980, p. 287-301.

SUMNER, G.V. The Truth about Velleius Paterculus: Prolegomena. In **Harvard Studies in Classical Philology**, vol. 74, 1970, p. 257-297.

SYME, R. **Roman Revolution**. Oxford University Press, 1960.

\_\_\_\_\_. Mendacity in Velleius. In **The American Journal of Philology**. New York, v. 99, nº 1, p. 45-63, 1978.

\_\_\_\_\_. The travels of Suetonius Tranquillus. In **Hermes**, vol.109, nº01, 1981, p.105-117.

\_\_\_\_\_. M. Vinicius (Cos. 19 B.C). In **The Classical Quarterly**, Vol. 27, nº. 3/4, 1933, p. 142-148.

\_\_\_\_\_. **The Augustan Aristocracy**. Oxford: Clarendon, 2005.

SWAN, S. Plutarch's Moral Program. In Plutarch's **Advice to the Bride and Groom and a consolation to his wife**. Oxford: University Press, 1999, p. 85-96.

TALBERT, R. **The Senate of Imperial Rome**. Princeton University Press, 1984.

TAYLOR, L. R. Caesar and the Roman Nobility. In: **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, Vol. 73, 1942, pp. 1-24.

\_\_\_\_\_. The rise of Julius Caesar. In **Greece & Rome, Second Series**, Vol.4, No.1, March 1957.

\_\_\_\_\_. **The Divinity of the Roman Emperor**. Philadelphia: Porcupine Press, 1975.

TORRI, M. B. **Augusto e a Construção do Mito Imperial**. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1999.

TOWNEND, G. B. The date of composition of Suetonius. In **CQ**, vol.9, 1959, p.285-93.

\_\_\_\_\_. The sorces of the Greeks in Suetonius. In **Hermes**, vol. 88, nº01, 1960, p. 98 – 120.

VALLS, O.N. **Suetônio: Tibério e Calígula**. Barcelona: Boschi, 1983

VEYNE, P. M. **Como se escreve a História e Foucault revoluciona a História**. Brasília: Editora UNB, 1998.

WALLACE-HADRILL, A. **Rome's Cultural Revolution**. Journal of Roman Studies, 1989, p. 157-164.

\_\_\_\_\_. **Suetonius**. Londres: Bristol Classical Press, 1995.

- \_\_\_\_\_. Mutatio Morum: the idea of a cultural revolution. In: HABINEK, T. and Schiesaro, A. **The Roman Cultural Revolution**. Cambridge University Press, 1997, p.03-22.
- WELLESLEY, K. **The year of the four Emperors**. Londres / New York: Routledge, 2005.
- WEINSTOCK, S. **Divus Julius**. Oxford: Oxford University Press, 1971.
- WHITBY, M.(edt). **The propaganda of Power: The Role of Panegyric in the Late Antiquity**. Leiden/ Boston: Brill, 1998.
- WOODMAN, A. J. Questions of Date, Genre and Style in Velleius: Some Literary Answers. In: **The Classical Quarterly**, vol.25, 1975, p. 272-306.
- \_\_\_\_\_. Velleius Paterculus in Empire and Aftermath. In: **Silver Latin**, vol. II, 1975, p.01-25.
- \_\_\_\_\_. **Velleius Paterculus. The Caesarian and Augustan Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Rhetoric in Classical Historiography: four studies**. Londres / New York: Routledge, 1988.
- WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T.T. (org). **Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- WOOF, G. **Becoming Roman: The Origins of Provincial Civilization in Gaul**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Et tu, Brute? The Murder of Caesar and Political Assassination**. London: Profile Books, 2006.
- \_\_\_\_\_. Literacy. In BOWMAN, A.; GARNESEY, P.; RATHBONE, D. (ed). **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D. 70 - 192**. vol. XI, 2008, p. 875 – 897.
- WRIGHT, A. Velleius Paterculus and L. Munatius Plancus. In **Classical Philology**, vol. 97, nº02, 2002, p. 178-184.
- YATES, F. A. **A arte da memória**. Campinas: Unicamp, 2007.
- YAVETZ, Z. **Julius Caesar and His Public Image**. London: Thames & Hudson, 1983.
- \_\_\_\_\_. **La plebe et le Prince. Foule et vie politique sous le haute – empire romain**. Paris: Éditions la découverte, 1984.
- ZANDONÁ, D. **A Segunda Sofística: intelectuais, historiografia e poder político na era dos Antoninos**. In *História & História*, s/v, 2008, p. 01-18.

ZANKER, P. **The Power of Imagens in the Age of Augustus**. Michigan: University of Michigan Press, 1988.

ZETZEL, J. C. Suetonius Tranquillus: De Grammaticis et Rhetoribus. In **The American Journal of Philology**, vol.118, n° 03, 1997, p. 475 – 478.

**ANEXOS**

## ANEXO I

## TABELA ORDENATIVA DAS BIOGRAFIAS PLUTARQUEANAS

PARES BIOGRÁFICOS

GREGOS	ROMANOS
Teseu	Rômulo
Licurgo	Numa
Sólon	Publícola
Temístocles	Camilo
Péricles	Fábio Máximo
Alcíbiades	Coriolano
Timoleão	Paulo Emílio
Pelópias	Marcelo
Aristides	Catão, o Velho
Filopemên	Tito Flaminio
Pirro	Caio Mário
Lisandro	Sulla
Cimão	Lúculo
Nícia	Crasso
Eumenes	Sertório
Agésilau	Pompeu
Alexandre	César
Fócio	Catão, o Jovem
Dião	Tibério e Caio Graco
Demóstenes	Cícero
Demétrio	Antônio
Ágis e Cleomenes	Bruto
<i>FRAGMENTOS</i>	<i>BIOGRAFIAS PERDIDAS</i>
Epaminondas	<i>Hesíodo</i>
Artaxerxes	<i>Augusto</i>
Herácles	<i>Cláudio</i>
Píndaro	
Deinfanto	
Aristômens	
Crates	
Cipião Africano	
Tibério	
Nero	
Vitélío	
Galba	
Otho	

## ANEXO II



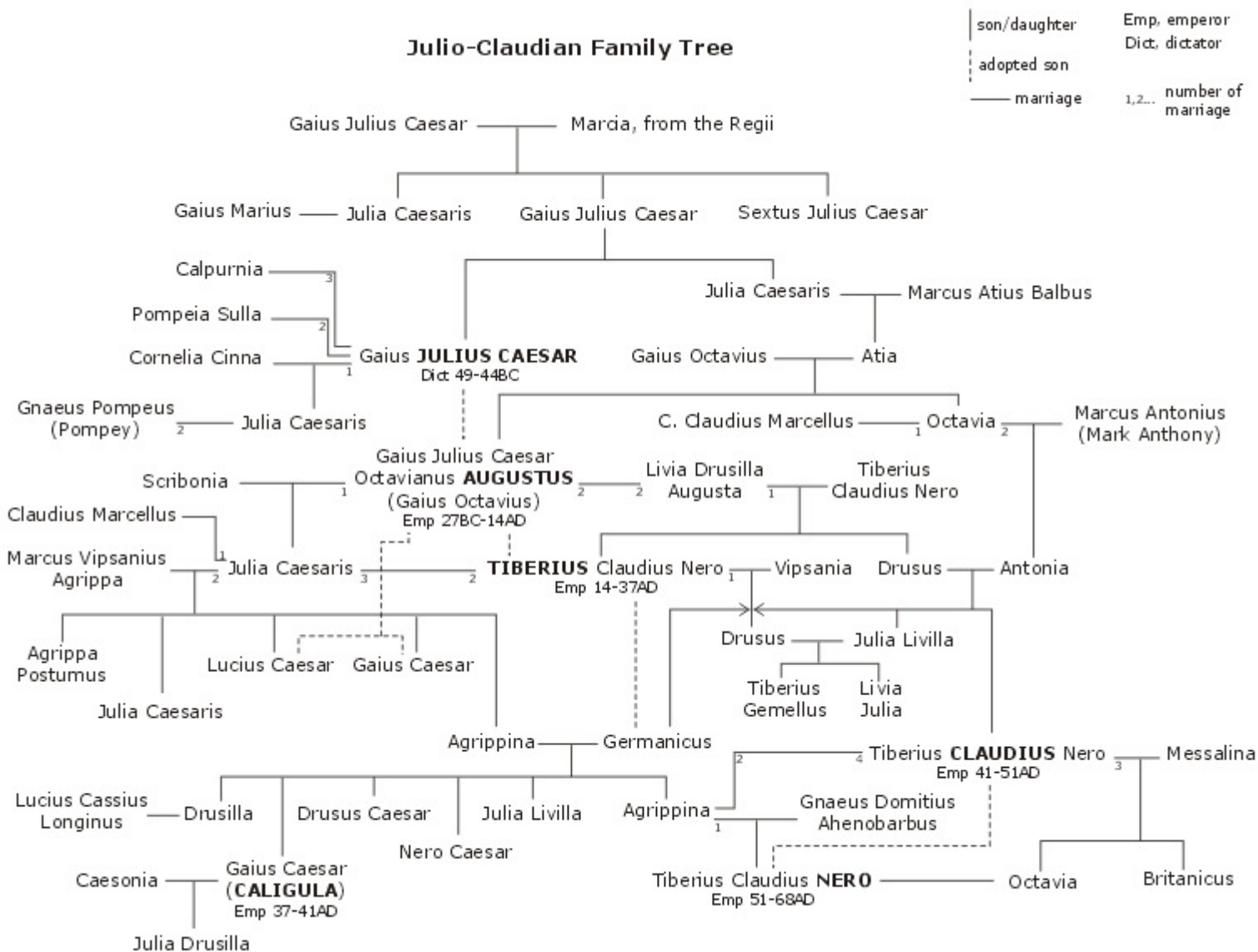
Mapa 01 – Localização da Campânia, região originária da família de Patérculo.

Fonte: website: <<http://www.academiagrega.com.br>>. Imagem consultada no dia 02 de agosto de 2010, às 13h17 min.



## ANEXO II

### Julio-Claudian Family Tree



Árvore Genealógica da Dinastia Júlio-Claudiana

Fonte: TATUM, W. **Always I am Caesar**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008

## ANEXO IV



Greek Colonies, 550 B.C. Greece

Mapa 02 – Localização da Beócia e da Cidade de Queroneia.

Fonte: website: <<http://www.olhonahistoria.blogspot.com>> Imagem consultada no dia 02 de agosto de 2010, às 13h29 min.

## ANEXO V



Mapa 03 – Localização de Delfos.

Fonte: website: <<http://www.ficheiro:delphilocation.com>>. Disponibilizado por Marsyas. Imagem consultada no dia 02 de agosto de 2010, às 13h57min.

## ANEXO VI

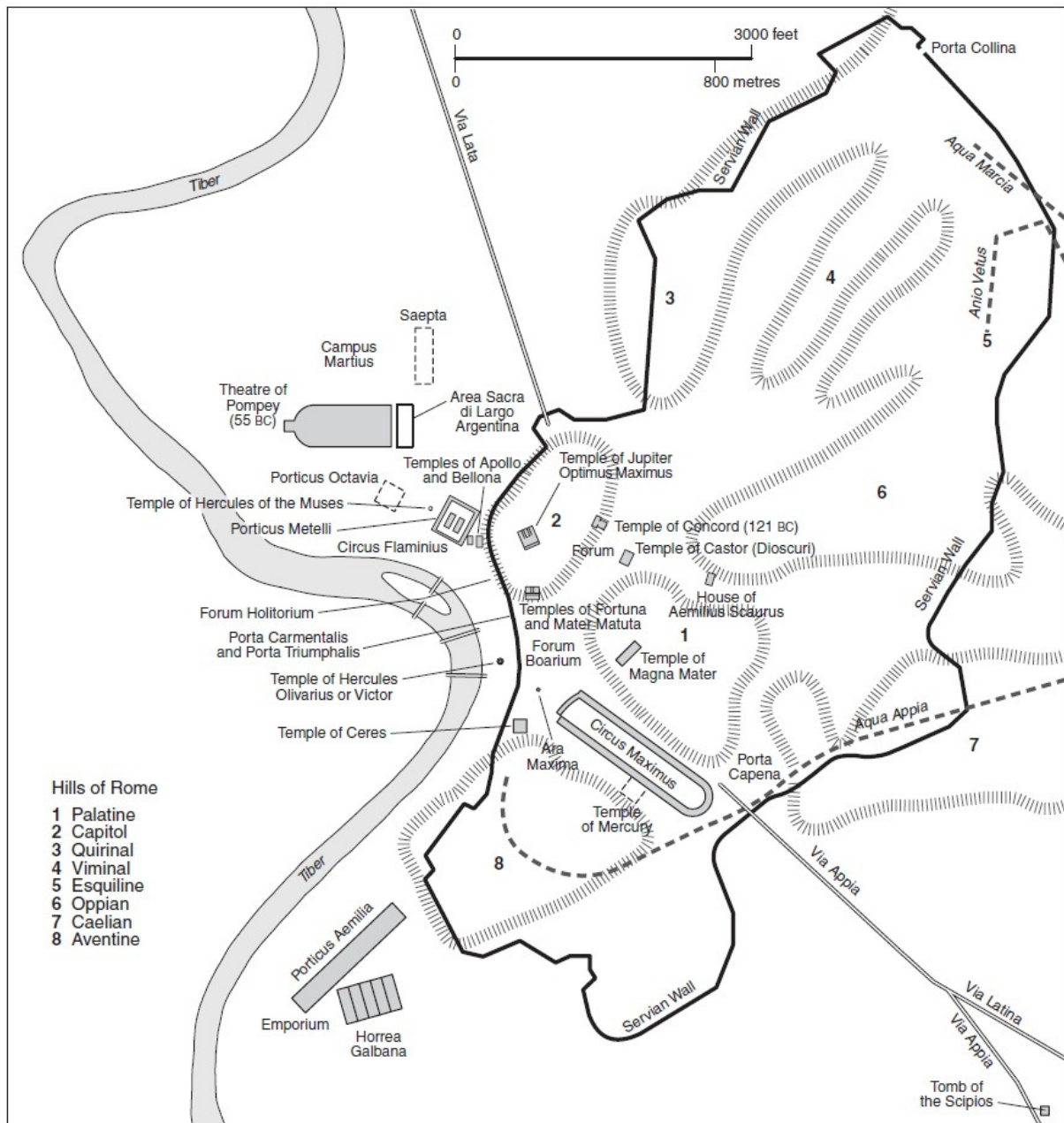


Mapa 04 – Localização de Annaba na Algéria. ( Antiga *Hippus Regius*)

Fonte: website: <<http://www.cache.virtualtourist.com/3334389-Annaba>>. Imagem consultada no dia 02 de agosto de 2010, às 14h11min.



## ANEXO VII



Colinas de Roma

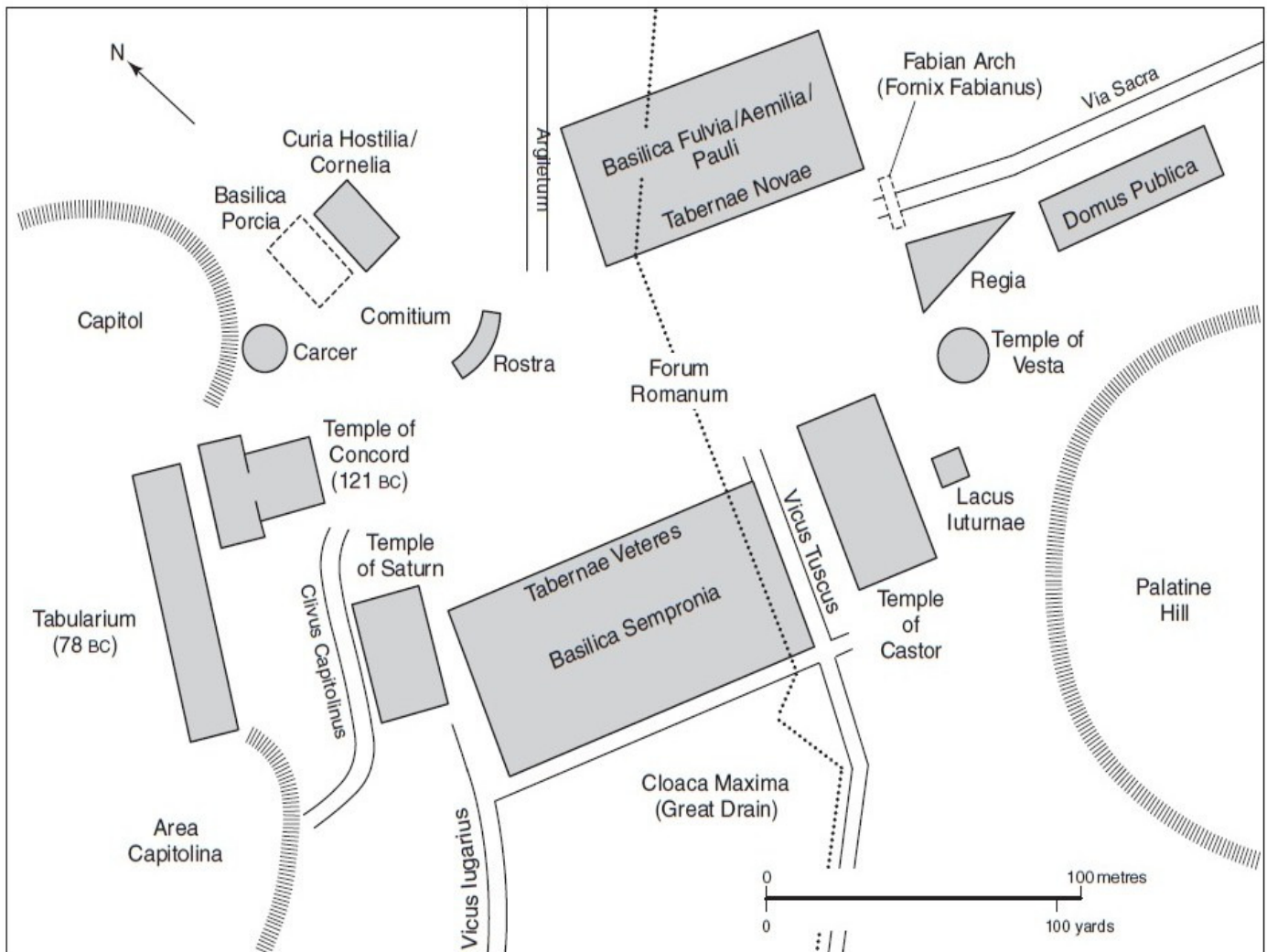
Fonte: TATUM, W. **Always I am Caesar**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

**ANEXO VIII**

*Campidoglio*

Fonte: Foto de acervo pessoal retirada do *Campidoglio* (Capitólio) no dia 27 de março de 2011 às 10h 50min.

## ANEXO IX



Map 3 The Roman Forum during the republic. Source: Rosenstein, N., and Morstein-Marx, R. (eds.), *A Companion to the Roman Republic* (Oxford, 2006).

Fonte: TATUM, W. **Always I am Caesar**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.



## ANEXO X



*Foro Romano Atualmente*

Fonte: Foto do acervo pessoal retirada do Foro Romano no dia 23 de março de 2011 às 14h00



## ANEXO XI



Colunas restantes do *Foro Iulium*. Foto de acervo pessoal retirada no dia 23 de março de 2011 às 16h00min.

## Anexo XII



Denário de L. Lântulo. Roma, 12 a.C. Augusto ostentando a *clipeus virtutis*. Na imagem, Augusto coloca a estrela sobre a estátua de Júlio César, representando o acontecimento mítico narrado por nossos autores após a morte de César.

Fonte: ZANKER, P. **The Power of Imagens in the Age of Augustus**. Michigan: University of Michigan Press, 1988, p.34.

**ANEXO XIII**

Possíveis resquícios da coluna construída em homenagem a César após sua morte. Destaque para os arranjos florais depositados por visitantes. Foto de Acervo pessoal retirada no dia 23 de março de 2011 às 16h00 min.(hora local)



## Anexo XIV



Map 2. Italy and the eastern Mediterranean.

Mapa da Itália e do Mediterrâneo Oriental na época do segundo Triunvirato.

Fonte: PELLING, C. The Triumviral Period. In BOWMAN, A.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A.(org). **The Cambridge Ancient History. Vol. X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p.03.

## Anexo XV



Moeda com a Efégie de Cleópatra VII datada de 30 a.C.

Fonte: website <<http://www.arqueologiaegípcia.com.br>>. Imagem consultada no dia 03 de agosto de 2011, às 13h00 min.